

DADOS DE COPYRIGHT**Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em

qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O LIVRO ESSENCIAL DE UM BANDA**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 - Bloco 2 - Conj. 603/606

Barra Funda - São Paulo/SP - CEP 01136-001

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

ADEMIR BARBOSA JÚNIOR

Presidente da Associação Brasileira de Escritores Afroreligiosos

O LIVRO ESSENCIAL DE UM BANDA**© 2014 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Mats

Editora-chefe

Marcia Batista

Assistentes editoriais

Aline Graça

Nathalia Fernandes

Rafael Duarte

Rodolfo Santana

Revisão

Thiago Dias

Carolina Zuppo

Arte e capa

Francine C. Silva

Valdinei Gomes

Ilustração de capa

Caio Cacao

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

B195Ld

Barbosa Júnior, Ademir

O livro essencial de Umbanda / Ademir Barbosa Júnior. – São

Paulo:

Universo dos Livros, 2014.

336 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7930-744-7

1. Umbanda 2. Religião I. Título

14-0563

CDD 299.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Umbanda

Sumário

[AGRADECIMENTOS](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[UMBANDA](#)

[SIGNIFICADO](#)

[FORMAÇÃO](#)

[HISTÓRICO](#)

[MATRIZES](#)

[MOMENTOS](#)

[Congressos](#)

[Primado de Umbanda](#)

[Santário Nacional de Umbanda](#)

[Vale dos Orixás](#)

[Faculdade de Teologia de Umbanda](#)
[Guerreiros do Axé](#)
[Dia Nacional da Umbanda](#)
[Outros marcos legais](#)
[Movimento Político Umbandista](#)
[Associação Brasileira de Escritores Afroreligiosos](#)
[Hino da Umbanda](#)
[Bandeira da Umbanda](#)
[SEGMENTOS UMBANDISTAS](#)
[ASPECTOS DA TEOLOGIA DE UMBANDA](#)
[Monoteísmo](#)
[Crença nos Orixás](#)
[Crença nos Anjús](#)
[Crença em Jesus Cristo](#)
[Crença na ação dos espíritos](#)
[Crença nos Guias e Guardiões](#)
[Crença na reencarnação](#)
[Crença na Lei de Ação e Reação](#)
[Crença na mediunidade](#)

Page 10

[Sincretismo](#)
[Registros](#)
[ORIXÁS NA UMBANDA](#)
[CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO DOS ORIXÁS](#)
[Oxalá](#)
[Ogum](#)
[Oxóssi](#)
[Xangô](#)
[Oxum](#)
[Iansã](#)
[Naná](#)
[Iemanjá](#)
[Obaluá](#)
[OUTROS ORIXÁS CULTUADOS NA UMBANDA](#)
[Exu](#)
[Oxumaré](#)
[Obá](#)
[Ibejis](#)
[Tempo](#)
[Ossaim](#)
[Eú](#)
[Orunmilá](#)
[AS LINHAS DA UMBANDA](#)
[As Sete Linhas](#)
[Oxalá](#)
[Iemanjá](#)
[Xangô](#)
[Ogum](#)
[Oxóssi](#)
[Yorí](#)
[Yorimá](#)
[OUTRAS LINHAS DA UMBANDA](#)
[Baianos](#)
[Cangaço](#)
[Boiadeiros](#)
[Matinheiros](#)

Page 11

[Ciganos](#)
[Santa Sara](#)
[Oriente](#)
[Mentores de cura \(Linha de Cura\)](#)
[A ESQUERDA](#)
[Exu Mirim](#)
[Pumbezeira](#)
[Linha dos Exus](#)
[GUIAS DA UMBANDA – O TRIPÉ](#)
[Caboclo](#)
[Pretos-Velhos](#)
[Crianças](#)
[Elementais](#)
[ORGANIZAÇÃO E LITURGIA](#)
[Hierarquia](#)
[O terreiro](#)
[Pontos vibracionais](#)
[Assentamento](#)
[Firmeza](#)
[Tronqueira](#)
[Assentamento de Ogum de Ronda](#)
[Casa dos Exus](#)
[Casa de Obaluá](#)
[Cruzeiro das Almas](#)
[Quartinha de Oxalá](#)
[Casa do Caboclo](#)
[Cozinha](#)
[Centro do terreiro](#)
[Ariaxé](#)
[Congá](#)
[Casa dos Orixás](#)
[Para-raio](#)
[Atabaque e com](#)
[Assistência](#)
[LITURGIA](#)
[Giras](#)
[Defumações](#)

Page 12

[Sacudimentos](#)
[Sacramentos](#)
[Obrigações](#)
[Toques](#)
[Pontos cantados](#)
[Pontos riscados](#)
[Ervas](#)
[Banhos](#)
[Bebidas](#)
[Fumo](#)
[Uniforme](#)
[Guias](#)
[Velas](#)
[Saudações](#)
[Orações](#)
[A UMBANDA E OUTRAS RELIGIÕES: DIÁLOGOS](#)
[Candomblé](#)
[Candomblé de Caboclo](#)
[Macumba](#)

[Cabula](#)
[Cabumbó](#)
[Tambores de Mina](#)
[Babaçá](#)
[Vale do Amanhecer](#)
[Catolicismo](#)
[Espiritismo](#)
[Universalismo cristico](#)
[Reglas](#)
[Culto aos Orixás](#)
[Culto a Ifá](#)
[Culto aos Egunguns](#)
[A UMBANDA E O MEIO AMBIENTE](#)
[Compostagem orgânica](#)
[Sistema de incineração](#)
[A UMBANDA E A ESPIRITUALIDADE NO TERCEIRO MILÊNIO](#)
[Holismo](#)
[Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso](#)
[Valorização da vivência/experiência pessoal](#)

[Fé e cotidiano: a concretude da fé](#)
[Fé e Ciência: uma parceria inteligente](#)
[Simplicidade](#)
[Leitura e compreensão do simbólico](#)
[Cooperativismo](#)
[Liderança: autoridade não rima com autoritarismo](#)
[O exercício do livre-arbítrio](#)
[VOCABULÁRIO COMPLEMENTAR](#)
[ANEXOS](#)
[Como nascem os deuses](#)
[Os nomes que não nomeiam](#)
[Qualidades](#)
[O corte](#)
[Umbanda e Candomblé: religiões irmãs](#)
[Por que temer a Umbanda?](#)
[Sincretismo](#)
[Natal na Umbanda](#)
[Meditações da Galeria Umbandista](#)
[BIBLIOGRAFIA](#)

[Agradecer e agradecer](#)
Agradeço a Zâmbi, aos Sagrados Orixás, a todos os Guias, Guardiões e a tantos amigos do Plano Espiritual e deste planeta pela oportunidade de, mais uma vez, partilhar o amor pela Espiritualidade e pela querida Umbanda.
Dedico este livro ao Caboclo Pena Branca, que me mostra o caminho. À Babá Paula e à Mãe Pequena (e minha *Madrinha*) Vânia, que me ajudam a trilhá-lo. À Babá e também minha Madrinha Marisol Nascimento, presidente da Federação de Umbanda e Candomblé Mãe Senhora Aparecida, pela confiança e pelo amor.
A todos os irmãos da Tenda de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida, casa da qual sou filho. À Iya Senzaruban, dirigente do Ilê Iya Tunde, casa de onde saí como Ogã. A Sívio Gonçalves, irmão de Mucuiú, irmão de Saravá. À Mara Tozzato e Rogério Xoroque, radialistas. Aos irmãos de tantas casas de Umbanda e Candomblé visitadas ao longo de tantos anos. Aos meus pais Ademir e Laís, à minha irmã Arianna e à querida Tia Nair Barbosa, dirigente espiritual do antigo Terreiro Caboclo Sete Flechas (na rua Almirante Barroso), de Piracicaba, onde eu ia pequenininho. A primeira vez que vi o mar foi numa festa de Iemanjá, com o povo dessa casa.
A Banda que habita em mim saúda a Banda que habita em você!
Saravá!
Axé!
Ademir Barbosa Júnior (Dermes)
Umbandista, escritor, pesquisador da Cultura Afro-brasileira e presidente da Associação Brasileira de Escritores Afro-religiosos (Abeafro).

Orixá é amor verdadeiro, e amor verdadeiro nunca faz mal.
Orixás, Guias e Guardiões caminham conosco na expectativa de que nós também caminemos com eles.

[Introdução](#)
Este livro tem como objetivo apresentar um mosaico sobre a Umbanda, respeitando sua pluralidade e diversidade. Não se trata de um manual ou de um livro sobre Teologia. Também não pretende chancelar os fundamentos desta ou daquela casa. Na Umbanda, há variações de ordem teológica, quanto à liturgia, fundamentos específicos, modos de organização, vestuários, cores, etc.
Conforme ensina o Caboclo Pena Branca, "ser espiritualizado é aprender a conviver com as diferenças". Particularmente, creio que diferenças não precisam ser divergências.
Conhecida nos meios esotéricos como a "Senhora da Luz Velada", a Umbanda se revela à compreensão humana pouco a pouco, de modo a acolher e agregar todos aqueles que desejem abrigar-se e/ou trabalhar sob sua bandeira sincrética. Na Umbanda não se faz nada que fira o livre-arbítrio, assim como na Espiritualidade nada acontece que fira as Leis Divinas, cujos pressupostos conhecemos apenas palidamente. Conforme um lindo ponto cantado: *na minha aldeia/lá na Jurema/ninguém faz nada sem ordem suprema.*
A Umbanda é uma religião inclusiva, acolhendo a todos, no plano astral e no plano físico, indistintamente. Todos os que desejem engrossar suas fileiras de serviço ao próximo, concomitante ao auto-aperfeiçoamento, são bem-vindos. Não há distinção de cor, classe social, gênero, orientação sexual, etc.
As portas estão sempre abertas a todos que desejem frequentar as giras, os tratamentos espirituais, as festas. Contudo, a Umbanda não faz proselitismo. A decisão de se tornar umbandista e filiar-se a determinada casa é pessoal e atende, também, à identificação ou não dos Orixás com a casa em questão. Tanto para entrar como para sair, as portas estão abertas. Se algum desequilíbrio ocorre com o médium, em especial se ele resolve deixar a casa, certamente não é "castigo" do Orixá, mas consequência de estar "com a coroa aberta". Imagine um rádio mal sintonizado, captando sons confusos; às vezes até mesmo incompreensíveis. Quando se trabalha responsabilmente com energias, o que se abre, se fecha. Dessa forma, se alguém decide encerrar suas atividades como médium de qualquer categoria, é necessário (e certamente mais prudente) não desaparecer do terreiro, mas pedir que o dirigente espiritual "retire a mão", como se diz comumente.
Cuidar do *Ori* (cabeça) de alguém é uma grande responsabilidade. A fim de não haver choques energéticos, o médium deve ser disciplinado, não "pular de casa em casa". Também deve, em caso de falecimento do/da dirigente espiritual,

buscar auxílio seguro com quem possa assumir os cuidados de seu *Orixá*. Por vários métodos seguros, que se completam, um médium conhece seus Orixás, Guias e Guardiões. Em uma casa de Umbanda, por exemplo, pela orientação e supervisão seguras do Guia da casa; pelos pontos riscados pelas Entidades quando o médium incorpora; pela terceira visão (acompanhada pelo Guia da casa) e, sobretudo, pelo jogo de búzios feito pelo dirigente espiritual ou pelo próprio Guia da casa onde essa prática é comum.

Infelizmente, a diversidade de fundamentos por vezes é confundida com irresponsabilidade. Promessas de amarração e de se trazer o amor de volta (querendo ele ou não), mistificações diversas, animismo de médiuns indisciplinados e outras situações gravíssimas acirram o desconhecimento e o preconceito contra a Umbanda e as religiões de matriz africana como um todo. Como um exemplo de combate a esse tipo de situação problemática, podemos citar uma campanha extremamente saudável que circula nas redes sociais, cujo slogan é "Respeite a Umbanda que seu irmão cultua!". Pois há quem tenha mediunidade ostensiva, mas talvez nunca chegue a um templo umbandista.

Pelo fato de ter nascido no Brasil e ser intrinsecamente sincrética, a Umbanda é chamada de religião genuinamente brasileira. Evidentemente, não é a única religião a nascer no Brasil. O próprio Candomblé não existia em África tal qual o conhecemos, uma vez que, naquele continente, o culto aos Orixás era segmentado por regiões (cada região e, portanto, cada grupo de famílias/clãs cultuavam determinado Orixá ou apenas alguns). No Brasil, os Orixás tiveram seus cultos reunidos em terreiros, com variações, evidentemente, assim como com interpenetrações teológicas e litúrgicas das diversas nações. Há outras religiões que nasceram em solo brasileiro, como por exemplo, mais recentemente, o Vale do Amanhecer, que também cultua, à sua maneira, Orixás, Pretos-Velhos e Caboclos.

[UM BANDA](#)

[SIGNIFICADO](#)

Em linhas gerais, etimologicamente, Umbanda é um vocábulo que decorre do umbundo e do quimbandu, duas línguas africanas, com o significado de "arte de curandeiros", "ciência médica", "medicina". O termo passou a designar, genericamente, o sistema religioso que, dentre outros aspectos, assimilou elementos religiosos afro-brasileiros ao espiritismo urbano (kardecismo)². Quanto ao sentido espiritual e esotérico, Umbanda significa "luz divina" ou "conjunto das leis divinas". A magia branca praticada pela Umbanda rememora, assim, a outras eras do planeta, sendo denominada pela palavra sagrada "Aumpiram", transformada em "Aumpram" e, finalmente, "Umbanda". De qualquer maneira, teria havido alguém que anotou, durante a incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, anunciando o nome da nova religião, o nome "Allabanda", substituído por "Aumbanda", em sânscrito, "Deus ao nosso lado" ou "ao lado de Deus". Embora não seja consenso o uso do termo "Kardecismo" como sinônimo de "Espiritismo", ele é aqui empregado por ser mais facilmente compreendido.

[FORMAÇÃO](#)

A Umbanda é uma religião constituída com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos. Não é uma "seita"; portanto, pois este termo geralmente refere-se pejorativamente a grupos de pessoas com práticas espirituais que destoem das ortodoxas. Suas sessões são gratuitas, voltadas ao atendimento holístico (corpo, mente, espírito), à prática da caridade (fraterna, espiritual, material), sem proselitismo. Em sua liturgia e em seus trabalhos espirituais, vale-se do uso dos quatro elementos básicos: fogo, terra, ar e água. É muito interessante fazer o estudo comparativo da utilização dos elementos, tanto por encarnados como pela Espiritualidade, na Umbanda, no Candomblé, no Xamanismo, na Wicca, no Espiritismo (vide obra de André Luiz), na Liturgia Católica (leia-se o trabalho de Geoffrey Hodson, sacerdote católico liberal), etc.

[HISTÓRICO](#)

Este é um breve histórico do nascimento oficial da Umbanda, embora, antes da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e do trabalho de Zélio Fernandino, houvesse atividades religiosas semelhantes ou próximas, no que se convencionou chamar de "macumba"³. No Astral a Umbanda antecipa-se em muito ao ano de 1908 e diversos segmentos localizam sua origem terrena em civilizações e continentes que já desapareceram.

Zélio Fernandino de Moraes, um rapaz de 17 anos que se preparava para ingressar na Marinha, começou, em 1908, a ter aquilo que a família, residente em Neves, no Rio de Janeiro, considerava "ataques". Os supostos ataques colocavam o rapaz na postura de um velho, que parecia ter vivido em outra época e dizia coisas incompreensíveis para os familiares; noutros momentos, Zélio parecia uma espécie de felino que demonstrava conhecer bem a natureza. Após minucioso exame, o médico da família aconselhou que ele fosse atendido por um padre, uma vez que considerava o rapaz possuído. Um familiar achou melhor levá-lo a um centro espírita, o que realmente aconteceu: no dia 15 de novembro, Zélio foi convidado a tomar assento à mesa da sessão da Federação Espírita de Niterói, presidida à época por José de Souza.

O termo aqui, evidentemente, não possui conotação negativa. Tomado por força alheia à sua vontade e infringindo o regulamento que proibia qualquer membro de ausentar-se da mesa, Zélio levantou-se e declarou: "Aqui está faltando uma flor". Deixou a sala, foi até o jardim e voltou com uma flor, que colocou no centro da mesa, o que provocou alvoroço. Na sequência dos trabalhos, manifestaram-se no médium espíritos apresentando-se como negros escravos e índios. O diretor dos trabalhos, então, alertou os espíritos sobre seu atraso espiritual, como se pensava comumente à época, e os convidou a se retirarem. Novamente uma força tomou Zélio e advertiu:

"Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor?". Durante o debate que se seguiu, procurou-se doutrinar o espírito, que demonstrava argumentação segura e sobriedade. Um médium vidente, então, lhe perguntou:

"Por que o irmão fala nestes termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atassados? Por que fala deste modo, se estou vendo que me dirijo neste momento a um jesuíta e a sua veste branca reflete uma aura

de luz? E qual o seu nome, irmão?"

Ao que o interpelado respondeu:

"Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados. O que você vê em mim são

restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro.”

A respeito da missão que trazia da Espiritualidade, anunciou:

“Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa de meu aparelho, às 20 horas, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e, assim, cumprir missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados.”

Com ironia, o médium vidente perguntou-lhe:

“Julga o irmão que alguém irá assistir a seu culto?” O Caboclo das Sete Encruzilhadas lhe respondeu:

“Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei.” E concluiu:

“Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?”

No dia seguinte, 16 de novembro, na casa da família de Zélio, à rua Floriano Peixoto, 30, perto das 20h, estavam os parentes mais próximos, amigos, vizinhos, membros da Federação Espírita e, fora da casa, uma multidão. Às 20h manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas e declarou o início do novo culto, no qual os espíritos de velhos escravos, que não encontravam campo de atuação em outros cultos africanistas, bem como de indígenas nativos do Brasil, trabalhariam em prol dos irmãos encarnados, independentemente de cor, raça, condição social e credo. No novo culto, encarnados e desencarnados atuariam motivados por princípios evangélicos e pela prática da caridade.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas também estabeleceu as normas do novo culto: as sessões seriam das 20h às 22h, com atendimento gratuito e os participantes uniformizados de branco. Quanto ao nome, seria *Umbanda*:

Manifestação do Espírito para a Caridade. A casa que se fundava teria o nome de Nossa Senhora da Piedade, inspirada em Maria, que recebeu os filhos nos braços. Assim, a casa receberia todo aquele que necessitasse de ajuda e conforto. Após

ditar as normas, o Caboclo respondeu a perguntas em latim e alemão formuladas por sacerdotes ali presentes. Iniciaram-se, assim, os atendimentos, com diversas curas, inclusive a de um paraplégico.

No mesmo dia, manifestou-se em Zélio um Preto-Velho chamado Pai Antônio, o mesmo que havia sido considerado efeito da suposta loucura do médium. Com humildade e aparente timidez, recusava-se a sentar-se à mesa, com os presentes, argumentando:

“Nego num senta não, meu sinhô, nego fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco e nego deve arrespeita”. Após insistência dos presentes, respondeu:

“Num carece preocupá, não. Nego fica no toco, que é lugar de nego”.

Continuou com palavras de humildade, quando alguém lhe perguntou se sentia falta de algo que havia deixado na Terra, ao que ele respondeu:

“Minha cachimba. Nego qué o pito que deixou no toco. Manda mureque buscá”.

Solicitava, assim, pela primeira vez, um dos instrumentos de trabalho da nova religião. Também foi o primeiro a solicitar uma *guia*, até hoje usada pelos membros da Tenda, conhecida carinhosamente como “Guia de Pai Antônio”.

No dia seguinte houve verdadeira romaria à casa da família de Zélio.

Enfermos encontravam a cura, todos se sentiam confortados, médiuns até então considerados loucos encontravam terreno para desenvolver os dons mediúnicos.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas dedicou-se, então, a esclarecer e divulgar a Umbanda, auxiliado diretamente por Pai Antônio e pelo Caboclo Orixá Malé, experiente na anulação de trabalhos de baixa magia. No ano de 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens da Espiritualidade para fundar sete tendas, assim denominadas: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita Santa Bárbara, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge e Tenda Espírita São Jerônimo. Durante a encarnação de Zélio, a partir dessas primeiras tendas, foram fundadas outras 10.000.

Certamente trata-se de um convite à humildade, e não de submissão e dominação racial.

Mesmo não seguindo a carreira militar, pois o exercício da mediunidade não lhe permitiu, Zélio nunca fez da missão espiritual uma profissão. Pelo contrário: chegava a contribuir financeiramente, com parte do salário, para as tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, além de auxiliar os que se albergavam em sua casa. Também pelo conselho do Caboclo, não aceitava cheques e presentes.

Por determinação do Caboclo, a ritualística era simples: cânticos baixos e harmoniosos, sem palmas ou atabaques, sem adereços para a vestimenta branca e, sobretudo, sem *corte* (sacrifício de animais). A preparação do médium pautava-se pelo conhecimento da doutrina, com base no Evangelho, banhos de

ervas, amacis e concentração nos pontos da natureza.

Com o tempo e a diversidade ritualística, outros elementos foram incorporados ao culto, no que tange ao toque, canto e palmas, às vestimentas e, mesmo, a casos de sacerdotes umbandistas que passaram a dedicar-se integralmente ao culto, cobrando, por exemplo, pelo jogo de búzios; porém, sem nunca deixar de atender aqueles que não podem pagar pelas consultas. As sessões permanecem públicas e gratuitas, pautadas pela caridade, pela doação dos médiuns. Algumas casas, por influência dos Cultos de Nação, também praticam o corte, contudo essa é uma das maiores diferenças entre a Umbanda dita tradicional e as casas que se utilizam de tal prática.

Depois de 55 anos à frente da Tenda Nossa Senhora da Piedade, Zélio passou a direção para as filhas Zélia e Zilméia, continuando, porém, a trabalhar juntamente com sua esposa, Isabel (médium do Caboclo Roxo), na Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato, em Cachereira de Macacu, no Rio de Janeiro. Zélio Fernando de Moraes faleceu no dia 03 de outubro de 1975, após 66 anos dedicados à Umbanda, que muito lhe agradece.

MATRIZES

Embora chamada popularmente de religião de matriz africana, na realidade a Umbanda é um sistema religioso formado de diversas matrizes, com diversos elementos cada:

MATRIZES ELEMENTOS MAIS CONHECIDOS

Africanismo
Culto aos
Orixás, trazido
pelos negros
escravos, em
sua
complexidade
cultural,

Page 26

espiritual,
medicinal,
ecológica, etc.;
culto aos
Pretos-Velhos.
Cristianismo
Uso de
imagens,
orações e
símbolos
católicos (a
despeito de
existir uma
Teologia
própria da
Umbanda,
algumas casas

Page 27

vão além do
sincretismo,
utilizando-se
mesmo de
dogmas
católicos).

5

Indianismo
Pajelança;
emprego da

sabedoria
indígena
ancestral em
seus aspectos
culturais,
espirituais,
medicinais,

Page 28

ecológicos,
etc.; culto aos
Caboclos
indígenas ou de
pena.
Estudo dos
livros da
Doutrina
Espírita, bem
como de sua
vasta
bibliografia;
manifestação
de
determinados
espíritos e suas

Page 29

Kardecismo
egrégoras, mais
conhecidas no
meio Espírita
(como os
médicos André
Luiz e Bezerra
de Menezes);
utilização de
imagens e
bustos de Allan
Kardec,

Bezerra de
Menezes e
outros; estudo
sistemático da
mediunidade;
palestras
públicas.

Page 30

Orientalismo
Estudo,
compreensão e
aplicação de
conceitos como
prana, chakra e
outros; culto à
Linha Cigana
(que em muitas
casas vem,
ainda, em linha
independente,
dissociada da
chamada Linha
do Oriente).

Por seu caráter ecumênico, de flexibilidade doutrinária e ritualística, a

Page 31

Umbanda é capaz de reunir os elementos mais diversos, como exemplificados acima. Mais adiante, ao tratar das *Linhas da Umbanda*, veremos que esse movimento agregador é incessante: como a Umbanda permanece de portas abertas aos encarnados e aos espíritos das mais diversas origens étnicas e evolutivas, irmãos de várias religiões chegam aos templos em busca de saúde, paz e conforto espiritual, bem como outras falanges espirituais juntam-se à sua organização.

Há, por exemplo, casas de Umbanda com fundamentos teológicos próprios, enquanto outras rezam o terço com os mistérios baseados nos dogmas católicos e/ou se utilizam do Credo católico, em que se afirma a fé na Igreja Católica (conforme indicam Guias, Entidades e a própria etimologia, leia-se "católica" como "universal", isto é, a grande família humana), na Comunhão dos Santos, na ressurreição da carne, dentre outros tópicos da fé católica. Isso em nada invalida a fé, o trabalho dos Orixás, das Entidades, das Egrégoras de Luz formadas pelo espírito, e não pela letra da recitação amorosa e com fé do Credo católico.

Page 32

MOMENTOS

São muitos os momentos marcantes da história da Umbanda. Abaixo estão elencados alguns deles, pelo significado nacional que tiveram e têm.

Page 33

Congressos

Importantes para firmar a Umbanda no cenário nacional, discutir aspectos organizacionais (como as federações), religiosos, ritualísticos e outros, ocorreram em 1941, 1961 e 1973 (Rio de Janeiro - RJ). Houve outros congressos nacionais, inclusive com a participação efetiva, temática, etc. de outras religiões de matriz africana, como as cinco edições do *Congresso Brasileiro de Umbanda do Século XXI* (2008, 2009, 2010, 2011, 2012), organizadas pela Faculdade de Teologia Umbandista (São Paulo - SP), que os agregou às duas edições do *Congresso Internacional de Religiões Afro-brasileiras* (2011 e 2012) - nomeado *Congresso Internacional das Religiões Afro-americanas* na edição de 2011. Em 2014 ocorreu em São Paulo o *Congresso Nacional de Umbanda pela Renovação*.

Primado de Umbanda

O *Primado de Umbanda* foi fundado no Rio de Janeiro, em 05 de outubro de 1952. Dentre seus objetivos está a formação sacerdotal e iniciática dos *Comandantes Chefes de Terreiro das Instituições Federadas e Simpatizantes do Primado de Umbanda*. Idealizado pelo *Caboclo Mirim* e concretizado por meio de seu médium, o C. T. T. (*Comandante Chefe de Terreiro*) Sr. Benjamin Figueiredo, o Primado se vale da terminologia da língua nhanguata (língua geral dos indígenas brasileiros) para designar os graus de evolução espiritual, de modo a resgatar os fundamentos esotéricos da *Grande Lei de Umbanda*. Conta com diversas tendas, muitas já na terceira geração de comando.

Santuário Nacional de Umbanda

Fundado e administrado por Pai Ronaldo Linares, o *Santuário Nacional de Umbanda* é uma reserva ecológica mantida pela *Federação Umbandista do Grande ABC*, com vistas a oferecer local apropriado para a prática dos rituais umbandistas.

Com 645.000 m² de mata nativa recuperada, possui diversos lotes que podem ser utilizados por terreiros (alguns o fazem de modo permanente), loja de artigos religiosos, espaço para oferendas de Umbanda e Candomblé (não é permitido o corte no *Santuário*), cantina, banheiros, cachoeira e outros.

Vale dos Orixás

Local destinado a rituais umbandistas e de outras religiões de matriz africana em Juquitiba, SP, num sítio de 21 alqueires mantido por Pai Jamil Rachid e fundado há mais de duas décadas.

Faculdade de Teologia de Umbanda

A Faculdade de Teologia de Umbanda, localizada na capital de São Paulo, oferece o curso de Bacharelado em Teologia, com 3350 horas de atividades, com duração mínima de quatro e máxima de sete anos. Oferece também cursos de extensão e coordena uma farta produção acadêmica e cultural.

Dentre as várias disciplinas, destacam-se: Botânica Umbandista, Biologia Geral e Espiritual, Biologia Humana e Umbandista e Teologia VII (*Umbanda – meio e fim para a paz mundial; Restauração da Tradição do Saber; Convergência planetária; Diálogo interdisciplinar*).

Não se deve, porém, confundir o Bacharelado em Teologia com a função de sacerdote. Nas palavras do fundador e primeiro diretor da Faculdade de Teologia de Umbanda, Pai Rivas Neto (Arhapiagha),

"(...) Grassando que todas as Escolas umbandistas têm a mesma importância, tomamos para nós a tarefa de fundarmos uma instituição de Ensino Superior regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC). Assim, fundamos em 2004 a primeira Faculdade de Teologia do mundo com ênfase nas Religiões afro-brasileiras ou Umbanda, cuja missão é formar teólogos umbandistas ou das religiões afro-brasileiras. O MEC permite que as faculdades de teologia formem sacerdotes, mas entendemos que, pela tradição, o sacerdote deve ser formado no templo, tendo uma vivência mínima que varia de sete a dezesseis anos, por isso não formamos sacerdotes na FTU, mas teólogos".

Guerreiros do Axé

Com raízes na Umbanda, no Candomblé e em outras religiões de matriz africana, o movimento *Guerreiros do Axé* busca reconhecimento social legítimo para essas religiões, bem como representatividade política. Fundado em 07 de setembro de 2005, espalha-se por todo território nacional e, além da intensa movimentação religiosa e política, tem lançado candidatos próprios, por diversos partidos, a cada campanha eleitoral. Seu principal líder é Pai Heraldo Guimarães.

Dia Nacional da Umbanda

No dia 16 de maio de 2012 foi instituído pela presidenta Dilma Rousseff o dia Nacional da Umbanda (Lei 12.644). O projeto original é do deputado federal Carlos Santana (PL 5.687/2005). A data celebra as comunicações do Caboclo das Sete Encruzilhadas, por meio de Zélio Ferdinando de Moraes, naquela sessão espírita em que o referido Caboclo anunciou sua missão.

Mesmo antes da instituição da lei federal, diversas cidades brasileiras, amparadas por leis municipais, já comemoravam oficialmente a data.

Outros marcos legais

Trata-se de legislação de suma importância para as religiões de matriz africana e, conseqüentemente, para a Umbanda.

- Constituição Federal de 1988 – artigos 3º, 4º, 5º, 215 e 216;
- Lei 9.459, de 13 de maio de 1997 (injúria racial);
- Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (obrigatoriedade da inclusão da temática História e Cultura Afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino);
- Lei 10.678, de 23 de maio de 2003 (cria a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial);
- Decreto 4.886, de 20 de novembro de 2003 (instituição da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial);
- Decreto 5.051, de 19 de abril de 2004 (promulgação da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho);
- Resolução número 1, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação (diretrizes curriculares para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana);
- Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 (instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais);
- Decreto 6.177, de 1º de agosto de 2007 (promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO);
- Portaria 992, de 13 de maio de 2009 (instituição da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra);
- Decreto 6.872, de 04 de junho de 2009 (instituição do Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial);
- Lei 12.288, de 20 de julho de 2010 (Estatuto da Igualdade Racial);
- Decreto 7.271, de 25 de agosto de 2010 (diretrizes e objetivos da Política

[Movime nto Polític o Umbandista](#)

O Movimento Político Umbandista (MPU) agrega umbandistas, candomblecistas e praticantes de outras religiões de matriz africana, com o intuito de melhorar a visibilidade dessas religiões e dá-las maior representatividade político-eleitoral. Para tanto, redigiu-se a *Carta Magna de Umbanda*, que, em 2013, foi bastante discutida em fóruns em diversos pontos do país e pelas redes sociais e outros meios eletrônicos, com sugestões e aprimoramentos. O MPU lançou, ainda em 2013, as bases para o *Congresso Nacional de Umbanda pela Renovação*, ocorrido em novembro de 2014. Seu principal líder é Pai Ortiz Belo.

[Associaç ão Brasile ira de Esc ritore s Afrore ligiosos](#)

Fundada em 24 de dezembro de 2013, tem como membros escritores, editores, blogueiros dirigentes espirituais, leitores e interessados em geral, umbandistas, candomblecistas e de outras religiões de matriz africana. Um dos objetivos da *Associação Brasileira dos Escritores Afroreligiosos (Abeafro)* é dar maior visibilidade do trabalho dos escritores na mídia, nas feiras de livros, no contato com o público em eventos em livrarias, terreiros, centros comunitários, etc. Seu primeiro presidente é Ademir Barbosa Júnior (Dermes).

[Hino da Umbanda](#)

O *Hino da Umbanda*, cantado em quase todas as casas (no início ou no final das giras, bem como em ocasiões especiais), foi composto por José Manuel Alves, que, vindo de São Paulo em 1960, procurou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, em Niterói, vindo de São Paulo, desejoso de ser curado da cegueira (o que não aconteceu, em virtude de compromissos cárnicos de José Manuel).

Tempos depois, José Manuel tornou a procurar o Caboclo das Sete Encruzilhadas e lhe apresentou uma canção em homenagem à Umbanda, tomada pelo Caboclo como *Hino da Umbanda*. Em 1961, o *Hino* foi oficializado no 2º Congresso de Umbanda.

A letra:

*Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de Luz
É a força que nos dá vida
É a grandeza que nos conduz.
Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.*

O Hino sintetiza as características gerais da Umbanda, bem como sua missão. A Umbanda vem do plano espiritual para iluminar e acolher; vem na linha de Oxalá, sob as bênçãos do Mestre Jesus, para fortalecer a todos e auxiliar cada um a desenvolver o Cristo interior.

No acolhimento que faz a encarnados e desencarnados, a Umbanda convida todos a encontrar paz individual e coletiva. O exercício do amor em todos os níveis, – a verdadeira caridade que não se reduz apenas ao assistencialismo – vibra em consonância com os ensinamentos do Mestre Jesus.

A mensagem de Umbanda espalha-se pela terra e pelo mar, abençoada e orientada pelos Orixás. Trilha espiritual e religião ecológica, valoriza a magia e o poder dos elementos em favor do equilíbrio e da evolução de cada um e do

planeta. A luz (fogo) vem de Aruanda (ar, dimensões), reflete na terra, no mar (água), disponibiliza-se a todos: a mesma luz que brilha em Aruanda (plano espiritual elevado) brilha também, guardadas as proporções e adequações a cada plano e a cada indivíduo, para todo espírito, encarnado ou desencarnado.

As portas dos templos estão sempre abertas a todos, sem distinção. Há quem prefira participar de algumas giras, receber conselhos, sugestões, Axé e voltar agradecido para sua casa, sua religião, suas práticas espirituais. A lei da Umbanda é o amor/a caridade e, de fato, como essa lei (evidentemente, não exclusiva à Umbanda), não existe outra. Nesse sentido, levar ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá significa compartilhar no cotidiano, nas mais diversas circunstâncias, o amor e a paz, e não forçar alguém/o mundo à conversão ou ao comparecimento a giras (o que, aliás, nenhum umbandista consciente faz), nem tentar impor a *minha* Umbanda como *verdadeira*. A graça da Umbanda está na diversidade. Se conjugar a *minha* Umbanda à *sua*, à *dele*, à *dela*, juntos, teremos Umbanda.

Que a bandeira de Oxalá cubra a todos nós, auxiliando cada um a cultivar o Cristo interno! Que o *Hino da Umbanda* vibre sempre em nossos corações!

[Bande ira da Umbanda](#)

Saul de Medeiros (Saul de Ogum), presidente da *Associação de Umbanda de Casais do Sul*, idealizou uma bandeira que, no dia 1º de junho de 2008, teve seu lançamento oficial no Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho. Nas palavras de Pai Saul, a imagem da bandeira representa “A imagem de um lindo sol radiante e, de seu núcleo, sai uma figura que, no primeiro instante, parece a de um enorme pombo branco, mas, olhando com mais atenção, a forma se modifica, deixando transparecer um espectro humano angelical com enormes asas, voando como se se dirigisse a um destino, determinado a realizar uma missão”. Pretende-se que a bandeira seja reconhecida por todos os umbandistas.

[SEG MENTOS UM B ANDISTAS](#)

Na realidade, a Umbanda é uma só. Contudo, há ramificações diversas, nas quais cada sacerdote, filho e consulente se sentem mais à vontade para trabalhar sua conexão com o divino e desenvolver a medunidade. Embora não haja consenso ou mesmo reconhecimento de alguns segmentos, a lista abaixo apresenta alguns dos mais conhecidos.

Umbanda de
Almas e Angola
Em linhas
gerais, conjuga
a Umbanda
Tradicional e
os ritos
africanistas do
Candomblé
Angola.
Geralmente,

Page 47

Umbanda
Branca e/ou de
Mesa
não utilizam
elementos
africanos (em
algumas casas,
nem mesmo o
culto direto aos
Orixás), não
trabalham
diretamente
com Exus e
Pombogiras
nem se utilizam
de fumo,
álcool,
imagens e
atabaques. Por
outro lado,
trabalha com

Page 48

Caboclos,
Pretos-Velhos
e Crianças,

bem como se
valem de
livros espíritas
como base
doutrinária.
Umbanda de
Caboclo
Forma de
Umbanda na
qual o foco são
os Caboclos,
prevalecendo a
influência das
culturas
indígenas.

Page 49

Umbanda
Esotérica
Seu maior
representante e
difusor foi W.
W. Mata Pires
(Mestre
Yacapany). A
Umbanda vista
como conjunto
de leis divinas.
Derivada da
Umbanda
Esotérica, foi
fundamentada
por Pai Rivas

Page 50

Umbanda
Iniciática
(Mestre
Arhapiagha),

com grande
influência
oriental, como
uso de mantras
indianos e do
sânscrito.
Umbanda
Omolocô
Genericamente,
conjugação do
culto
africanista aos
Orixás ao culto
dos Guias e
das Linhas de
Umbanda.

Page 51

Umbanda
Popular
Praticada antes
do trabalho de
Zélio
Fernandino,
conhecida
também como
macumba, de
forte
sincretismo
entre Orixás e
santos
católicos.
Alguns
consideram o
chamado
Candomblé de

Page 52

Caboclo

também uma
forma de
Umbanda
Popular.
Umbanda de
Preto-Velho
Forma de
Umbanda na
qual o
comando cabe
aos Pretos-
Velhos.
O sacerdote
ora toca para
Umbanda, ora

Page 53

Umbanda
Traçada
(Umbandoblé)
para
Candomblé, em
sessões com
dias e horários
diferenciados.
Umbanda
Tradicional
Genericamente,
refere-se à
Umbanda
organizada por
Zélio
Fernandino.

Page 54

ASPECTOS DA TEOLOGIA DE UMBANDA

Alguns dos elementos da Teologia de Umbanda que figuram como consensuais nos diversos segmentos da religião:

Page 55

Monoteísmo

Crença num Deus único (Princípio Primeiro, Energia Primeira, etc.), conhecido principalmente como Olorum (influência iorubá) ou Zâmbi (influência de Angola).

Em linhas gerais, a Trindade representa nascimento, vida (e/ou morte) e

renascimento, estando presente nas mais diversas culturas. A Trindade Católica é a mais comum na Umbanda (Pai, Filho, Espírito Santo), embora algumas casas se valham de Olorum, Oxalá e Ifá. Por sua vez, a Umbanda de Almas e Angola concebe a Trindade Divina dessa maneira: Zâmbi (Deus, criador do universo), Orixás (divindades) e Guias ou Entidades Espirituais (espíritos de luz).

Page 56

[Cre nç a nos Orixás](#)

Divindades/ministros de Deus, ligados a elementos e pontos de força da natureza, orientadores dos Guias e dos Guardiões, bem como dos encarnados.

Page 57

[Cre nç a nos Anjos](#)

Enquanto figuras sagradas (e não divinas), os anjos são vistos como seres especiais criados por Deus (influência do Catolicismo) ou como espíritos bastante evoluídos (influência do Espiritismo/Kardecismo).

Page 58

[Cre nç a e m Je sus Cristo](#)

Vindo na Linha de Oxalá e, por vezes, confundido com o próprio Orixá, Jesus é visto como Filho Único e Salvador (influência do Catolicismo/do Cristianismo mais tradicional) ou como o mais evoluído dos espíritos que encarnaram no planeta, do qual, aliás, é governador (influência do Espiritismo/Kardecismo).

Page 59

[Cre nç a na aç ão dos e spíritos](#)

Os espíritos, com as mais diversas vibrações, agem no plano físico. A conexão com eles está atrelada à vibração de cada indivíduo, razão pela qual é necessário estar sempre atento ao *Orai e vigiai* preconizado por Jesus.

Page 60

[Cre nç a nos Guias e Guardiões](#)

Responsáveis pela orientação dos médiuns, dos terreiros, dos consulentes e outros. A atuação dos Guias e Guardiões é bastante ampla. Ao auxiliarem a evolução dos encarnados, colaboram com a própria evolução.

Page 61

[Cre nç a na re e nc arnaç ão](#)

Segundo essa crença, as sucessivas vidas contribuem para o aprendizado, o equilíbrio e a evolução de cada espírito.

Page 62

[Cre nç a na Lei de Aç ão e Re aç ão](#)

Tudo o que se planta, se colhe. A Lei de Ação e Reação é respaldada pelo princípio do livre-arbítrio.

Page 63

[Cre nç a na me diunidade](#)

Segundo esta visão, todos somos médiuns, com dons diversos (de incorporação, de firmeza, de intuição, de psicografia, etc.).

Page 64

[Sinc retismo](#)

"(...)

Quando os povos d'África chegaram aqui

Não tinham liberdade de religião

Adotaram o Senhor do Bonfim:

Tanto resistência, quanto rendição

Quando, hoje, alguns preferem condenar

O sincretismo e a miscigenação

Parece que o fazem por ignorar

Os modos caprichosos da paixão

Paixão que habita o coração da natureza-mãe

E que desloca a história em suas mutações

Que explica o fato de Branca de Neve amar

Não a um, mas a todos os Sete Anões

"(...)"

(Gilberto Gil)

A senzala foi um agregador do povo africano. Escravos muitas vezes apartados de suas famílias e divididos propositadamente em grupos culturais e linguisticamente diferentes, por vezes antagônicos, para evitar rebeliões, organizaram-se de modo a criar uma pequena África, o que posteriormente se refletiu nos terreiros de Candomblé, onde Orixás procedentes de regiões e clãs diversos passaram a ser cultuados numa mesma casa religiosa. Entretanto, o culto aos Orixás era velado, uma vez que a elite branca católica considerava as expressões de espiritualidade e fé dos africanos e seus descendentes como associada ao mal, ao Diabo cristão, caracterizando-a pejorativamente como primitiva. Para manter sua liberdade de culto, ainda que restrita ao ambiente da senzala, ou, de modo escondido, nos pontos de força da natureza ligados a cada Orixá, os escravos recorreram ao sincretismo religioso, associando cada Orixá a um santo católico. Tal associação também apresenta caráter plural e continuou ao longo dos séculos, daí a diversidade de associações sincréticas.

Hoje há um movimento de "reafricanização" do Candomblé, dissociando os Orixás dos santos católicos; por outro lado, muitas casas ainda mantêm o sincretismo e muitos zeladores de santo se declaram católicos. No caso da Umbanda, algumas casas não se utilizam de imagens de santos católicos, representando os Orixás em sua materialidade por meio dos otás; entretanto, a maioria ainda se vale de imagens católicas, entendendo o sincretismo como

Page 65

ponto de convergência de diversas matrizes espirituais.
De certa forma, o sincretismo também foi chancelado pelo fato de popularmente Orixá passar a ser conhecido como "Santo" (Orixá de energia masculina/pai/abotô) ou "Santa" (Orixá de energia feminina/mãe/iabô), o que reforça a associação e correspondência com os santos católicos, seres humanos que, conforme a doutrina e os dogmas católicos, teriam se destacado por sua fé ou seu comportamento. A energia masculina e a energia feminina de cada Orixá não têm necessariamente relação com gênero e sexualidade tal qual conhecemos e vivenciamos, tanto que, por exemplo, em Cuba, o Orixá Xangô é sincretizado com Santa Bárbara.
Ainda sobre o vocábulo "Santo" como sinônimo de Orixá, as traduções mais próximas para os termos *babalóríá* e *iyálorisá* seriam Pai ou Mãe-no-Santo, contudo, o uso popular consagrou Pai ou Mãe-de-Santo. Para evitar equívocos conceituais e/ou teológicos, alguns sacerdotes utilizam-se do termo zelador ou zeladora de santo.

Re gistros

ITÁS

A oralidade é bastante privilegiada no Candomblé, tanto para a transmissão de conhecimentos e segredos (os *anós*) quanto para a aprendizagem de textos ritualísticos. Nesse contexto, entre cantigas e rezas (que recebem nomes diversos conforme a Nação), destacam-se os *itás* e os *orikís*. Nem todas as casas de Umbanda trabalham com os *itás*. Com os *orikís*, muito poucas, certamente com maior ocorrência nas ditas cruzadas com os Cultos de Nação.

Itás são relatos míticos da tradição iorubá, notadamente associados aos 256 Odu (16 Odu principais x 16). Conforme a tradição afro-brasileira, cada ser humano é ligado diretamente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem como sua identidade mais profunda. Variações à parte (Nações, casas etc.), os dezesseis Odu principais são assim distribuídos:

CAÍDAS

ODUS

REGÊNCIAS

01 búzio

aberto e

15

búzios

fechados

Okanran

Fala: Exu

Acompanham:

Xangô e Ogum

02

búzios

abertos e

14

búzios

fechados

Eji-Okô

Fala: Ibejis

Acompanham:

Oxóssi e Exu

03

búzios

abertos e

13

búzios
fechados
Etá-
Ogundá
Fala: Ogum
04
búzios
Fala: Iemanjá

Page 68

abertos e
12
búzios
fechados
Irosun
Acompanham:
Ibejis, Xangô e
Oxóssi
05
búzios
abertos e
11
búzios
fechados
Oxé
Fala: Oxum
Acompanha:
Exu
06
búzios
abertos e
10
Obará
Fala: Oxóssi
Acompanham:
Xangô, Oxum,

Page 69

búzios

fechados
Exu
07
búzios
abertos e
09
búzios
fechados
Odi
Fala:
Omolu/Obaluaê
Acompanham:
Iemanjá, Ogum,
Exu e Oxum
08
búzios
abertos e
08
búzios
fechados
Eji-
Onilé
Fala: Oxaguiã

09
búzios
abertos e
07
búzios
fechados
Ossá
Fala: Iansã
Acompanham:
Iemanjá, Obá e
Ogum
10
búzios

abertos e
06
búzios
fechados
Ofun
Fala: Oxalufã
Acompanham:
Iansã e Oxum
11

Page 71

búzios
abertos e
05
búzios
fechados
Owanrin
Fala: Oxumaré
Acompanham:
Xangô, Iansã e
Exu
12
búzios
abertos e
04
búzios
fechados
Eji-
Laxeborá
Fala: Xangô
13
búzios
abertos e
Eji-
Fala: Nanã
Buruquê

Page 72

03

búzios
fechados
Ologbon
Acompanha:
Omolu/Obaluaê

14

búzios
abertos e
02

búzios
fechados
Iká-Ori
Fala: Ossaim

Acompanham:
Oxóssi, Ogum e
Exu

15

búzios
abertos e
01 búzio

fechado
Ogbé-
Ogundá
Fala: Obá

16

búzios
abertos
Alafiá

Fala: Orunmilá

O vocábulo *itá* quase não é empregado na Umbanda, contudo, os relatos míticos/mitológicos se disseminam, com variações, adaptações etc.

Uma das características da *Espiritualidade do Terceiro Milênio* é a (re)leitura e a compreensão do simbólico. Muitos devem se perguntar como os Orixás podem ser tão violentos, irresponsáveis e mesquinhos, como nas histórias aqui apresentadas. Com todo respeito aos que creem nesses relatos ao pé da letra, as narrativas são caminhos simbólicos riquíssimos encontrados para tratar das energias de cada Orixá e de valores pessoais e coletivos. Ao longo do tempo, puderam ser ouvidas e lidas como índices religiosos, culturais, pútas psicanalíticas, oratura e literatura.

Para vivenciar a espiritualidade das religiões de matriz africana de maneira plena, é preciso distinguir a letra e o espírito, não apenas no tocante aos mitos e às lendas dos Orixás, mas também aos pontos cantados, aos *orixás*, etc. Quando se desconsidera esse aspecto, existe a tendência de se desvalorizar o diálogo ecumênico e inter-religioso, assim como a vivência pessoal da fé. O simbólico é um grande instrumento para a reforma íntima, o auto-aperfeiçoamento, a evolução.

Resignificar esses símbolos, seja à luz da fé ou da cultura, é valorizá-los ainda mais, em sua profundidade e também em sua superfície, ou seja, em relação ao espírito e ao corpo, à transcendência e ao cotidiano, uma vez que tais elementos se complementam.

Um ouvinte/leitor mais atento à interpretação arquetípica psicológica (ou psicanalítica) certamente se encantará com as camadas interpretativas da versão apresentada, por exemplo, para o relato do ciúme que envolve Obá e Oxum em relação ao marido, Xangô. Os elementos falam por si: Oxum simula cortar as duas orelhas para agradar ao marido; Obá, apenas uma (o ciúme, como forma

geralmente, se reproduza no outro, simbioticamente, pela lei de atração dos semelhantes - segundo a qual não há verdugo e vítima, mas cúmplices, muitas vezes inconscientes). A porção mutilada do ser é a orelha, a qual, na abordagem holística, associa-se ao órgão sexual feminino, ao aspecto do côncavo, e não do convexo. Aliás, *auricula (orelha)*, em latim) significa, literalmente, *pequena vagina*. O fato de não haver relação direta entre latim e iorubá apenas reforça que o inconsciente coletivo e a sabedoria ancestral são comuns a todos e independem de tempo e espaço.

ORIKIS

Conforme já mencionado, não é comum encontrar *orikis* na Umbanda, entretanto, por seu valor cultural e pela carga de significação/ressignificação dos Orixás que representam, vale mencionar que, segundo a definição de Nei Lopes, *oriki* é "uma espécie de salmo, o cântico de louvor da tradição iorubá, usualmente declamado ao ritmo de um tambor, composto para ressaltar atributos e realizações de um orixá, um indivíduo, uma família ou uma cidade".

Enquanto gênero, o *oriki* é constantemente trazido da oratura para a literatura, sofrendo diversas alterações.

PONTOS CANTADOS

Na Umbanda, os pontos cantados são alguns dos responsáveis pela manutenção da vibração das giras e de outros trabalhos. Verdadeiros mantras, mobilizam forças da natureza, atraem determinadas vibrações, Orixás, Guias e Entidades. Com diversas finalidades, o ponto cantado impregna o ambiente de determinadas energias enquanto o libera de outras, representa imagens e traduz sentimentos ligados a cada vibração, variando de Orixá para Orixá, Linha para Linha, circunstância para circunstância, etc. Aliado ao toque e às palmas, o ponto cantado é um fundamento bastante importante na Umbanda e em seus rituais. Em linhas gerais, dividem-se os pontos cantados em pontos de raiz (trazidos pela Espiritualidade) e terrenos (elaborados por encarnados e apresentados à Espiritualidade, que os ratifica).

MPB

Há pontos cantados que migraram para a Música Popular Brasileira (MPB) e canções de MPB que são utilizadas como pontos cantados em muitos templos.

ORAÇÕES

Na oração, mais importantes que as palavras são a fé e o sentimento. Entretanto, as palavras têm força e servem como apoio para expressar devoção, alegria, angústias, etc.

Vale lembrar que, tanto na letra (palavras) quanto no espírito (motivação,

sentimento), JAMAIS uma prece deve ferir o livre-arbítrio de outrem. Ademais, ao orar, deve-se também abrir o coração para ouvir as respostas e os caminhos enviados pela Espiritualidade de várias maneiras, durante a própria prece e ao longo de inúmeros momentos e oportunidades no decorrer da caminhada evolutiva de cada um.

Na apresentação de alguns Orixás, a título de exemplo, são acrescentadas orações dedicadas a eles ou aos santos católicos com os quais são sincretizados.

ORIXÁS NA UMBANDA

Etimologicamente e em tradução livre, Orixá significa "a divindade que habita a cabeça" (em iorubá, *ori* é cabeça, enquanto *xá* é rei, divindade), associado comumente ao diversificado panteão africano, trazido à América pelos negros escravos. A Umbanda Esotérica, por sua vez, reconhece no vocábulo Orixá a corruptela de *Purushá*, significando "Luz do Senhor" ou "Mensageiro do Senhor".

Cada Orixá relaciona-se a pontos específicos da natureza, os quais são também pontos de força de sua atuação. O mesmo vale para os chamados quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Portanto, os Orixás são agentes divinos, verdadeiros ministros da Divindade Suprema (Deus, Princípio Primeiro, Causa Primeira, etc.), presentes nas mais diversas culturas e tradições espirituais/religiosas, com nomes e cultos diversos, como os Devas indianos, por exemplo. Visto que o ser humano e seu corpo estão em estreita relação com o ambiente (o corpo humano em funcionamento contém em si água, ar, componentes associados à terra, além de calor, relacionado ao fogo), seu Orixá pessoal tratará de cuidar para que essa relação seja a mais equilibrada possível. Tal Orixá, "Pai" ou "Mãe de Cabeça", é conhecido comumente como *Eledé* e será responsável pelas características físicas, emocionais, espirituais, dentre outras de seu filho, de modo a espelhar nele os arquétipos de suas características, encontrados nos mais diversos mitos e lendas dos outros Orixás. Estes auxiliam o *Eledé* nessa tarefa conhecidos como *Juntós*, ou *Adjuntós*, conforme a ordem de influência sobre o filho, e ainda outros.

Na chamada *coroa* de um médium de Umbanda ainda aparecem os Guias e as Entidades, em trama e enredo bastante diversificados (embora, por exemplo, geralmente se apresente para cada médium um Preto-Velho, há outros que o auxiliam, e esse mesmo Preto-Velho poderá, por razões diversas, dentre elas missão cumprida, deixar seu médium e partir para outras missões, inclusive em outros planos).

De modo geral, a Umbanda não considera os Orixás que descem ao terreno energias e/ou forças supremas desprovidas de inteligência e individualidade. Para os africanos (e tal conceito reverbera fortemente no Candomblé), Orixás são ancestrais divinizados, que incorporam conforme a ancestralidade, as afinidades e a coroa de cada médium. No Brasil, teriam sido confundidos com os chamados *Imolés*, isto é, Divindades Criadoras, acima das quais aparece um único Deus: Olorum ou Zâmbi. Na linguagem e na concepção umbandistas, portanto, quem incorpora numa gira de Umbanda não são os Orixás propriamente ditos, mas

seus falangeiros, em nome dos próprios Orixás. Tal concepção está de acordo com o conceito de ancestral (espírito) divinizado (e/ou evoluído) vivenciado pelos africanos que para cá foram trazidos como escravos. Mesmo que essa visão não seja consensual (há quem defenda que tais Orixás já encarnaram, enquanto outros segmentos umbandistas – a maioria, diga-se de passagem – rejeitam esse conceito), ao menos se admite no meio umbandista que o Orixá que incorpora possui um grau adequado de adaptação à energia dos encarnados, o que seria incompatível para os Orixás hierarquicamente superiores. Na pesquisa feita por Miriam de Oxalá a respeito da ancestralidade e da divinização de ancestrais, aparece, dentre outras fontes, a célebre pesquisadora Olga Guidolle Cacciatore, para quem:

"os Orixás são intermediários entre Olorun, ou melhor, entre seu representante (e filho), Oxalá e os homens. Muitos deles são antigos reis, rainhas ou heróis divinizados, os quais representam as vibrações das forças elementares da Natureza – raios, trovões, ventos, tempestades, água, fenômenos naturais como o arco-íris, atividades econômicas do homem primitivo – caça, agricultura – ou minerais, como o ferro que tanto serviu a essas atividades de sobrevivência, assim como às de extermínio na guerra".

Entretanto, como o tema está sempre aberto ao diálogo, à pesquisa, ao registro de impressões, há outros pontos de vista, como o do médium umbandista e escritor Norberto Peixoto, para quem é possível incorporar a forma-pensamento de um Orixá, que seria plasmada e mantida pelas mentes dos encarnados. Em um relato, diz:

"Era dia de sessão de Pretos(a)-Velho(a). Estávamos na abertura dos trabalhos, na

hora da defumação. O congá 'repentinamente' ficou vibrado com o orixá Nanã, que é considerado a mãe maior dos orixás e o seu axé (força) é um dos sustentadores da egregora da Casa desde a sua fundação, formando par com Oásá. Falavam poucos dias para o omocê (ritual de lavagem da cabeça com ervas maceradas), que tem a finalidade de fortalecer a ligação dos médiuns com os orixás regentes e guias espirituais. Pedi um ponto cantado de Nanã Baruaqué, antes dos cânticos habituais. Fiquei envolvido com uma energia lenta, mas firme. Fui transportado mentalmente para a beira de um lago lindíssimo e o orixá Nanã me 'ocupou', como se entrasse em meu corpo astral ou se interpenetrasse com ele, havendo uma incorporação total. (...) Vou explicar com sinceridade e sem nenhuma comparação, como tanto vemos por aí, como se a manifestação de um ou outro (dos espíritos na Umbanda versus dos Orixás em outros cultos) fosse mais ou menos superior, conforme o pertencimento de quem os compara a uma ou outra religião. A 'Entidade' parecia um 'robô', um autômato sem pensamento contínuo, levado pelo som e pelos gestos. Sem dúvida, houve uma intensa movimentação de energia benfiteira, mas durante a manifestação do Orixá minha cabeça ficou

mentalmente vazia, como se nenhuma outra mente ocupasse o corpo energético do Orixá que dançava, o que acabei sabendo depois tratar-se de uma formapensamento plasmada e mantida 'viva' pelas mentes dos encarnados". No cotidiano dos terreiros, por vezes o vocábulo Orixá é utilizado também para Guias. Nessas casas, por exemplo, é comum ouvir alguém dizer antes de uma gira de Pretos-Velhos: "Precisamos preparar mais banquinhos, pois hoje temos muitos médiuns e, portanto, aumentará o número de Orixás em terra." São diversas as classificações referentes aos Orixás na Umbanda. A título de exemplo, observe-se a tabela abaixo:

1. Orixás

Virginais

Responsáveis

pelo reino

virginal.

2. Orixás

Causais

Aferem carma

causal.

3. Orixás

Responsáveis

pela

coordenação

Refletores

da energia

(massa).

4. Orixás

Originais

Recebem dos

três graus

anteriores as

vibrações

universais.

5. Orixás

Supervisores

Supervisionam

as leis

universais.
Senhores dos
tribunais

Page 80

6. Orixás
Intermediários
solares do
Universo
Astral.

7. Orixás
Ancestrais
Senhores da
hierarquia
planetária.

Há também diversas classificações sobre os graus de funções dos Orixás,
como a que segue abaixo:

Categoria
Grau
Denominação
Orixá
Maior

-

-

Page 81

Orixá
Menor
1º.
Chefe de
Legião
Orixá
Menor
2º.
Chefe de
Falange
Orixá
Menor
3º.
Chefe de

Subfalange

Guia

4°.

Chefe de

Grupamento

Chefe

Page 82

Protetor

5°.

Integrante de

Grupamento

Protetor

6°.

Subchefe de

Grupamento

Protetor

7°.

Integrante de

Grupamento

Os Orixás conhecidos na Umbanda são os Ancestrais, subordinados a Jesus Cristo, governador do Planeta Terra. Os mais comuns na Umbanda são Oxalá, Ibejis, Obaluaê, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iansã, Iemanjá, Nanã, Oxum (desses, apenas os Ibejis não assumem a chamada *Triade do Coronário* dos médiuns, isto é, Eledá e Adjuntós).
Orixás pessoais compõem a banda visível e/ou invisível de um médium. São Orixás (bem como Guias e Guiandões, na terminologia cotidiana dos terreiros) individualizados, que trabalham com determinado médium, em fundamento e/ou manifestação explícita, em especial na incorporação, por meio da intuição e outros tantos meios.

Page 83

CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO DOS ORIXÁS

Características

Após a apresentação de cada Orixá, especialmente os que são cultuados na Umbanda de modo geral, seguem algumas informações básicas, conforme a lista abaixo, que permitem a identificação e o reconhecimento do Orixá. Evidentemente, tais informações variam da Umbanda para o Candomblé, de região para região, de templo para templo.

Animais: associados aos Orixás.

Bebidas: as mais comuns na Umbanda.

Chacras: centros de energia regidos pelo Orixá.

Cor: a mais característica na Umbanda (entre parênteses, as cores mais comuns no Candomblé).

Comemoração: data mais comum para a festa do Orixá.

Comidas: as mais comuns na Umbanda (lembrando que, mesmo quando a Umbanda se utiliza de carne, não realiza sacrifícios). As comidas são oferecidas como presentes, agradecimentos, reforço do Axé. Além disso, a Espiritualidade manipula tais elementos para o bem, a defesa, a proteção, o fortalecimento dos indivíduos e da comunidade.

Contas: cores mais características das guias na Umbanda (entre parênteses, as cores mais comuns no Candomblé)

Corpo humano e saúde: partes do corpo regidas pelo Orixá ou mais suscetíveis a doenças (somatização de desequilíbrios).

Elemento: o mais característico dentre fogo, água, terra e ar.

Elementos incompatíveis: as chamadas quzilias (Angola), os euós (iorubá) ou contra-axé são energias que destoam das energias dos Orixás, seja no tocante à alimentação, aos hábitos, às cores, etc. No caso da Umbanda, as restrições alimentares, de bebidas, cores, etc. ocorrem nos dias de gira, em períodos e situações específicas. Fora isso, tudo pode ser consumido, sempre de modo equilibrado. Contudo, como no Candomblé, há elementos incompatíveis em fundamentos, cores, banhos, etc.

Ervas: as mais utilizadas (os nomes variam conforme as regiões).

Essências: associadas ao Orixá.

Flores: associadas ao Orixá.

Metal: associado ao Orixá (às vezes, mais de um metal).

Page 84

Pedras: associadas ao Orixá.

Planeta: astro relacionado ao Orixá (neste item, nem todo astro, segundo a Astronomia, é planeta, contudo, essa é a terminologia mais comum nos estudos espiritualistas, esotéricos, etc.).

Pontos da natureza: pontos de força regidos pelo Orixá.

Saudação: fórmula de invocação e cumprimento ao Orixá.

Símbolos: ícones que remetem ao Orixá e/ou a suas características.
Sincretismo: associação com santos católicos, por aproximação, conforme as diversas qualidades do Orixá.

OXALÁ

Orixá maior, responsável pela criação do mundo e do homem. Pai de todos os demais Orixás, Oxalá (Orixalá ou Obatalá) foi quem deu ao homem o livre-arbítrio para trilhar seu próprio caminho.
Possui duas qualidades básicas: Oxalufã (o Oxalá velho) e Oxaguiã (o Oxalá novo). Enquanto o primeiro é sincretizado com Deus Pai cristão, o segundo encontra correspondência com Jesus Cristo e, de modo especial, com Nosso Senhor do Bonfim. Também há uma correlação entre Oxalá e Jesus menino, daí a importância especial da festa do Natal para algumas casas.
Oxalá representa sabedoria, serenidade, a pureza do branco (o funfun), o respeito.
Características
Animais: caramujo, pombo branco.
Bebidas: água, água de coco.
Chacra: coradário.
Cor: branco.
Comemoração: Festa do Senhor do Bonfim.
Comidas: canjica (talvez seja sua comida mais conhecida); arroz-doce.
Contas: brancas leitosas.
Corpo humano e saúde: todo o corpo, em especial o aspecto psíquico.
Dias da semana: sexta-feira e domingo.
Elemento: ar.
Elementos incompatíveis: bebida alcoólica, dendê, sal, vermelho.
Ervas: a mais conhecida talvez seja o tapete-de-oxalá (boldo).
Essências: aloés, laranjeira e lírio.
Flores: brancas, especialmente o lírio.
Metais: ouro (para alguns, prata).
Pedras: brilhante, cristal de rocha, quartzo leitoso.
Planeta: Sol.
Pontos da natureza: praia deserta ou colina descampada.
Saudação: *Epa Babá!*
Símbolo: opaxorô (cajado metálico de Oxalufã, com discos prateados paralelos em cujas bordas são colocados pequenos objetos simbólicos).
Sincretismo: Deus Pai, Jesus Cristo (em especial, Senhor do Bonfim).
SINCRETISMO
SENHOR DO BONFIM
(Lavagem do Bonfim: terceira quinta-feira de janeiro).

A devoção ao Senhor do Bonfim, em Salvador, destaca-se no século XVIII por uma promessa feita por um capitão de mar e guerra que, cumprindo-a, fez trazer uma imagem de Setúbal (Portugal). A imagem ficou na Igreja da Penha até 1754, quando foi transferida para a parte interna da Capela do Bonfim, que já estava pronta.
A Festa da Lavagem do Bonfim é um ritual sincrético que remonta às chamadas Águas de Oxalá, celebradas especialmente no Candomblé com ritual próprio.
REGISTROS
Itá
Oxalá e Exu disputavam para ver quem era o Orixá mais antigo. Então, foi-lhes proposta uma luta. Os dois foram até Ifá; contudo, apenas Oxalá realizou oferendas.
Numa praça em Ifé, no dia combinado, Oxalá derrubou Exu três vezes. Três vezes Exu se levantou.
Os que acompanhavam a luta diziam para Exu usar seus poderes mágicos. Então, Exu pegou uma pequena cabaça, abrindo-a na direção de Oxalá. Uma fumaça branca descoloriu a pele de Oxalá, que tentou voltar à cor original, mas não conseguiu.
O golpe da vitória foi de Oxalá, que obrigou Exu a lhe entregar a cabaça de onde saía a fumaça branca. Exu assim o fez.
Assim, Oxalá foi aclamado vencedor. Para sempre ficou com a cabaça de Exu. Desde então, Oxalá passou a marcar seus devotos como albinos.
Oxalá perguntou a Ifá, por meio dos babalaôs, qual o melhor caminho para sua vida. Os babalaôs o aconselharam a fazer uma oferenda com uma cabaça de sal e um pano branco para não sofrer dificuldades. Oxalá desconsiderou o conselho.
Enquanto Oxalá dormia, Exu entrou em sua casa e amarrou uma cabaça de sal nas costas de Oxalá, que, quando acordou pela manhã, estava corcunda. Oxalá tornou-se protetor dos corcundas, dos aleijados e dos albinos e nunca mais consumiu sal.
Na África, sobretudo, afirma-se que albinos, corcundas e outros são regidos por Oxalá.
Oxalá era rei de Ejiégbô, estava sempre guerreando e tinha um grande apetite. Comia pombos, caracóis e canjica; contudo, seu prato predileto era o inhame. Como era demorado amassar o inhame, as refeições duravam um longo período.

Então, após consultar os babalaôs e oferecer Exu, inventou o pilão. Pôde, assim, comer à vontade e dedicar-se à guerra. Ele, que já era conhecido por muitos nomes, também passou a ser chamado de Oxaguiã, ou seja, "Orixá que come inhame pilado".
O pilão é associado ao Orixá e aparece como elemento simbólico em rituais como as celebrações das Águas de Oxalá.
Dois irmãos disputavam o reino do pai. O príncipe mais novo venceu a disputa e, conforme o costume, deveria matar o irmão para evitar futuras vinganças. Por amar demais o irmão, não o matou, mas cortou-lhe o pênis - evitando, assim, que tivesse descendentes. E, para que o príncipe derrotado não vivesse sozinho, deu-lhe uma esposa; porém, costurou-lhe a vagina, para que não tivesse relações sexuais com outros homens.
O casal foi viver em um lugar afastado, trabalhando para Oxaguiã. O homem cultivava os inhames e a esposa os pilava para Oxaguiã, que percebia o quanto o casal vivia triste.
No reino do irmão vencedor, a peste aniquilou a todos.
Oxaguiã, com pena do casal, abriu a vagina da mulher e fez um pênis para o homem com a massa do inhame. O casal teve relações sexuais e teve muitos filhos.
Em dias de preceito, homem e mulher não mantêm relações sexuais em lembrança ao tempo em que não podiam sentir os prazeres do corpo e ter filhos, situação revertida pelo Orixá, que deve ser honrado e reverenciado.
Oxalá, Pai da Vida e aquele que formou o corpo humano, também aparece aqui como patrono da reprodução.
Antes, o mundo era cheio de água, um verdadeiro pântano sem terra firme. No Orum (em tradução livre: Plano Espiritual, Céu) viviam, além de Olorum, os Orixás, que vez ou outra vinham ao Aiê (em tradução livre: Terra) para brincar nos pântanos, descendo por teias de aranha. Até que, um dia, Olorum chamou Oxalá, dizendo querer criar terra firme no Aiê e encarregando dessa tarefa o grande Orixá - a quem deu uma concha, uma pomba e uma galinha com cinco dedos em cada pé.
Oxalá desceu até o pântano e verteu a terra da concha, colocando sobre ela a pomba e a galinha, que começaram a ciscar, espalhando a terra da concha até se formar terra firme por toda parte. Oxalá foi até Olorum e lhe comunicou o resultado da tarefa. Olorum enviou um camaleão ao Aiê, o qual não pôde andar no solo pois ainda não era tão firme. O camaleão relatou a experiência a Olorum

a vida ali se desenvolver.

O lugar ficou conhecido como Ifé ("ampla morada"). Oxalá prosseguiu em sua tarefa de criar o mundo e tudo o que ele contém.

Relato cosmogônico iorubá da criação do mundo. Obviamente, há outras versões.

Oriki

O oriki abaixo é uma transcrição (processo mais complexo e profundo que a tradução) do iorubá feita por Antonio Risério.

Oriki de Oxalá

Obatalá Obatarixá

Grande comedor de caracol

Faz o vivo virar vários

Verso e reverso do universo

Oleiro de crianças

Pedra no fundo da água

Oluá iú senzém

Cuida do ori de quem merece

Faz o estéril fértil

Cuida do ori de quem merece

Envolto no branco do branco

Dorme no branco do branco

De dentro do branco rebrilha

Ilumina o rumo do rumo.

Senhor completo

Senhor total

Pai

PONTOS CANTADOS

Pombinha branca

Pombinha que corta o ar

Meu Divino Espírito Santo

Mensageiro de Oxalá

Rezo esta prece

A Ti peço proteção

Para os filhos de Umbanda

Paz, Amor e União

Oxalá, meu Pai

Aceita esta romaria (2X)

Teus filhos que vêm de longe, meu Pai

Não podem vir todo dia (2X)

Na Umbanda, todos se reúnem sob as bênçãos de Oxalá, conforme registram

os dois pontos cantados acima.

MPB

Toda sexta-feira

(Adriana Calcanhoto)

Toda sexta-feira, toda roupa é branca

Toda pele é preta

Todo mundo canta

Todo céu magenta

Toda sexta-feira, todo canto é santo

E toda conta

Toda gota

Toda onda

Toda moça

Toda renda

Toda sexta-feira

Todo o mundo é baiano junto

Na sexta-feira, o Povo de Santo, sobretudo os candomblecistas, vestem-se de

branco. A cidade de Salvador adotou essa tradição - a qual, aliás, vem dos antigos

haussá, escravizados no Brasil.

Hino do Senhor do Bonfim

(Arthur de Salles e João Antônio Wanderley)

Glória a ti neste dia de glória

Glória a ti, Redentor, que há cem anos

Nossos pais conduziste à vitória

Pelos mares e campos baianos

Refrão

Desta sagrada colina

Haussá: relativo aos haussá, povo que vive no oeste do Sahel

Mansão da misericórdia

Dai-nos a graça divina

Da justiça e da concórdia

Glória a ti nessa altura sagrada

É o eterno farol, és o guia

É, senhor, sentinela avançada

É a guarda imortal da Bahia.

Aos teus pés que nos deste o direito

Aos teus pés que nos deste a verdade

Trata e exalta num fervido preito

A alma em festa da nossa cidade

O hino foi composto em 1923, e trata da relação sincrética entre Oxalá e o

Senhor do Bonfim.

OGUM

Filho de Iemanjá, irmão de Exu e Oxóssi, deu a este último suas armas de

caçador. Orixá do sangue que sustenta o corpo, da espada, da forja e do ferro, é

padroeiro daqueles que manejam ferramentas, tais como barbeiros, ferreiros,

maquinistas de trem, mecânicos, motoristas de caminhão, soldados e outros.

Patrono dos conhecimentos práticos e da tecnologia, simboliza a ação criadora do

homem sobre a natureza, a inovação, a abertura de caminhos em geral. Foi

casado com Iansã e posteriormente com Oxum, entretanto, vive só, pelas

estradas, lutando e abrindo caminhos.

Senhor dos caminhos (isto é, das ligações entre lugares, enquanto Exu é o dono

das encruzilhadas, dos caminhos em si) e das estradas de ferro, protege as portas

de casas e templos. Sendo senhor da faca, no Candomblé, suas oferendas rituais

vêm logo após as de Exu. Vale lembrar que, tradicionalmente, o Ogã de faca,

responsável pelo corte (sacrifício animal), chamado Axogum, deve ser filho de

Ogum.

Responsável pela aplicação da Lei, é vigilante, marcial, atento. Na Umbanda,

Ogum é o responsável maior pela vitória contra demandas (energias deletérias)

enviadas contra alguém, uma casa religiosa etc. Sincretizado com São Jorge,

assume a forma mais popular de devoção, por meio de orações, preces, festas e

músicas diversas a ele dedicadas.

Características

Animais: cachorro, galo vermelho.

Bebida: cerveja branca.

Chacara: umbilical.
Cor: vermelha (azul rei, verde).
Comemoração: 23 de abril.
Comidas: cará, feijão mulatinho com camarão e dendê, manga espada.
Contas: contas e firmas vermelhas leitosas.
Corpo humano e saúde: sistema nervoso, mãos, pulso, sangue.
Dia da semana: terça-feira.
Elemento: fogo.
Elemento incompatível: quiabo.
Ervas: peregrum verde, são-gonçalinho, quitoco, mariô, lança-de-Ogum, coroa-de-Ogum, espada-de-Ogum, canela-de-macaco, erva-grossa, parietária, nutamba, alfavaquinha, bredo, cipó-chumbo.
Essência: violeta.
Flores: cravos, crista de galo, palmas vermelhas.
Metais: ferro, aço e manganês.
Pedras: granada, rubi, sardio, lápis-lazúli, topázio azul.

Planeta: Marte.
Pontos da natureza/de força: estradas e caminhos, estradas de ferro, meio da encruzilhada.
Saudação: *Ogum iê! Patacori!* – esta saudação a Ogum significa "Cabeça coroadada!" ou "Aquele que corta cabeças!". A segunda acepção pode parecer violenta, mas, na Umbanda, entende-se que Ogum corta o Ori dos pensamentos velhos, para que o Ori renovado cresça, se desenvolva.
Símbolos: espada, ferramentas, ferradura, escudo, lança.
Sincretismo: São Jorge, Santo Antônio.
SINCRETISMO
SÃO JORGE
(23 de abril)
Mártir da fé cristã do século IV, cavaleiro da Capadócia que, segundo a lenda, teria vencido um dragão.
REGISTROS
Itãs
Em Ifê, Orixás e seres humanos conviviam, caçavam e plantavam com instrumentos de madeira, metal mole ou pedra.
A população cresceu de tal forma que começou a escassear alimento. Os Orixás se reuniram para deliberar sobre o aumento da lavoura.
Ossaim se dispôs a limpar o terreno; porém seu instrumento de trabalho não tinha a firmeza suficiente, era de metal mole.
Assim aconteceu com os demais Orixás.
Ogum, que conhecia o segredo do ferro, manteve-se calado.
Quando os demais Orixás já haviam tentado limpar o terreno, Ogum conseguiu realizar a tarefa com seu facão de ferro.
Todos ficaram admirados. Ogum revelou que havia recebido de Orunmilá o segredo do ferro.
Ogum tornou-se rei e, em troca, ensinou aos Orixás e aos homens o segredo do ferro, importante para a agricultura, a caça e a guerra. Mesmo rei, Ogum continuou um caçador e embrenhar-se na mata.
Certa ocasião, voltou da floresta depois de muitos dias, sujo, foi desprezado pelos Orixás, que resolveram não tê-lo mais como rei.
Ogum banhou-se e vestiu-se com nariô (folhas de palmeiras desfiadas) depois partiu com suas armas para Irê.
Os humanos não o esqueceram e sempre o celebram como senhor do ferro.
Orixá da tecnologia e da cultura (tudo o que é criado pelo homem), Ogum é

patrono do progresso e do aprendizado humano.
Ogum havia partido para uma de tantas guerras das quais voltava vitorioso. Chegou a Irê, sua cidade, faminto e com sede, mas ninguém parecia notar sua presença, não falavam com ele ou mesmo olhavam em seus olhos.
A cidade toda guardava silêncio em ritual, mas Ogum não se deu conta disso. Sentindo-se ofendido, sacou sua espada e cortou a cabeça dos filhos de seu próprio povo.
Quando o período de silêncio em terminou, o filho de Ogum e os súditos que sobreviveram à matança vieram prestar-lhe homenagens. Ogum, então, se deu conta do engano e não se deu mais sossego.
Achando que não podia mais ser rei, cravou sua espada no chão, que se abriu e o engoliu. Com sua ira incontrolada, Ogum encontra sua sombra. Mas não se deixa paralisar pela dor e galga novo degrau evolutivo, tornando-se Orixá. Sacraliza-se e diviniza-se, assim, por meio do aprendizado doloroso, integrando sua sombra e sua luz, para poder adentrar num novo reino. Ogum foi para o Orum e, assim, tornou-se Orixá.
Ogum vivia com seus irmãos Exu e Oxóssi na casa de seu pai, Obatalá, e sua mãe, Iemanjá. Sentindo-se atraído por sua mãe, tentou violentá-la diversas vezes, sendo impedido pelos irmãos.
Um dia, o próprio pai o surpreendeu numa de suas tentativas. Antes que Obatalá o castigasse, Ogum pediu que deixasse que ele mesmo escolhesse seu castigo.
Assim, passou a viver solitário, inclusive sem os cães que tanto adorava, trabalhando. Apenas Oxóssi sabia de seu paradeiro. Ogum preparava pós especiais, e o mundo todo acabou por conhecer seu talento.
Um dia, Oxum chegou a sua casa e Ogum, tendo experimentado seus encantos, dela se enamorou.
Revogou-se, assim, seu castigo.
Este é outro relato que trata da integração de sombras e luz da personagem, por meio de aprendizado doloroso e solitário. O tema tabu do incesto e de tentativas (concretizadas ou não) de ultrapassá-lo aparece nos itãs de diversos Orixás.
Oriki
O oriki abaixo foi transcrito do iorubá por Antonio Risério:
Silêncio. Cale-se a fala.

*Nada na casa em nada bata.
Inhame novo ninguém vai pilar.
Ninguém vai moer nada.
Não quero ouvir menino vagindo.
Cada mãe que amamente o seu filho.
Quando Ogum despontou
Vestido de fogo e sangue
O pênis de muitos queimou
Vagina de muitas queimou.
Senhor do ferro
Que enraivecido se morde
Que fere, ferroa e engole
Não me morda.
Ogum foi a Pongá - Pongá ruiu
Foi a Akô Irê - Irê ruiu
Chegou ao rio - e as águas dividiu.
Terror que golpeia a vizinhança.
Ogum Oborô, comedor de cães, toma teus cães.
Ogum Onirê sorve sangue.
Molamolá fareja farelos.
Dono da lâmina, cabelo come
Senhor da circuncisão, come caracol
Ogum entalhador, madeira come.*

Suminiú, Ajokeopô.
Não me torture, Ogum terror.
Mão comprida
Que livra teus filhos do abismo
Livra-me
Ogum é retratado em seus aspectos mais terríveis e devastadores, com sua
força geralmente incoitada.
PONTOS CANTADOS
Querem destruir o meu reinado
Mas Ogum tá de frente
Mas Ogum tá de frente
Eu sou filho de Ogum
Tenho o meu corpo fechado
Eu sou filho de Ogum

Page 95

Mal nenhum vai virar pro meu lado
Quando Oxalá criou a Umbanda
Ogum tomou conta do congá (2X)
Olhe os espinhos da roseira, Ogum iê
Não deixe seus filhos sofrer, Ogum Megê (2X)
Os dois pontos cantados acima evidenciam Ogum como cavaleiro protetor,
tradicionalmente "o que vence demandas", protegendo os filhos das energias
deletérias.
MPB
Ogum
(Zeca Pagodinho)
Eu sou descendente Zulu
Sou um soldado de Ogum
Um devoto dessa imensa legião de Jorge
Eu sincretizado na fé
Sou carregado de axé
E protegido por um cavaleiro nobre
Sim, vou à igreja festejar meu protetor
E agradecer por eu ser mais um vencedor
Nas lutas, nas batalhas
Sim, vou ao terreiro pra bater o meu tambor
Bato cabeça, firmo ponto sim senhor
Eu canto pra Ogum
Ogum
Um guerreiro valente que cuida da gente que sofre demais
Ogum
Ele vem de aruanda ele vence demanda de gente que faz
Ogum
Cavaleiro do céu, escudeiro fiel, mensageiro da paz
Ogum
Ele nunca balança, ele pega na lança, ele mata o dragão
Ogum

Page 96

É quem dá confiança pra uma criança virar um leão
Ogum
É um mar de esperança que traz abonação pro meu coração
Cowboy Jorge
(Jorge Benjor)
Toca, Toca, Toca, Jorge
Toca, Toca, Toca, Jorge
Ogum [Ogum] Ogum [Ogum] Ogum [Ogum]
Dia 23 continua sendo
Dia de cowboy Jorge
Dia 23 continua sendo
Dia de cowboy Jorge
Na terra, no mar, na terra, no ar
Na terra, no mar, na terra, no ar
Jorge toca com 23 tambores
Jorge toca pra 23 amores
Jorge toca com 23 batuqueiros
Jorge toca para 23 terreiros
Na terra, no mar, na terra, no ar
Na terra, no mar, na terra, no ar
Jorge toca para Deus e para os Santos
Toca pra as crianças e para os anjos
Toca para seu amigo que sofre do coração
Toca para o bem geral da nação
Toca para alegria dominical
Toca para o homem e o animal
Toca para um gol de placa
Para a sensualidade da sua amada
Na terra, no mar, na terra, no ar
Na terra, no mar, na terra, no ar
Jorge toca para a lua e para o sol
Toca para a chuva e para o vento

Page 97

Toca para o acontecimento do nascimento
Dessa criança, dessa esperança
Dessa bonança, salve essa criança
Na terra, no mar, na terra, no ar
Na terra, no mar, na terra, no ar
Toca, Toca, Toca, Jorge
Toca, Toca, Toca, Jorge
Ogum [Ogum] Ogum [Ogum] Ogum [Ogum]
Ogum de ronda
(Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro)
Na ronda de Ogum
Meu Santo protetor
Com o poder de sua espada
Eu defendo meu amor
É o guardião da Terra
O maior dos Orixás
Ogum é o deus da guerra
Mas guerreira pela paz
Onde eu for que o mal se esconda
E não saia de onde está
Porque eu tenho Ogum de Ronda
No clarão do meu olhar.
Tem samba no mar
(Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro)
O cavalo de São Jorge foi passear na areia
Vamos fazer samba que o santo guerreiro hoje está na aldeia
Tem samba no mar, sereia
Tem samba no mar, sereia
Oi, tem samba no mar, sereia
Tem samba no mar, sereia
É que diz o povo
Que hoje a políça não "contrareia"
Tem samba no mar, sereia

*O que é que cai de seu alforje, lua cheia
Luz que "alunecia" quem samba na beira do mar, sereia
Luz que clareia no samba só me faz lembrar canleia
Vem sambar, que tem samba no mar
Vem sambar que tem samba no mar
Não "vadeia" "quelé" Clementina, não "vadeia"
Eu queria poder pegar na cintura dela
Eu queria poder pegar na cintura dela
Mas seu namorado está de olho nela
Mas seu namorado está de olho nela
O cavalo de São Jorge foi passear na areia
Vamos fazer samba enquanto o cavalo de Ogum passeia
Tem samba no mar, sereia
Tem samba no mar, sereia
Ol, tem samba no mar, sereia
Tem samba no mar, sereia...*

Na Música Popular Brasileira, Ogum foi sincretizado com São Jorge, figura como o grande cavaleiro protetor, defensor, força potente a isolar e proteger de energias negativas, abrindo os caminhos de todos e auxiliando a caminhar com mais firmeza.

ORAÇÕES

Orações populares de devoção católica, umbandista e outros. Geralmente, quando se fala em "Oração de São Jorge", pensa-se logo na primeira parte da primeira oração transcrita abaixo:

Oração de São Jorge

Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge. Para que meus inimigos, tendo pés, não me alcancem; tendo mãos, não me peguem; tendo olhos, não me enxerguem; que nem pensamentos eles possam ter para me fazerem mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão; que faca e lanças se quebrem sem ao meu corpo chegar; cordas e correntes se quebrem sem ao meu corpo amarrar.

São Jorge, cavaleiro corajoso, intrépido e vencedor; abre os meus caminhos. Ajuda-me a conseguir um bom emprego; fazei com que eu seja bem querido por todos: superiores, colegas e subordinados. Que a paz, o amor e a harmonia estejam sempre presentes no meu coração, no meu lar e no meu serviço. Vela por

mim e pelos meus, protegendo-nos sempre, abrindo e iluminando os nossos caminhos, ajudando-nos também a transmitirmos paz, amor e harmonia a todos que nos cercam. Amém.

(Após a oração, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Glória ao Pai)

Oração da Espada-de-São Jorge

Oh! Glorioso Guerreiro São Jorge! Eu te suplico, confiante de que serei atendido. Neste momento difícil da minha vida, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, com Vossa Espada de Lata, venha cortar todo o mal e, principalmente, (fazer o pedido).

Com a força do teu poder de defesa, eu me coloco na proteção do teu escudo, para o bom combate contra todo o mal ou influência negativa que estiver em meu caminho. Amém.

São Jorge Cavaleiro, guia-me. São Jorge Guerreiro, defende-me. São Jorge Mártir, protege-me.

Todo devoto de São Jorge deve usar a espada sempre que rezar esta oração.

Oração da vela de São Jorge

Glorioso São Jorge! Pelos vossos merecimentos, pelas vossas virtudes, pela grandiosa fé em nosso Senhor Jesus Cristo; por Deus fostes constituído em protetor de todos que a Ti recorrem. Necessitando de vossa proteção, vinde em meu auxílio e levei à presença de Deus o apelo que agora vos faço. (Fazer aqui o pedido)

São Jorge, ofereço esta vela e vos peço: protegi-me, guardai-me e guiai-me por todos os meus caminhos com felicidade, paz e salvamento; para que eu consiga rapidamente, através de vossa proteção, a graça que estou suplicando. Amém.

Oração a São Jorge

Ó, Deus Onipotente, que nos proteges pelos méritos e as bênçãos de São Jorge, fazei com que este grande mártir, com sua coraça, sua espada e seu escudo, que representam a fé, a esperança e a inteligência, ilumine os nossos caminhos, fortaleça o nosso ânimo nas lutas da vida, dê firmeza à nossa vontade contra as tramas do maligno; para que, vencendo na terra, como São Jorge venceu, possamos triunfar no céu convosco e participar das eternas alegrias. Amém.

Oração poderosa da chave de São Jorge

Com esta chave abençoada, eu peço a Deus pela intercessão de São Jorge. Que

me conceda a graça de abrir meu coração para o bem; meus caminhos para os bons negócios, as portas da prosperidade, da caridade e da paz; para eu viver sempre feliz.

Com esta chave, em nome de Deus, eu fecho o meu corpo contra as maldades deste mundo; contra as perseguições e espíritos malignos. Que meu anjo da guarda sempre me ilumine e me guarde. Com o poder da fé, misericórdia de Deus e a ajuda de São Jorge. Amém.

Oração do Manto de São Jorge

São Jorge, Guerreiro vencedor do dragão, rogai por nós.

São Jorge, militar valoroso, que com a vossa lança abateste e venceste o dragão feroz, vinde em meu auxílio; nas tentações do demônio, nos perigos, nas dificuldades, nas aflições. Cobri-me com o vosso manto, ocultando-me dos meus inimigos, dos meus perseguidores. Protegido por vosso manto, andarei por todos os caminhos, viajarei por todos os mares, de noite e de dia, e os meus inimigos não me verão, não me ouvirão, não me acompanharão. Sob a vossa proteção, não cairéi, não derramarei o meu sangue, não me perderéi. Assim como o Salvador esteve nove meses no seio de Nossa Senhora, assim eu estarei bem guardado e protegido, sob o vosso manto, tendo sempre São Jorge à minha frente, armado de sua lança e do seu escudo. Amém.

OXÓSSI

Irmão de Exu e Ogum, filho de Oxalá e Iemanjá (ou, em outras lendas, de Apaoka, a jaqueira), rei de Ketu e Orixá da caça e da fartura. Associado ao frio, à noite e à lua, suas plantas são refrescantes. É ligado à floresta, à árvore, aos antepassados.

Oxóssi, enquanto caçador, ensina o equilíbrio ecológico, ao contrário do aspecto predatório da relação do homem com a natureza; a concentração, a determinação e a paciência necessárias para a vida ao ar livre. Rege a lavoura e a agricultura. Na Umbanda, de modo geral, amalgamou-se ao Orixá Ossaim quanto aos aspectos medicinais, espirituais e ritualísticos das folhas e plantas. Como a figura mítica do indígena habitante da floresta é bastante forte no Brasil, a representação de Oxóssi pode aproximar-se mais do índio do que do negro africano. Não à toa, Oxóssi rege a Linha dos Caboclos - o Candomblé, em muitos Ilês, abriu-se para o culto aos Caboclos de maneira explícita (ou mesmo camuflada, para não desagradar aos mais tradicionalistas). No âmbito espiritual, Oxóssi caça os espíritos perdidos, buscando trazê-los para a Luz. Sábio mestre e professor, representa a sabedoria e o conhecimento espiritual, com os quais alimenta os filhos, fortalecendo-os na fé.

Características

Animais: javali, tatu, veado e qualquer tipo de caça.
Bebidas: água de coco, alúá, caldo de cana, vinho tinto.
Chakra: esplênico (segundo chakra)
Cores: verde (azul celeste claro).
Comemoração: 20 de janeiro.
Comidas: axoxó, carne de caça, frutas.
Contas: verdes leitosas (azul turquesa, azul claro).
Corpo humano e saúde: aparelho respiratório.
Elemento: terra.
Elementos incompatíveis: cabeça de bicho (em cortes ou alimentos), mel, ovo.
Ervas: alecrim, guiné, vence-demanda, abre-caminho, peregrum verde, taioba, espíndheira-santa, jurema, jureminha, mangueira, desata-nó, erva-de-Oxóssi, erva-da-jurema.
Essência: alecrim.
Flores: flores do campo.
Metais: bronze, latão.
Pedras: amazonita, esmeralda, calcita verde, quartzo verde, turquesa.
Planeta: Vênus.
Pontos da natureza: matas.
Saudação: *Okê Arô!* ("Salve o Rei, que fala mais alto!")

Page 102

Símbolos: arco e flecha (ofá), iruquerê. O iruquerê, símbolo da realeza de Oxóssi, à maneira de mata-moscas, é feito de pêlos de rabo de boi, em cabo de madeira ou metal. O vocábulo deriva do iorubá *irukèrè*, que se refere à insignia de poder real e sacerdotal.

Sincretismo: São Sebastião (predomina na Umbanda), São Jorge (predomina no Candomblé).

SINCRETISMO

SÃO SEBASTIÃO

(20 de janeiro)

Mártir da fé cristã, centurião que foi amarrado a um tronco e teve o corpo transpassado por flechas.

REGISTROS

Itãs

Oxóssi e Ogum são irmãos e Ogum nutre um carinho especial por Oxóssi.

Em uma ocasião em que Ogum voltava de uma batalha, encontrou Oxóssi cercado de inimigos que já haviam destruído quase toda a aldeia. Oxóssi estava paralisado e com medo. Embora estivesse cansado, Ogum lutou a favor do irmão até o amanhecer.

Vencedor, tranquilizou Oxóssi, dizendo que sempre ele poderia contar com o auxílio do irmão.

Ensinou Oxóssi a caçar e a abrir caminhos na mata. Também o ensinou a defender-se e a cuidar de si e dos seus.

Com o irmão seguro, Ogum podia voltar a guerrear.

Fraternidade, irmandade e parceria são conceitos-chave para a compreensão profunda da humanidade desse relato.

Na comemoração anual da colheita de inhames, um grande pássaro pousou no telhado do palácio, assustando a todos. O pássaro havia sido enviado pelas Mães Ancestrais, que não haviam sido convidadas.

Para abater a ave, o rei chamou os melhores caçadores do reino, dentre eles Oxotogum, o caçador das vinte flechas; Oxotogi, o caçador das quarenta flechas, e Oxotodotá, o caçador das cinquenta flechas. Todos erraram o alvo e foram aprisionados pelo rei.

Então Oxotocaxoxó, caçador de uma flecha só, auxiliado por um ebó votivo para as Mães Ancestrais/Feiticeiras, sugerido por um babalá à mãe do caçador, disparou sua flecha e matou a ave.

Page 103

Todos celebraram o feito. Honrarias foram concedidas ao caçador, que passou a ser conhecido como Oxóssi, isto é, "o caçador Oxó é popular".

Esta história é sobre escolhas. Um tiro certo vale mais do que fama, aparência. Além disso, observa-se a negação da ancestralidade, da *anima*, causando impacto negativo. Como observou Carl Gustav Jung, "aquilo a que resiste, persiste."

Não se podia caçar naquele dia, dedicado às oferendas a Ifá. Contudo, Oxóssi não se importou com isso e foi caçar.

Oxum, sua esposa, deixou o lar, pois não aguentava mais ver as desobediências do marido às interdições sagradas.

Na mata, Oxóssi ouviu um canto: *Não sou passarinho para ser morta por você...* O canto era de uma serpente – na verdade, Oxumaré.

Oxóssi não se importou e partiu a cobra com sua lança.

No caminho para a casa, continuou a ouvir o mesmo canto.

Cozinhou a caça e se fartou de comê-la.

No dia seguinte, pela manhã, Oxum retornou para ver como estava o marido e o encontrou morto. Ao seu lado, o rastro de uma serpente, que ia até a mata.

Oxum, então, procurou Orunmilá e lhe ofereceu sacrifícios.

Orunmilá deixou Oxóssi viver e lhe deu a função de proteger os caçadores.

Oxóssi era agora um Orixá.

Os interditos transgredidos trazem consequências. Uma delas é o amadurecimento por meio de experiências dolorosas que franqueiam uma nova realidade.

Oriki

O oriki abaixo foi transcrito do iorubá para o português por Antonio Risério:

Oriki de Oxóssi (fragmento)

Orixá, quando fecha, não abre caminho.

Caçador que come cabeça de bicho

Caçador que come coco e milho.

Mora em casa de barro

Mora em casa de folha

Orixá da pele fresca.

Quando entra na mata

O mato se agita.

Ofá – o seu fuzil.

Page 104

Uma flecha contra o fogo

E o fogo apagou.

Uma flecha contra o sol

E o sol sumiu.

O caçador de uma flecha só, conhecedor do verde das matas, é aqui celebrado em algumas de suas principais características.

PONTOS CANTADOS

Eu vi chover, eu vi relampear

Mas mesmo assim o céu estava azul (2X)

Afirma o ponto nas folhas da jurema

Oxóssi reina de norte a sul (2X)

Ele atirou

Ele atirou e ninguém viu (2X)

Senhor Oxóssi é quem sabe

Onde a flecha caiu (2X)

Oxóssi é Orixá da fartura, do conhecimento e da espiritualidade. Os pontos cantados acima reforçam essas características.

MPB

Oxóssi

(Roque Ferreira)

*Oxóssi, filho de Iemanjá
Divindade do clã de Ogum
É Iṣṣaluṣu, é Iṣṣé
Que Oxum levou no rio
E nasceu Lagum-Eṣé!
Sua natureza é da lua
Na lua Oxóssi é Odé Odé-Odé, Odé-Odé
Rei de Ketu, Caboclo da mata Odé-Odé.
Quinta-feira é seu ossé
Axoxá, feijão preto, camarão e amendoim
Azul e verde, suas cores
Calça branca rendada
Saia curta estampada
Ojá e couraça prateada*

Page 105

*Na mão ofá, ilagueré
Oké oké, oké aró, oké
A jurema é a árvore sagrada
Oké aró, Oxóssi, oké oké
Na Bahia é São Jorge
No Rio, São Sebastião
Oxóssi é quem manda
Na banda do meu coração*

Sincretizado com São Sebastião (sobretudo na Umbanda) ou com São Jorge (no Candomblé), Oxóssi é guerreiro e um Orixá bastante popular no Brasil, com suas matas, fauna e flora riquíssimas, e ancestralidade construída pelos indígenas, na Umbanda amalgamados e/ou representados pelos Caboclos de Pena.

Page 106

XANGÔ

Um dos Orixás mais populares no Brasil, provavelmente por ter sido a primeira divindade iorubana a chegar às terras brasileiras, juntamente com os escravos. Além disso, especialmente em Pernambuco e Alagoas, o culto aos Orixás recebe o nome genérico de Xangô, donde se deriva também a expressão Xangô de Caboclo para designar o chamado Candomblé de Caboclo.

Orixá da Justiça, o Xangô mítico-histórico teria sido um grande rei (alafin) de Oyó (Nigéria), após ter destronado seu irmão Dadá-Ajaká. Na teogonia iorubana, é filho de Oxalá e Iemanjá. Representa a decisão, a concretização, a vontade, a iniciativa e, sobretudo, a justiça (que não deve ser confundida com vingança). Xangô é o articulador político, presente na vida pública (lideranças, sindicatos, poder político, fóruns, delegacias, etc.). Também é o Orixá que representa a vida, a sensualidade, a paixão, a virilidade. Seu machado bipene, o oxé, é símbolo da justiça, representando a ideia de que todo fato tem, ao menos, dois lados, duas versões, que devem ser pesadas, avaliadas.

Teve como esposas Obá, Oxum e Iansã.

Características

Animais: tartaruga, cágado, carneiro.

Bebida: cerveja preta.

Chakra: cardíaco.

Cores: marrom (branco e vermelho)

Comemoração: 24 de Junho (São João Batista), 30 de setembro (São Jerônimo)

Comidas: agbô, amalá.

Contas: marrom, leitosas.

Corpo humano e saúde: fígado e vesícula.

Dia da semana: quarta-feira.

Elemento: fogo.

Elementos incompatíveis: caranguejo e doenças.

Ervas: erva-de-são-joão, erva-de-santa-maria, beti-cheiroso, nega-mina, alecante, cordão-de-frade, jarrinha, erva-de-bicho, erva-tostão, caruru, pára-raio, umbaúba.

Essência: cravo (a flor).

Flores: cravos brancos e vermelhos.

Metal: estanho.

Pedras: jaspe, meteorito, pirita.

Planeta: Júpiter.

Ponto da natureza: pedreira.

Saudação: *Kaô Cabecilé!* ou *Kaô Cabecile!* ("Venham saudar o Rei!")

Símbolo: machado.

Page 107

Sincretismo: Moisés, Santo Antônio, São Jerônimo, São João Batista, São José, São Pedro.

SINCRETISMO

SÃO JERÔNIMO

Nascido em Estridão, na Dalmácia, em aproximadamente 345 d.C., faleceu em Belém em 419 d.C.. Tradutor, foi responsável pela tradução da Bíblia para o latim (Vulgata). Erudito, estudioso e doutor da Igreja, foi também secretário do Papa Dâmaso. Após a morte do pontífice, sofrendo críticas e calúnias, retirou-se para Belém. Geralmente é representado como um ancião de barbas e cabelos brancos, com um leão (um dos animais símbolos de Xangô) e um livro (Bíblia). Trata-se certamente da forma mais popular de sincretismo do Orixá Xangô na Umbanda por meio de representação de imagens em seus altares, embora nos pontos cantados predomine a figura de São João Batista. Reza a lenda que, com senso de justiça, São Jerônimo defendeu um leão da acusação (sem provas e apressada por observações sobre a aparência dos fatos) de haver matado e comido um seu amigo jumento – o que depois se verificou não ser verdade. Sua festa é celebrada no dia 30 de setembro, Dia da Bíblia para a Igreja Católica. Sincretizado principalmente com Xangô Agodô.

SÃO JOÃO BATISTA

Nascido na Judeia, por volta do ano 02 a.C., foi morto aproximadamente em 27 d.C.. Primo de Jesus, foi o precursor de sua mensagem e acabou por batizar o próprio Jesus, de quem se declarava indigno de desatar as sandálias. Célebre por dizer o que pensava, não temia acusar o rei Herodes Antipas por haver se casado com a viúva de seu irmão, o que não era permitido por lei. Contudo, segundo consta, Herodes tolerava João Batista e lhe admirava o verbo. A astúcia de Herodíade, a esposa, colocou Salomé, filha de seu casamento anterior, para dançar para o rei, e este lhe prometeu o que desejasse, até mesmo a metade de seu reino - ao que a enteada, por influência da mãe, solicitou a cabeça de João Batista numa bandeja, tendo o rei de cumprir sua promessa. Sua festa é celebrada em 24 de junho com as célebres fogueiras, em especial na noite/madrugada do dia 23 para o dia 24.

SÃO PEDRO

Discípulo de João Batista e Apóstolo de Jesus Cristo, nasceu em Betsaida e morreu em Roma em 64 d. C., no reinado de Nero, crucificado de cabeça para baixo pelo fato de se sentir indigno de morrer como o Mestre. Seu nome foi dado por Jesus e significa "pedra", "rocha" ("Cefas", em aramaico), sobre a qual se edificou a comunidade cristã (para a Igreja Católica, Pedro foi o primeiro Papa).

Page 108

Fazendo parte do círculo íntimo de Jesus, Pedro foi o Apóstolo que prometeu segui-lo, porém o negou três vezes, por medo; impetuoso, cortou a orelha de um empregado do Sumo Sacerdote que acompanhava o grupo que havia ido prender

Jesus, tendo o ferimento sido curado pelo Mestre. Distingue-se de João, o chamado "Discípulo Amado", que em tudo seria exemplar, e de Judas, que traiu o Mestre, sendo, assim, um dos Apóstolos cujo arquétipo mais se aproxima das oscilações da alma humana e bem representa o caminho das pedras até o amadurecimento, por meio de erros e acertos. Não à toa, arquetipicamente, Xangô Airá é associado a São Pedro. Em diversas imagens, além das chaves que ligam céu e terra, traz também um livro, elemento relacionado a diversas representações sincréticas de Xangô. Festa: 29 de junho.

MOISÉS

Não se trata propriamente de santo católico, mas de legislador, líder religioso e profeta do Antigo Testamento, responsável pela libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. A Moisés se associam as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos que, segundo a tradição, teria recebido do próprio Deus. Por sua liderança, pela sabedoria e experiência (a representação mais conhecida de Moisés é a de um patriarca em idade madura, com barbas e cabelos brancos), pelo texto da Lei impresso em pedra e recebido no Monte Sinai, com ele é sincretizado Xangô.

SÃO JOSÉ

Esposo de Nossa Senhora e pai (segundo a tradição católica, putativo) de Jesus, é representado como homem maduro e grisalho, com barba. Trata-se de um patriarca que traz no colo o filho amado, ainda criança, e segura um lírio branco, flor de Xangô (também flor de Oxalá; de Xangô é também o cravo branco ou vermelho), o que favorece o sincretismo. Sua festa é celebrada em 19 de março.

SÃO JUDAS TADEU

Apóstolo de Jesus, viveu no século I, irmão de São Tiago Menor. Conhecido como "Tadeu", isto é, "aquele que tem peito largo". Pregou na Galileia, na Judeia, na Síria e na Mesopotâmia. Em muitas de suas representações, aparece como um homem maduro de barba e com um instrumento que lembra muito um machado ou uma foice e um livro (Evangelho) na mão. É invocado para casos impossíveis ou de desespero. Sua festa é celebrada em 28 de outubro.

Observa-se, não apenas no caso de Xangô Airá (sincretizado com São Pedro), a estreita ligação entre cada santo católico e Jesus Cristo (sincretizado com Oxalá), bem como entre Moisés e Deus Pai (também sincretizado com Oxalá).

REGISTROS

Itãs

Xangô enfrentava um inimigo terrível e seus homens haviam sido capturados, o quadro era assustador. Subiu, então, até o alto de uma pedreira e pediu conselho e ajuda a Orunmilá. Com seu oxê (machado duplo), começou a bater nas pedras que soltavam fâscas e, no ar, formavam línguas de fogo que consumiam seus inimigos.

O vencedor da guerra foi Xangô, e os líderes inimigos que haviam mandado massacrar os soldados de Xangô foram mortos com um raio que ele havia mandado no ápice de fúria e descontentamento. Contudo, os soldados das tropas inimigas foram poupados.

Com esse gesto, Xangô passou a ser admirado e consultado como o Senhor da Justiça para resolver e administrar pendências, conflitos e discordâncias.

Os diversos relatos mitológicos sobre Xangô apresentam a justiça como aprendizado constante que muito contribuiu para o amadurecimento da personalidade do alafin de Oyá.

Um homem havia aprendido, com Olorum e Exu, os segredos do bem e do mal, podendo decidir como agir. Tornou-se, assim, muito poderoso.

Por esse motivo, os Orixás governantes do mundo, Obatalá, Xangô e Ifá, decidiram que esse homem deveria preparar uma grande festa, com um porém: a comida não deveria ser nem crua nem fria, pois os Orixás andavam enjoados. Deveria ser quente e cozida.

Os humanos ainda não sabiam fazer fogo ou cozinhar. Assim, o homem foi à encruzilhada e pediu ajuda a Exu. Aguardou três dias e três noites sem resposta até ouvir sons característicos de estalos: parecendo rir do homem, as árvores esfregavam seus galhos umas nas outras.

Não gostando disso, o homem pediu ajuda a Xangô, que enviou raios sobre as árvores. Galhos incendiados caíram no chão, onde queimaram até ficarem apenas brasas.

Então, o homem pegou algumas brasas, cobrindo-as com galhos e, por cima, adicionando terra. Tempos depois, descobriu tudo e viu lascas pretas (ou seja, carvão) que foram acesas com a brasa restante. O homem soprou até o fogo crescer e, assim, pode cozinhar para os Orixás, para si e para os demais.

Todos ficaram satisfeitos.

O elemento do Orixá Xangô, por excelência, é o fogo, com sua força criadora, transformadora e vital.

A manipulação do fogo foi de suma importância para que os seres humanos aprendessem a conviver com as sombras (haja vista o mito da caverna, segundo

Platão), a se proteger de ataques, a aperfeiçoar técnicas de alimentação (vide o célebre estudo de Claude Lévi-Strauss intitulado *O cru e o cozido*), de modo a garantir a sobrevivência da espécie. O fogo também é o elemento transformador da alquimia e símbolo da transcendência da energia do físico para o espiritual. Nas sociedades tribais (e em rodas de amigos que revivem esse ritual em luauas, acampamentos e outros), o fogo agrega, aproxima, aquece por meio da fogueira, sempre no centro.

Compreende-se, portanto, o porquê de Xangô ser Orixá da vida pulsante, da energia que precisa ser disciplinada para não ser destrutiva e, no lugar de vivificador, tornar-se letal. É preciso saber lidar com o fogo; como reza o célebre provérbio popular: "Quem brinca com fogo pode se queimar".

Na tradição iorubá, Xangô, menino atrevido, cai nas brasas e brinca com elas mas não se queima. Xangô também é aquele que ensina os homens a cozinhar. Adulto, é também aquele que incendia sua cidade acidentalmente por não ter aprendido ainda a manipular seu elemento com sabedoria e discernimento - pensando, assim, para a autobotagem, a autodestruição. Contudo, a experiência não foi em vão: segundo os relatos mitológicos, a Oyá destruída acidentalmente por Xangô foi, como fênix renascida das cinzas, reconstruída.

Xangô, filho de Aganju, foi abandonado pela mãe e adotado por Iemanjá.

Casou-se com Obá, muito devotada aos serviços domésticos, que perdeu os encantos.

Casou-se com Iansã, sua aliada contra Ogum.

Depois se encantou por Oxum, que vivia com Orunmilá; deitaram-se, casaram e viveram um amor único.

Contudo, um dia Xangô se apaixonou por Iemanjá e lhe declarou seu amor.

Iemanjá o esbofetou e o mandou embora, sem dinheiro.

Tentou novamente, e ela novamente o repudiou.

Com a ajuda dos gêmeos que tivera com Oxum, os Ibejis, Xangô preparou um feitiço e Iemanjá o recebeu de volta em sua casa.

Xangô, então, possuiu Iemanjá.

Tempestuoso e viril, o incesto, neste relato, é consumado por meio de aritmânias a que Xangô recorre, valendo-se da magia de seus próprios filhos (os gêmeos aqui podem representar a duplicação do poder mágico). O incesto, bem como cada parceira, pode ainda representar a busca pela mãe biológica que havia abandonado Xangô, rumo à integração masculino-feminino por parte da personagem principal do itã.

A propósito, por vezes, Xangô, marido de três esposas, é retratado como tirano e insensível ao feminino, a ele apenas se sobrepondo - como quando tenta tomar à força Euá (símbolo da virgindade) ou seduzindo e/ou violentando sua mãe

adotiva, Iemanjá, ou Nanã, a esposa mais velha de Oxalá (símbolos da

maternidade). Em outros momentos, está intimamente ligado ao feminino ou a ele submetido. Dos diversos relatos a respeito desse Orixá, existe um bastante significativo a respeito da integração entre o masculino e o feminino, recontado por Reginaldo Prandi:

Xangô estava fugindo dos inimigos. Os inimigos queriam acabar com ele a qualquer custo. Se caísse em suas mãos, cortariam-lhe a cabeça. Xangô foi se esconder na casa de Ojá. Os inimigos sitiaram a casa; não havia como escapar. Ojá vestiu Xangô com as roupas dela. Cortou os cabelos e com eles cobriu a cabeça de Xangô. Ornou-o com apuro, com muitos colares, anéis e pulseiras. Então Ojá anunciou que ia sair para um passeio. E Xangô saiu à rua com toda a elegância de Ojá. Era Ojá, todos acreditaram, formosa e deslumbrante em seus ricos trajes. Os inimigos de Xangô abriram respeitosamente o caminho para Ojá. Quando, mais tarde, Ojá saiu à rua, todos se deram conta do engodo, mas era tarde demais. Xangô escapara e da morte se livrara.

A astúcia de Ojá livrou Xangô dos inimigos.

O masculino travestido de feminino, no relato acima, pode ser lido como o ato de colocar-se no lugar do outro, com vista à compreensão de seu oposto complementar. Ao se vestir como Lansã (a esposa com quem Xangô mais apresenta compatibilidade de elementos, pois com ela divide os domínios do fogo, do raio e do trovão; ao mesmo tempo em que a ela se opõe, pois Xangô é Orixá que pulsa tão intensamente a vida que repulsa o mundo dos mortos, reino em que Lansã se sente à vontade), Xangô, por meio da representação do feminino, reforça o seu masculino de modo equilibrado e maduro. Assim, não perde sua cabeça (seu Ori, sua consciência) e não se deixa vencer pelos inimigos (instintos, temores, inconsciência). Como na imagem da balança da justiça, domínio de Xangô, os pratos assumem posições equânimes ou com oscilações compreensíveis rumo ao equilíbrio.

A escolha pela transcrição literal se deve ao fato de Prandi, em seus textos literários, ser um verdadeiro griô (contador de histórias), mestre das palavras que busca honrar, na escrita, a oralidade africana.

A cabeça humana, na tradição iorubá, receptáculo do conhecimento e do espírito, é tão importante que cada Orixá tem seu Ori. É alimentado, como no caso do Bori, a fim de manter-se equilibrado. Trata-se, ainda, da consciência presente em toda a natureza e seus elementos, guiada pelo Orixá (força específica).

Orixá

Os orixás abaixo são transcrições literárias de Antonio Risério a partir do iorubá.

Orixá de Xangô

Lasca e racha paredes

Racha e crava pedras de raio

Encara feroz quem vai comer

Fala com o corpo todo

Faz o poderoso estremecer

Olho de brasa viva

Castiga sem ser castigado

Rei que briga e me abriga

Outro orixá de Xangô (fragmentos)

Afonjé, chefe de Kossô, a folha já fortalece

Aquele que dança entre crianças

Faz o fogo vingar sem que se veja

E só notamos o talo das folhas estalando

Derruba no barro quem é barro

Ninguém pode corromper o nosso ori

Senhor do saber, olho brilhante

Ele fende além o alto céu

Muro no muro da mentira

Mata varando o olho do mentiroso

Mata selando porta e porto

Mata quem não sabe pensar

Risério opta pela grafia "dança" por acreditar que a letra "s" esteja mais de acordo para o vocábulo, interpenetrando, assim, forma e conteúdo, em feliz coreografia.

Alaganju, destelha casa alheia e atelha a sua

Água ao lado do fogo no seio do céu

Alado escala rápido o alto céu

Faz o fogo cair do meio do céu

Nesses orixás, Xangô aparece como justiceiro, por meio das pedras e do fogo, num senso de justiça que se aproxima da Lei de Talião ("olho por olho, dente por dente"), a qual precisa ser compreendida no contexto cultural em que os orixás foram concebidos. Por outro lado, Xangô é também aquele que celebra a vida,

"dança entre crianças"¹⁰, e "fala com o corpo todo", de modo elegante, viril e eloquente.

PONTOS CANTADOS

Pedra rolou, Pai Xangô, lá na pedreira

Afirma ponto, meu Pai, na cachoeira

Tenho meu corpo fechado

Xangô é meu protetor

Segura pomba, meu filho,

Pai de cabeça chegou

Xangô aparece em seus pontos de força (pedras/cachoeira com pedras). O

ponto cantado sugere que o filho risque o ponto de Xangô (Pai) com pomba,

espécie de giz comum em rituais em religiões de matriz africana, cuja origem

(calcário), embora associada de modo geral aos Orixás, Guias e Entidades, não

deixa de ligar-se diretamente aos elementos de Xangô.

Conforme citado na nota anterior.

Muito mais do que meio de identificação de Orixás, Guias e Entidades, os

pontos riscados constituem fundamento de Umbanda, sendo instrumentos de

trabalhos mágísticos, riscados com pomba, bordados em tecidos, etc. Funcionam

como chaves, meios de comunicação entre os planos, proteção, tendo diversas

outras funções também tanto no plano dos encarnados quanto no da

Espiritualidade.

Estava olhando a pedreira

Uma pedra rolou

Ela veio rolando

Bateu em meu pé

E se fez uma flor

Quem foi que disse

Que eu não sou filho de Xangô?

Ele mostra a verdade

Se atira uma pedra

Ela vira uma flor

Toda verdade de justiça e proteção

Filho de Pai Xangô ninguém joga no chão

Quantos lírios já plantei no meu jardim

Cada pedra atirada é um lírio pra mim

Ponto cantado em que Xangô aparece a ensinar que as pedras (seu elemento),

geralmente associadas às dificuldades, pela força do Orixá, transformam-se em

lírio (flor que evoca Xangô). As lições trazidas pelas dificuldades fortalecem e

são belas. Xangô, Orixá que mostra a verdade (na África aparece em oposição à

mentira), não permite que seus filhos (leia-se "todos os filhos") caiam no chão

indevidamente e/ou ai fiquem sem se levantarem mais experientes e sábios.

*Lá em cima daquela pedreira
Tem um lírio de meu Pai Xangô
Kaô, Kaô*

Kaô Cabecile, meu Pai!

Há versões deste ponto em que, em vez de "lírio", aparece "lívro". Já foi mencionada a importância do livro como elemento simbólico de Xangô, como aparece em diversas das relações sincréticas do Orixá com santos católicos e Moisés.

MPB

Canto de Xangô

(Vinícius de Moraes e Baden Powell)

Eu vim de bem longe, eu vim, nem sei mais de onde é que eu vim

Sou filho de rei, muito lutei pra ser o que eu sou

Eu sou negro de cor, mas tudo é só amor em mim

Tudo é só amor, para mim

Xangô Agodô

Hoje é tempo de amor

Hoje é tempo de dor, em mim

Xangô Agodô

Salve, Xangô, meu Rei Senhor

Salve meu Orixá

Tem sete cores sua cor

Sete dias para a gente amar

Page 115

Salve Xangô, meu Rei Senhor

Salve meu Orixá

Tem sete cores sua cor

Sete dias para a gente amar

Mas amar é sofrer

Mas amar é morrer de dor

Xangô, meu Senhor, saravá!

Me faça sofrer

Ah, me faça morrer

Mas me faça morrer de amar

Xangô, meu Senhor, saravá!

Xangô Agodô!

Este é um dos mais célebres afrosambas de Vinícius de Moraes e Baden Powell, (*Os Afrosambas*, 1966). Em diversos projetos que coordenei, peço

sempre que o verso *Eu sou negro de cor, mas tudo é só amor em mim* seja

substituído por *Eu sou negro de cor e tudo é só amor em mim*, para que não haja

interpretações equivocadas a respeito da exaltação do negro – em cuja cor,

segundo o texto, haveria sete cores, o que pode ser lido e interpretado como a

síntese, o amálgama da cultura popular, das religiões de matriz africana, do povo

negro e da Bahia, que tanto encantou Vinícius de Moraes.

Xangô te xinga

(Leandro Medina)

Sim, você sabe

Por tudo que fiz

Basta você sentir saudades

Que eu tô na linha

Nesse caso dava pra dizer

Revigorou o fno frio

De longe, de onde o amor vinha

Ai fiz você pra ver e ouvir

Combinei melodias sutis

Maracatu correrás

Pro amor que eu vou dizer

Presente em toda mi vida

Segura o pranto quem chorou

Xangô te xinga

Segura o pranto, quem chorou fui eu

Page 116

Virou no santo que baiou

Sambou nequinha

E, no entanto, quem dançou fui eu

Sucesso do disco *Quando o céu clarear* (2007), de Fabiana Cozza, esta canção

usa das alterações (XANGô te XINGa) para tratar de amor interrompido de

modo divertido, posto que incisivo (xingamento), chamando à razão a voz

poética, ou para não se perder na mágoa e em lamentações, ou por haver, sim,

perdido o amor, o sujeito de suas afeições.

Xangô

(Tom Costa, Lan Lan, Mart'ália)

Baba nagô

Xangô mandou chamar

Baba nagô

Xangô mandou chamar

Obá yáô

No toque de orixá

Xangô! Xangô!

Vem ver o sol raiar

Vem madrugada

Pras águas de oxalá

Logun-Edé lá de laticia

Oitássi vai caçar

Baba nagô também trança

Palha pra enfiar

Xangô! Xangô!

Xangô mandou chamar

Oxum já vem

Cantando seu ylá

Vem pro tempo

Abre o leque pras moças sambar

Ela vem pro terreiro formosa

Partideiro vai se apaixonar

Babunagô

Xangô mandou chamar

Obá yáô

No toque de orixá

Iluminada noite,

Lua cheia que chegou

A madrugada trouxe

O batuque de Xangô

Page 117

Faixa do disco *Hoje de noite* (2008) da Banda Moinho, Xangô é o grande

agregador dos demais Orixás, todos chamados por ele para o batuque, o xirê, o

samba.

Três Coruna

(Tradição afro brasileira - adaptação de Tatá Monalê e Carlinhos Brown)

Xangô três coruna

Vem da Ilha de Nagô

Ninguém sabe de onde

Eu venho

Ninguém sabe de onde

Eu sou

Xangô três coruna
Vem da Ilha de Nagô
Lindo registo de Eegate no disco *Candombles* (2010), de Carlinhos Brown.
Observe o neologismo criado por Brown: Candombles = Candomblé + *to bless* (benzer, em inglês). Nesse disco-bênção, não poderia faltar essa linda homenagem a Xangô.
Babá Alapalá
(Gilberto Gil)
Aganju, Xangô
Alapalá, Alapalá, Alapalá
Xangô, Aganju
O filho perguntou pro pai:
"Onde é que tá o meu avô
O meu avô, onde é que tá?"
O pai perguntou pro avô:
"Onde é que tá meu bisavô
Meu bisavô, onde é que tá?"
Avô perguntou bisavô:
"Onde é que tá tataravô
Tataravô, onde é que tá?"
Tataravô, bisavô, avô

Pai Xangô, Aganju
Viva Egum, babá Alapalá!
Aganju, Xangô
Alapalá, Alapalá, Alapalá
Xangô, Aganju
Alapalá, Egum, espírito elevado ao céu
Machado olado, asas do anjo Aganju
Alapalá, egum, espírito elevado ao céu
Machado astral, ancestral do metal
Do ferro natural
Do corpo preservado
Embsamado em bálsamo sagrado
Corpo eterno e nobre de um rei nagô
Xangô

Esta canção de Gilberto Gil, do disco *Gilberto Gil* (1971), gravada por diversos intérpretes, evoca o sentido de ancestralidade, por meio do arquétipo de Xangô em seu aspecto mítico-histórico.

ORAÇÕES

Orações recolhidas por Ernesto Santana e Eulina d'Iansã.

Prece a Xangô
Senhor de Oyó,
Pai justiciero e dos incautos,
Protetor da fé e da harmonia,
Kaô Cabecilê do Trovão.
Kaô Cabecilê da Justiça.
Kaô Cabecilê, meu Pai Xangô.
Moralador no alto da pedreira,
Dono de nossos destinos.
Livrai-nos de todos os males,
De todos os inimigos visíveis e invisíveis,
Hoje e sempre, Kaô, meu Pai.
Oração a Xangô
Kaô, meu Pai, Kaô.
O senhor, que é o Rei da Justiça,
Faça valer por intermédio

De seus doze ministros a vontade divina.
Purifique minha alma na cachoeira.
Se errei, conceda-me a luz; do perdão.
Faça de seu peito largo e forte
Meu escudo.
Para que os olhos de meus inimigos
Não me encontrem.
Empreste-me sua força de guerreiro
Para combater a injustiça e a cobiça.
Minha devoção ofereço.
Que seja feita a justiça para todo o sempre.
O senhor é meu Pai e meu defensor.
Conceda-me a graça de receber sua luz
E de merecer sua proteção.
Kaô, meu Pai Xangô, Kaô.
Proteção de Xangô
Senhor, meu Pai, o infinito é tua grande morada no espaço; teu ponto de energia
é nas pedras das cachoeiras. Com tua justiça fizeste uma construção digna de
grande rei. Meu Pai Xangô, tu que és defensor da justiça de Deus e dos homens,
dos vivos e dos além-morte, tu, com tua machadinha de ouro, defende-me das
injustiças, acobertando-me das mazelas, das dívidas, dos perseguidores mal-
intencionados. Protegei-me, meu glorioso São Judas Tadeu, Pai Xangô na
Umbanda. Sé sempre justiciero nos caminhos em que eu venha a passar. Com a
força desta prece, sempre contigo estarei, me livrando do desespero e da dor, dos
inimigos e dos invejosos, dos indivíduos de mau caráter e dos falsos amigos. Axé.

OXUM

Orixá do feminino, da feminilidade, da fertilidade, ligada ao rio de mesmo nome, em especial em Oxogbô, Ijexá (Nigéria). Senhora das águas doces, dos rios, das águas quase paradas das lagoas não-pantanosas, das cachoeiras e, em algumas qualidades e situações, também da beira-mar. Perfumes, jóias, colares, pulseiras e espelho alimentam sua graça e beleza.
Filha predileta de Oxalá e de Iemanjá, foi esposa de Oxóssi, de Ogum e, posteriormente, de Xangô (segunda esposa). Senhora do ouro (na África, cobre), das riquezas, do amor. Orixá da fertilidade, da maternidade, do ventre feminino, e ela se associam as crianças. Nas lendas em torno de Oxum, a menstruação, a maternidade, a fertilidade, enfim, tudo o que se relaciona ao universo feminino é valorizado. Entre os iorubás, tem o título de *lailodê* (senhora, *lady*), comandando as mulheres, arbitrando litígios e responsabilizando-se pela ordem na feira. No jogo dos búzios, é ela quem formula as perguntas, respondidas por Exu. Os filhos de Oxum costumam ter boa comunicação, inclusive no que tange a presságios. Oxum, Orixá do amor, favorece a riqueza espiritual e material, além de estimular sentimentos como amor, fraternidade e união.
Características
Animal: pomba rola.
Bebida: champagne.
Chakra: umbilical.
Cor: azul (amarelo).
Comemoração: 08 de dezembro.
Comidas: banana frita, ipeté, omolocum, moqueca de peixe e pirão (com cabeça de peixe), quindim.
Contas: cristal azul (amarelo).
Corpo humano e saúde: coração e órgãos reprodutores femininos.
Dia da semana: sábado.
Elemento: água.
Elementos incompatíveis: abacaxi, barata.

Ervas: colônia, macacá, oriri, santa-luzia, oripepê, pringo-d'água, agrião, dinheiro-em-penca, manjerição branco, calêndula, narciso, vassourinha (menos para banho), erva-de-santa-luzia (menos para banho), jasmim (menos para banho).
Essências: lírio, rosa.
Flores: lírio, rosa amarela.
Meta: ouro.
Pedra: topázio (azul e amarelo).
Planetas: Vênus, Lua.

Pontos da natureza: cachoeira e rios.

Saudação: *Ora ye ye e! A ie ie!* ("Salve, Mãe das Águas!")

Símbolos: cachoeira, coração.

Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Cabeças, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Nazaré.

SINCRETISMO

NOSSA SENHORA APARECIDA

(12 de outubro)

A aproximação de Oxum com Nossa Senhora Aparecida se dá por diversos fatores, sobretudo porque aquela que é hoje a Padroeira do Brasil foi encontrada (imagem escurecida que foi associada à pele negra) no rio Paraíba, em 1717. Além disso, Nossa Senhora Aparecida, rainha, tem um manto salpicado de dourado, bem como uma coroa de ouro, que lhe foram acrescentados ao longo do tempo.

REGISTROS

Itãs

Oxalá tinha três mulheres, sendo a principal uma filha de Oxum. As outras duas nutriam grande ciúmes da filha de Oxum, a qual cuidava dos paramentos e das ferramentas de Oxalá.

Sempre buscando prejudicar a filha de Oxum, um dia em que as ferramentas de Oxalá secavam ao sol enquanto a filha de Oxum cuidava de outros afazeres, as outras duas esposas o pegaram e jogaram ao mar. A filha de Oxum ficou inconsolável.

Uma menina que era criada pela filha de Oxum tentou consolá-la, porém nada animava a principal esposa de Oxalá. Ouvindo um pescador passando pela rua apregoando seus peixes, a filha de Oxum pediu para a menina comprar alguns para a festa que organizava. Quando os peixes foram abertos, ali estavam as ferramentas de Oxalá.

As outras duas esposas de Oxalá não desistiram de prejudicar a filha de Oxum e armaram um novo esquema.

No dia da festa, ao lado do trono de Oxalá, à sua direita, estava a cadeira da esposa principal. Em dado momento, quando ela se ausentou, as outras duas esposas colocaram na cadeira um preparado mágico. Quando a esposa principal de Oxalá se sentou, percebeu que estava sangrando e saiu em disparada. Oxalá, indignado por ela haver quebrado um tabu, expulsou-a.

A filha de Oxum, então, foi à casa de sua mãe, em busca de auxílio. Oxum

preparou-lhe um banho de folhas numa bacia. Depois do banho, envolveu a filha em panos limpos e a pôs para descansar numa esteira. A água da bacia, vermelha, havia se transformado nas penas ecodidê, raras e preciosas.

Oxalá gostava muito dessas penas, porém tinha dificuldade em encontrá-las.

Ouvia dizer que Oxum tinha essas penas, pois a filha de Oxum andara aparecendo em algumas festas ornada com penas ecodidê. Foi então, à casa de Oxum, onde encontrou a própria esposa, que reabilitou.

Oxalá colocou uma pena vermelha em sua testa e decretou que, a partir daquele dia, os iniciados passariam a usar uma pena igual em suas testas, ornando as cabeças raspadas e pintadas, para que os Orixás mais facilmente os identificassem.

Um dos mais lindos itãs a respeito do feminino e da compreensão de seus ciclos por parte do masculino. Note que Oxalá, para quem o vermelho é tabu, acaba por incorporar essa cor em respeito ao feminino.

Um dia, Orunmilá saiu para um passeio, acompanhado de seu séquito. Pelo caminho, encontrou outro séquito no qual se destacava uma linda mulher. Enviou então Exu, seu mensageiro, para saber quem era ela. A mulher se identificou como Iemanjá, rainha das águas e esposa de Oxalá.

Exu repassou a informação a Orunmilá, que solicitou que ela fosse convidada para seu palácio. Iemanjá não atendeu ao convite de pronto, mas um dia foi ao palácio de Orunmilá, de onde voltou grávida e deu à luz uma linda menina. Iemanjá tinha outros filhos com seu marido. Então, Orunmilá enviou Exu para comprovar se a menina seria sua filha. O mensageiro verificou se ela teria mancha, marca ou carão na cabeça. Conforme as marcas de nascença, a paternidade foi comprovada e atribuída a Orunmilá.

A menina foi, então, levada para viver com o pai, que lhe satisfazia as vontades, os caprichos e a cobria de denges.

Essa menina é Oxum.

Desde o início do mundo os Orixás masculinos decidiam tudo, e excluíam as mulheres. Como Oxum não se conformava com essa atitude, deixou as mulheres estéreis. Os homens foram consultar Olorum, que os aconselhou a convidar Oxum e as outras mulheres para participarem das reuniões e decisões. Assim fizeram, e as mulheres voltaram a gerar filhos.

O feminino, complementar ao masculino, forma a dualidade de onde brota e viceja a síntese da criação.

Orixás

O oriki abaixo é uma transcrição do iorubá para o português feita por Antonio

Risério.

Oxum, mãe da clareza

Gruça clara

Mãe da clareza

Enfeita filho com bronze

Fabrica fortuna na água

Cria crianças no rio

Brinca com seus braceletes

Colhe e acolhe segredos

Cava e encova cöbres na areia

Fêmea força que não se afronta

Fêmea de quem macho frige

Na água funda se assenta profunda

Na fundara da água que corre

Oxum do seio cheio

Ora lei, me proteja

És o que tenho –

Me receba.

Delicadeza, sensualidade e maternidade são alguns dos atributos elencados e cantados nesse oriki.

PONTOS CANTADOS

Ei vi Mãe Oxum chorando

Fui uma lígerima que eu fui Apará (2X)

Ora iê iê, oh minha Mãe Oxum

Oh deixa a nossa Umbanda methorar (2X)

Ea vi Mãe Oxum na cachoeira

Senta na beira do rio (2X)

Colhendo lírio lírio é, colhendo lírio lírio ah

Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá (2X)

Associada às águas doces, às cachoeiras, por vezes chorando (lágrimas):
pequenas cachoeiras que brotam dos olhos, da alma). Oxum é a mãe amorosa.

Page 124

No primeiro ponto há um trocadilho entre o verbo "aparrar" e a qualidade "Apará" de Oxum, guerreira que, além do espelho, carrega uma espada e caninha com Ogum e Iansã.

MPB

É d'Oxum

(Geronimo Santana/Vevé Calazans)

Nessa cidade todo mundo é d'Oxum

Homem, menino, menina, mulher

Toda essa gente irradia a magia

Presente na água doce

Presente na água salgada e toda cidade brilha

Presente na água doce

Presente na água salgada e toda cidade brilha

Seja tenente ou filho de pescador

Ou importante desembargador

Se dar presente é tudo uma coisa só

A força que mora n'água

Não faz distinção de cor

E toda cidade é d'Oxum

A força que mora n'água

Não faz distinção de cor

E toda cidade é d'Oxum

É d'Oxum, é d'Oxum ô, é d'Oxum

Refrão

Eu vou navegar

Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou

Navegar, eu vou navegar

Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou

Navegar, eu vou navegar

Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou

Navegar, eu vou navegar, é d'Oxum

"É d'Oxum" tornou-se verdadeiro hino da cidade de Salvador, não havendo festa pública, apresentação musical e outros em que não seja tocada, cantada, coreografada e acompanhada por todos.

Oração de Mãe Menininha

(Dorival Caymmi)

Page 125

Ai! Minha mãe

Minha mãe Menininha

Ai! Minha mãe

Menininha do gantoise

A estrela mais linda, hein

Tá no gantoise

E o sol mais brilhante, hein

Tá no gantoise

A beleza do mundo, hein

Tá no gantoise

E a mão da doçura, hein

Tá no gantoise

O consolo da gente, ai

Tá no gantoise

E a Oxum mais bonita hein

Tá no gantoise

Olorum quem mandou essa filha de Oxum

Tomar conta da gente e de tudo cuidar

Olorum quem mandou é o ora iê iê ô

Ícone do Candomblé, conhecida por sua doçura, Menininha era filha de Oxum,

da qualidade Merim.

Como relato em meu livro *Xirê: Orikais – Canto de amor aos Orixás*, em minha infância, eu ouvia fascinado minha mãe cantar os versos de "Oração à Mãe Menininha": *ai, minha mãe, minha mãe Menininha*, pois achava tão sensível ela chamar a própria mãe, idosa e já desencarnada, de menininha. Não imaginava haver uma ialorixá com esse nome, esse apelido carinhoso. Também minha mãe usava em minha infância perfume de alfazema, aquele mesmo cheiro bom das festas de largo de Salvador que eu frequentaria anos depois, o mesmo com que gosto de perfumar minha Mãe Oxum.

Minha primeira ida ao Gantois se deu depois de várias estadas em Salvador, acompanhado por uma das idealizadoras do Memorial de Mãe Menininha, a restauradora Norma Cardina, a quem muito agradeço e quem costumo chamar de dona das ruas da Bahia, pelo acesso que me franqueia a lugares históricos, reservas técnicas de museus, festas e outros. De Norma recebi, ainda, o exemplar de *Memorial Mãe Menininha do Gantois*, rico volume com seleta do acervo do Memorial, com a seguinte dedicatória: "Ele, esse exemplar, foi lançado no quarto dos santos antes do lançamento oficial. Tem, sim, muito Axé." O Canto de Oxum

Page 126

(Vinícius de Moraes e Toquinho)

Nhem-nhem-nhem

Nhem-nhem-nhem-xorodô

Nhem-nhem-nhem-xorodô

E o mar, é o mar

Fê-ê-xorodô...

Xangô andava em guerra,

Vencia toda a terra,

Tinha, ao seu lado, Iansã

Pra lhe ajudar

Oxum era rainha,

Na mão direita tinha

O seu espelho, onde vivia

A se mirar

Quando Xangô voltou,

O povo celebrou

Teve uma festa que

Ninguém mais esqueceu

Tão linda Oxum entrou,

Que veio o rei Xangô

E a colocou no trono

Esquerdo ao lado seu.

Iansã, apaixonada,

Cravou a sua espada

No lugar vago que era

O trono da traição.

Chamou um temporal

E, no pavor geral,

Correu dali, gritando

A sua maldição:

"Eparrei, Iansã!"

A canção recria a disputa entre Oxum e Iansã pelo amor de Xangô, retratada

em tantos relatos mitológicos.

Quando o céu clarear

(Roque Ferreira)

Quando o céu clarear por cima do meu congado

Oxum vai descer com Xangô num cortejo dourado

Flor que a noite adormeceu vai despertar, perfumar o

Rio, a fonte, a lagoa e a beira do mar

Oxum vai se banhar nos braços de Xangô quando céu

Clarear

Quando o céu clarear, quando o céu clarear, vou levar

Meu amor pra lá quando o céu clarear [refrão 2x]

O meu amor vai se iluminar quando o povo das águas

Chegar e a estrela de Oxum brilhar

Obá de Xangô vai batendo o tambor pra meu amor

Dançar

Quando o céu clarear...

O amor de Oxum por Xangô, a relação entre a água e o fogo, a síntese entre esses dois elementos dão o tom dessa canção.

Oxum para crianças

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos sobre

labás:

Oxum é menina que gosta de rios e cachoeiras, sempre dengosa, bem-vestida, apumada. Adora arrumar os cabelos ao som das águas e se olhar no espelho para ver como está o penteado.

Por onde Oxum passa os peixes também navegam, trazendo colorido para as

águas. Oxum senta-se nas pedras e acarícia o dorso dos peixes com os pés.

Gosta de dançar na areia, à luz da lua. Pisa mansinho, miudinho, quase não se

escutam seus passos.

Os pássaros comem em suas mãos, pois sentem-se em casa. Sentem também

o amor e a doçura de Oxum. Ela gosta de alegria, música, poesia, festa. Quer ver

Oxum contente é convidá-la pra uma festa!

Oxum também gosta muito de flores, em especial as amarelas. Imagine sua

alegria quanto vê um campo de girassóis! Seus amigos costumam fazer a

seguinte surpresa: preparam um balaio bem bonito com flores e vão devagarinho

até a beira do rio, colocam o balaio nas águas, batem palmas e cantam. Quando

Oxum se vira para ver de onde vem tanta festa, o balaio segue a correnteza em

sua direção, ela sorri e abre os braços para receber o presente. Todos ficam

muito contentes. Outros preferem colocar rosas perto da cachoeira, que ela

recolhe. Há também amigos que preferem plantar flores perto de uma

cachoeira, para ela poder passear entre elas, até mesmo se sentar ali, ajeitar a

roupa e clato, ajeitar os cabelos.

Quando Oxum caminha, na verdade ela dança! E não poderia ser diferente: o

som de suas pulseiras convida o corpo a uma coreografia suave, ritmada.

Seu sorriso é sincero, acolhedor. Porém, como não existem apenas águas

calmas, mas corredeiras fortes e rodamoínhos, Oxum também se zanga, em

especial com toda a sujeira, todo o lixo jogados sem suas águas. Então seu olhar

fica firme, ela bota a mão na cintura, bate o pezinho e aponta o dedo na direção

dos sujismundos, pedindo que tomem mais cuidado com os rios, as nascentes,

com todas as águas. Ensina as crianças a não escovarem os dentes com a

torneira aberta, a beberem água enquanto brincam e estudam, a não entrarem

em águas onde não dá pé e a correnteza é braba.

No geral, Oxum resolve tudo na maior calma. Um dia, alguém estava muito

nervoso e queria discutir com Oxum. Ela deixou a pessoa esperando um bocão

de tempo enquanto arrumava os cabelos, ajeitava as pulseiras, enfim. Quando

terminou de se arrumar, a pessoa já havia ido embora e nem estava mais

irritada.

Oxum adora comer com os amigos à beira d'água, curtindo a paisagem. Gosta

muito de banana frita e ipeté (feito à base de inhame), omolucum (prato

preparado com feijão fradinho), moqueca e pirão de peixe. De sobremesa,

prefere quindim, aquele bem-feitinho, parecendo um sol.

Assim é Oxum, essa menina.

[IANSÍ](#)

Orixá guerreira, senhora dos ventos, das tempestades, dos trovões e também

dos espíritos desencarnados (eguns), conduzindo-os para outros planos, ao lado de

Obaluaé. Divindade do rio Níger, ou Oya, é sensual, representando o

arrebatamento, a paixão. De temperamento forte, foi esposa de Ogum, e depois

a mais importante esposa de Xangô (ambos tendo o fogo como elemento afim).

Irrequieta e impetuosa, é a senhora do movimento e, em algumas casas, também

a dona do teto da própria casa.

Uma de suas funções espirituais é trabalhar a consciência dos desencarnados

que estão à margem da Lei, para, então, poder encaminhá-los a outra linha de

evolução.

Características

Animais: borboleta (inseto), cabra amarela, coruja rajada.

Bebida: champagne.

Chacras: cardíaco e frontal.

Cor: amarela (coral).

Comemoração: 04 de dezembro (Santa Bárbara).

Comidas: acarajé, ipeté, bobó de inhame.

Contas: coral – amarelo, bordô, marrom ou vermelho.

Dia da semana: quarta-feira.

Elemento: fogo.

Elementos incompatíveis: abóbora, rato.

Ervas: cana-do-brejo, erva-prata, espada-de-Iansá, folha-de-louro (menos

para banho), erva-de-santa-bárbara, folha-de-fogo, colônia, mitanlea, folha da

canela, peregrum amarelo, catinga-de-mulata, parietária, pára-raio.

Essência: patchouli.

Flores: amarelas ou corais.

Metal: cobre.

Pedras: coral, comalina, granada, rubi.

Planetas: Júpiter, Lua.

Ponto da natureza: bambuzal.

Saudação: *Eparrei!* (Salve!)

Simbolos: inquerê, raio.

Sincretismos: Santa Bárbara, Santa Joana d'Arc, Santa Catarina.

SINCRETISMO

SANTA BÁRBARA

(04 de dezembro)

Segundo a tradição, Bárbara vivia encarcerada numa torre pelo próprio pai.

Convertida à fé cristã, fugiu e foi condenada à morte. O pai, substituindo o algoz,

cortou-lhe o pescoço com uma espada, sendo, então, atingido por um raio.

REGISTROS

Itãs

Oiá não podia ter filhos e, então, consultou um babalaá, que lhe aconselhou a

fazer uma oferenda com carneiro (agutã), búzios e roupas coloridas.

Iansá cumpriu o combinado à risca e teve nove filhos. Quando ia ao mercado

vender azeite de dendê todos comentavam "Lá vai Iansá!", ou seja, "Lá vai

aquela que se tornou mãe nove vezes!".

Em sinal de respeito e gratidão, Iansã não mais comeu carneiros. Iansã não podia ter filhos e por isso procurou um babalaô. Ele lhe explicou que engravidaria somente quando fosse possuída violentamente por um homem. Xangô, um dia, possuiu Iansã com violência e ela deu à luz nove filhos. Dos nove, oito eram mudos, e Iansã procurou novamente o babalaô, que lhe disse para fazer oferendas. Algum tempo depois nasceu um filho que não era mudo, mas tinha a voz bem rouca, cavernosa. Esse filho era Egungum, ancestral de cada família e cada cidade.

Quando Egungum vem dançar com seus descendentes, usando suas paramentas específicas, a única mulher diante da qual ele se curva é Iansã. O sacerdote de Ifá é o Babalaô ("pai do segredo", não confundir com o babalaô de Umbanda, sinônimo de dirigente espiritual ou babá). O Alabá é o chefe dos Oluús (o oluú é um grau entre os sacerdotes de Ifá), sendo alabá também o sacerdote-chefe da sociedade secreta Egungum, bem como título de honra de algumas autoridades do Candomblé, o que não deve ser confundido. O iniciante é chamado de Kekereá-Ifá, tornando-se Omo-Ifá (filho de Ifá) após o chamado pacto. O sistema divinatório de Ifá, aliás, não se restringe apenas aos búzios, mas abarca outras técnicas, dentre elas os iques (16 carochos de dendê) e o opelê (corrente fina, aberta em duas, contendo cada parte 04 carochos de dendê). O Culto a Ifá, cujo patrono é Orunmilá (símbolo: camaleão), tem crescido no Brasil, havendo diversas casas a ele dedicadas. Tanto Orunmilá quanto Exu têm permissão para estarem próximos a Olorum quando necessário, daí sua importância. Senhor dos destinos, Orunmilá rege o plano onírico; é aquele que

sabe tudo o que se passa sob a regência de Olorum, no presente, no passado e no futuro. Tendo acompanhado Oduúda na fundação de Ifé Ifé, é conhecido como "Eleri Ipin" ("testemunho de Deus" - aliás, sua saudação), "Ibiki Olodumaré" ("vice de Deus"), "Ghaiyegborun" ("o que está na terra e no céu") e "Opitan Ifé" ("o historiador de Ifé"). Por ordens de Olorum, além de ter participado da criação da terra e do homem, Orunmilá auxilia cada um a viver seu cotidiano e a vivenciar seu próprio caminho, isto é, o destino para seu Ori (Cabeça). Seus porta-vozes são os chamados babalaôs (pais do segredo), iniciados especificamente no culto a Ifá. No caso dos búzios, entretanto, os babalaôs são cada vez mais raros, sendo os mesmos lidos e interpretados por Babalorixás, Ialorixás e outros devidamente preparados (a preparação e as formas de leitura podem variar bastante do Candomblé para a Umbanda e de acordo com a orientação espiritual de cada casa e cada ledor/ledora). Cada ser humano é ligado diretamente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem como sua identidade mais profunda.

Oiá recebeu o conselho de sempre estar ao lado de seu marido, Xangô, e de não retornar à sua terra natal, onde estava sua família. Com o coração dividido, desconsiderou o conselho e retornou a Ifá. Porém, um dia, recebeu a notícia da morte de Xangô e ficou tão triste que transformou-se num rio, o Odô Oiá - também conhecido como rio Niger. Iansã adorava suas joias. Um dia quis sair de casa com elas, mas seus pais não permitiram, argumentando que era perigoso.

Tempestuosa, Iansã entregou suas jóias a Oxum e varou o teto da casa, voando, ventando. A liberdade do vento é considerada superior à coqueteria e à vaidade, atributos de Oxum, em oposição à sensualidade eólica de Iansã.

Orikis
O oriki abaixo é uma transcrição feita por Antonio Risério.
Oriki de Oiá-Iansã
Leopardo que come pimenta crua.
Mulher de vestes vistosas.
Cobaça rara, diante do marido.
Eparrei!
O que Xangô disse
Oú logo saberá.
Ela entende o que Xangô
Nem chegou a falar.

E o que ele quiser dizer
Oú dirá.
É É é-par-rei!
Oú, árvores desarvora.
Adeus, morte.
Minha mãe da roupa de fogo.
Nada de mentiras para ti.
Nada de mentiras para ti.
As marcas na tua pele que calam o alabé.
Oú á

Mulher neblina no ar.
Oú, leopardo que come pimenta crua.
Neste oriki, Iansã, mãe e mulher, mais uma vez aparece em paralelismo com alguns atributos de Xangô.

PONTOS CANTADOS

Iansã
Mulher divina do Axé
Eparrei, Oyá!
Santa Bdrbara ela é (2X)
Já trevejou
Já relampeou
Sua espada luminosa
Ela segurou
Eram duas ventarolas, eram duas ventarolas
Que iam beirando o mar (2X)
Uma era Iansã, eparrei!
A outra era Iemanjá, Odocidá! (2X)
Na Umbanda, ainda que pertencendo à chamada Linha d'Água (Iabás), Iansã também se associa ao vento, às tempestades e ao tempo.

MPB
A Deusa dos Orixás
(Romildo S. Bastos e Toninho Nascimento)
Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)

Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)
Iansã penteia os seus cabelos macios
Quando a luz da lua cheia clareia as águas do rio
Ogum sonhava com a filha de Nanã
E pensava que as estrelas eram os olhos de Iansã
Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)
Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)
Na terra dos orixás, o amor se dividia
Entre um deus que era de paz
E outro deus que combatia
Come a luta só termina quando existe um vencedor
Iansã virou rainha da coroa de Xangô
Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)
Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)
Deixa a gira girar
(Mateus Atelúia, Dadinho e Heraldo)

*Meu Pai veio de Aruanda
E a nossa Mãe é a Iansã
Meu Pai veio de Aruanda
E a nossa Mãe é a Iansã
Oh gira deixa a gira girar
Oh gira deixa a gira girar
Deixa a gira girar, saravá Iansã!
É Xangô e Iemanjá
Deixa a gira girar
Oh gira deixa a gira girar
Oh gira deixa a gira girar
Oh gira deixa a gira girar*
Dois clássicos da MPB que consagraram Iansã e outros Orixás no imaginário da cultura afro-brasileira, levando conceitos religiosos e espirituais, mitos e tradições para fora dos muros dos terreiros.s

ANANÁ

Associada às águas paradas e à lama dos pântanos, Nanã é a decana dos Orixás. De origem diáspórica, incorporada ao panteão torubá, foi a primeira esposa de Oxalá, tendo com ele três filhos: Iroko (ou Tempo), Obaluaê (ou Omolu) e Oxumaré.
Senhora da vida (lama primordial) e da morte (dissolução do corpo físico na terra), seu símbolo é o ibiri, feixe de ramos de folha de palmeiras, com a ponta curvada e enfeitado com búzios. Segundo a mitologia dos Orixás, trata-se do único Orixá a não ter reconhecido a soberania de Ogum por ser o senhor dos metais: pormetais. Por isso, nos Cultos de Nação, o corte (sacrifício de animais) feito a Nanã nunca é feito com faca de metal. Presente na chuva e na garoa: banhar-se com as águas da chuva é banhar-se no e com o elemento de Nanã. No tocante à reencarnação, envolve o espírito numa irradiação única, diluindo os acúmulos energéticos e adormecendo sua memória, de modo a ingressar na nova vida sem se lembrar das anteriores. Representa, ainda, a menopausa, enquanto Oxum estimula a sexualidade feminina e Iemanjá, a maternidade. Nanã rege a maturidade, bem como atua no racional dos seres.
Características
Animais: cabra, galinha e pata brancas.
Bebida: champanhe.
Chacras: frontal e cervical (nishudda).
Cores: roxo ou lilás (branco e azul).
Comemoração: 26 de julho (Sant'Ana).
Comidas: aborrum, feijão preto com purê de batata doce, mungunzá.
Contas: contas, firmas e miçangas de cristal lilás.
Corpo humano e saúde: dor de cabeça e problemas intestinais.
Dias da semana: sábado, segunda-feira.
Elemento: água.
Elementos incompatíveis: lâminas, multidões.
Ervas: manjerição roxo, ipê roxo, colônia, folha-da-quaresma, erva-de-passarinho, dama-da-noite, canela-de-velho, salsa-da-praia, manacá.
Essências: dália, limão, lírio, narciso, orquídea.
Flores: roxas.
Metais: latão, níquel.
Pedras: ametista, cacoxenita, tanzanita.
Planetas: Lua e Mercúrio.
Pontos da natureza/de firmeza: águas profundas, cemitérios, lama, lagos, pântanos.
Saudação: *Saluba, Nanã!* ("Nós nos refugiamos em Nanã!"); ou "Salve a

Senhora da Lama/do Poço", ou ainda "Salve a Senhora da Morte!")
Símbolos: chuva, ibiri.
Sincretismo: Sant'Ana.
SINCRETISMO
NOSSA SENHORA DE SANT'ANA
(26 de julho)
Segundo a tradição, mãe de Maria e, portanto, avó de Jesus. Esposa de São Josafim.
REGISTROS
Ialá
Quando recebeu ordens de Olorum para criar o homem, Oxalá se utilizou, sem sucesso, de várias matérias-primas.
Tentou o ar, mas o homem se desfez rapidamente. Experimentou a madeira, mas o homem ficou muito duro. O mesmo, e com mais intensidade, aconteceu com a pedra. Com o fogo, nada feito, pois o homem se consumiu. Oxalá tentou outros elementos, como água e azeite.
Então Nanã, com seu ibiri, apontou para o fundo do lago e de lá retirou a lama, que entregou a Oxalá para ele fazer o homem. Deu certo: o homem foi modelado de barro e, com o sopro de Olorum, ganhou vida.
Quando morreu, o corpo físico do homem retorna à terra de onde veio por empréstimo de Nanã.
Naná, a força do feminino como co-participante da criação do homem.
Animus e anima integrados.
Naná teve dois filhos: Oxumaré e Omolu. Oxumaré era lindo, Omolu era feio. Então Nanã cobriu Omolu com palhas para que não fosse visto e ninguém risse dele.
Quanto a Oxumaré, que tinha a beleza do homem, da mulher e das cores, Nanã o elevou até o céu e aí o pregou, onde pode ser admirado em suas cores, quando o arco-íris vem com a chuva.
No fundo, os dois filhos passaram a viver solitariamente e longe da mãe. A partir do itá, pode-se refletir sobre a opção entre "criar os filhos para o mundo" ou superprotegê-los.
Naná e Ogum eram rivais.

Ogum é o senhor do ferro, do aço e dos metais. Sem ele, não havia sacrifícios. Por isso era sempre louvado, lembrado antes dos sacrifícios rituais.
Irritada com o devotamento a Ogum, Nanã afirmou que não precisaria mais dele. Ogum perguntou como comeria sem faca. Nanã decretou que os sacrifícios a ela seriam feitos sem faca e, portanto, sem a necessidade de se pedir licença a Ogum.
Passado e presente degladiam. Tecnologia e mudanças. A metalurgia se sobrepondo às eras em que o ferro não era de todo conhecido ou utilizado.
Oríkí
O oríkí abaixo (ou fragmento) foi coletado e traduzido por Pierre Verger.
Proprietária de um cajado.
Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.
Orixá que obriga os fon a falar nação.
Minha mãe era inicialmente da região bariba.
Água parada que mata de repente.
Ela mata uma cabra sem utilizar a faca.
O oríkí apresenta alguns aspectos da migração histórica do culto a Nanã, bem como o respeito à particularidade da não-utilização da faca de metal.
PONTOS CANTADOS

São flores, Nanã, são flores
São flores, Nanã Buruquê
São flores, Nanã, são flores
De meu Pai Obaluaê (2X)
Na hora da agonia
É ele quem vem nos valer
É seu filho, Nanã, é meu pai, Nanã
Ele é Obaluaê (2X)
Oh Nanã Adjaosi, olha eu
Oh Nanã Adjaosi, olha eu
Oh Nanã, o que pedir
Você me dá
Oh Nanã o que eu pedir
Você me dá

Em ambos os pontos Nanã aparece associada a Obaluaê (Adjaosi é uma qualidade de Nanã que caminha com Omolu).

MPB

Cordeiro de Nanã
(Mateus Aleluia)
*Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não
Preferir ficar calado que falar e levar não
O meu silêncio é uma singela oração a minha santa de fé
Meu cantar vibra as forças que sustentam meu viver
Meu cantar é um apelo que eu faço a Nanã é
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É
O que peço no momento é silêncio e atenção
Quero contar sofrimento que passamos sem razão
O meu lamento se criou na escravidão que forçado passei
Eu chorei, sofri as duras dores da humilhação
Mas ganhei pois eu trazia Nanã é no coração
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É
SOU DE NANÃ É UÁ É UÁ É UÁ É*
A paciência e a sabedoria de Nanã orientam a voz poética, segundo seu relato.

NANÃ PARA CRIANÇAS

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos sobre Iabás.
Naná é a avó de quem todos tomam a bênção. É a matriarca doce e firme que protege filhos e netos. Velhinha bastante animada, adora dançar com seus passos lentos. Como seu ritmo é mais suave, Nanã gosta de viver mais recolhida, onde houver águas paradas, em águas profundas, nos lagos e nos pântanos, por exemplo. Também pode ser vista passeando nos cemitérios, como a lembrar a todos nós que nossos corpos um dia vão se juntar à terra, ao pó, à lama.

Carrega sempre consigo o ibiri, uma espécie de feixe de ramos de folhas de palmeiras, com a ponta recurvada e enfeitado com búzios. Com ele nos braços, como a embalar um bebê, Nanã faz sua coreografia, em especial na chuva e na garoa: é uma avózinha radical!
Ainda sempre arrumadinha, alinhada, não gosta de sujeira ou bagunça. Sua cor preferida é o roxo, ou mesmo o lilás. Gosta muito de receber flores com essas cores. Não dispensa um bom prato: aburum (milho torrado e pilado), feijão preto com purê de batata doce e, de sobremesa, mungunzá (canjica).
Os mais velhos contam que, quando recebeu ordens de Olorum (Deus Supremo) para criar o homem, Oxalá (Pai Maior dos Orixás) se utilizou, sem sucesso, de várias matérias-primas. Tentou o ar, mas o homem se desfez rapidamente. Experimentou a madeira, mas o homem ficou muito duro. O mesmo, e com mais intensidade, aconteceu com a pedra. Com o fogo, nada feito, pois o homem se consumiu. Oxalá tentou outros elementos, como água e azeite. Nada funcionava. Então Nanã, com seu ibiri, apontou para o fundo do lago e de lá retirou a lama que entregou a Oxalá para ele fazer o homem. Deu certo: o homem foi modelado de barro e, com o sopro de Olorum, ganhou vida. Por isso, quando morre, o corpo físico do ser humano retorna à terra de onde veio por empréstimo de Nanã, aquela que passeia pelos cemitérios.
Assim é Nanã, essa matriarca.

LEMANJÁ

Considerada a mãe dos Orixás, divindade dos Egbé, da Nação Iorubá, está ligada ao rio Yemojá. No Brasil, é a rainha das águas e dos mares. Protetora de pescadores e jangadeiros, suas festas são muito populares no país, tanto no Candomblé quanto na Umbanda, especialmente no extenso litoral brasileiro.
Senhora dos mares, das marés, da onda, da ressaca, dos maremotos, da pesca, da vida marinha em geral.
Conhecida como Deusa das Pérolas, é o Orixá que apara a cabeça dos bebês na hora do nascimento. Rege os lares, as casas, as uniões, as festas de casamento, as comemorações familiares. Responsável pela união e pelo sentido de família, seja por laços consanguíneos ou não.
Características
Animais: peixe, cabra branca, pata ou galinha branca.
Bebidas: água mineral, champanhe.
Chacra: frontal.
Cor: cristal (branco, azul claro, rosa claro, verde claro).
Comemorações: 02 de fevereiro, 08 de dezembro, 15 de agosto.
Comidas: arroz, canjica, camarão, mamão, manjar, peixe.
Contas: contas e miçangas de cristal, com firmas em cristal.
Corpo humano e saúde: psiquismo, sistema nervoso.
Dia da semana: sábado.
Elemento: água.
Elementos incompatíveis: poeira, sapo.
Ervas: colônia, pata-de-vaca, embaúba, abebê, jarrinha, golfo, rama-de-leite.
Essências: jasmim, rosa branca, crisântemo, orquídea.
Flores: rosas brancas, palmas brancas, angélicas, orquídeas e crisântemos brancos.
Metal: prata.
Pedras: água marinha, calcedônia, lápis-lazúli, pérola, turquesa.
Planeta: Lua.
Ponto da natureza: mar.
Saudações: *Odoyá!*, *Odoyá!* ou *Odofabá!* ("Mãe das Águas!")
Símbolos: lua minguante, ondas, peixes.
Sincretismo: N. sra. das Candeias, N. sra. da Glória, N. sra. dos Navegantes, N. sra. da Imaculada Conceição.

SINCRETISMO

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

(Festa: 02 de fevereiro)
Celebra em diversas localidades do país, em rios e mares. Principalmente as casas de Candomblé festejam Iemanjá nessa data, em diversos pontos do litoral

brasileiro.

NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS

Também celebrada em 02 de fevereiro, trata-se da festa de purificação de Nossa Senhora, conforme os preceitos judaicos.

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

(Festa: 15 de agosto)

A data associava-se, ainda, à Assunção de Nossa Senhora, que passou a ser celebrada no domingo seguinte ao 15 de agosto, em alteração do calendário da Igreja Católica para atender às particularidades do povo brasileiro.

NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

(Festa: 08 de dezembro)

Enquanto no Candomblé geralmente se celebra Oxum nessa data, na Umbanda a maioria das casas festeja Iemanjá, em vários pontos do litoral brasileiro. A Imaculada Conceição de Maria é um dogma da Igreja Católica, proclamado solenemente pelo Papa Pio em 1854, embora houvesse antecedentes na história da Igreja.

REGISTROS

Itãs

Obatalá e Oduduá^[2], Céu e Terra, geraram Aganju e Iemanjá.

Aganju e Iemanjá geraram Orungá, apaixonado pela própria mãe.

Um dia, com o pai ausente, Orungá violentou Iemanjá, que, estarrecida, fugiu em disparada, perseguida por ele. Quando estava prestes a ser alcançada,

Iemanjá caiu. Seu corpo cresceu e cresceu, como vales e montanhas. Dos seios surgiram dois rios, que se juntaram numa lagoa, da qual se formou o mar.

De seu ventre, que também havia crescido de modo incomum, nasceram os Orixás.

Diversos mitos abordam questões de tabu, como o incesto. Toda a feminilidade de Iemanjá favorece a reprodução: dos seios túrgidos surgem as águas,

fundamentais para a existência; do ventre, nascem os Orixás.

Iemanjá, como seu companheiro Aganju, é fruto do Céu e da Terra: as

polaridades horizontais (masculino e feminino) conjugam-se a partir das

polaridades verticais (Céu e Terra), corpo e espírito fundamentando a existência.

Iemanjá, muito linda, um dia veio à praia e conheceu um pescador, levando-o para sua morada no fundo do mar. Amaram-se com ardor; porém, por ser humano, o pescador morreu afogado. Iemanjá, então, devolveu seu corpo, sem vida.

Desejosa de amar, a cada noite se enamora de um pescador que saiu ao mar,

leva-o para as profundezas, amam-se, o homem morre afogado e o corpo é devolvido à praia.

Por esse motivo, noivas e esposas pedem a Iemanjá que não leve seus homens e lhe ofertam presentes.

Oduduá, aqui, assim como em diversas fontes, aparece como elemento feminino

- o que, segundo Verger, resulta da confusão feita com Yemowo por parte de

autores que, ao longo do tempo, copiaram-se mutuamente.

Narraiva em que o elemento masculino aparece morto a cada ato sexual,

sendo necessário que se encontre outro, à primeira vista assemelha-se à

narrativa-base de Scherazade, em que a cada manhã a esposa do príncipe

Shariat era morta, sendo necessária nova múpica. Contudo, no itã, lido em

profundidade, o elemento amoroso não é anulado: antes é dissociado do físico, do

corpóreo, do material, para adentrar no plano dos mistérios. O corpo pertence à

terra (praia), o espírito pertence ao infinito (profundezas dos oceanos) - que,

certamente, aqui pode ser lido como sinônimo da eternidade. O corpo não é

negado (pois ele, aliás, é imprescindível para a conjugação carnal), mas

compreendido como fundamental para esta existência, e não para viagens

(mergulhos) mais profundos.

Desde o início da criação, os seres humanos começaram a poluir o mar. Por

essa razão, Iemanjá e sua casa viviam sujas. Então Iemanjá foi reclamar com

Olorum, que lhe deu o poder de devolver à praia tudo o que sujasse as águas do

mar. Surgiram, assim, as ondas, que devolvem à terra o que não pertence ao mar.

Itã de matriz ecológica sobre a responsabilidade de cuidar do que é seu e de

todos, antes que a natureza reaja com veemência.

Evoca a Lei de Ação e Reação, segundo a qual tudo o que se mobiliza

energicamente produz uma força reativa na mesma proporção - o que,

popularmente e por influência de diversos segmentos da Espiritualidade da Índia,

se conhece como karma.

Orixis

O oriki abaixo é uma transcrição literária de Antonio Risério a partir do

torubá:

Oriki de Iemanjá

Iemanjá que se estende na amplidão

Aiubá que vive na água funda

Faz a mata virar estrada

Bebe cachaça na cabaça

Permanece plena em presença do rei.

Iemanjá se revira quando vem a ventania

Gira e rodopia em volta da vila.

Iemanjá descontente destrói pontes.

Come na casa, come no rio.

Mãe senhora do seio que chora.

Pelo espesso na buceta

Buceta seca no sono

Como inhame ressequido.

Mar, dono do mundo, que sara qualquer pessoa.

Velha dona do mar.

Fêmea-flauta acorda em acordes na casa do rei.

Descansa qualquer um em qualquer terra.

Cá na terra, cá - à flor d'água, fala.

A Rainha do Mar, em sua plenitude de feminilidade, sensualidade erotismo,

com características bastante humanas.

O oriki abaixo foi recolhido por Pierre Verger:

Rainha das águas que vem da casa de Olokun.

Ela usa, no mercado, um vestido de contas.

Ela espera orgulhosamente sentada, diante do rei.

Rainha que vive nas profundezas das águas.

Ela anda à volta da cidade.

Insatisfeita, derruba as pontes.

Ela é proprietária de um fuzil de cobre.

Nossa mãe de seios chorosos.

Este oriki privilegia aspectos da maternidade, da mãe-nutriz altaneira, cujas

características são marinhas (origem, vestimentas), dotada da força e do poder

das águas.

PONTOS CANTADOS

Eu vou levar

Vou levar flores no mar

Eu vou jogar!

Uma promessa eu fiz

Para a deusa do mar

O meu pedido atendeu

Ea prometi, vou pagar

Eu vou jogar!

Vou jogar flores no mar

Eu vou jogar!

A fé, a confiança e a gratidão a Iemanjá dão a tônica deste ponto. Não se trata de um "toma lá, dá cá" espiritual, e, sim, de uma troca energética que resulta num presente filial ofertado à mãe, que protege, ampara e sabe das reais necessidades de seus filhos.

Iê Iemanjá

Iê Iemanjá

Rainha das ondas, sereia do mar

Rainha das ondas, sereia do mar

Como é lindo o canto de Iemanjá

Ele faz o pescador chorar

Quem escuta a mãe d'água cantar

Vai com ela pro fundo do mar

Iemanjá!

Iê Iemanjá

Iê Iemanjá

Rainha das ondas, sereias do mar

Rainha das ondas, sereias do mar

O mar, ponto de força por excelência de Iemanjá, é pleno de amor, que leva até um pescador (arquétipo do masculino vivido e experimentado nas durezas do mar, isto é, da vida) a se encantar e se emocionar. Ir ao fundo do mar ao ouvir o canto de Iemanjá não significa necessariamente se afogar, e, sim, penetrar, ao menos em parte, em seus mistérios, conectando-se com esse Orixá.

Eu vou à Praia Grande

Eu vou pro mar

Levar botões de rosas

Pra Iemanjá

Eu vou à praia

Vou riscar ponto na areia

Vou pedir à Mãe Sereia

Todas as forças do mar

Que nos proteja

Com seu manto inteiro branco

E com todos os encantos

Que tem as ondas do mar

Praia Grande é um dos grandes centros de peregrinação do litoral paulistano, em especial na festa de 08 de dezembro - que, de tantos terrenos que afluem à cidade, teve de ser desmembrada em dois finais de semana. A cidade associa-se a Iemanjá de forma simbiótica, tanto no que tange às casas religiosas de matriz africana, quanto no imaginário de turistas e curiosos em acompanhar os trabalhos.

MPB

Conto de areia

(Letra e música: Romildo Bastos e Toninho Nascimento)

É água no mar,

É água no mar é maré cheia ô, maréia ô, maréia,

Contam que toda tristeza que tem na Bahia,

Nasceu de uns olhos morenos molhados de mar,

Não sei se é conto de areia ou se é fantasia,

Que a luz da candeia alumia pra gente cantar,

Um dia a morena enfeitada de rosas e rendas,

Abria seu sorriso de moça e pediu pra dançar,

A noite emprestou as estrelas bordadas de prata,

E as águas de Amaralina eram gotas de luar,

Era um peito só cheio de promessa era só,

Era um peito só cheio de promessa era só,

Era um peito só cheio de promessa era só,

Era um peito só cheio de promessa era só,

Quem foi que mandou o seu amor se fazer de canoeiro,

O vento que rola nas palmas arrasta o veleiro,

E leva pro meio das águas de Iemanjá,

E o mestre valente vaguetia olhando pra areia sem poder chegar,

Adeus amor,

Adeus meu amor não me espera porque eu já vou-me embora,

Pro reino que esconde os tesouros de minha senhora,

Desfia colares de conchas pra vida passar,

E deixa de olhar pro veleiro,

Adeus meu amor eu não vou mais voltar,

Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou,

Foi beira-mar é, foi beira-mar...

Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou,

Foi beira-mar é, foi beira-mar...

É água no mar

É água no mar

É maré cheia ô

Mareia ô

Mareia

É água no mar

É água no mar

É maré cheia ô

É água no mar

Mareia ô

Conforme o imaginário popular, a irresistível Iemanjá arrasta para seu reino os homens do mar – voluntariamente, como reza a letra da canção, diante do fascínio da Rainha do Mar, de sua beleza e de seus mistérios.

A canção teve diversas gravações, contudo, foi eternizada pela voz de Clara Nunes.

Lenda das Sereias

(Vicente Mattos, Dinoel Sampaio, Arlindo Velloso)

Ogumê, Marabô

Caiala e Sobá

Oloxam, Ynaê

Janaina e Yemanjá

São rainhas do mar

Mar, misterioso mar

Que vem do horizonte

É o berço das sereias

Lendário e fascinante

Olha o canto da sereia

lalaô, oquê, ialoô

Em noite de lua cheia

Ouço a sereia cantar

E o luar sorrindo

Enão se encanta

Com as doces melodias

Os madrigais vão despertar

Ela mora no mar

Ela brinca na areia

No balanço das ondas

A paz ela semeia

Ela mora no mar

*Ela brinca na areia
No balanço das ondas
A paz, ela semeia
Toda a corte engalanada
Transformando o mar em flor
Vê o Império enamorado
Chegar à morada do amor
Oguntê, Marabô
Caiala e Sobá
Oloxum, Ynaê
Janaina e Yemanjá
São rainhas do mar*

Fonte inesgotável de mistérios, o mar atrai a todos - em especial na lua cheia, associada ao romantismo e à boa visão do que é noturno, momento especial para avistar e contemplar Iemanjá em seus domínios, brincando e espalhando seu Axé.

Tendo várias gravações, sendo a mais conhecida a de Marisa Monte (MM, de 1989), "Lenda das Sereias" foi samba enredo da Escola de Samba Império Serrano, em 1976 ("Lenda das Sereias, Rainhas do Mar").

A canção evoca alguns nomes e qualidades de Iemanjá.

Unicamente
(Deborah Blando)
*Vem sentir
A era das águas
O velho tempo terminou
Somos filhos
Da mãe natureza
Ventre do total amor
Segue-se a história
Herdade de Atlantis
Todo começo é o caos
A raça humana, eterna mutante
Nasce ao plano astral*

*Raiou o sol
Que haja luz no novo dia
A voz da fé
É a sombra que te guia
Eu vou buscar
No silêncio do teu mar
Linda sereia
Odoia Yemanjá
Nas ondas
Que lavam a terra
Vem tecendo um espiral
Tom sereno
Que pulsa no mantra
Do teu canto sideral
Deusa da fonte
Rede gigante
Espelho do eterno altar
Dom da visão, do vôo distante
O sonho pra nos lembrar
Raiou o sol
Olha o mar, que alegria
Sentir você
É viver em harmonia
Eu vou buscar
Pedras brancas pra te dar
Linda sereia
Odoia Yemanjá
Vem sentir
Somos divinos
Grão de areia da razão
Num só corpo
De única mente
Esse é o motivo
Incerto destino
Tempo é uma ilusão
Íris da noite*

*Ela revela
A próxima dimensão
Raiou o sol
Que haja luz no novo dia
A voz da fé
É a sombra que te guia
Eu vou buscar
No silêncio do teu mar
Linda sereia
Odoia Yemanjá
Raiou o sol
Olha o mar, que alegria
Sentir você
É viver em harmonia
Eu vou buscar
Pedras brancas pra te dar
Linda sereia
Odoia Yemanjá
A era das águas, em que os filhos do Sol se reúnem para dançar integrados à natureza, desenrola-se na canção sob as bênçãos de Iemanjá, que inauguram um novo tempo.
Sexy Iemanjá
(Pepeu Gomes)
A noite vai ter lua cheia
Tudo pode acontecer
A noite vai ter lua cheia
Quem eu amo vem me ver
Tem a ver com o mar
Um luar solar
É o amor que me incendeia
Vou sair de mim
Leve como o ar
E aguardar minha sereia
Se ela me chamar
E quiser me amar
Eu vou, vou vou, vou vou vou vou vou
Sexy Yemanjá
Tudo a ver com o mar
A noite vai ter lua cheia*

*A noite vai ter lua cheia
Tudo pode acontecer
A noite vai ter lua cheia*

*Quem eu amo vem me ver
Vou me preparar, num banho de mar
Prometo pra ser todo seu
Vou amar demais, quero estar em paz
Entre nós só sexo e Deus
Se ela me chamar
E quiser me amar
Eu vou, vou vou, vou vou, vou, vou, vou, vou, vou, vou...
Sexy Yemanjá
Tudo a ver com o mar
A noite vai ter lua cheia
A noite vai ter lua cheia
Quem eu amo vem me ver
A noite vai ter lua cheia
Olha a lua!
E tudo pode acontecer
Ai, papá
Eu só quero lembrar
Que a luz da lua
Vem do sol...
Ai, papá
Eu só quero lembrar
Que a luz da lua
Vem do sol...
A sedução dos mistérios de Iemanjá, personificada em mulher e num clima romântico de lua cheia, de luar, com a sensualidade dos trópicos da América Latina por vezes estandardizada (o texto em português se mescla a palavras em espanhol), num ritmo próximo da salsa, é a tônica desta canção.*

IEMANJÁ PARA CRIANÇAS

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos sobre Iabás. Iemanjá adora uma praia. Pode ser vista no mar, descansando nas pedras, caminhando lentamente pela areia, sempre formosa, altiva, atenta a seus filhos e aos pescadores, jangadeiros, surfistas, a todos que elege o mar como seu santuário. Conhece o ritmo das ondas, os segredos das ondas, a localização de tesouros perdidos, as qualidades dos peixes. Em suas mãos, até os tubarões se amansam. As baleias cantam para Iemanjá. À noite, para ela dormir. Os golfinhos fazem acrobacias quando ela acorda e se espreguiça enquanto o sol se

abre. Mãe dos peixes até no nome (Iemanjá significa "Mãe cujos filhos são peixes"), adora dançar. Por isso coordena a coreografia de seus filhos peixes e humanos, assim como a dança das ondas, das marés, das ressacas. Festa de Iemanjá é sinônimo de alegria, pois a mãe é muito querida. Festa para mãe tem sempre muita gente, não é? Com Iemanjá não seria diferente, basta olhar o tamanho do quintal dela: todo o litoral brasileiro! Por ser mãe experiente, sabe orientar para que as famílias, as uniões todas, os lares sejam harmoniosos, abençoados pela água e pelo sal. E os filhos gostam de ver a mãe sempre bonita, por isso lhe dão flores e perfumes. Agora, quem nunca viu uma mãe irritada? Quando Iemanjá encontra sujeira na praia (no mar, na areia, nas pedras), fica muito braba, chama atenção, dá sermão, bota as mãos na cintura, inclina o corpo, aponta o dedo, ai, ai. Faz as ondas trazerem a sujeira de volta para que os filhos recolham sozinhos, como crianças que têm de aprender a guardar os brinquedos. É mãe carinhosa, mas não mima filho nenhum... Sábria e experiente, Iemanjá não é mulher de fugir de problemas. Os mais velhos contam que o Sol andava muito cansado de tanto brilhar. Além disso, tudo andava se queimando na Terra. Então Iemanjá propôs ao Sol que descansasse. Com alguns raios de Sol que havia guardado por debaixo da saia, ela fez um novo astro, mais suave, menos intenso, que passou a iluminar e refrescar a Terra enquanto o Sol dormia: a Lua. Enquanto o Sol dorme, as estrelas vejam seu sono e a Lua dá conta do recado. No dia seguinte, tudo recomeça. Iemanjá, do mar e das pedras, contempla satisfeita sua invenção. Iemanjá gosta de rosas e palmas brancas, crisântemos também brancos, orquídeas, angélicas. Mulher vaidosa, geralmente se veste de azul, como o mar (e o mar não parece uma extensão do vestido de Iemanjá?). Às vezes aparece como sereia, e a coisa mais linda é vê-la penteando os cabelos à luz da lua ou de algum farol. Os filhos lhe fazem festa com seus pratos preferidos: arroz, canjica, camarão, peixe. De sobremesa, gosta de mamão, mas não dispensa um bom manjar; afinal, festa é festa! Assim é Iemanjá, essa mãe.

ORAÇÕES
(Recolhidas por Ernesto Santana e Eulina d'Íansã)
Prece a Iemanjá
Poderosa força das águas.

*Inaê, Janaína, Sereia do Mar,
Saravá, minha Mãe Iemanjá!
Leva para as profundezas do teu mar sagrado.
Odoiá... Todas as minhas desventuras e infortúnios.
Traz do teu mar todas as forças espirituais,
Para alento de nossas necessidades.
Paz, esperança, Odofabá...
Saravá, minha Mãe Iemanjá!
Odofabá...
Oração a Iemanjá
Vós que governais as águas, derramai sobre a humanidade a vossa proteção. Ó Divina Mãe, que uma descarga de limpeza caia sobre os corpos materiais e auras da humana gente, incutindo nos corações de todos o respeito e a veneração a essa força da natureza que simbolizais.
Fluidificai, Senhora, nossos espíritos, descarregai de nossa matéria as impurezas. Permite que nossas falanges organizadas nos protejam e amparem. Assim também fazendo com toda a humanidade, Senhora Iemanjá, guardai-nos para todo o sempre. Salve, Iemanjá, salve a Rainha do Mar.
Proteção de Iemanjá
Rainha das águas salgadas, protetora dos sete mares, dona da Calunga Maior, com todas estas forças, Senhora, protege-me para que eu não caia em ciladas armadas pelo destino. Eu, que ele desconheço, te rogo, Mãe Iemanjá, assim como a senhora guarda e protege os tesouros do fundo do mar, me guarda e me protege. Purifica, minha sagrada Mãe, tudo à minha volta e ao redor de todos que vivem comigo. Não permites, Senhora, que eu tome qualquer iniciativa perversa contra qualquer pessoa que de alguma forma queira me atingir. Dá-me forças para que eu perdoe, que eles sejam meus irmãos e meus amigos, na força das tuas águas. Assim seja e assim será. Axé!
Reza à Mãe Sereia
Ó, Puríssima Senhora, que o reflexo que a lua faz: nas tuas águas possa também recair sobre minhas necessidades. Que não haja trevas em minha vida, que a fé que deposito em teu axé possa ser a bússola do meu futuro, e que, com o teu manto sagrado cravejado de estrelas, ampare meus filhos das maléficis marolas da vida material. Que marolas do bem, governadas pela tua força, possam levar para o infinito as maldades que perseguem minha vida. Axé.*

Obaluaê, com as variações de Obaluaé e Abaluaí, tem culto originário no Daomê. Filho de Nanã, irmão de Iroko e Oxumaré, tem o corpo e o rosto cobertos por palha-da-costa, a fim de esconder as marcas da varíola, ou, segundo outras lendas, por ter o brilho do próprio sol e não poder ser olhado de frente. Foi criado por Iemanjá, pois Nanã o rejeitara por ser feio, manco e com o corpo coberto de feridas.

Orixá responsável pelas passagens, de plano para plano, de dimensão para dimensão, da carne para o espírito, do espírito para a carne. Orixá responsável pela saúde e pelas doenças, possui estreita ligação com a morte. Enquanto sua mãe se responsabiliza pela decantação dos espíritos que reencarnarão, Obaluaê estabelece o cordão energético que une espírito e feto, que será recebido no útero materno assim que tiver o desenvolvimento celular básico, vale dizer, o dos órgãos físicos. Em linhas gerais, Obaluaê é a forma mais jovem do Orixá, enquanto Omolu é sua versão mais velha, embora para a maioria as figuras e os arquétipos sejam idênticos.

Conhecido como médico dos pobres, com seu xaxará (feixe de piaçavas ou maço de palha-da-costa, enfeitado com búzios e miçangas) afasta as enfermidades, trazendo a cura. Também é o guardião das almas que ainda não se libertaram do corpo físico e senhor da calunga (cemitério). Os falangeiros do Orixá são os responsáveis por desligar o chamado cordão de prata (fios de agregação astral-físicos), responsável pela ligação entre o perispírito e o corpo carnal. Atuam em locais de manifestação do pré e do pós-morte, tais como hospitais, necrotérios e outros, com vistas a não permitir que espíritos vampirizadores se alimentem do duplo etérico dos desencarnados ou dos que estão próximos do desencarne. Além disso, auxiliam os profissionais da área da saúde, de terapias holísticas e afins, bem como aliviam as dores dos que padecem.

Características
Animais: cachorro, caranguejo, galinha-de-angola, peixes de couro.
Bebidas: água mineral, vinho tinto.
Chakra: básico.
Cores: preto e branco.
Comemoração: 16 de agosto (São Roque), 17 de dezembro (São Lázaro).
Comidas: feijão preto, carne de porco, deburu, abado, latipá, iberim.
Contas: contas e miçangas brancas e pretas leitosas.
Corpo humano e saúde: todas as partes do corpo.
Dia da semana: segunda-feira.
Elemento: terra.

Elementos incompatíveis: claridade, sapo.
Ervas: canela-de-velho, erva-de-bicho, erva-de-passarinho, barba-de-milho, barba-de-velho, cinco-chagas, fortuna, hera.
Essências: cravo, menta.
Flor: monsenhor branco.
Metal: chumbo.
Pedras: obsidiana, olho-de-gato, ônix.
Planeta: Saturno.
Pontos da natureza/de força: cemitérios, grutas, praia.
Saudação: *Aioô!* (Significa "Silêncio!"; uma vez que Obaluaê pede silêncio, respeito, seriedade).
Símbolos: cruz, cruzeiro.
Sincretismo: São Roque, São Lázaro.

SINCRETISMO
SÃO ROQUE
(17 de agosto)
Natural de Montpellier, França, no século XV, auxiliava vítimas da peste pela Itália. Quando contraiu a doença, peregrinou solitário. Representações iconográficas mostram um cão que teria levado um pão para Roque não morrer de fome. Teria morrido em Angera, Itália, numa prisão, confundido com um espião - ou em Montpellier, segundo outras fontes.

SÃO LAZARO
(17 de dezembro)
Segundo a tradição, irmão de Marta e Maria que teria sido ressuscitado por Jesus e posteriormente sofrido martírio em Marselha. A ele se associam a lepra e os cães que lhe lambem as feridas, provavelmente por associação a outro Lázaro, o da parábola sobre o rico e o pobre (Lc 16, 19-31).

REGISTROS
Itãs
Obaluaê menino desobedecia à sua mãe. Ela lhe havia dito para não pisar nas flores brancas do jardim onde o menino brincava. Ele pisou de propósito e, quando se deu conta, seu corpo estava cheio de flores brancas que se transformaram em feridas.
O menino, agora, estava com medo e pedia socorro à mãe, que lhe contou que a varíola havia lhe atacado por ser desobediente, mas ela o ajudaria.
Então a mãe de Obaluaê jogou pipocas em seu corpo e as feridas

desapareceram.
O menino deixou o jardim tão saudável quanto estava quando havia entrado nele.
Ao voltar à aldeia natal, Obaluaê viu uma grande festa, com todos os Orixás. Porém, em razão da própria aparência, não ousava entrar na festa. Ogum tentou ajudá-lo, cobrindo-o com uma roupa de palha que escondia até sua cabeça.
Obaluaê entrou na festa, mas não se sentia à vontade. Iansã, que tudo acompanhava, teve muita compaixão de Obaluaê.
Então a senhora dos ventos esperou que Obaluaê fosse para o centro do barracão onde ocorria a festa e os Orixás dançavam animados. Soprou as roupas de Obaluaê, as palhas se levantaram com o vento, as feridas de Obaluaê pularam, numa chuva de pipoca.
Obaluaê, agora um jovem bastante atraente, tomou-se amigo de Iansã Igbale, ambos reinando sobre os espíritos (eguns).
Omolu foi abandonado por sua mãe, Nanã, numa gruta perto da praia, e criado por Iemanjá, que lavou suas feridas com a água do mar, o sal as secou. Para quem ninguém visse as cicatrizes, fez para ele uma roupa de ráfia.
Omolu seguia pelas aldeias, ora dando saúde, ora deitando doenças.
Iemanjá pensou que seu filho adotivo estava curado e vigoroso, mas não podia ser pobre. Então, bastante próspera, lhe deu pérolas.
Omolu tornou-se rico, trazendo sob a roupa de ráfia muitos colares de pérolas. Passou a ser conhecido como Jeholu, isto é, o Senhor das Pérolas.
Os três itãs tratam das dores de Obaluaê (inclusive criança) e Omolu, de sua cura e redenção.

Orikis
O oriki abaixo é uma transcrição do iorubá para o português feita por Antonio Risério.
Oriki de Omolu
*Ele desperta e presto apanha o patuá.
Elefante que fere não conhece a ferida.
Nos achamos no mata e puxamos machado.
Esta árvore é odá ou não é?
Mete o machado e verás.*

*Ele vai devagar e dá na cura da criança.
Escorpião tem ferrão arqueado
Cobra não conversa com malcriado.
Ente potente.*

*Ele cá e –feito espinho – fecha o caminho.
Com a testa de Oluò ele mói elegbá
Com Ojiboná dilacera Xiguda
Mata um ijebu que tinha axé e voz dentro da boca.
Por ser Orixá mais velho, sisudo mesmo, Omolu gosta de tudo certo,
organizado e respeitoso.*

PONTOS CANTADOS

Meu padrinho Obaluaé

O que “vós quer” para comer?

Quero pipoca estourada no azeite de dendê

Também quero um copo d’água para meus filhos benzer

Meu padrinho Obaluaé

O que “vós quer” para comer?

Quero farinha amarela no azeite de dendê

Também quero um copo d’água para meus filhos benzer

Omolu é, Omoluá

Omolué, Omolu é Orixá

Cadê a chave do baú?

Tá com o velho Omolu

Pai Curador, Omolu abençoa a todos, protege e promove a saúde em todos os níveis (físico, espiritual, psíquico, etc.).

OUTROS ORIXÁS CULTUADOS NA UM BANDA

Outros Orixás cultuados na Umbanda, ao menos em algumas casas: Exu, Obá, Eufá, Logun-Edé, Iroco, Ossaim, Oxumaré, Tempo, Orunmilá/Ifá (o primeiro é representante do segundo na Terra).

Exu

Conhecido pelos Fons como Legba ou Legbara, o Exu iorubano é Orixá bastante controverso e de difícil compreensão - o que certamente o levou a ser identificado com o Diabo cristão. Responsável pelo transporte das oferendas aos Orixás e também pela comunicação dos mesmos, é, portanto, seu intermediário. Como reza antigo provérbio, *Sem Exu não se faz nada*.

Seu arquétipo é o daquele que questiona as regras, para quem nem sempre o certo é certo ou o errado, errado. Assemelha-se bastante ao Trickster dos indígenas norte-americanos. Seus altares e símbolos são fálicos, pois representa a energia criadora, o vigor da sexualidade.

Responsável pela vigia e guarda das passagens, é aquele que abre e fecha caminhos, ajudando a encontrar meios para o progresso além da segurança do lar e protegendo contra os mais diversos perigos e inimigos.

De modo geral, o Orixá Exu não é diretamente cultuado na Umbanda, mas sim os Guardiões (Exus) e Guardiãs (Pombogiras).

Características

Animais: cachorro, galinha preta.

Bebida: cachaça.

Chacra: básico (sacro).

Cores: preto e vermelho.

Comemoração: 13 de junho.

Comida: padê.

Contas: pretas e vermelhas.

Corpo humano e saúde: dores de cabeça relacionadas a problemas no fígado.

Dia da semana: segunda-feira.

Elemento: fogo.

Elementos incompatíveis: comidas brancas, leite, sal.

Ervas: arruda, capim tiritica, hortelã, pimenta, salsa, urtiga.

Flores: cravos vermelhos.

Metal: ferro.

Pedras: granada, ônix, turmalina negra, rubi.

Planeta: Mercúrio.

Pontos da natureza/de força: encruzilhadas, passagens.

Saudação: *Laroié, Exu, Exu Mojubá!* (“Salve, Mensageiro, eu saúdo Exu!”).

Fórmula usada para os Guardiões e também para Pombogiras.

Símbolos: bastião (ogô), tridente.

Sincretismo: Santo Antônio.

SINCRETISMO

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA OU DE LISBOA

(13 de junho)

Talvez a associação de Exu com o franciscano do século XIII seja porque ele foi canonizado no dia de Pentecostes, ao qual se associam línguas de fogo descendo do céu - sendo o fogo o elemento do Orixá Exu. Certamente a associação se dá porque Antônio era missionário, peregrino, caminhando sempre.

REGISTROS

Itãs

Exu vagava pelo mundo, sem destino, sem se fixar em lugar nenhum ou exercer alguma profissão. Simplesmente ia de um canto a outro. Um dia começou a ir a casa de Oxalá, onde passava o tempo a observar o velho Orixá a fabricar seres humanos.

Outros visitavam Oxalá, ficavam alguns dias, mas nada aprendiam, apenas admiravam a obra de Oxalá, entregando-lhe oferendas. Por sua vez, Exu ficou dezesseis anos na casa de Oxalá, ajudando e aprendendo como se fabricavam os humanos, observando, atento, sem nada perguntar.

Como o número de humanos para fazer só aumentava, Oxalá pediu a Exu para ficar na encruzilhada por onde passavam os visitantes, não permitindo que passassem os que nada trouxessem ao velho Orixá. Exu, então, recolhia as oferendas e entregava a Oxalá, que resolveu recompensá-lo, de modo que todo visitante deveria também deixar algo para Exu.

Exu se ficou de vez como guardião de Oxalá, fez sua casa na encruzilhada e prosperou.

Certa vez, Aganju, ao atravessar um rio, viu uma linda mulher que se banhava nas águas.

Era Oxum. Fez-lhe a corte, mas Oxum o desprezou.

Então, Aganju tentou violentá-la.

Das águas surgiu um pequeno ser, Eleguá, para defender Oxum, que, rindo, explicou a Aganju que Eleguá a queria como mãe. De pronto, estabeleceu-se uma amizade entre todos.

Aganju convidou os dois para irem à sua casa. Ambos aceitaram.

Lá chegando, porém, Eleguá recusou-se a entrar, ficando à porta.

Tomou-se guardião da casa.

E, assim, tornou-se também o primeiro a comer.

Certa vez mandaram Exu preparar um ebô (oferenda) para se conseguir fortuna rapidamente. Depois de tê-lo preparado, Exu foi para Ijebu. Contudo, não se hospedou na casa do governante local, segundo a tradição, mas na casa de um homem muito importante.

Pela madrugada, todos dormindo, Exu se levantou e fingiu ir até o quintal para urinar. Então, pôs fogo nas palhas que cobria a casa e passou a gritar, dizendo que perdia uma fortuna imensa que estava dentro de uma talha que entregara ao

dono da casa para guardar.
Tudo foi consumido pelo fogo.
Uma multidão acorria e ouvia a história de Exu. Até mesmo o governante local acorreu.
Para que um estrangeiro não fosse prejudicado, o chefe local resolveu pagar a Exu o valor que ele afirmava ter perdido no incêndio. Contudo, na aldeia não havia dinheiro suficiente para tanto.
Para compensar Exu, o rei decidiu, então, proclamá-lo rei de Ijebu. E todos se tomaram seus súditos.
Até hoje há grande dificuldade para o mundo industrializado compreender o controvérsito e o contraditório em Exu, em cujos relatos nem sempre o bom é totalmente bom e o mau é totalmente mau, havendo uma busca pelo equilíbrio cósmico. Certamente por essa dificuldade e pelas representações e culto a Exu na África contribuíram para que, preconceitosamente, o Orixá fosse associado ao Diabo hebraico-cristão.
Oriki
O oriki abaixo é uma transcrição de Antonio Risério.
Oriki de Exu (fragmento)
Lagunã incita e incendia a savana.
Cega o olho do sogro com uma pedrada.
Cheio de orgulho e de charme ele marcha.
Quente, quente é a morte do delinquente.
Exu não admite que o mercado se agite
Antes que amoteça.
Exu não deixa a chuva cobrir o corpo nu.
Exu se faz mestre das caravanas do mercado.
Assoa — e todos acham
Que o barco vai partir.
Passageiros se preparam depressa.

Exu Melekê fica na frente.
O desejo está de volta.
(...)
Sua mãe o pariu na volta do mercado.
De longe ele seca a árvore do enxerto.
Ele passeia da colina até a casa.
Faz cabeça de cobra assoviar.
Anda pelos campos, anda entre os ebós.
A tirando uma pedra hoje.
Mata um pássaro ontem.
Andarilho, livre, controvérsito, senhor do mercado, cujas razões e motivações conhece plenamente, não estando preso ao tempo e ao espaço, como demonstram, sobretudo, os últimos dois versos.

OXUMARÉ
Filho mais novo e preferido de Nanã, Oxumaré participou da criação do mundo, enrolando-se ao redor da terra, reunindo a matéria, enfim, dando forma ao mundo. Desenhou vales e rios, rastejando mundo afora. Responsável pela sustentação do mundo, controla o movimento dos astros e oceanos. Representa o movimento, a fertilidade, o continuum da vida: Oxumaré é a cobra que morde a própria cauda, num ciclo constante.
Oxumaré carrega as águas dos mares para o céu, para a formação das chuvas. É o arco-íris, a grande cobra colorida. Também é associado ao cordão umbilical, pois viabiliza a comunicação entre os homens, o mundo dito sobrenatural e os antepassados. Na comunicação entre céu e terra, entre homem e espiritualidade/ancestralidade, mais uma vez se observa a ideia de ciclo contínuo representada pelo Orixá, a síntese dialética entre opostos complementares.
Nos seis meses em que assume a forma masculina, tem-se a regulação entre chuvas e estiagem, uma vez que, enquanto o arco-íris brilha, não chove. Por outro lado, o próprio arco-íris indica as chuvas em potencial, prova de que as águas estão sendo levadas para o céu para formarem novas nuvens. Já nos seis meses em que assume a porção feminina, tem-se a cobra a rastejar com agilidade, tanto na terra quanto na água.
Por evocar a renovação constante, pode, por exemplo, diluir a paixão e o ciúme em situações onde o amor (irradiação de Oxum) perdeu terreno. Nesse mesmo sentido, pode também diluir a religiosidade fixada na mente de alguém, conduzindo-o a outro caminho religioso/espiritual que o auxiliará na senda evolutiva.
Em determinados segmentos e casas de Umbanda, Oxumaré aparece como uma qualidade do Orixá Oxum.
Características
Animal: cobra.
Bebida: água mineral.
Chakra: laringeo.
Cores: verde e amarelo, cores do arco-íris.
Comemoração: 24 de agosto.
Comidas: batata doce em formato de cobra, bortalha com ovos.
Contas: verde e amarelas.
Corpo humano e saúde: pressão baixa, vertigens, problemas de nervos, problemas alérgicos.
Dia da semana: terça-feira.
Elemento: água.

Elementos incompatíveis: água salgada, sal.
Ervas: as mesmas de Oxum.
Flores: amarelas.
Metal: latão (ouro e prata misturados).
Pedras: ágata, diamante, esmeralda, topázio.
Pontos da natureza: próximo de quedas de cachoeiras.
Saudação: *Arribobô!, Arrobobô!* ("Salve o arco-íris!" ou "Senhor das Águas Supremas! dentre tantas possíveis acepções).
Símbolos: arco-íris, cobra.
Sincretismo: São Bartolomeu.
SINCRETISMO
SÃO BARTOLOMEU
(24 de agosto)
Bartolomeu é citado nos Evangelhos nas quatro enumerações dos Apóstolos. Bar Tholmai é filho de Tholmai (tholmai é arado ou agricultor). O Evangelho de João não traz o nome Bartolomeu, contudo, o nome Natanael, o conforme a tradição, trata-se da mesma personagem.
"Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.
Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê.
Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.
Disse-lhe Natanael: De onde me conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira.
Natanael respondeu, e disse-lhe: Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel.
Jesus respondeu, e disse-lhe: Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás.
E disse-lhe: Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu

aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem". (Jô 1: 45-51)

Segundo o breviário romano, conforme antiga tradição armênia,

"o apóstolo Bartolomeu, que era da Galiléia, foi para a Índia. Pregou àquele povo a verdade do Senhor Jesus segundo o Evangelho de São Mateus. Depois que naquela região converteu muitos a Cristo, sustentando não poucas fadigas e superando muitas dificuldades, passou para a Armênia Maior, onde levou a fé

cristã ao rei Polímio, à sua esposa e a mais de 12 cidades. Essas conversões, no entanto, provocaram uma enorme inveja dos sacerdotes locais, que por meio do irmão do rei Polímio conseguiram a ordem de tirar a pele de Bartolomeu e depois decapitá-lo."

Santo patrono de diversas atividades ligadas à pele (curtume, confecção, comércio etc.), dentre outros elementos, certamente a ele é sincretizado Oxumaré pelo fato de sua pele ter sido retirada antes da decapitação. Por associação, o cruel episódio produz paralelismo com a troca de pele pela qual passam as cobras.

Pierre Verger registra que

"na Bahia, Oxumaré é sincretizado com São Bartolomeu. Festejam-no numa pequena cidade dos arredores que leva seu nome. Seus feis aí se encontram, no dia 24 de agosto, a fim de se banharem numa cascata coberta por uma neblina úmida, onde o sol faz brilhar, permanentemente, o arco-íris de Oxumaré."

REGISTROS

Itãs

Oxumaré não gostava da chuva. Toda vez que chovia muito, o Orixá apontava para o céu sua faca de bronze e espantava a chuva, fazendo brilhar o arco-íris. Certa vez, Olorum ficou cego e pediu ajuda a Oxumaré, que o curou. Contudo, Olorum temia ficar novamente cego e não deixou Oxumaré voltar à Terra, determinando que deveria morar com ele no Orum. Oxumaré só viria à Terra vez ou outra, a passeio.

Quando não é visto na Terra, é visto no Céu, com sua faca de bronze, com o arco-íris parando a chuva.

Relato que explica simbolicamente o arco-íris e seu brilho, bem como sua relação com a chuva, elemento que não agradava a Oxumaré e com o qual, por meio do arco-íris, dialeticamente se relaciona.

Oxumaré era babaalá do rei de Ifé. Contudo, não se via respeitado como, aliás, acontecera com seu pai.

Então foi a um adivinho, que lhe ensinou um ritual de abundância. No ritual, deveria oferecer uma faca de bronze, quatro pombos e muitos búzios.

Enquanto fazia a oferenda, o rei mandou chamar Oxumaré, que disse que iria assim que terminasse o ritual. O rei não gostou da resposta e não pagou algo que

devia a Oxumaré.

Ao retornar para casa, Oxumaré recebeu um recado da rainha Olocum, de um país vizinho, pedindo-lhe que curasse seu filho. Oxumaré, então, consultou Ifá, fez as oferendas devidas e o filho de Olocum foi curado. Agradecida, Olocum deu a Oxumaré riquezas, escravos e um pano azul.

Quando voltou para casa, enriquecido, Oxumaré foi saudar o rei, que se admirou da prosperidade e riqueza de Oxumaré, que lhe explicou a origem de tudo. O rei, vaidoso por natureza, para não se sentir inferior a Olocum, deu a Oxumaré uma preciosa roupa vermelha e muitos presentes.

Assim, Oxumaré conquistou riqueza, prosperidade e respeito.

Semelhante atraí semelhante. Oxumaré, quanto mais próspero, mais prosperidade atraía, segundo o relato, fiel a suas obrigações.

Oxumaré era muito bonito e andava bem vestido, pois suas roupas tinham as cores do arco-íris e suas jóias de ouro e bronze brilhavam. Homens e mulheres queriam se aproximar de Oxumaré e com ele se casar. Porém, ele era solitário, introspectivo e preferia circular pelo céu, onde era visto em dias de chuva.

Xangô um dia viu Oxumaré passar radiante. Sabendo que não deixava ninguém se aproximar dele, decidiu capturá-lo. Convocou-o para uma audiência em seu palácio e, quando Oxumaré estava na sala do trono, os soldados fecharam portas e janelas, deixando Oxumaré e Xangô na mesma sala. Oxumaré não poderia escapar, pois as saídas haviam sido trancadas por fora. Nesse meio tempo, Xangô tentava tomá-lo nos braços. Oxumaré, então, clamou por Olorum, que o ajudou; Oxumaré transformou-se em cobra e Xangô o soltou, tanto por nojo quanto por medo. Oxumaré deslizou até uma fresta entre a porta e o piso e fugiu.

Tempos depois, transformados em Orixás, Oxumaré ficou encarregado de levar água do Aiyê para o palácio de Xangô no Orum; contudo, Xangô não pode se aproximar de Oxumaré.

Único, singular, Oxumaré brilha solitário. Por saber rastejar na terra, é capaz de figurar no céu (opostos complementares). Xangô, embora servido por Oxumaré, dele não pode se aproximar (para Xangô, neste caso, não ocorre a síntese entre os opostos complementares).

Euá buscava um lugar para viver.

Chegando às cabeceiras dos rios, aí fez sua morada.

Foi surpreendida pelo arco-íris e por ele se apaixonou.

Era Oxumaré.

Euá com ele se casou. Passou a viver com o arco-íris.

A relação entre a água que evapora e se torna chuva, o encanto do arco-íris, a conjugação de elementos afins que se complementam. Não à toa, para alguns segmentos religiosos, Euá é cobra-fêmea, Oxumaré é cobra-macho, tal a complementaridade entre ambos.

Naná teve dois filhos: Oxumaré e Omolu.

Oxumaré era lindo. Omolu era feio.

Então Naná cobriu Omolu com palhas para que não fosse visto e ninguém risse dele.

Quanto a Oxumaré, que tinha a beleza do homem, da mulher e das cores, Naná o elevou até o céu e aí o pregou, onde pode ser admirado em suas cores quando o arco-íris vem com a chuva.

Nota-se que tanto o filho escondido quanto o filho belo figuram em solidão e distante dos demais, inclusive da própria mãe. Oxumaré e Omolu representam duas situações distintas, contudo mais semelhantes do que à primeira vista podem parecer.

Orixá

Transcrito do iorubá por Antonio Risério

Orixá de Oxumaré

Oxumaré, braço que o céu atravessa

Fa: a chuva cair na terra

Extrai corais, extrai pérolas.

Com uma palavra prova tudo

Brilhante diante do rei.

Chefe que veneramos

Pai que vem à vila velar a vida

E é tanto quanto o céu.

Dono do obi que nas sacia

Chega na savana ciciando feito chuva

E tudo vê com seu olho preto.

Chuva e prosperidade andam juntas - em especial quando se fala de Oxumaré, uma vez que a chuva fecunda o solo, traz um pouco do céu à terra, cuja união é simbolizada pelo arco-íris.

PONTOS CANTADOS

Seguem abaixo alguns pontos cantados em que Oxumaré (ou Oxumarê) figura ora como Pai, ora como qualidade de Oxum, conforme visto acima.
 Destaca-se a presença de Angorô (Inhique correspondente a Oxumaré) e Dandaluna (ou Dandalunda, Inhique correspondente a Iemanjá ou Oxum - neste contexto, certamente à última).
Maré, maré, maré
Maré, maré, maré Oxum maré
Ele gira no tempo, gira no sol
Com as cores do arco-íris
E a claridade do sol
Tempo ele é cobra, tempo ele é mulher
É Orixá da natureza, ele é Oxum maré
Com seu arco-íris ele renova (Bis)
Ele é o pai da renovação
Fonte de luz, ele renova
Pai Oxumaré ré ré ré ré, pai Oxumaré pra nos proteger
Estamos a saudar
Aro boboi aro boboi pra nos proteger
Oxumaré é o rei
Ô que nos astros mora
Venha ver seus filhos
Que tanto te adoram
Aiê Aia Dandaluna
Danda la sedunda
Olanda luna se e se (Bis)
Cadê aquela cobra que eu mandei buscar?
É jurecuçu, é cobra coral
Eu vejo um arco-íris
Eu vejo um tesouro
É uma cobra
Toda feita de ouro (Bis)
Aroboboi aroboboi
É cobra
Toda feita de ouro
A bandeira de Oxumaré é tão bonita

Cobre o céu em formoso
Arco-íris
É celestial é aroboby
Oxumaré é celestial
Me lava...
Me lava...
Me lava nas suas águas, Oxumaré
Me lava
As águas da cachoeira têm magia, têm poder...
Me lava nas suas, ó meu Pai Oxumaré.
Olhei pro céu ôô
O sol brilhou ôô
O arco-íris apareceu
Anunciando que Oxumaré chegou
Abençoava todos filhos seus
Sete cores tem seu arco-íris
Sete pedidos você faça
E quando alcançar
Vai no mar...
Agradecer a Oxumarés
Oxumaré
Tatê, Oxumaré
Ele é maré
Tatê, Oxumaré.
Oxumaré ta kerê
Oh ta kerê
Oh ta Kerê
Quebra cabaça Angorô (Bis)
Dandaluna aqui chegou
Nas águas serenas da lagoa
Uma estrela apareceu
E foi como num sonho
A estrela desapareceu
Em seu lugar eu vi
Uma cobra das águas aparecer
Formou-se arco-íris
Eu gritei para ele me valer
Oxumaré venha me socorrer!
Dizem que Xangô

Mora nas pedreiras
Mas não é lá sua morada verdadeira (2X)
Xangô mora numa cidade de luz
Onde mora Santa Bárbara, Oxumaré e Jesus (2X)
Olha eu
Olha eu, Mamãe Oxum (2X)
Olha eu, Mamãe Oxum
Olha eu, Oxumaré (2X)
MPB
 Ponto de Nanã
 (Roque Ferreira)
Oxumaré me deu dois barajás
Na festa de Nanã Burukê
A velha deusa das águas
Quer munguzá [14](#)
Seu ibiri enfeitado com fitas e búzios
Um ponto pra assentar
Mandou cantar
É salubê!
Ela vem no som da chuva
Danzando devagar seu ijexá
Senhora da Candelária, abá
Pra toda a sua nação iorubá
 Embora a canção seja dedicada a Nanã, é interessante notar a presença de Oxumaré a distribuir axé por meio do presente oferecido ao eu-lírico: os dois barajás ou brajás.
 O fato de a canção, gravada por diversos ícones da MPB, se chamar "Ponto de Nanã" é bastante significativo para corroborar a simbiose entre pontos cantados e MPB, em mão dupla, conforme visto acima.
 Nação
 (João Bosco, Paulo Emílio, Aldir Blanc)
Dorival Caymmi falou para Oxum:
Com Silas tô em boa companhia

*O Céu abraça a Terra,
Deságua o Rio na Bahia
Jeje
Minha sede é dos rios
A minha cor é o arco-íris
Minha fome é tanta
Planta flor irmã da bandeira
A minha sina é verde amarela
Feito a bananeira
Ouro cobre o espelho esmeralda
No berço esplêndido,
A floresta em calda,
Manjedoura d'alma
Labarágua, sete queda em chama,
Cobra de ferro, Oxumaré: Oxum-Maré:
Homem e mulher na cama
Jeje
Tuas asas de pomba
Presas nas costas
Com mel e dendê
Aguentam por um fio
Safrem
O bafio da fera,
O bombardeiro de Caramuru,
A sanha de Anhanguera
Jeje
Tua boca do lixo
Escarra o sangue
De outra hemoptise
No canal do Mangue
Urapara das cinzas chama:
Rebenta a louca, Oxumaré: louca, Oxum-Maré
Dança em teu mar de lama.*

Esta riquíssima canção contém uma série de referências a Oxumaré. Oxumaré, cujo símbolo é um arco-íris, é também representado por uma cobra. É um Orixá que vem do antigo Daomé. Daí o "cobra de ferro", o

"homem e mulher", o casal como androginia. Jeje é nome genérico de uma nação de Candomblé, também de origem daomeana. Oxumaré é Pai da Nação Jeje.

Labarágua: labareda + água, a junção dos contrários, dos opostos complementares, como homem e mulher. Mel adoça; dendê aquece: novamente dualidade, ambiguidade, que se resolvem em androginia sintética.

Terra, mangue, cinzas, lama: ainda que diluída, aparece a imagem de Nanã, mãe de Oxumaré, também de origem daomeana. Orixá da lama, da terra com a qual se fez o corpo humano e para a qual o corpo volta.

Orikai
(Ademir Barbosa Júnior)
Oxumaré
O charme
Da chuva
O charme, o donaire, a beleza e o encantamento de Oxumaré revelam-se na e por meio da chuva, em especial no momento em que desponta o arco-íris.

Noite no oriká e o efeito sonoro "x", uma alteração que evoca o som produzido por algumas qualidades de cobras.

Orações
(Recollidas por Lara Lannes)
Oração a Pai Oxumaré
Arrobobô, Oxumaré!
Axé, agô mi babá, agô axé, salve.
Adorada cobra de Daomé.
Salve as sete cores que te revelam no céu,
Salve a água, salve a terra,
Cobra de Dan, Protege-me, Senhor,
Dos movimentos dos astros,
Da rotação e da translação, de tudo
O que nasce e que se transforma.
Oxumaré, tu que és
Oróbóros e Deus do Infinito,
Faça com que nosso dinheiro se multiplique,
Com que nosso suor vire riqueza,
Que eu vença e que ninguém se oponha a nós
Creio em ti, Babáé!
Sei que já estou vencendo!

Oração a São Bartolomeu
Glóriooso São Bartolomeu, modelo sublime de virtude e puro frasco das graças do Senhor! Proteja este seu servo que humildemente se ajoelha a seus pés e implora que tenha a bondade de pedir por mim junto ao trono do Senhor. São Bartolomeu, use todos os recursos para me proteger dos perigos que diariamente me rodeiam! Lance seu escudo protetor em minha volta e me proteja do meu egoísmo e de minha indiferença a Deus e ao meu vizinho. São Bartolomeu, me inspire em imitá-lo em todas as minhas ações. Derrame em mim suas graças para que eu possa servir e ver a Cristo nos outros e trabalhar para a Vossa maior glória. Graciosamente obtenha de Deus os favores e as graças que eu muito necessito, nas minhas misérrimas e aflições da vida. Eu aqui invoco sua poderosa intercessão, confiante na esperança de que ouvirás minhas orações e que obtenha para mim esta especial graça e favor que eu reclamo de seu poder e bondade fraternal, e com toda a minha alma imploro que me conceda a graça... (mencionar aqui a graça desejada), e ainda a graça da salvação de minha alma e para que eu viva e morra como filho de Deus, alcançando a doçura do Vosso amor e a eterna felicidade. Amém.

OBÁ
Orixá do rio Níger, irmã de Iansã, é a terceira e mais velha das esposas de Xangô. Alguns a cultuam como um aspecto feminino de Xangô. É ainda prima de Eufá, a quem se assemelha em muitos aspectos. Nas festas da fogueira de Xangô, leva as brasas para seu reino (símbolo do devotamento, da lealdade ao marido).
Guerreira e pouco feminina, quando repudiada pelo marido, rondava o palácio com a intenção de a ele retornar.
Características
Animal: galinha-de-angola.
Bebida: champagne.
Cores: vermelha (marrom rajado).
Comemoração: 30 de maio.
Comidas: abará, acarajé e quiabo picado.
Corpo humano e saúde: audição, garganta, orelhas.
Dia da semana: quarta-feira.
Elemento: fogo.

Elementos incompatíveis: peixe de água doce, sopa.
Ervas: candeia, nega-mina, folha-de-amendoeira, ipomeia, mangueira, manjericao, rosa branca.
Metal: cobre.
Pedras: coral, esmeralda, marfim, olho-de-leopardo.
Pontos da natureza: rios de águas revoltas.
Saudação: *Obá xirê!* ("Salve a Rainha Guerreira!")
Símbolos: espada (ofangi) e escudo de cobre.
Sincretismo: Santa Joana d'Arc.
SINCRETISMO
SANTA JOANA D'ARC
(30 de maio)
Padroeira da França, guerreira que viveu no século XIV e foi condenada à fogueira num processo forjado, com acusações de feitiçaria.
REGISTROS
Iás
Obá era guerreira e, um dia, desafiou Ogum para combate.
Ogum, conhecendo o potencial de Obá, consultou os babaiaós, que o

aconselharam a preparar oferenda de espigas de milho e quiabo pilados. Ogum assim procedeu e deixou a oferenda num canto de onde lutariam.
No combate, Obá estava em vantagem. Ogum a foi levando até onde estava a oferenda. Num momento de descuido, Obá pisou na oferenda, uma pasta viscosa e escorregadia, e caiu.
Nesse momento, Ogum a possuiu, sendo seu primeiro homem.
Tempos depois, Xangô tomou Obá de Ogum.
Obá e Oxum disputavam o amor de Xangô o tempo todo.
Um dia, Obá viu Oxum cozinhando, com um lenço à cabeça, e testemunhou que Xangô havia se esbafoado com a comida. Intrigada, perguntou a Oxum qual era seu segredo. Oxum contou-lhe, então, que havia cortado as orelhas e colocado na sopa que havia servido a Xangô.
Na primeira ocasião em que foi cozinhar para o marido, Obá cortou uma de suas orelhas e colocou na sopa. Quando Xangô foi comer, sentiu nojo e ficou enraivecido. Oxum, então, apareceu sem o lenço e com as orelhas. Obá percebeu que havia sido lograda e ficou enraivecida.
Xangô, que não aguentava mais as disputas, expulsou as duas de casa e correu atrás delas, lançando-lhes um raio, mas elas corriam e corriam, cada vez mais. Ambas se transformaram em rios. E onde se juntam os rios Oxum e Obá, a correnteza é terrível, pois ambas lutam pelo mesmo leito.
Obá, Iansã e Oxum, as três mulheres de Xangô, viviam em disputas e confusão entre elas.
Um dia, Xangô foi para a guerra e levou Iansã.
O tempo passou e Obá ficou desesperada, indo ter com Orunmilá, que lhe aconselhou a pegar um rabo de cavalo e colocar no teto da casa como oferenda. Obá, então, encomendou a Exu um rabo de cavalo. Induzido por Oxum, Exu cortou o rabo do cavalo branco de Xangô, mas não apenas os pelos e o cavalo sangrou até a morte.
Quando Xangô voltou, não encontrou o cavalo e viu o iruquerê no teto da casa. Reconheceu tratar-se de parte de seu cavalo branco, soube pelas outras esposas da oferenda de Obá e a repudiou.
Obá evoca a paixão que cega a ponto de transformar o sujeito vítima de seus próprios desejos, de suas próprias ações. Contrapõe-se a Oxum, sempre vitoriosa no amor. Representa, ainda, o ciúme, mas também a determinação e a força do feminino.
Orikis

O oriki abaixo foi transcrito por Antonio Risério a partir do iorubá.
Obá Obá Obá
Orixá do ciúme
Terceira mulher de Xangô.
O açoite do ciúme
Gravado na carne.
Fala da foma do marido
Move maços na madrugada
Come cabrito de munhá.
Discutindo com Oxum
Não foi a Kossô com Xangô.
Obá abraça os braços do marido
A parte do seu corpo que a prende
Obá sabe o que é bom.
Onde Obá se sente em casa? Nos braços do esposo que ama e a quem se devota: Xangô.

IJEJIS
Formado por duas entidades distintas, indicam a contradição, os opostos que se complementam. Tudo o que se inicia está associado aos Ibejis: nascimento de um ser humano, a nascente de um rio, etc. Geralmente são associados aos gêmeos Taiwo ("o que sentiu o primeiro gosto da vida") e Kainde ("o que demorou a sair"), às vezes a um casal de gêmeos. Seus pais também variam de lenda para lenda, contudo a mais conhecida os associa a Xangô e Oxum. Responsáveis em zelar pelo parto e pela infância, bem como pela promoção do amor e da união.
Na Umbanda, em vez de se cultuar diretamente os Ibejis (Orixás), é mais comum cultuar-se a Linha de Yori.
Doum é a terceira criança, companheiro de Cosme e Damião, com os quais os Ibejis são sincretizados. O nome Doum deriva do iorubá *Idowu*, nome atribuído ao filho que nasce na sequência de gêmeos; relaciona-se também com o termo fongbé *dohoun*, que significa "parecido com", "semelhante ou igual a".
Características
Animais: de estimação.
Bebidas: água com açúcar, água com mel, água de coco, caldo de cana, refrigerante, suco de frutas.
Chacras: todos, em especial o laríngeo.
Cores: rosa e azul (branco, colorido).
Comemoração: 27 de setembro.
Comidas: caruru, doces e frutas.
Comas: azuis, brancas, rosa.
Corpo humano e saúde: acidentes, alergias, anginas, problemas de nariz, raquitismo.
Dia da semana: domingo.
Elemento: fogo.
Elementos incompatíveis: assovio, coisas de Exu, morte.
Ervas: alecrim, jasmim, rosa.
Essências: de frutas.
Flores: margarida, rosa mariquinha.
Metal: estanho.
Pedra: quartzo rosa.
Planeta: Mercúrio.
Pontos da natureza/força: cachoeiras, jardins, matas, praias e outros.
Saudação: *Oti Ibejada!* ("Salve as crianças!" ou "Ele é dois!")
Símbolo: gêmeos
Sincretismo: São Cosme e São Damião, Santos Crispim e Crispiniano.

SINCRETISMO

SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

(27 de setembro)

Segundo a tradição, médicos gêmeos caridosos que foram decapitados após seus algozes não terem tido sucesso com lapidação e flechadas.

Registros*lúis*

Os gêmeos, filhos de Xangô e Oxum, adoravam brincar e se divertir. Tinham predileção por tocar seus tambores mágicos, presentes de Iemanjá, sua mãe adotiva.

Por esse tempo, Icu, a Morte, havia colocado armadilhas por todo o caminho, armadilhas que ninguém conseguia desarmar. E as pessoas morriam.

Os Ibejis decidiram derrotar a Morte. Foram por um caminho onde ela havia posto uma armadilha. Um foi pela trilha; o outro, escondido na mata. Aquele que seguia pela trilha tocava o tambor mágico. A Morte adorou e o avisou da armadilha, poupando-lhe a vida. E a Morte dançava. Quando se cansou, um gêmeo trocou de lugar com o outro e prosseguiu com a música. E a Morte dançava.

Ao longo do tempo e do caminho, o tambor não parava. A Morte foi se cansando, mas não conseguia interromper a dança. Pediu para que a música parasse. Os Ibejis, então, disseram que parariam a música desde que a Morte retirasse as armadilhas. Ela concordou.

Assim, os Ibejis venceram Icu.

TEMPO

Também conhecido como Lokoo ou Iroko, Tempo é um Orixá originário de Iwere, na parte leste de Oyó (Nigéria). Sua importância é fundamental na compreensão da vida. Geralmente é associado a Iansã (e vice-versa), senhora do ventos e das tempestades.

Segundo célebre provérbio, "O Tempo dá, o Tempo tira, o Tempo passa e a folha vira". O Tempo também é visto como o próprio céu, o espaço aberto.

Na Nigéria, este Orixá é cultuado numa árvore do mesmo nome, substituída no Brasil pela gameleira-branca, que apresenta características semelhantes às da árvore africana. Associado ao Vodun daomeano Loko (dinastia Jeje) e ao inquei Tempo dos bantos, é, na realidade, o Orixá dos bosques nigerianos. Sua cor é o branco. Utiliza-se palha da costa em suas vestes. Sua comida é, dentre outras, o caruru, o deburu (pipoca) e o feijão-fradinho.

Geralmente, diante das casas de Candomblé, há uma grande árvore, com raízes saindo do chão, envolvida por um grande pano branco (alá). Trata-se de Iroco, protegendo cada casa, dando-lhe força e poder.

Na nação Angola, Iroco também é conhecido como Maianga ou Maiongá.

Orixá pouco cultuado na Umbanda.

SINCRETISMO

SÃO LOURENÇO

(10 de agosto)

Mártir do ano 258, morto queimado numa grelha. Segundo alguns autores, a associação entre Tempo e São Lourenço se dá pela semelhança entre a grelha e a escada utilizada para se colocar a bandeira de Tempo em terreiros Angola.

REGISTROS*MPB*

Tempo Rei

(Gilberto Gil)

*Não me iludo**Tudo permanecerá do jeito**Que tem sido**Transcorrendo, transformando**Tempo e espaço navegando todos os sentidos**Pães de Açúcar, Corcovados**Fustigados pela chuva e pelo eterno vento**Água mole, pedra dura**Tanto bate que não restará nem pensamento**Tempo rei, ó Tempo rei, ó**Tempo rei Transformai as velhas formas do viver**Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei**Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei**Pensamento, mesmo fundamento singular**Do ser humano, de um momento para o outro**Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos**Mães zelosas, pais corujas**Vejam como as águas de repente ficam sujas**Não se iludam, não me iludo**Tudo agora mesmo pode estar por um segundo**Tempo rei, ó Tempo rei, ó Tempo rei**Transformai as velhas formas do viver**Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei**Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei**Oração ao Tempo*

(Caetano Veloso)

*És um senhor tão bonito**Quanto a cara do meu filho**Tempo Tempo Tempo Tempo**Vou te fazer um pedido**Tempo Tempo Tempo Tempo...**Compositor de destinos**Tambor de todos os ritmos**Tempo Tempo Tempo Tempo**Entro num acordo contigo**Tempo Tempo Tempo Tempo...**Por seres tão inventivo**E pareceres contínuo**Tempo Tempo Tempo Tempo**És um dos deuses mais lindos**Tempo Tempo Tempo Tempo...**Que sejas ainda mais vivo**No som do meu estribilho**Tempo Tempo Tempo Tempo**Ouve bem o que te digo Tempo**Tempo Tempo Tempo...**Peço-te o prazer legítimo**E o movimento preciso**Tempo Tempo Tempo Tempo**Quando o Tempo for propício**Tempo Tempo Tempo Tempo...**De modo que o meu espírito**Ganhe um brilho definido**Tempo Tempo Tempo Tempo*

*E eu espalhe benefícios Tempo
Tempo Tempo Tempo...
O que usaremos prá isso
Fica guardado em sigilo
Tempo Tempo Tempo Tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo Tempo Tempo Tempo...
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo Tempo Tempo Tempo
Não serei nem terás sido
Tempo Tempo Tempo Tempo...
Ainda assim acredito
Se possível reunimo-nos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo Tempo Tempo Tempo...
Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo Tempo Tempo Tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo Tempo Tempo Tempo...*

Sem a compreensão de Tempo nada se faz. Aqui, nas duas canções, é possível associar uma série de elementos ao Orixá, sobretudo no que tange ao tempo enquanto passagem cronológico-pessoal da existência.

LOGUN-EDÉ

Filho de Oxum e Oxóssi, vive metade do ano na água (como mulher) e a outra metade no mato (como homem). Em seu aspecto feminino, usa saia cor-de-rosa e coroa de metal, assim como um espelho. Em seu aspecto masculino, capacete de metal, arco e flecha, capangas e espada. Veste sempre cores claras. Sua origem é Ijexá (Nigéria).

Príncipe dos Orixás, combina a astúcia dos caçadores com a paciência dos pescadores. Seus pontos de força na natureza compreendem barrancas, beiras de rios e o vapor fino sobre as lagoas que se espalha pela mata nos dias quentes.

Vivencia plenamente os dois reinos, o das águas e das matas.

Por seu traço infantil e hermafrodita, nunca se casou, preferindo a companhia de Eufá - que, assim como Logun-Edé, vive solitária e nos extremos de mundos diferentes. Solidário, preocupa-se com os que nada têm, empático com seus sofrimentos, distribuindo para eles caça e riqueza.

Características

Animal: cavalo-marinho.

Bebida: as mesmas de Oxum e Oxóssi.

Cores: azul celeste com amarelo.

Comemoração: 19 de abril.

Comidas: as mesmas de Oxum e Oxóssi.

Contas: contas e miçangas de cristal azul celeste e amarelo.

Corpo humano e saúde: órgãos localizados na cabeça e problemas respiratórios.

Elementos: água e terra.

Elementos incompatíveis: abacaxi, cabeça de bicho, cores vermelha ou marrom.

Ervas: as mesmas de Oxum e Oxóssi.

Essências: as mesmas de Oxum e Oxóssi.

Flores: as mesmas de Oxum e Oxóssi.

Metais: latão e ouro.

Pedras: turquesa, topázio.

Pontos da natureza: margens dos rios nas matas.

Saudação: "Lossi lossi" ("Foiem dos rios")

Símbolos: abebê (espelho) e ofá (arco e flecha).

Sincretismo: Santo Expedito.

SINCRETISMO

SANTO EXPEDITO

(19 de abril)

Segundo a tradição, mártir do século IV ao qual se associam as causas urgentes. Há diversas hipóteses para que tenha sido conhecido *post-mortem* como "Expedito". Talvez o tenham associado a Logun-Edé pela vivacidade, juventude e energia do Orixá.

REGISTROS

Itãs

Logun-Edé é filho de Oxóssi e de Oxum. Por isso carrega o ofá (arco e flecha) do pai e o abebê (espelho) da mãe. É senhor das ribanceiras do rio, reinando entre as águas de Oxum e as matas de Oxóssi.

Oxum se apaixonou por Oxóssi, mas ele não se interessou por ela. Soube por um babalão que o Orixá se interessava apenas por mulheres da floresta, não pelas das águas. Então Oxum emb bebeu seu corpo de mel e rolou pelo chão da floresta. Dessa forma, seduziu Oxóssi.

Um dia, porém, convidou Oxóssi para um banho no rio. Tanto o mel quanto as folhas da mata se desprenderam do corpo de Oxum e Oxóssi percebeu que fora enganado, deixando para trás o Orixá das águas grávida de Logun-Edé. Logun-Edé e Oxóssi eram exímios caçadores. Não sabiam ser um filho do outro, e Oxóssi por ele se apaixonou.

Logun havia feito um pacto com as Iya Mi 15 e nunca flechava nenhum de seus pássaros. Oxóssi, contudo, um dia feriu um dos pássaros das Iya Mi, que se vingaram cegando ambos os caçadores.

Então, Logun tirou de sua bolsa a tiracolo o adó, algo que lhe havia sido presenteado pelas Iya Mi, para sua proteção. Assim, curou a cegueira de Oxóssi. Cego, Logun conduziu Oxóssi à lagoa onde estava sua mãe, Oxum.

O antigo amor de Oxum e Oxóssi renasceu, e dele nasceu o rio Inlé e um peixe no qual Logun montou, indo até as profundezas onde conheceu Iemanjá, que acabou por adotá-lo e lhe dar riquezas.

Logun vive parte do tempo no rio Inlé, parte do tempo nas matas.

Logun, abandonado pela mãe, foi criado por Ojá. Não se dava muito com o pai, pois este era ríspido com o filho. Porém, apreciava a companhia de sua mãe, que vivia com as demais Iabás, esposas de Xangô.

A entrada de homens no palácio das Iabás era proibida sob pena de morte.

então, para visitar Oxum, Logun usava as roupas da mãe e, assim, permanecia dias em sua companhia.

No dia de uma grande festa no Orum, Logun se preocupou com que roupa iria - pois, sendo pescador e caçador, não tinha trajes adequados para essa ocasião.

Lembrando-se das roupas de Oxum, foi à festa vestido como uma Iabá.

Todos se admiraram e perguntavam quem seria tão bela Iabá que tanto lembrava Oxum. Não contendo a curiosidade, Ifá levantou o filá de Logun e viu o rosto do filho de Oxum e Oxóssi.

Logun ficou inquieto, pois todos saberiam de sua estratégia para ir à festa. Saiu do palácio às pressas e se escondeu na floresta.

Oxóssi, que não o reconheceu, se encantou e passou a persegui-lo.

Próximo do rio, exausto, Logun caiu e, então, Oxóssi o possuiu.

Filho de Oxum e Oxóssi, Logun carrega as características dos dois. Contudo, essa androginia confunde, conforme consta do último relato, o próprio pai, que enxerga Logun apenas parcialmente, como feminino.

Orixás

A tradução do oriki abaixo foi reproduzida por Alberto Ebômi.
*Um orgulhoso fica infeliz que um outro esteja contente
É difícil fazer uma corda com as folhas espinhosas da urtiga
Montado de cavalinhos sobre as costas de sua mãe
Ele é socinho, ele é muito bonito
Até a voz dele é agradável
Não se coloca as mãos sobre o seu peito
Ele tem um peito que atrai as mãos das pessoas
O estrangeiro vai dormir sobre o coqueiro
Homem esbelto
O careca presta atenção à pedra atirada certamente
Ele acha duzentas esteiras para dormir na floresta
Acordá-lo bem é o suficiente
Nós somente a vemos e o abraçamos como se ele fosse uma sombra
Somente em Orunmilá nós tocamos, mas ele não responde
Ele tem um nome como Soponna
É difícil alguém mau chamar-se Soponna
Devedor que faz pouco caso
Devedor que anda rebolando displicentemente
Ele é um louco que quebra a cerca com a cabeça
Ele bate com seu papo numa árvore ljebu
Ele quebrou sete papos com o seu papo
A segunda mulher diz ao papo para usar um pente (para desinchar o papo)
Um louco que diz que o procurem lá fora na encruzilhada
Aquele que tem orgaite (inflamação dos testículos) e dorme profundamente
Ele é fresco como a folha de odundan*

*Alivo como o carneiro
Pessoa amável anteontem
Ele carrega um talismã que ele espalha sobre o seu corpo como um preguiçoso
Ele carrega um talismã e briga com o filho do feiticeiro dando socos
Ele veste boas roupas
Com um pedaço de madeira muito pontudo ele fere o olho de um outro
Rápido como aquele que passa atrás de um campo sem agir como um ladrão
Ele destrói a casa de um outro e com o material cobre a sua
Ele tem olhos muito aguçados
Ele acha uma pena de coruja e a prende em sua roupa
Ele é ciumento e anda rebolando displicentemente
Ele recolhe as ervas atrás
Ele recolhe as ervas atrás
Ele anda rebolando desengonçado para ir ao pátio interior de um outro
A chuva bate na folha de cobrir telhados e faz ruído
Ele mata o malfeitor na casa de um outro
Ele recolhe o corpo na casa e empina o nariz
O preguiçoso está satisfeito entre os passantes
Ele é belo até nos olhos
Homem muito belo
Ele coloca um grande pedaço de carne no molho do chefe
Ele conhece o caminho
Ele conhece o caminho do campo e não viu lá
Ele está ao lado do dono dos obi e não os compra para comer
O gavião pega o frango com as penas
À noite coisa sagrada, de manhã coisa sagrada
Ele briga com qualquer um e ri estranhamente
Ele tem o hábito de andar como a um bêbado que bebeu
Sessenta contas não podem rodear o pescoço de um papudo
O papudo come no inchaço de sua garganta
Ele quebra o papo do pescoço daquele que o possui
Ele dá rapidamente crianças às mulheres estéréis
Ele guarda seus talismãs numa pequena cabana
Duas vezes assim coisa sagrada
Rápido como alguém que parte
A proibição do pássaro branco é o pano branco
Ele mexe os braços fantasiosamente
Marido de Ahotomi
Marido de Fegbejoloro
Marido de Onikanoro
Marido de Adapatla
Bem desperto, ele acorda de manhã já com o arco e flecha no pescoço
Como um louco ele se debate para cotocar os joelhos no chão, como o carneiro
Marido de Ameri que dá medo
Leopardo de pele bonita
Ele expulsa a infelicidade do corpo de alguém que tem infelicidade*

*Assim ele diz e assim ele faz
Orgulhoso que possui um corpo muito belo.
Em especial o donaire e a androginia aparecem neste oriki dedicado ao
Príncipe dos Orixás.
MPB
Afoxé para Logun
(Nêi Lopes)
Menino caçador
Flecha no mato bravio
Menino pescador
Pedra no fundo do rio
Coroa reluzente
Todo ouro sobre azul
Menino onipotente
Meio Oxóssi, meio Oxum
Menino caçador
Flecha no mato bravio
Menino pescador
Pedra no fundo do rio
Coroa reluzente
Todo ouro sobre azul
Menino onipotente
Meio Oxóssi, meio Oxum
Eh... quem é que ele é?
Ah... onde é que ele está?
Axé, menino, axé!
Fara Logun, Fara Logun, Fú
Axé, menino, axé!
Fara Logun, Fara Logun, Fú
Menino, meu amor
Minha mãe, meu pai, meu filho
Toma teu axoxô
Teu onjé de coco e milho*

*Me dá do teu axé
Que eu te dou teu mulucum
Menino, doce mel
Meio Oxóssi, meio Oxum
Logunedé
(Gilberto Gil)*

É de Logunedé a doçura
Filho de Oxum, Logunedé
Mimo de Oxum, Logunedé - edê, edê
Tanta terrura
É de Logunedé a riqueza
Filho de Oxum, Logunedé
Mimo de Oxum, Logunedé - edê, edê
Tanta beleza
Logunedé é demais
Sabido, puxou aos pais
Astúcia de caçador
Paciência de pescador
Logunedé é demais
Logunedé é depois
Que Oxóssi encontra a mulher
Que a mulher decide ser
A mãe de todo prazer
Logunedé é depois
É pra Logunedé a carícia
Filho de Oxum, Logunedé
Mimo de Oxum, Logunedé - edê, edê
É delícia
Logunedé
(Luís Berimbau e Ilídio Tavares)
É é é é é
Fará Logun Fará Logun Fâ
No fundo da mata escondeu seu tesouro

Page 187

Tesouro tirado do fundo do mar
De conchas e búzios e peixes de ouro
Tesouro de Oxum para Oxóssi guardar
Brincou pelo mata menino guerreiro
Na caça e na pesca, reinando Logun
Cansou foi pro mar, mergulhou bem ligeiro
Tirando de Oxóssi o tesouro de Oxum
É é é é é
Fará Logun Fará Logun Fâ
O Príncipe dos Orixás é associado ao belo e à integração entre o masculino e o feminino, de modo a equilibrar o cosmo e o ser humano.

Page 188

OSSAJM

Orixá das plantas e das folhas, que estão presentes nas mais diversas manifestações do Culto aos Orixás, portanto, fundamental. Célebre provérbio dos terreiros afirma *Ko si ewé, ko si Orixá*, o que, em tradução livre do iorubá significa "Sem folhas não há Orixá". Em algumas casas, é cultuado como Labá (Orixá feminino). Alguns segmentos umbandistas trabalham com Ossaim, enquanto elemento masculino, e Ossanha, como elemento feminino. Juntamente com Oxóssi, rege as florestas e é senhor dos segredos medicinais e mágicos do verde. Representa a sabedoria milenar pré-civilizatória, a relação simbólica do homem com a natureza, em especial com o verde. Seja na Umbanda (onde na maioria das casas seu culto foi amalgamado ao de Oxóssi e dos Caboclos e Caboclas), no Candomblé (onde a figura do Babalossaim e do Mão-de-Ofá representaria um estudo à parte) ou em outra forma de Culto aos Orixás, o trato com as plantas e folhas é de extrema importância para a os rituais, a circulação de Axé e a saúde (física, psicológica e espiritual) de todos.

Características
Animais: pássaros.
Bebidas: sucos de frutas.
Cores: verde e branco.
Comemoração: 5 de outubro
Comidas: abacate, banana frita, bolos de feijão e arroz, canjiquinha, milho cozido com amendoim torrado, inhame, pamonha, farofa de fubá.
Contas: contas e miçangas verdes e brancas.
Corpo humano e saúde: artrite, problemas ósseos, reumatismo.
Dia da semana: quinta-feira.
Elemento: terra.
Elementos incompatíveis: ventania, jiló.
Ervas: manacá, quebra-pedra, mamona, pitanga, jurubeba, coqueiro, café.
Flores: flores do campo.
Metais: estanho, latão.
Pedras: amazonita, esmeralda, Morganita, turmalina verde e rosa.
Pontos da natureza: clareiras das matas.
Saudação: *Eae é!* (Salve as folhas!)
Símbolos: ferro com sete pontas, com um pássaro na ponta central (representação de uma árvore de sete ramos, com um pássaro pousado nela).
Sincretismo: São Benedito.

SINCRETISMO

Page 189

SÃO BENEDITO

(05 de outubro)
Negro italiano, nascido no século XVI, seus pais eram descendentes de escravos. Humilde, trabalhava na cozinha do mosteiro e era muito inteligente e sábio, conhecendo a mente e o coração humanos. Talvez por isso o tenham associado a Ossaim (sabedoria e sensibilidade curadoras) e pelo trabalho na cozinha (contato com ervas).

REGISTROS

Itá
Ossaim era o senhor absoluto das folhas, filho de Naná e irmão de Euá e Obaluaê. Curava e tratava com as ervas, com banhos, chás, pomadas e outros procedimentos.
Xangô achou que todos os Orixás deveriam conhecer os segredos das ervas. Ossaim preferiu não dividir o segredo e nem as folhas com os demais Orixás. Então Xangô mandou lançá-lo ao vento trazer as folhas de Ossaim para o palácio, a fim de serem divididas entre os Orixás.
Quando o furacão de lançá-lo funcionou, Ossaim ordenou que as folhas voltassem para a mata - o que aconteceu. As folhas que ficaram no palácio de Xangô perderam a força vital, o axé. Xangô admitiu a derrota para Ossaim. Admitiu também que as folhas deveriam ficar aos seus cuidados.
Ossaim, porém, deu a cada Orixá uma folha com seus segredos e encantamentos. Ainda assim, os maiores segredos não revelou a ninguém.
Ossaim nasceu e não recebeu roupa alguma dos pais, andando sempre nu. Ao crescer, fugiu para a floresta, onde vivia escondido e coberto com folhas. Ali, aprendeu uma série de encantamentos.
Resentido, jogou um encantamento contra o pai, que adoeceu. Foi, então, procurado para saber como o pai poderia ser curado. Disse que lhe entregassem uma roupa, uma calça e um gorro do pai. Assim foi feito: o pai ficou curado e Ossaim passou a andar vestido.
Depois preparou um encantamento contra a mãe, que passou a ter dores de barriga. Novamente Ossaim foi procurado e pediu que lhe entregassem um pano com listras brancas, pretas e vermelhas. Atendido o pedido, sua mãe foi curada. Um dia teve um filho e, pensando que o filho lhe pudesse fazer o mesmo que havia feito a seus pais, Ossaim o matou, queimou seu corpo e guardou o pó preto resultante da queima. Com esse pó, tempos depois, curou o rei, passando a viver a seu lado, comungando de suas riquezas.

Os Orixás não atendiam mais aos pedidos dos seres humanos. Então resolveram organizar festas para os Orixás, homenageando um a cada semana.

Um dia, um babalaô anunciou que haveria surpresas. Na homenagem a Ossaim, apareceu um homem desconhecido, com uma perna só e pelo visto, um nobre, que foi muito bem recebido. O homem vinha montado num antilope.

Os sacerdotes conversaram com ele sobre os problemas, mostraram-lhe em detalhes como era a vida no local.

Apesar de ter apenas uma perna, o homem dançou a noite toda.

Então, o antilope disse que era hora de irem. E foram.

Todos ficaram admirados de o animal falar e reconheceram Ossaim, que aprecia muito passar despercebido e causar surpresas.

Os homens esperavam que levasse seus pedidos aos demais Orixás.

O mago-médico é uma espécie de Quirón africano que, antes de mais nada (e ao mesmo tempo, conforme os itãs), cura a si mesmo e se dedica à cura dos demais, embora sua própria cura não seja completa e as feridas permaneçam abertas (como o medo de que o filho reproduza nele, Ossaim, o mal que provocou em seus pais). Senhor dos segredos das folhas, a ele os Orixás respeitam por sua sabedoria e seu conhecimento.

Orikis

A tradução do oriki abaixo foi reproduzida por Alberto Ebômi.

Aquele que vive nas árvores e que tem um rabo pontudo como estaca.

Aquele que tem o fígado transparente como o da mosca.

Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.

O orixá que quando recebe a roupa da doença se move como se fosse cair.

O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.

Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.

Àgbéngí, o deus que usa palha.

O grande sino de ferro que soa poderosamente.

A quem as pessoas agradecem sem reservas depois que ele humilha as doenças.

Arôni que pula no poço com amuletos em seu peito.

O homem de uma perna que excita os de duas pernas para correr.

Toda a sabedoria e todo o conhecimento de Ossaim lhe dão força. Por vezes,

Aromi aparece a serviço de Ossaim, como seu mentor ou como o próprio

Ossaim.

MPB

Canto de Ossanha
(Vinícius de Moraes e Baden Powell)

"O canto da mais difícil

E mais misteriosa das deusas

Do candomblé baiano

Aquele que sabe tudo

Sobre as ervas

Sobre a alquimia do amor"

Deaaa! Deerer! Deaaa!

O homem que diz "dou"

Não dá!

Porque quem dá mesmo

Não diz!

O homem que diz "vou"

Não vai!

Porque quando foi

Já não quis!

O homem que diz "sou"

Não é!

Porque quem é mesmo "é"

Não sou!

O homem que diz "ou"

Não tá

Porque ninguém tá

Quando quer

Coitado do homem que cai

No canto de Ossanha

Traído!

Coitado do homem que vai

Atrás de mandinga de amor...

Vai! Vai! Vai! Vai!

Não Vou!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Não Vou!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Não Vou!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Não Vou!

Que eu não sou ninguém de ir

Em conversa de esquecer

A tristeza de um amor

Que passou

Não!

Eu só vou se for prá ver

Uma estrela aparecer

Na manhã de um novo amor...

Amigo, sinhô

Saravá

Xangô me mandou lhe dizer

Se é canto de Ossanha

Não vá!

Que muito vai se arrepender

Pergunte pro seu Orixá

O amor só é bom se doar

Pergunte pr'o seu Orixá

O amor só é bom se doar...

Vai! Vai! Vai! Vai!

Amar!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Soffrer!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Chorar!

Vai! Vai! Vai! Vai!

Dizer!

Que eu não sou ninguém de ir

Em conversa de esquecer

A tristeza de um amor

Que passou

Não!

Eu só vou se for prá ver

Uma estrela aparecer

Na manhã de um novo amor...

Vai! Vai! Vai! Vai!

Amar!

Vai! Vai! Vai! Vai!
Sofrer!
Vai! Vai! Vai! Vai!
Chorar!

Page 193

Vai! Vai! Vai! Vai!

Dizer!...[2x]

Caracterizado na canção como deusa, Ossanha, cujo canto sedutor alcança até o centro da floresta conforme relatos mitológicos, faz as pessoas a se perderem (talvez símbolo da perda da consciência nos mistérios insondáveis). Aqui, Ossanha aparece com o canto do amor. Contudo, o verdadeiro amor é o que faz sofrer - não por masoquismo, mas porque não se consegue viver plenamente com a ausência da pessoa amada.

Salve as folhas

(Geronimo Santana)

Sem folha não tem sonho

Sem folha não tem vida

Sem folha não tem nada

Quem é você e o que faz por aqui

Eu guardo a luz das estrelas

A alma de cada folha

Sou Aroni

Kosi euê

Kosi Orixá

Euê ô

Euê ô Orixá

Sem folha não tem sonho

Sem folha não tem festa

Sem folha não tem vida

Sem folha não tem nada

Eu guardo a luz das estrelas

A alma de cada folha

Sou Aroni

O verde da fotossíntese (luz das estrelas) e do poder etéreo (a alma de cada folha) é guardado por Aroni, do qual tratamos acima, sempre relacionado a Ossaim.

Page 194

EUÁ

Divindade do rio Yewa, também conhecida como Iya Wa, considerada a dona do mundo e dos horizontes, ligada às águas e, por vezes, associada à fertilidade. Em algumas lendas aparece como esposa de Obaluá/Onle. Já em outras, é esposa de Oxumaré, relacionada à faixa branca do arco-íris (seria a metade feminina desse Orixá).

Protetora das virgens, tem o poder da vidência, sendo senhora do céu estrelado. Por vezes é confundida com Iansã, Oxum e mesmo Iemanjá. Além do arpão, seu símbolo mais conhecido, pode também carregar um ofá (arco e flecha) dourado, uma espingarda ou uma serpente de metal. Também é simbolizada pelo raio de sol, pela neve e pelas palmeiras em formato de leque.

Orixá pouco cultuado na Umbanda.

Características

Animal: sabiá.

Bebida: champagne.

Cor: carmim.

Comemoração: 13 de dezembro.

Corpo humano e saúde: problemas intestinais e respiratórios.

Dia da semana: sábado.

Elemento: água Elementos incompatíveis: aranha, galinha, teia de aranha.

Ervas: arrozinho, baronesa (alga), golfão.

Flores: flores brancas e vermelhas.

Metais: cobre, ouro, prata.

Pontos da natureza: linha do horizonte, recebendo entregas em rios e lagos.

Saudação: *Rirri! ou Ri ri!* ("Doçura!")

Símbolo: arpão.

Sincretismo: Nossa Senhora das Neves, Santa Luzia.

SINCRETISMO

SANTA LUZIA

(13 de dezembro)

A Santa Luzia também se associa Oxum Apará, com boa visão de jogo. Mártir que teve a garganta cortada, no século XV, por não aceitar ter relações sexuais, certamente tornou-se padroeira dos olhos em virtude de seu nome, que vem do latim "lux" (luz).

Page 195

ORUNMILÁ

Tanto Orunmilá quanto Exu têm permissão para estar próximos a Olorum quando necessário, daí sua importância. Senhor dos destinos, Orunmilá rege o plano onírico, é aquele que sabe tudo o que se passa sob a regência de Olorum, no presente, no passado e no futuro. Tendo acompanhado Oduduwa na fundação de Ilé Ifé, é conhecido como *Eleri Ipin* (testemunho de Deus), *Ibikéji Olodumaré* (vice de Deus), *Ghaiyegborin* (o que está na terra e no céu), *Opitan Ifé* (o historiador de Ifé).

Por ordens de Olorum, além de ter participado da criação da terra e do homem, Orunmilá auxilia cada um a viver seu cotidiano e a vivenciar seu próprio caminho, isto é, o destino para seu Ori (cabeça).

Seus porta-vozes são os chamados babalaôs (pais do segredo), iniciados especificamente no culto a Ifá. No caso dos búzios, entretanto, os babalaôs são cada vez mais raros, sendo os mesmos lidos e interpretados por Babalorixás, ialorixás e outros devidamente preparados (a preparação e as formas de leitura podem variar bastante do Candomblé para a Umbanda e de acordo com a orientação espiritual de cada casa e cada ledor/ledora).

Cada ser humano é ligado diretamente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem como sua identidade mais profunda.

Coleeira ou noz-de-cola, utilizada em alguns rituais dos Cultos de Nação.

Prato à base de milho branco. Espécie de mingau.

Cada Iya Mi Oxorongá é uma entidade espiritual que representa a ancestralidade feminina, daí o porquê de ser conhecida como mãe ancestral. As Iya Mi são senhoras, donas dos pássaros da noite, poderosas, pairando acima dos conceitos do bem e do mal.

Page 196

AS LINHAS DA UM BANDA

De modo geral, cada Linha corresponde a uma faixa vibratória comandada por um Orixá e/ou Gaia ou Guardiã, agregando elementos afins.

Page 197

As Sete Linhas

Diversas tradições espirituais, religiosas e culturais consideram o número 7

sagrado, cabalístico, espiritual. Além disso, 7 são os períodos da vida, as cores do arco-íris, os dias da semana, as maravilhas do mundo (ao menos as da primeira listagem), os principais chacras, etc.

A presença desse número é bastante grande na Umbanda, em especial quando se fala das **Sete Linhas** (Linhas maiores de trabalho na Umbanda) e de nomes de Guias e Guardiões, por exemplo.

Interessante notar que, ao longo do tempo, não foram as Linhas de Umbanda que mudaram, e sim a compreensão a respeito delas. Cada vez mais novos elementos são agregados à Umbanda como, por exemplo, no caso da Linha do Oriente, uma vez que suas portas estão sempre abertas àqueles que, no Plano Espiritual, desejem trabalhar na Lei da Umbanda.

Como nada é rígido na Espiritualidade, nem sempre as representações e as correspondências de Guias e Guardiões (na Direita ou na Esquerda) serão necessariamente as mesmas para cada pessoa ou terreiro.

1925

No livro "Ensaio sobre Umbanda", Leal de Souza elenca as Sete Linhas abaixo:

1ª

Oxalá

Page 198

2ª

Ogum

3ª

Oxóssi

4ª

Xangô

5ª

Iansã

6ª

Iemanjá

7ª

Almas

Page 199

1941

1º. Congresso de Espiritismo de Umbanda Em “Introdução ao Estudo da Linha Branca de Umbanda”, a Cabana de Pai Thomé do Senhor do Bonfim confirma o trabalho de Leal de Souza.

1º. grau de iniciação

Almas

2º. grau de
iniciação
Xangô

Page 200

3º. grau de
iniciação
Ogum
4º. grau de
iniciação
Iansã
5º. grau de
iniciação
Oxóssi
6º. grau de
iniciação
Yemanjá
7º. grau de
iniciação
Oxalá

Page 201

1952

O Primado de Umbanda apresenta os Sete Seres Espirituais responsáveis pela Luz Espiritual emanada do próprio Deus (Supremo Espírito), o primeiro elo entre Deus e as outras Hierarquias Espirituais. Em nosso sistema solar, os chamados Orixás Maiores regem as Sete Linhas da Umbanda.

Page 202

1ª
Orixalá

2ª

Ogum

3ª

Oxóssi

4ª

Xangô

5ª

Yorimá (Iofá,

Obaluaê)

6ª

Yori (Ibeji – Erês –

Crianças)

Page 203

7ª

Yemanjá

1956

No Livro “Umbanda de Todos Nós”, W. W. da Mata e Silva apresenta as Sete Linhas de Umbanda, observando a tríade Caboclo, Preto-Velho e Criança, roupagens fluídicas com as quais apresentam-se os Espíritos trabalhadores da

Page 204

Umbanda.

1ª - Luz do

Senhor Deus,

Princípio

Incriado,

Verbo.

Orixalá

2ª - Princípio

Duplo

Gerante,

Espírito

Feminino,
Fecundação.
Yemanjá

Page 205

3ª - Potência
Divina
Manifestada,
Princípio em
ação na
própria
humanidade.

Yori
(Crianças)

4ª - Senhor
das Almas,
Senhor do
Fogo Etéreo,
Lei Cármica
(causa e
efeito).

Xangô

Page 206

5ª - Fogo da
Salvação,
Fogo da
Glória,
Demandas da
Fé.

Ogum

6ª - Ação
Circular
sobre os
vivos na
Terra,
Caçador das
Almas.
Oxóssi

Real da Lei,
Mestrado nos
Ensinamentos
da Lei de
Umbanda.

Yorimá
(Pretos-
Velhos)

1964

No Livro *Okê Caboclo! – Mensagens do Caboclo Mirim*, do fundador da Tenda Espírita Mirim Benjamim Figueiredo, os Orixás se dividem em Menores e Maiores, sendo estes últimos os regentes das Sete Linhas.

1ª - Expressão
da Inteligência

Oxalá

2ª - Expressão
do Amor

Iemanjá

3ª - Expressão
da Ciência

Xangô

Caô

4ª - Expressão
da Lógica

Oxóssi

5ª - Expressão

Xangô

da Justiça

Agodô

6ª - Expressão

da Ação

Ogum

7ª - Expressão

da Filosofia

Iofá

2003

Rubens Saraceni Livro “Sete

Linhas de Umbanda – A

Religião dos Mistérios”.

1ª - Essência

Cristalina – Fé

Oxalá

2ª - Essência

Mineral –

Amor

Oxum

3ª - Essência

Vegetal –

Conhecimento

Oxóssi

4ª - Essência

Ígnea – Justiça

Xangô

5ª - Essência

Aérea – Lei

Ogum

6ª - Essência

Telúrica –

Evolução

Obaluaê

7ª - Essência

Aquática –
Geração/Vida
Yemanjá
2009

Page 212

Lurdes de C. Vieira
(coordenação) Livro “Manual
Doutrinário, Ritualístico e
Comportamental Umbandista”
Oxalá
Mistério da
Fé –
qualidade
congregadora
Ogum
Mistério da
Ordenação –
onipotência
Mistério do

Page 213

Oxóssi
Conhecimento
– onisciência
Xangô
Mistério da
Justiça
Oxum
Mistério do
Amor –
concepção
Obá
Mistério do
Conhecimento
- concentração

Page 214

Iansã

Mistério da
Lei – direção
Oxumaré
Mistério do
Amor –
renovação
Obaluaê
Mistério da
Evolução
Omolu
Mistério da
Vida –
estabilização

Page 215

Nanã
Mistério da
Evolução –
racionalização
Oiá
Tempo
Mistério da
Religiosidade
Egunitá
Egunitá –
Mistério da
Justiça –
purificação
Exu
Qualidade
vitalizadora
de Olorum

Page 216

(Deus, Zâmbi)
Pombogira
Qualidade
estabilizadora
2010

Janaina Azevedo Corral
Livro “As Sete Linhas da
Umbanda”

1ª

Linha de Oxalá

Page 217

2ª

Linha das Águas

3ª

Linha dos Ancestrais
(Yori e Yorimá)

4ª

Linha de Ogum

5ª

Linha de Oxóssi

6ª

Linha de Xangô

7ª

Linha do Oriente

Page 218

**AS SETE LINHAS NA
FORMA EM QUE SÃO
MAIS CONHECIDAS
E/OU MAIS SE
MANIFESTAM NOS
TERREIROS DE
UMBANDA.**

1ª

Oxalá

2ª

Iemanjá

3ª

Xangô

Page 219

4ª

Ogum

5ª

Oxóssi

6ª

Yori

7ª

Yorimá

Page 220

Oxalá

Vibração que coordena as demais, a *Linha de Oxalá* é a que representa o reflexo de Deus. As Entidades dessa linha costumam falar calmamente. Seus pontos cantados possuem grande aspecto místico. Raramente assumem chefia de cabeça.

**SETE CHEFES DE
LEGIÃO DA VIBRAÇÃO
ESPIRITUAL DE OXALÁ**

Caboclo

Urubatão

da Guia

Representante

da vibração

espiritual

Caboclo

Guaracy

Intermediário

para Ogum

Page 221

Caboclo

Guarani

Intermediário

para Oxóssi

Caboclo

Aimoré

Intermediário

para Xangô

Caboclo

Tupi

Intermediário

para Yorimá

Caboclo

Ubiratan

Intermediário
para Yori
Caboclo
Ubirajara
Intermediário
para Iemanjá

Page 222

Page 223

[Iemanjá](#)

Também conhecida como *Linha d'Água* ou *Povo d'Água*. Representa o feminino, a maternidade, a energia geradora. As entidades dessa linha apreciam trabalhar com água, inclusive do mar ou salgada, fixando vibrações, de maneira serena.

Na Umbanda, Oxum, Iansã e Nanã, assim como as demais Iabás (Orixás femininos/Santas) pertencem a essa Linha.

SETE CHEFES DE LEGIÃO DA VIBRAÇÃO ESPIRITUAL DE IEMANJÁ

Cabocla
Iara
Representante
da vibração
espiritual
Cabocla
Estrela
Intermediário
para Oxalá

Page 224

do Mar
Cabocla
Indaiá
Intermediário
para Oxóssi
Cabocla
do Mar
Intermediário
para Ogum
Cabocla
Iansã
Intermediário

para Xangô
Cabocla
Nanã
Buruquê
Intermediário
para Yorimá

Page 225

Cabocla
Oxum
Intermediário
para Yori

Page 226

[Xangô](#)

Os pontos cantados dessa Linha nos remetem aos pontos de força do Orixá Xangô: pedreiras, cachoeiras, montanhas. Justiça, lei cármica (ação e reação), avaliação do estado espiritual são alguns dos aspectos atrelados a Xangô e a essa Linha.

SETE CHEFES DE LEGIÃO DA VIBRAÇÃO ESPIRITUAL DE XANGÔ

Xangô Caô
Representante
da vibração
espiritual
Xangô
Pedra
Branca
Intermediário
para Oxalá

Page 227

Xangô
Agodô
Intermediário
para Oxóssi
Xangô
Sete
Montanhas
Intermediário
para Ogum

Xangô
Sete
Cachoeiras
Intermediário
para Yori
Xangô
Pedra
Preta
Intermediário
para Yorimá

Page 228

Xangô
Sete
Pedreiras
Intermediário
para Iemanjá

Page 229

Ogum

Ogum protege as batalhas da vida, toma a frente das demandas da fé e de tudo o que nos aflige. É a Linha do guerreiro místico, espiritual. Os pontos cantados e as preces relacionadas a essa Linha evocam as lutas, as batalhas, a

determinação.

Orixá mediador dos choques cármicos, Ogum rege caboclos que andam de um lado para o outro, enérgicos, vivazes, que falam de maneira vibrante e decidida.

**SETE CHEFES DE
LEGIÃO DA VIBRAÇÃO
ESPIRITUAL DE OGUM**

Ogum
Dilê
Representante
da vibração
espiritual
Ogum
Matinata
Intermediário
para Oxalá

Page 230

Ogum
Rompe-
Mato

Intermediário
para Oxóssi
Ogum
Beira-
Mar
Intermediário
para Xangô
Ogum
de Malê
Intermediário
para Yorimá
Ogum
Megê
Intermediário
para Yori

Page 231

Ogum
Iara
Intermediário
para Iemanjá

Page 232

Oxóssi

Fala, passes, trabalhos e conselhos: tudo é sereno, seguro e forte nas entidades regidas por Oxóssi, o Caçador das Almas. Seus pontos cantados evocam a natureza e sua espiritualidade, notadamente a das matas.

**SETE CHEFES DE
LEGIÃO DA VIBRAÇÃO
ESPIRITUAL DE OXÓSSI**

Caboclo
Arranca-
Toco
Representante
da vibração
espiritual
Caboclo
Arariboia
Intermediário
para Ogum

Page 233

Caboclo
Arruda
Intermediário
para Oxalá
Caboclo
Cobra
Coral
Intermediário
para Xangô
Caboclo
Tupinambá
Intermediário
para Yorimá
Cabocla
Jurema
Intermediário
para Yori
Caboclo
Intermediário

Page 234

Pena
Branca
para Iemanjá

Page 235

Yori

Espíritos evoluídos que se manifestam como crianças, serenas ou um pouco vivazes compõem a Linha de Yori. A maioria gosta de se sentar ao chão, outros de andar de lá para cá. Apreciam bastante os doces. Seus pontos cantados ora são alegres, ora tristes, com constantes evocações ao Papai e à Mamãe do Céu. As crianças ensinam ao mais sisudo dos médiuns e/ou aos irmãos da assistência a importância da alegria, da leveza, do lúdico, do despertar e dos cuidados para com a criança interior. Além disso nos lembram o respeito às crianças encarnadas, conforme o conselho do próprio Mestre Jesus, quando pede que deixem as crianças chegar até Ele. Nas giras de alguns templos dão consulta. Em outras, interagem, conversam, benzem e cruzam os presentes. Sempre alegrem e purificam o ambiente. Em suas festas, em algumas casas, por influência dos Cultos de Nação, é servido caruru, primeiro aos espíritos da Linha de Yori, depois às crianças encarnadas presentes, sendo que todos devem comer com as mãos. Depois o caruru é servido aos adultos, que comem com talheres ou, se preferirem, também com as mãos.

**SETE CHEFES DE
LEGIÃO DA VIBRAÇÃO
ESPIRITUAL DE YORI**

Tupãzinho
Representante
da vibração
espiritual

Ori
 Intermediário
 para Oxalá
 Damião
 Intermediário
 para Oxóssi
 Yari
 Intermediário
 para Ogum
 Doum
 Intermediário
 para Xangô
 Cosme
 Intermediário

para Yorimá
 Yariri
 Intermediário
 para Iemanjá

Yorimá

Na Linha de Yorimá ou Linha das Almas, Magos da Luz, por meio de suas mirongas, trazem luz, amparo, conforto a todos. Apreciam trabalhar com diversos elementos, dentre eles fumo e fumaça, fixando bons flúidos e eliminando os maléficos.

Eficazes auxiliares de outros guias, raramente assumem a chefia de cabeça. As atitudes, as palavras, os conselhos dos Pretos-Velhos, pais e vovós amorosos, bem como seus pontos cantados, nos convidam à humildade, ao perdão, ao auto-perdão e a assumir novas posturas diante da vida.

SETE CHEFES DE LEGIÃO DA VIBRAÇÃO ESPIRITUAL DE YORIMÁ

Pai
 Guiné
 Representante
 da vibração
 espiritual
 Pai
 Intermediário

Tomé
para Oxalá
Pai
Joaquim
Intermediário
para Oxóssi
Pai
Benedito
Intermediário
para Ogum
Vovó
Maria
Conga
Intermediário
para Xangô
Pai
Congo d
Intermediário
para Yori

Page 240

´Aruanda
Pai
Arruda
Intermediário
para Iemanjá

Page 241

OUTRAS LINHAS DA UM BANDA

Baianos

Os Baianos trabalham sob a irradiação de diversos Orixás e, evidentemente, nem todos são realmente baianos ou nordestinos (alguns podem ter sido Babalorixás de origem diversa, identificando-se, portanto com o culto aos Orixás).

Alegres, brincalhões, adoram festas e apreciam desmanchar trabalhos de magia deletéria, sendo bons conselheiros e orientadores. Gostam muito de dançar, o que, além de ser uma descontrainda manifestação de alegria é também uma maneira dirigida de manipulação de energia. Alguns são genuinamente quimbandeiros, identificando-se, portanto, com os Exus e as Fombogiras, trabalhando na Esquerda. Também se apresentam, muitas vezes, em giras de Caboclos e Pretos-Velhos.

Irreverentes e batalhadores, representam, ainda, o arquétipo do migrante nordestino a enfrentar o cotidiano com determinação. Procuram esclarecer espíritos de vibração deletéria, contudo, quando isso não é possível, costumam "amarrá-los", isto é, isolá-los energeticamente, até o dia em que estejam abertos a conselhos e realmente queiram ser ajudados.

**ALGUMAS
CARACTERÍSTICAS DOS
BAIANOS**
Chapéu de

Apresentação
palha ou de
couro, roupa
de couro,
sotaque e
vocabulário
tipicamente
nordestinos.

Atuação

Dão passes
e
desmancham
trabalhos de
magia
deletéria.

Alguns
benzem com
água e/ou

dendê.

Trabalham
com fortes
orações e
rezas.

Bebidas

Água de
coco, batida
de coco,
cachaça.

Comidas

Cocada,
coco, farofa
com carne
seca.

Cores

Laranja ou
aquela
definida
pela própria
entidade.

Fumo

Cigarro de
palha.

Chiquinho
Cangaceiro,
Gentilero,
Mané
Baiano,
Maria do
Alto do

Page 245

Nomes

Morro,

Maria do

Balaio,

Maria

Baiana,

Maria

Bonita,

Maria dos

Remédios,

Sete

Ponteiros,

Severino,

Zé do

Berimbau,

Zé do Coco,

Zé Pelintra,

Zé do

Prado, Zé

Page 246

do Trilho

Verde e outros.

Page 247

[Cangaço](#)

Por vezes confundida com a Linha da Bahia, agrega espíritos de antigos cangaceiros ou afins que hoje usam seus conhecimentos para proteção, limpeza, defesa e outros. Alguns de seus nomes: Maria Bonita, Corisco, Zóio Furado, etc.

Page 248

[Boiadeiros](#)

Também conhecidos como Caboclos Boiadeiros em determinados segmentos umbandistas. Segundo alguns umbandistas, já foram Exus e transferiram de faixa vibratória (nos Candomblés onde se manifestam Boiadeiros, geralmente fazem funções protetoras das quais os Exus se encarregam na Umbanda). Protetores, utilizam-se do laço e do chicote como armas espirituais contra as investidas de espíritos de vibrações deletérias. Conduzem os espíritos para seu destino e resgatam aqueles que se perderam da Luz.

Certamente muitos desses espíritos, quando encarnados (homens e mulheres), lidaram com o gado, em fazendas, comitivas e outros: vaqueiros, tocadores de viola, laçadores, etc. Trabalham para diversos fins, com velas, pontos riscados e rezas fortes. Sua dança é rápida e ágil. Preferem bebidas fortes, como cachaça com mel (meladinha), vinho tinto, mas também bebem cerveja. Seu dia votivo é quinta-feira. Seu prato preferido é carne bovina com feijão tropeiro, também apreciam abóbora com farofa de torresmo. Em oferendas, usam-se também fumo de rolo e cigarro de palha.

Quanto às vestimentas e identificações, costumam solicitar panos para cobrir a região dos seios das médiuns, valem-se de chapéus de couro, laços, bombachas e até berrantes. Sua saudação e seu brado costumam ser *Jetrudá!, Xetro Marrumba Xetro! elou Minaketo Navizala!*: "Salve o que tem braço (pulso) forte!"

Alguns Boiadeiros: Boiadeiro do Chapadão, Boiadeiro Chapéu de Couro, Boiadeiro de Imbaúba, Boiadeiro do Ingá, Boiadeiro da Jurema, Boiadeiro Juremá, Boiadeiro do Lajedo, Boiadeiro Navizala, Boiadeiro do Rio, Carreiro, João Boiadeiro, João do Laço, Zé do Laço, Zé Mineiro.

Page 249

[Marinheiros](#)

Os Marinheiros apreciam o álcool, o qual deve ser servido com parcimônia, com o intuito de regular o magnetismo desses espíritos, que, dessa maneira, se equilibram melhor em e com seis médiuns. Locomovem-se para frente e para trás em virtude do magnetismo aquático.

Alegres, brincalhões, amigáveis, identificam-se com a vida no mar, à qual estavam ligados quando encarnados (homens ou mulheres) como marujos, capitães, piratas, pescadores e outros. Atuam principalmente no desmanche de demandas, em casos de doença e no descarrego de ambientes onde ocorrem trabalhos espirituais. Literalmente lavam e purificam. Também dão consultas e passes. Toda a energia deletéria é encaminhada para o fundo do mar.

A origem dessa Linha, sem dúvida, é lemanjá, contudo os Marinheiros trabalham sob a irradiação de diversos Orixás. Chefiados por Tarimá, costumam andar em grupo. Alguns marinheiros: Chico do Mar, Maria do Cais, Seu Gererê, Seu Iriande, Seu Marinheiro Japonês, Seu Martin Pescador.

Saudação: "É da Marinha!" ou "É do Mar!"

Page 250

[Ciganos](#)

Os Ciganos formam Linha bastante antiga de trabalhos na Umbanda. Por vezes, apresentam-se na Linha do Oriente e com ela se confundem. Atuam em diversas áreas, em especial no tocante à saúde, ao amor e ao conhecimento, com tratamentos e características diferentes das de outras correntes, falanges e Linhas. Assim como o povo Cigano, quando encarnado, possui origem antiga e pulverizada em diásporas, caracterizado pelo nomadismo, o Povo Cigano do Astral assenta-se nos mais diversos terrenos de Umbanda. Na Espiritualidade, os Ciganos não estão mais afeitos a tradições fechadas (Ciganos casando-se apenas entre eles, por exemplo) e patriarcalistas terrenas (a mulher sem filhos biológicos praticamente perdendo seu valor perante o marido, a família e a comunidade), podendo atuar com mais liberdade; daí afinarem-se à Umbanda, conhecida pelo sincretismo e por abrir as portas a diversas Linhas espirituais.

Alegres e experientes, trabalham utilizando-se de seus conhecimentos mágicos, tanto na Direita quanto na Esquerda. Se existem Exus e Pombogiras Ciganos, há também Ciganos que, por afinidade e/ou por não encontrar outros caminhos numa casa, trabalham na Linha da Esquerda.

Amparados pela vibração oriental, trajam vestes e adereços característicos, valendo-se de cartas, runas, bolas de cristal, Numerologia e outros expedientes que lhes são familiares. Apreciam também trabalhar com cores (cada Cigano tem sua cor de vibração e de velas, embora possa se valer de diversas cores, em virtude dos vastos conhecimentos que possuem) e com incensos. Utilizam-se, ainda, de pedras, bebidas, punhais, lenços e outros elementos para Magia Branca. Embora haja orações, simpatias e feitiços Ciganos espalhados em profusão em livros, revistas, sites na internet e outros, vale lembrar que a Umbanda, seja na Direita ou na Esquerda, jamais trabalha com qualquer elemento que venha a ferir o livre-arbítrio de alguém.

Em muitas casas, Linha do Oriente e Linha Cigana se confundem; em outras, trabalham separadamente (há casas em que aparece apenas a Linha Cigana). Existe, ainda, a leitura de que a Linha Cigana seria uma espécie de divisão/falange da Linha do Oriente.

Page 251

[Santa Sara](#)

Padroeira do Povo Cigano. Reza a tradição, numa das lendas de Santa Sara, que, para fugir das perseguições de Herodes Agripa, alguns discípulos de Jesus foram colocados numa barca sem velas, remos ou o mínimo de provisões.

Dentre os discípulos estavam Maria Salomé, mãe de Tiago Maior e João, e Maria Jacobé, irmã ou prima de Maria, mãe de Jesus, juntamente com a serva Sara. Em 44 ou 45 d. C., a embarcação teria chegado a Camargue, na França. Maria Jacobé, Maria Salomé e Sara teriam permanecido na mesma região, enquanto os demais discípulos se dispersaram pela Gália como evangelizadores.

Segundo outras versões, Sara vivia às margens do Mediterrâneo e foi acolhida pelas outras mulheres, tornando-se, posteriormente, cristã, serva e acompanhante de Maria Jacobé e Maria Salomé. Outras fontes caracterizam Sara como abadessa ou freira de um convento libio, rainha egípcia que teria acolhido os evangelizadores, ou mesmo descendente dos atlantes. Para os Ciganos, a Virgem Sara é chamada também de Kali (o que significa "negra"; também nome de uma deusa negra indiana, relacionada à morte).

Oração popular

Minha doce Santa Sara Kali, tu, que és a única santa cigana do mundo; tu, que

*sofrete todas as formas de humilhação e preconceito; tu, que foste amedrontada e jogada ao mar para que morresses de sede e de fome; tu, que sabes o que é o medo, a fome, a mágoa e a dor no coração, não permitas que meus inimigos zombem de mim ou me maltratem. Que tu sejas minha advogada perante Deus, que tu me concedas sorte, saúde, paz e que abençoe a minha vida.
Amém.*

Orie-nte

Linha bastante genérica, sempre aberta às Entidades Ancestrais mais diversas, isto é, a espíritos os mais variados que com ela se afinem, agrupando-se de acordo com distintas tradições, traços culturais, etc.

Além de muitas vezes incluir o Povo Cigano, muitas casas não reconhecem a Linha do Oriente, "distribuindo" os Guias e as Entidades nas Linhas de Pretos-Velhos ou Caboclos.

Em linhas gerais, sua ritualística é diversa: os Guias não trabalham com bebidas alcoólicas (exceto no caso dos Ciganos), usam roupas coloridas e metais nobres (ouro, prata e bronze). Podem, ainda, não utilizar atabaques, mas instrumentos como harpa ou cítara. Suas oferendas também são específicas.

ALGUMAS LEGIÕES DA LINHA DO ORIENTE

Legiões

Exemplos de

Guias e/ou

desdobramentos

Ramatís

Caboclo Pena

Legião

dos

Indianos

de Pavão

Caboclo Sultão

das Matas

Caboclo Sete

Mares

Legião

dos

Árabes,

Persas,

Turcos e

Hebreus

Cacique Jacó

Caboclo das

Sete

Encruzilhadas

Caboclo Orixá

Malê

Caboclo Akuan

(Abdul)
Caboclo
Tupaíba

Page 254

Legião
dos
Chineses,
Tibetanos,
Japoneses
e
Mongóis
Tibiri, o
Japonês
Legião
dos
Egípcios
Legião
dos
Maias,
Toltecas,

Page 255

Astecas,
Incas e
Caraíbas
Legião
dos
Europeus
Falange dos
Portugueses
Falange dos
Cruzados
Falange dos
Templários
Falange dos
Romanos
Falange dos
Santos

Legião
dos
Médicos,
Sábios e
Xamãs
Falange dos
Médicos
Ocidentais
Falange dos
Terapeutas
Orientais
Falange dos
Rezadores
Falange dos
Cabalistas e
Alquimistas
Falange dos
Raizeiros
Falange dos
Xamãs

Metódes de cura (Linha de Cura)

Os mentores de cura trabalham de diversas maneiras (os métodos mais comuns estão descritos abaixo). A fim de que seu trabalho seja bastante aproveitado, é necessário preparo e dedicação do médium, além da observação, por parte do paciente, de prescrições específicas (roupas, abstenções temporárias, repouso e outros).

Vale lembrar que, do ponto de vista holístico, o conceito de cura é amplo e depende de vários fatores (padrão de pensamento, reforma íntima, programação espiritual – a qual, evidentemente, pode ser revista, de acordo com a vivência cotidiana de cada um –, merecimento e outros). Nesse sentido, muitas vezes, obter a cura significa conseguir paz, equilíbrio e diminuição das dores para um desencarne sereno.

MÉTODOS DE TRABALHO MAIS CONHECIDOS

Estando o
mentor
espiritual
incorporado no
médium,
poderá ou não
valer-se de

Cirurgia
espiritual
meios
cirúrgicos
elementares
(cortes,
punções,
raspagens e
outros).
Envolve a
manipulação
do corpo físico
por meio das
mãos do
médium.
Realizada
diretamente no
perispírito do

Cirurgia
perispiritual
paciente, em
data e horário
previamente
determinados,
pode ou não
contar com a
colaboração
de um médium
presente.
Atuando no
corpo físico e
no duplo
etérico, em
especial para
males de
origem

Cromoterapia emocional, é indicada pelos mentores de cura e deve ser aplicada por médiuns que conheçam a técnica.

Fluidoterapia
Atuando no corpo físico e no perispírito, deve ser aplicada por médiuns que conheçam a técnica.

Indicada pelos mentores espirituais.

Homeopatia
Indicada pelos mentores espirituais, a Homeopatia está disponível em qualquer farmácia especializada e deve ser consumida conforme a indicação.

Reiki
Bastante
utilizado para
combater
males de
origem
emocional e
psíquica, deve
ser aplicado
por médium
sintonizado
(iniciado na
técnica).
Realizada por
equipe
espiritual, em

Visita
espiritual
data e horário
previamente
estipulados.
Nas visitas são
aplicados
passes, feitas
orações e
realizados,
ainda, outros
procedimentos.
Outros
Acupuntura,
aromaterapia,
chás,
cristaloterapia,
florais de
Bach, Do-in,

etc.

INTERAÇÃO COM OS MÉDIUNS

Incorporação

Sutil e

geralmente

consciente. Em

muitos casos, o

mentor se vale

da fala,

assumindo o

controle motor

quando

necessário.

Intuição

Muito

importante o

equilíbrio e o

desenvolvimento

do médium, a

fim de não haver

distorção das

orientações dos

mentores

(tratamentos,

providências e

outros).

Assemelha-se a

toda e qualquer

Psicografia

psicografia,

entretanto, os

mentores

costumam ditar

receitas de
tratamentos e
medicamentos,
alguns deles da
própria
Medicina dita
Alopática.

EQUIPES ESPIRITUAIS

Auxiliam no

Page 267

Apoio
levantamento
do histórico
dos pacientes
e os inspiram
a mudanças
de hábitos e
atitudes, a fim
de que os
tratamentos,
remédios e
demais
terapêuticas
sejam
plenamente
aproveitados.
À semelhança

Page 268

Cirúrgicas
das equipes
cirúrgicas
terrenas,
possuem
cirurgiões,
assistentes,
anestesistas,
etc. Diferem,

contudo, na
aparelhagem e
na tecnologia
disponíveis.
Contribuem
também com
passes e
aplicação de
energias
associados às

Page 269

intervenções
cirúrgicas.
Oração
Equilibram o
mental e o
emocional do
paciente, dos
que o
auxiliam e do
ambiente,
aumentando
as boas
energias.
Essas equipes
podem ser
formadas por
espíritos que,

Page 270

quando
encarnados,
foram
religiosos e,
portanto,
estão
acostumados
às preces.

Passes
Antes, durante
e depois das
sessões,
encarregam-
se de aplicar
passes em
pacientes e
médiums, em

Page 271

especial nas
sessões de
cura e nas
visitas
espirituais.
Proteção
Nos
tratamentos,
visitas, etc.,
protegem os
pacientes da
ação de
espíritos com
vibrações
deletérias,
geralmente
causadores

Page 272

das doenças e
desequilíbrios
desses
pacientes.

TIPOS DE MALES

Males
cármicos
Doenças
geralmente

incuráveis
(fatais ou não).
Toda forma de
tratamento,
visa, portanto,
dar alívio,

Page 273

conforto e
força ao
paciente.
Males
espirituais
Causados por
obsessores,
vampirizadores
e outros
espíritos,
reverberam no
corpo físico em
forma de
doenças.
Geralmente
provocados

Page 274

Males
físicos
por vícios,
maus hábitos,
má alimentação
e outros fatores
do cotidiano.
Contudo, os
males físicos
estão atrelados
aos demais,
uma vez que
representam a

concretização/a
última etapa da
manifestação
de outros males
(espirituais,
cármicos e
mentais).

Page 275

Males
mentais
Depressão,
angústia, apatia
e outros. Se em
muitos casos a
ação é de
obsessores,
vampirizadores
e outros
espíritos afins,
a maior parte
origina-se da
atitude mental
dos pacientes
(crenças
cristalizadas,
medos, culpa,

Page 276

etc.). Os males
mentais podem
corporificar-se
em forma de
úlceras,
hipertensão,
câncer e uma
extensa lista de
doenças.

A ESQUERDA

Na Umbanda, em vez de se cultuar diretamente o Orixá Exu, é mais comum o culto aos Exus e às Pombogiras, trabalhadores da chamada Esquerda, oposto complementar da Direita. Ao longo da História, o conceito de esquerdo/esquerda foi de exclusão e incompreensão. Alguns exemplos: pessoas canhotas vistas sob suspeitas aos olhos de parte do clero e da população da Idade Média; em francês, esquerdo/esquerda é *gauche*, que também significa atrapalhado, destoante; em italiano, esquerdo/esquerda é *sinistro/sinistra*, o que nos lembra algo obscuro. Incompreendidos e temidos, Exus e Pombogiras são vítimas da ingratidão e da intolerância, não apenas de religiões que não dialogam e discriminam a Umbanda e o Candomblé, mas, infelizmente, também no interior dessas próprias religiões: há mais-velhos do Candomblé que ainda chamam Exus de "escravos" ou "diabos", enquanto alguns umbandistas afirmam "não querem nada com Exu".

Em linhas gerais, nas sociedades humanas costuma-se, por exemplo, valorizar o médico e não valorizar o lixeiro. Contudo, ambos os profissionais são extremamente importantes para a manutenção da saúde de cada indivíduo e da coletividade. Em termos espirituais, a Esquerda faz o trabalho mais pesado de desmanches de demandas, de policiamento e proteção de templos (portanto, toda casa de oração tem os seus Exus), de limpeza energética, enfim. No anonimato, sob nomes genéricos e referentes à linha de atuação, aos Orixás para os quais trabalham, Exus e Pombogiras são médicos, conselheiros, psicólogos, protetores, exercendo múltiplas funções que podem ser resumidas em uma palavra: Guardiões.

Se, em pinturas mediúnicas, Exus e Pombogiras apresentam-se com imagens e fisionomias "normais", por que as estatuetas que os representam parecem, aos olhos do senso comum, associá-los ainda mais ao Diabo cristão? Por três razões básicas:

a. Os símbolos de Exu pertencem a uma cultura diversa do universo cristão. Nela, por exemplo, a sexualidade não se associa ao pecado e, portanto, símbolos fálicos são mais evidentes, ligados tanto ao prazer quanto à fertilidade, enquanto o tridente representa os caminhos, e não algo infernal. O mesmo pode-se dizer, por exemplo, do dragão presente nas imagens de São Miguel e São Jorge: enquanto, no Ocidente cristão, o dragão representa o mal, em várias culturas do

Oriente é símbolo de fogo e força espirituais.

b. A área de atuação de Exus e Pombogiras solicita elementos tais quais os utilizados por eles (capas, bastões, etc.) ou que os simbolizam (caveiras, fogo, etc.), vibrações cromáticas específicas também (vermelho e preto) e outros.

c. Do ponto de vista histórico e cultural, quando as comunidades que cultuavam Orixás perceberam, além da segregação, o temor daqueles que os discriminavam, assumiram conscientemente a relação entre Exu e o Diabo cristão e passaram a representá-lo desta forma como estratégia para afastar de seus locais de encontro e liturgia todo aquele que pudesse prejudicar suas manifestações religiosas. Nesse sentido, muitos dos nomes e pontos cantados de Exu, do ponto de vista espiritual (energias e funções) e cultural-histórico são "infernais".

De modo bem simples, Exus e Pombogiras podem ser definidos como agentes da Luz nas trevas (do erro, da ignorância, da culpa, da maldade, etc.).

Exus

Quando encarnados, geralmente tiveram vida difícil, como boêmios, prostitutas e/ou dançarinas de cabaré (caso de muitas Pombogiras), em experiências de violência, agressão, ódio, vingança. Conforme dito acima, são agentes da Luz atuando nas trevas. Praticando a caridade, executam a Lei de forma ordenada, sob a regência dos chefes e em nome dos Orixás. Devem ser tratados com respeito e carinho, à maneira como se tratam amigos, e não com temor. Guardiões não apenas durante as giras e as consultas/atendimentos que dão nas giras de Esquerda, são os senhores do plano negativo ("negativo" não possui nenhuma conotação moral ou de desvalor), responsabilizam-se pelos espíritos caídos, sendo, ainda, cobradores dos carmas. Combatem o mal e estabilizam o astral na escuridão. Cortam demanda, desfazem trabalhos de magia negra, auxiliam em descarregos e desobsessões, encaminham espíritos com vibrações deletérias para a Luz ou para ambientes específicos do Astral Inferior, a fim de ser reabilitarem e seguirem a senda da evolução.

Sua roupa geralmente é preta e vermelha, podendo usar capas, bengalas, chapéus e instrumentos como punhais. Como soldados e policiais do Astral, utilizam uniformes apropriados para batalhas, diligências e outros. Suas emanações, quando necessário, são pesadas e intimidam. Em outras circunstâncias, apresentam-se de maneira elegante. Em outras palavras, sua roupagem fluidica depende de vários fatores, como evolução, função, missão, ambiente etc. Podem, ainda, assumir aspecto animalesco, grotesco, possuindo

grande capacidade de alterar sua aparência.

Os Exus são alegres e brincalhões e, ao mesmo tempo, dão e exigem respeito. Honram sua palavra, buscam constantemente sua evolução. Guardiões, expõem-se a choques energéticos. Espíritos caridosos, trabalham principalmente em causas ligadas aos assuntos mais terrenos. Se aparentam dureza, franqueza e pouca emotividade, em outros momentos, conforme as circunstâncias, mostram-se amorosos e compassivos, afastando-se, porém, daqueles que visam a atrasar sua evolução. Suas gostosas gargalhadas não são apenas manifestações de alegria, mas também potentes mantras desagregadores de energias deletérias, emitidos com o intuito de equilibrar especialmente pessoas e ambientes.

É muito importante o consultante conhecer a casa que se frequenta, para que não se confunda Exu e Pombogira com quimbas. Pela Lei de Ação e Reação, pedidos e comprometimentos feitos visando ao mal e desrespeitando o livre-arbítrio serão cobrados. Quanto às casas, a fim de evitar consultantes desavisados, algumas optam por fazer giras de Esquerda fechadas, enquanto outras as fazem abertas, mas quase sempre com pequena preleção a respeito da Esquerda. Saudação: *Laroiê Exu (ou Pombogira), Exu (ou Pombogira) é Mojubá!*

OS EXUS E ALGUNS PONTOS DE VIBRAÇÃO

Geralmente trabalham para Obaluaê. Alguns operam em

Cemitério
trabalhos,
obrigações,
descarregos,
mas não dão
consultas.
Trabalham,
quando em
consulta,
descarregando o
consulente,
sendo sérios e
discretos.
Além de se
apresentarem
em trabalhos,
obrigações e

Encruzilhada
descarregos,
gostam de dar
consultas. Nem
tão sérios
quanto os Exus
de Cemitério,
nem tão
brincalhões
quanto os Exus
de Estrada.
Trabalham para
diversos Orixás.
Movimentam-se
bastante, dão
consultas, são
brincalhões e

Estrada
 apreciam uma
 boa gargalhada
 (o que não
 significa
 bagunça; sua
 descontração
 não rima com
 esculhambação).

Exu Mirim

Os Exus Mirins compõem a Linha da Esquerda, apresentando-se como crianças ou adolescentes. São extrovertidos, brincalhões e trabalham com funções análogas às de Exus e Pombogiras. Utilizam-se dos elementos comuns à Linha da Esquerda (cores, fumo, álcool etc.).

Segundo alguns segmentos umbandistas, nunca encarnaram, enquanto outros sustentam que, à maneira de Exus e Pombogiras, tiveram difícil vivência encarnatória e hoje se utilizam de seus conhecimentos para promover a segurança, a proteção, o bem-estar.

Pombogira

O termo Pombogira é uma corruptela de Bombojira, que, em terreiros bantos, significa Exu, vocábulo que, por sua vez, deriva do quicongo "mpambu-a-nzila" (em quimbundo, "pambuanjila"), com o significado de "encruzilhada". Trabalham com o desejo, especialmente com o sexual, freando os exuberantes e deturpações sexuais dos seres humanos (encarnados ou desencarnados), direcionando-lhes a energia para aspectos construtivos. Algumas delas, em vida, estiveram ligadas a várias formas de desequilíbrio sexuais: pela Lei de Ação e Reação, praticando a caridade, evoluem e auxiliam outros seres à evolução. Alegres, divertidas, simpáticas, conhecem a alma humana e suas intenções. Sensuais e equilibradas, descarregam pessoas e ambientes de energias viciadas. Gostam de dançar. Infelizmente, são bastante confundidas com quiumbas e consideradas responsáveis por amarrações de casais, separações e outros, quando, na verdade, seu trabalho é o de equilibrar as energias do desejo.

Exemplo: quando alguém é viciado em sexo (desequilíbrio), podem encaminhar circunstâncias para que a pessoa tenha verdadeira overdose de sexo, de modo a esgotá-la e poder trabalhá-la para o reequilíbrio. Assim como os Exus de caráter masculino, as Pombogiras são agentes cárnicos da Lei.

Geralmente o senso comum associa as Pombogiras a prostitutas. Se muitas delas estão resgatando débitos relacionados à sexualidade, isso ocorre, contudo, não apenas por promiscuidade e pelas consequências energéticas decorrentes, mas, também, pela abstinência sexual ideológica e religiosamente imposta; caso de muitas mulheres que professaram votos celibatários, mas foram grandes agressoras de crianças, pessoas amarguradas praguejando contra mulheres com vida sexual ativa, etc.

Suas cores geralmente são vermelho e preto. Alguns nomes: Maria Molambo, Sete-Saias, Maria Padilha, Pombogira do Cruzeiro, Pombogira Rosa Caveira etc.

Linha dos Exus

Abaixo, uma lista sintética a respeito da organização da Linha dos Exus, contudo, como em outras Linhas e Falanges, existem variações. Exu Marabó, por exemplo, geralmente se apresenta trabalhando sob os ordens de Oxóssi, mas às vezes também trabalha sob as de Xangô.

OS SETE EXUS CHEFES DE FALANGE VIBRAÇÃO ESPIRITUAL DE OXALÁ

Exu Sete
 Encruzilhadas
 Comando
 negativo da
 linha
 Exu Sete
 Chaves
 Intermediário

para Ogum

Page 286

Exu Sete
Capas
Intermediário
para Oxóssi
Exu Sete
Poeiras
Intermediário
para Xangô
Exu Sete
Cruzes
Intermediário
para Yorimá
Exu Sete
Ventanias
Intermediário
para Yori
Exu Sete
Pembas
Intermediário
para Iemanjá

Page 287

**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE IEMANJÁ**

Pombogira
Rainha
Comando
negativo da
linha
Exu Sete
Nanguê
Intermediário
para Ogum

Pombogira
Intermediário

Page 288

Maria
Molambo
para Oxóssi
Exu Sete
Carangola
Intermediário
para Xangô
Exu Maria
Padilha
Intermediário
para Yorimá
Exu Má-
canjira
Intermediário
para Yori
Exu Maré
Intermediário
para Oxalá

Page 289

**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE YORI**

Exu Tiriri
Comando
negativo da
linha
Exu
Toquinho
Intermediário
para Ogum
Exu Mirim
Intermediário

para Oxóssi
Exu Lalu
Intermediário
para Xangô
Exu Ganga
Intermediário
para Yorimá
Exu
Veludinho
Intermediário
para Oxalá
Exu
Manguinho
Intermediário
para Iemanjá

**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE XANGÔ**

Exu Gira-
mundo
Comando
negativo da
linha
Exu Meia-
Noite
Intermediário
para Ogum
Exu
Mangueira
Intermediário
para Oxóssi

Exu
Pedreira

Intermediário
para Oxalá
Exu
Ventania
Intermediário
para Yorimá
Exu
Corcunda
Intermediário
para Yori
Exu
Calunga
Intermediário
para Iemanjá

Page 293

**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE OGUM**

Exu
Tranca-
rua
Comando
negativo da
linha
Exu
Tira-
teimas
Intermediário
para Oxalá
Exu
Veludo
Intermediário
para Oxóssi

Page 294

Exu

Tranca-
gira
Intermediário
para Xangô
Exu
Porteira
Intermediário
para Yorimá
Exu
Limpa-
trilhos
Intermediário
para Yori
Exu
Arranca-
toco
Intermediário
para Iemanjá

Page 295

**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE OXÓSSI**

Exu
Marabô
Comando
negativo da
linha
Exu
Pemba
Intermediário
para Ogum

Page 296

Exu da
Campina
Intermediário

para Oxalá
Exu
Capa
Preta
Intermediário
para Xangô
Exu das
Matas
Intermediário
para Yorimá
Exu
Lonan
Intermediário
para Yori
Exu
Intermediário

Page 297

Bauru
para Iemanjá
**OS SETE EXUS CHEFES
DE FALANGE
VIBRAÇÃO ESPIRITUAL
DE YORIMÁ**
Exu
Caveira
Comando
negativo da
linha
Exu do
Lodo
Intermediário
para Ogum

Page 298

Exu
Brasa
Intermediário

para Oxóssi
Exu
Come-
fogo
Intermediário
para Xangô
Exu
Pinga-
fogo
Intermediário
para Oxalá
Exu
Bará
Intermediário
para Yori

Page 299

Exu
Alebá
Intermediário
para Iemanjá

Page 300

[GUIAS DA UMBANDA – O TRIPÉ](#)

A Umbanda possui diversas linhas, todas de suma importância, contudo seu tripé (base) é formado pelos Caboclos, pelos Pretos-Velhos e pelas Crianças.

Page 301

[Caboclo](#)

Também conhecidos como Caboclos de Pena, formam verdadeiras aldeias e tribos no Astral, representados simbolicamente pela cidade da Jurema, pelo Humaitá e outros. Existem falanges e especialidades diversas, como as de caçadores, feiticeiros, justiceiros, agricultores, rezadores, parteiras e outras, sempre a serviço da Luz, na Linha de Oxóssi e na vibração de diversos Orixás. A cor característica dos Caboclos é o verde leitoso, enquanto a das Caboclas é o verde transparente. Seu principal ponto de força são as matas. Nessa roupagem e pelas múltiplas experiências que possuem (encarnações como cientistas, médicos, pesquisadores e outros), geralmente são escolhidos por Oxalá para serem os Guias-chefe dos médiuns, representando o Orixá de cabeça do médium de Umbanda (em alguns casos, os Pretos-Velhos é que assumem tal função). Na maioria dos casos, portanto, os Caboclos vêm na irradiação do Orixá masculino da coroa do médium, enquanto as Caboclas, na irradiação do Orixá feminino da coroa mediúnica. Todavia, os Caboclos também podem vir na irradiação do próprio Orixá de quando estava encarnado, ou na do Povo do Oriente.

Atuam em diversas áreas e em várias tradições espirituais e/ou religiosas, como no chamado Espiritismo Kardecista ou de Mesa Branca. Simples e determinados, infundem luz e energia em todos. Representam o conhecimento e a sabedoria que vêm da terra, da natureza, comumente desprezados pela civilização, a qual, paradoxalmente, parece redescobri-los. Também nos lembram a importância do elemento indígena em nossa cultura, a miscigenação de nosso povo e que a Umbanda sempre está de portas abertas para todo aquele, encarnado ou desencarnado, que a procurar. Os brados dos Caboclos possuem grande força vibratória, além de representarem verdadeiras senhas de identificação entre eles, que ainda se cumprimentam e se abraçam enquanto emitem esses sons. Brados e assobios são verdadeiros mantras que ajudam na limpeza e no equilíbrio de ambientes, pessoas, etc. O mesmo vale para o estalar de dedos, uma vez que as mãos possuem inúmeros terminais nervosos: os estalos de dedos se dão sobre o chamado "Monte de Vênus" (porção mais gordinha da mão), descarregando energias deletérias e potencializando as energias positivas, de modo a promover o equilíbrio.

Trabalham para

Page 302

Caboclos
de Iansã
várias
finalidades,
mas
especialmente
para emprego e
prosperidade,
pelo fato de
Iansã ter forte
ligação com
Xangô.
Bastante
conhecidos
pelo passe de
dispersão
(descarrego).
Rápidos e de
grande
movimentação

(deslocamento),
são diretos no
falar, por vezes
causando
surpresa no
interlocutor.
Caboclos
de
Rodam
bastante,
incorporam
com suavidade,
contudo mais
rápido do que
os Caboclos de
Oxum. São

mais
conhecidos por

Page 304

Iemanjá
desmanchar
trabalhos,
aplicar passes,
fazer limpeza
espiritual,
encaminhando
para o mar as
energias
deletérias.

De
incorporação
contida,
dançam pouco.
Por meio dos
passes,
encaminham

Page 305

Caboclos
de Nanã
espíritos com
baixa vibração.
Aconselham
bastante,
explanando
sobre carma e
resignação.
Esses Caboclos
são raros.
Raro é vê-los
trabalhando
incorporados e,
quando isso
acontece, seus

médiuns têm
Obaluaê como

Page 306

Caboclos
de
Obaluaê
Orixá de
cabeça. São
velhos pajés.
Movimentam-se
pouco. Sua
incorporação
parece bastante
com a de um
Preto-Velho
(alguns desses
Caboclos
utilizam
cajados para
caminhar).
Atuam em
campos
diversos da
magia.

Page 307

Caboclos
de Ogum
Com
incorporação
rápida e mais
afeita ao chão,
não costumam
rodar. Suas
consultas são
diretas.
Conhecidos
pelos trabalhos

no campo
profissional,
seus passes
geralmente são
destinados a
doar força

Page 308

física e
aumentar o
ânimo do
consulente.
Caboclos
de Oxalá
Mais
conhecidos por
dirigir os
demais
Caboclos,
deslocam-se
pouco,
mantendo-se
fixado em
determinado
ponto do
terreiro. Mais

Page 309

conhecidos
pelos passes de
energização,
raramente dão
consulta.
Caboclos
de
Oxossi
Rápidos,
locomovem-se
bastante e

dançam muito.
Geralmente
chefes de
Linha, atuam
em diversas
áreas, em
especial com
banhos e

Page 310

defumadores.
A incorporação
se dá
principalmente
pelo chacra
cardíaco.
Gostam de
rodar e são
comumente
suaves.
Concentram-se
tanto nos passes
de dispersão
quanto nos de
energização,
com ênfase no

Page 311

Caboclos
de Oxum
alívio
emocional do
consulente (são
conhecidos por
lidar com
depressão,
desânimos e
outros
desequilíbrios

psíquicos).
Suas consultas
geralmente
levam o
consulente a
refletir
bastante.

Page 312

Caboclos
de Xangô
Com
incorporações
rápidas e
contidas,
costumam
arriar seus
médiuns no
chão. Diretos
na fala aos
consulentes,
atuam bastante
com passes de
dispersão.
Principais
áreas de
atuação:
emprego e

Page 313

realização
profissional,
causas judiciais
e imóveis.

Forma de apresentação de seres espirituais: Quando se trata de espíritos que encarnaram, geralmente se utilizam da roupagem fluídica de uma de suas encarnações. A esse respeito, veja-se o caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, em sua primeira comunicação pública, foi visto como um sacerdote por um dos médiuns, de fato também uma de suas encarnações.

O senso comum afirma que Caboclos e Pretos-Velhos não incorporam em centros espíritas. Na verdade, "baixam" e com roupagens fluídicas diversas. Vale lembrar que a Umbanda nasceu "oficialmente" a partir da rejeição de Caboclos e Pretos-Velhos em mesas mediúnicas espíritas. De qualquer forma, com a ampliação do diálogo ecumênico e inter-religioso e, portanto, da fraternidade entre encarnados, têm ocorrido mais manifestações mediúnicas de Caboclos e Pretos-Velhos em casas espíritas.

A respeito da roupagem fluídica é interessante exemplificar com textos de Ferudy e Pires. No primeiro caso, o autor trata da pluralidade de roupagens fluídicas e de um fenômeno imediato de substituição de uma por outra. No segundo caso, de maneira romaneada, apresenta-se a roupagem de um Caboclo.

Roger Feraudy registra:

"(...) mostrando que não existe a menor diferença entre o trabalho médiumico de Umbanda e Kardecismo, o autor participou, anos atrás, de um trabalho que veio a confirmar essa assertiva.

Seus vizinhos na cidade do Rio de Janeiro trabalhavam em um centro de Umbanda, Tenda Mirim, ela como médium e seu marido como cambono. Em determinado dia, sua filha única, então com quatro anos de idade, teve uma febre altíssima. Depois de chamarem um médico, que não soube diagnosticar a origem dessa febre, e como ela aumentava progressivamente, o marido pediu à mulher

que recebesse o seu guia espiritual, Caboclo Mata Virgem, chamando-me para auxiliar nesse trabalho. O Caboclo Mata Virgem apresentou-se e mandou que o marido do seu aparelho tomasse nota de cinco ervas para fazer um chá que, segundo a entidade, resolveria o problema.

O vizinho, então, ponderou:

- Acredito que o senhor seja o seu Mata Virgem e que o chá irá curar a minha filha; porém, na Terra existem leis a que tenho que prestar contas. Sei que isso não acontecerá, mas se minha filha não ficar boa com seu chá ou mesmo morrer, o que direi às autoridades: que foi seu Mata Virgem quem mandou a menina tomar o chá?!!

O Caboclo atirou o charuto que fumava no chão, adotou uma posição ereta e, calmo, disse em linguagem escorreita:

- Dê o chá que estou mandando – e elevando a voz –, doutor Bezerra de Menezes!"

Por sua vez, em "A missionária", romance médiumico intuitivo por Roger Pires, o narrador observa:

"(...) Nesse exato momento, envergou as três figuras ao lado da cama. Eram Jeremias e Melissa, postados próximos à cabeceira da doente, tendo estendidos, sobre ela, os braços. De suas mãos fluía uma radiossidade que se espalhava por todo o corpo de Priscilla. A terceira figura era um 'índio' imponente, de uma estatura incomum, o rosto largo, a pele bronzeada, os olhos grandes e negros. Tinha na cabeça um cocar majestoso, cujas penas se estendiam até os tornozelos. A energia que dele emanava enchia o quarto. Fascinada com o quadro, no geral, Jéssica viu o 'índio' deslocar-se do lado dos outros e colocar-se aos pés da cama, o olhar manso, mas firme e fixo na doente."

Pre tos-Ve lhos

Exemplos de humildade, tolerância, perdão e compaixão, os Pretos-Velhos e

Pretas-Velhas compreendem, sobretudo, os espíritos que, na roupagem de escravos, evoluíram por meio da dor, do sofrimento e do trabalho forçado. São grandes Magos da Luz, sábios, portadores de conhecimentos de alta

Espiritualidade.

Enquanto encarnados, cuidaram de seus irmãos, sustentando-lhes a fé nos Orixás, sincretizada com o Catolicismo, seus santos e rituais, a sabedoria milenar, a medicina popular e outros. Conhecidos como pais/mães, vovós/vovós e mesmo tios/tias, representam a sabedoria construída não apenas pelo tempo, mas pela própria experiência. Guias e protetores na Umbanda, são espíritos desencarnados de muita luz.

Seus nomes geralmente são de santos católicos (como quando encarnados, conforme a ordem/orientação geral dos senhores e da própria Igreja), acrescidos do topônimo da fazenda onde nasceram ou de onde vieram, ou da região africana de origem. Alguns exemplos: Pai Antônio, Pai Benedito, Pai Benguela, Pai Caetano, Pai Cambinda (ou Cambina), Pai Cipriano, Pai Congo, Pai Fabrício das Almas, Pai Firmino d'Angola, Pai Francisco, Pai Guiné, Pai Jacó, Pai Jerônimo, Pai João, Pai Joaquim, Pai Jobá, Pai Jobim, Pai José d'Angola, Pai Julião, Pai Roberto, Pai Serafim, Pai Serapião, Vovó Benedita, Vovó Cambinda (ou Cambina), Vovó Catarina, Vovó Manuela, Vovó Maria Conga, Vovó Maria do Rosário, Vovó Rosa da Bahia.

Pretos-Velhos são verdadeiros psicólogos, tendo ótima escuta para todo e qualquer tipo de problema, sempre com uma palavra amiga para os consulentes, além dos passes, descarregos e outros.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS PRETOS-VELHOS

Bebidas

Café preto,

vinho

moscatel,

vinho tinto,

cachaça com

mel (por

vezes com

ervas, sal,

alho ou

outros

elementos)

Chacra
Básico ou
sacro
Muitos

Page 317

Contas
pedem contas
de rosário,
favas, cruces
e figas
Cores
Preto e
branco
Cozinha
Bolinho de
tapioca,
mingau das
almas, tutu
de feijão
preto

Page 318

Dia da
semana
Segunda-
feira
Fumo
Cachimbo ou
cigarro de
palha
Linha e
irradiação
Os Pretos-
Velhos vêm
na linha de
Obaluaê, mas
a irradiação
de cada

Planeta
Saturno
Roupas
Preta e
branca,
carijó
(xadrez preto
e branco),
lenços na
cabeça, batas
e saias
(Pretas-
Velhas),
chapéu de
palha e
outros.

Saudação
Adorei as
almas!

[Crianças](#)

Conhecidos como Crianças, Ibejis, Ibejada, Dois-Dois, Erês, Cosminhos e outros tantos nomes, representam na Umbanda a alegria mais genuína, a da criança (e, conseqüentemente, da criança interior de cada um). Espíritos que optam por essa roupagem geralmente desencarnaram com pouca idade terrena. São bastante respeitados por outros Guias, como Caboclos e Pretos-Velhos, possuindo funções específicas. No Candomblé, por exemplo, quando o Orixá não fala, Erê funciona como seu porta-voz. Além disso, protege o médium de muitos perigos. Os nomes dos Erês no Candomblé geralmente correspondem ao regente da coroa mediúnica. Exemplos: Pipocão e Formigão (Obaluaê), Folhinha Verde (Oxóssi) e Rosinha (Oxum). Já na Umbanda, embora possa haver referências ao Orixá dono da coroa do médium, os nomes comumente reproduzem nomes brasileiros, tais como Rosinha, Cosminho, Pedrinho, Mariazinha e outros. Quanto aos quitutes, na Umbanda, as Crianças, no geral, pedem doces, balas, refrigerantes, frutas. Por influência do Candomblé, algumas casas também servem caruru.

Como no caso das crianças encarnadas, esses irmãozinhos do Alto precisam amorosamente de limite e disciplina. As brincadeiras são animadas, mas isso não deve significar bagunça ou impedir comunicações. Há os que pulam, preferem brinqueços, choram, ficam mais quietinhos, enfim: são formas quase despreocupadas de descarregar e equilibrar o médium, a casa, a assistência. Preferem consultas a desmanches de demandas e desobsessões, são bastante sinceros sobre os desequilíbrios dos consulentes, bons conselheiros e curadores. Utilizam-se de quaisquer elementos e manipulam energias elementais sob a regência dos Orixás.

O calendário especial de comemoração das Crianças é extenso e variado: inicia-se em 27 de setembro (São Cosme e São Damião) e vai até 25 de outubro (São Crispim e São Crispiniano), contudo, a maioria das festas ocorre próximo ao 27 de setembro.

[Ele me ntaiá](#)

São seres conhecidos nas mais diversas culturas, com características e roupagens mais ou menos semelhantes. Ligam-se aos quatro elementos (terra, água, ar, fogo), daí sua importância ser reconhecida na Umbanda, que se serve dos referidos elementos, tanto em seus aspectos físicos, quanto em sua contrapartida etérica.

ELEMENTO TERRA

Dríades
Trabalhando
nas florestas,
diretamente
nas árvores,
ligam-se ao
campo
vibratório do
Orixá Oxóssi.
Possuem
cabelos

Page 323

compridos e
luminosos.
Gnomos
Trabalham no
duplo etérico
das árvores.
Fadas
Manipulam a
clorofilia das
plantas
(matizes e
fragrâncias),
de modo a
formar pétalas
e brotos.
Associam-se à

Page 324

vida das
células da
relva e de
outras plantas.
Duendes
Cuidam da
fecundidade da
terra, das

pedras e dos
metais
preciosos e
semipreciosos.

ELEMENTO ÁGUA

Page 325

Sereias

Atuam nas
proximidades
de oceanos,
rios e lagos,
com energia e
forma
graciosas.

Ondinas

Atuam nas
cachoeiras,
auxiliando
bastante nos
trabalhos de
purificação
realizados pela
Umbanda

Page 326

nesses pontos
de força.

ELEMENTO AR

Silfos

Apresentam asas,
como as fadas,
movimentando-se
com grande
rapidez. Atuam
sob a regência de
Oxalá.

Page 327

ELEMENTO FOGO

Salamandras

Atuando na energia ígnea solar e no fogo de modo geral, apresentam-se como correntes de energia, sem se afigurarem propriamente como humanos.

Page 328

Os elementais são seres gerados artificialmente por pensamentos e sentimentos. São formas-pensamento benéficas ou malélicas, vivificadas por quem as cria, consciente ou inconscientemente.
A forma-pensamento é uma criação da mente que possui vibração benéfica ou deletéria, conforme a natureza e as circunstâncias, denotando, assim, a força do pensamento e do sentimento dos encarnados. Por similaridade e frequência vibratórias, as formas-pensamento atraem energias, Entidades e outros afins, que delas se alimentam.

Page 329

ORGANIZAÇÃO E LITURGIA

Hierarquia

A hierarquia na Umbanda não é tão escalonada como, por exemplo, no Candomblé. Sob a responsabilidade dos Dirigentes Espirituais (Babás e Pai-pequeno e/ou Mãe-pequena), estão os médiuns de incorporação, os Ogãs e cambones. Alguns filhos têm funções bem específicas (como os seguranças de canto e porta, os quais, hierarquicamente, estão abaixo do Pai-pequeno e/ou da Mãe-pequena), sem que haja gradações hierárquicas entre eles, mas sim coordenação de responsabilidade.

O(a) Babá é o(a) Dirigente Espiritual. O termo se refere tanto ao Pai quanto à Mãe da casa, embora, originalmente, no Candomblé, Babalorixá (também empregado em algumas casas de Umbanda) se referisse aos homens, enquanto Ialorixá, às mulheres.

Popularmente também se usa o vocábulo "Babalão", ainda que, em sua origem e no contexto dos cultos de Nação, Babalão seja especificamente o sacerdote de Ifá.

Assim como há casas de Candomblé cuja direção espiritual é confiada a um Ogã, há templos de Umbanda onde o Dirigente Espiritual não é um médium de incorporação. Em ambos os casos, o Dirigente é secundado por um médium rodante.

A direção espiritual da casa é confiada a alguém pela própria Espiritualidade, não bastando os cursos de formação em Teologia de Umbanda, ou mesmo a graduação nessa área. Por determinação da Espiritualidade, um filho de fé pode ser designado a participar de um processo de iniciação para o sacerdócio (geralmente mais breve do que no Candomblé), com preparação específica (recolhimento, obrigações e outros), ou então o guia de frente (no caso de um filho que pertença ou não à Umbanda, mas tenha mediunidade ostensiva e compromisso espiritual com a Umbanda nesta encarnação) assume a preparação desse filho para a abertura de uma casa, podendo ou não indicá-lo para um processo de preparação com outro(a) Babá.

Na direção espiritual da casa, conta-se ainda com o Pai-pequeno e/ou com a Mãe-pequena, auxiliares diretos do(a) Babá e, em sua ausência, substitutos.

O Ogã na Umbanda relaciona-se à curimba, dedicando-se ao toque e ao canto. Muitas das atribuições dos Ogãs nos Cultos de Nação são atribuídas na Umbanda aos cambones.

Muitos Ogãs, desde crianças, demonstram incrível habilidade para o toque,

Page 330

aperfeiçoando o dom no dia a dia do terreiro. Contudo, também existem cursos especializados para todos aqueles, homens e mulheres, que desejem aprender a tocar e cantar pontos de Umbanda, podendo ou não atuar num terreiro.

O Ogã é um médium de sustentação, de firmeza durante os rituais, atento ao andamento da gira, a fim de, por meio do toque e do canto, manter a vibração necessária e desejada. Em algumas casas, o Ogã também é médium de incorporação, dedicando-se a ambas as atividades (em especial nas casas em que existam poucos médiuns), ou à curimba, incorporando apenas em determinadas ocasiões.

Cambone é o médium de firmeza encarregado de, dentre várias funções, auxiliar os médiuns e a Espiritualidade incorporada, bem como fazer anotações, cuidar de detalhes da organização do terreiro, dar explicações e assistência aos consulentes. Pode ou não incorporar. Alguns cambones são médiuns de

desenvolvimento que auxiliam nos cuidados da gira. Geralmente há um cambone-chefe em cada terreiro.

Em linhas gerais, é o médium que incorpora Orixás, Guias e Guardiões, os quais se acoplam à estrutura espiritual do aparelho ou cavalo, de modo a se servirem de seu corpo físico para os trabalhos espirituais. Os médiuns rodantes, quanto à incorporação, podem ser inconscientes, conscientes ou semi-conscientes.

O desenvolvimento mediúnico desses médiuns (como de todos os outros) deve ser bastante disciplinado, orientado e supervisionado pelos Guias-chefes, bem como pelos Dirigentes Espirituais.

Há casas de Umbanda em que há, conforme os dons mediúnicos e suas responsabilidades, os chamados Ogás de frente (com responsabilidades de segurança de gira, dentre outras funções), Ogã de corte (não necessariamente para sacrifício ritual, mas também para preparo de comidas de Santo) e outros.

Page 331

[Ofereça](#)

Nome genérico de um templo ou de uma tenda de Umbanda, também conhecido como congá.

Page 332

[Pontos v ibrac ionais](#)

Pontos-chave do templo, contribuindo para sua segurança e para sua vibração. Note-se que nem sempre um ponto chamado de casa é realmente uma construção desse quilate, porém um pequeno ou grande espaço estabelecido conforme a estrutura física do terreiro.

Page 333

[Asse ntame nto](#)

Elementos da natureza (ex.: pedra) e objetos (ex.: moedas) que abrigam a força dinâmica de uma divindade. São consagrados e alojados em continentes (ex.: louça) e locais específicos.

Page 334

[Firme za](#)

Cada firmeza é uma forma de segurança nos rituais de Umbanda, conforme suas Leis. Acender uma vela, por exemplo, representa, significa e aciona muito mais energias do que possa parecer. Com uma firmeza, estreita-se a relação com os Orixás, Guias, Entidades, Guardiões e outros, além de proporcionar a eles campo de atuação mais específico.

A firmeza não deve ser uma nitidez mecânica, mas plena de fé, amor, devoção e consciência do que se está fazendo.

Page 335

[Tronque ira](#)

Trata-se de local de firmeza, logo à entrada do terreiro, para o Exu guardião da casa, mais conhecido como Exu da Porteira, pois seu nome verdadeiro só é conhecido pela alta hierarquia do terreiro.

Page 336

[Asse ntame nto de Ogum de Ronda](#)

O assentamento de Ogum de Ronda é feito com o intuito de manter fora do terreiro energias deletérias, influências espirituais negativas. Em algumas casas também é chamado de tronqueira; em outras, com ela se confunde.

Page 337

[Casa dos Exus](#)

Local dos assentamentos dos Exus dos médiuns, bem como de entregas, oferendas.

Page 338

[Casa de Obaluaê](#)

Local do assentamento de Obaluaê.

Page 339

[Cruze iro das Almas](#)

Local para reverenciar e oferecer os Pretos-Velhos e acender velas para as almas. Há casas onde também se saúda Obaluaê, acendendo-lhe velas, no Cruzeiro das Almas.

Page 340

[Quarilha de Oxalá](#)

Localizada acima da porta, ao lado do local onde se acendem velas para os anjos da guarda. Ponto de atração das energias de Oxalá, irradiadas para todos que aí passarem.

Page 341

[Casa do Caboclo](#)

Local onde se homenageia o Caboclo fundador da casa, bem como onde se acendem velas para os Caboclos.

Page 342

[Cazinha](#)

Local para o preparo de pratos ritualísticos e mesmo para cuidados gerais da casa. Alguns terreiros não dispõem de cozinha, sendo utilizada a da casa do Dirigente Espiritual ou de algum médium.
Em linhas gerais, o uso ritualístico da cozinha pressupõe o mesmo respeito, o mesmo cuidado de outras cerimônias de Umbanda, como as giras, as entregas e outros: roupas apropriadas, padrão de pensamento específico e centramento necessário etc. Além disso, os médiuns devem ser cruzados para a cozinha e/ou estarem autorizados a nela trabalhar.

Page 343

Centro do terreiro

Uma das principais colunas energéticas do terreiro é seu centro (chão).

Page 344

Ariaxé

Ao centro do terreiro, no alto. Trata-se de outra das colunas energéticas do terreiro.

Page 345

Congá

O altar em si, onde ficam imagens dos Orixás, seus otás (pedras especialmente preparadas e consagradas), suas oferendas, objetos litúrgicos e outros.
Em algumas regiões, congá é também sinônimo de terreiro.

Page 346

Casa dos Orixás

Local onde se mantêm os assentamentos dos Orixás dos médiuns, bem como, por vezes, lhe são entregues oferendas.

Page 347

Para-raio

Local (sob o congá) para descarga de energias negativas que ocorram durante as sessões. O para-raio é composto de diversos elementos protegidos e encimados por uma barra de aço que perpassa uma tábua com ponto riscado de descarga.

Numa casa em que, por exemplo, se usam bastões para limpeza de aura, os mesmos são descarregados no para-raio.

Page 348

Atabaque e coro

Em espaço previamente destinado ficam os atabaques, bem como o coro, o que se denomina de curimba (toque e canto). Embora todos os envolvidos na gira (médiuns da casa e assistência) sejam convidados a cantar os pontos, o papel do coro é fundamental para que se mantenha a vibração desejada.

Page 349

Assistência

A assistência é composta por pessoas que, regular ou esporadicamente, frequentam as giras. Podem ou não ser umbandistas. Algumas dessas pessoas costumam contribuir com doações para a manutenção do terreiro, festas, atividades assistenciais, etc.

Para o bom andamento dos trabalhos, é muito importante que as pessoas da assistência mantenham o silêncio e o padrão de pensamento elevado, a despeito dos problemas pelos quais estejam passando. O mesmo vale para a participação nas preces e nos pontos cantados (voz e palmas).

Com a assistência presente, vêm ao terreiro espíritos que tenham autorização para tanto: desencarnados, doentes em fase terminal, pessoas em desdobramento no momento do sono e outros. Todos são amorosamente atendidos e tratados pela Espiritualidade. Os espíritos que desejam apenas perturbar são barrados na entrada da casa e, conforme o caso, encaminhados para tratamento.

Geralmente a assistência fica de frente para o altar. Entre ele e a assistência, fica o corpo médium da casa.

Quem faz tratamento numa casa de Umbanda não precisa necessariamente tomar-se umbandista: as portas estão sempre abertas a todos que desejem frequentar as giras, os tratamentos espirituais, as festas. A Umbanda não faz proselitismo. A decisão de se tornar umbandista e filiar-se a determinada casa é pessoal e atende, também, à identificação ou não dos Orixás com a casa em questão.

Page 350

LITURGIA

Page 351

Giras

As giras são os trabalhos ritualísticos mais conhecidos de Umbanda. Variações à parte, costumam ter mais ou menos a mesma estrutura:

Firmeza para Exu;

Abertura;

Defumação;

Preces e saudações;

Atendimentos e/ou consultas e trabalhos propriamente ditos;

Encerramento.

Geralmente, todos esses momentos são acompanhados de pontos cantados (com ou sem o uso de palmas e atabaques, dependendo da orientação de cada terreiro).

Conhecidas também como sessões de caridade, as giras são pautadas pela alegria e pela conjugação entre respeito e informalidade, afinal, tanto a Espiritualidade quanto médiuns e consulentes literalmente se sentem em casa. Na maioria das giras, dentre as várias preces, costuma-se fazer a Prece de Cáritas, bem como cantar o Hino da Umbanda.

De fumaça s

Uma das mais conhecidas formas de limpeza energética feitas na Umbanda, a defumação ocorre não apenas no início dos trabalhos (especialmente das giras), mas em outros locais e circunstâncias onde se fizer necessária. As maneiras de se defumar um terreiro ou outro local variam (em casa ou local de trabalho, por exemplo, fazendo ou não um percurso em X em cada cômodo). Contudo, no caso de residência ou comércio, prevalece o hábito de se defumar dos fundos para a porta de entrada (limpeza) e da porta de entrada para os fundos (energização).

Sacudime ntos

Ritual de limpeza espiritual com o intuito de expulsar energias negativas de pessoa ou ambiente. Para tanto, empregam-se folhas fortes que são batidas na pessoa ou no ambiente ("surra"), pólvora queimada no local em que se realiza o ritual e, em algumas casas, comidas e aves em contato com a pessoa ou o ambiente, os quais serão posteriormente oferecidos aos Eguns (as aves soltas, vivas). O ritual é completado com banho, no caso de pessoa, e com a defumação do corpo ou do local do sacudimento.

Sacrame ntos

Enquanto religião constituída, em sua ritualística, a Umbanda possui sacramentos, os quais, no tocante ao desenvolvimento mediúnico e outras particularidades (definidos por alguns também como sacramentos), variam de casa para casa. Como núcleo comum, os sacramentos de Umbanda são o Batismo e o Casamento. Outro ritual próprio, conhecido em outras religiões como sacramental, é a Encomendação (velório, cemitério e outros).

O Batismo na Umbanda existe tal qual é conhecido em diversas religiões e também como "Batismo de recepção", isto é, quando alguém, advindo de outra religião, deseja ser batizado na Umbanda (o Batismo de recepção se dá uma vez que esse sacramento é considerado indelével e válido como elemento de conexão com a Espiritualidade, independentemente da origem religiosa do batizando).

A água está presente nos rituais iniciáticos das mais diversas culturas. Na Umbanda, o Batismo significa a lavagem espiritual e a recepção do irmão de fé pela comunidade. Essa lavagem se repetirá, com múltiplas finalidades e meios, nos banhos ritualísticos.

Conforme visto acima, a Umbanda reconhece o Batismo realizado em outras religiões. Nesses casos, realiza-se um Batismo de recepção, representando a entrada na religião, sem necessariamente emitir o documento chamado popularmente de batistério.

Em alguns templos umbandistas, primeiro se batiza a criança na Igreja Católica antes de se realizar o Batismo Umbandista. Tal prática se dá, sobretudo, pela tradição de resistência, em períodos em que a discriminação contra as religiões de matriz africana era mais ostensiva, bem como uma forma de respeito à origem religiosa católica dos pais de muitas das crianças umbandistas.

Enquanto religião constituída, a Umbanda oferece a bênção matrimonial, geralmente feita pelo Guia-chefe do terreiro ou outra Entidade com a qual trabalha o Dirigente Espiritual da casa.

Mesmo em terreiros onde não se registram bênçãos para casais homossexuais, acolhem-se essas relações e, em nome do amor e dos direitos civis, exigem respeito para com os irmãos com essa orientação sexual. Entretanto, há casas onde o matrimônio é oferecido como sacramento tanto para casais homossexuais quanto heterossexuais.

A Encomendação ou Encomenda é o ritual fúnebre. Chamada de sacramental por diversas religiões, a encomenda pode ser feita em velórios, cemitérios, residências, etc., conforme a tradição, a necessidade e outros fatores. Muitos segmentos umbandistas evitam encomendar corpos nos templos, principalmente quando se trata do desencarne de Dirigente Espiritual, considerando que se trataria da morte do próprio terreiro, enquanto outros o fazem nos próprios templos com desenvoltura e profundo significado espiritual.

Por sua vez, "tirar a mão de vumbe" significa realizar rituais para desligamento da energia de Dirigente Espiritual desencarnado(a) sobre filhos e terreiros.

Obrigac ões

Cada vez mais se consideram as obrigações não apenas como um compromisso, mas, literalmente, como uma maneira de dizer obrigado(a). Em linhas gerais, as obrigações se constituem em oferendas feitas para, dentre outros, agradecer, fazer pedidos, reconciliar-se, isto é, reequilibrar a própria energia com as energias dos Orixás. Os elementos oferecidos, em sintonia com as energias de cada Orixá, serão utilizados por eles como combustíveis ou repositores energéticos para ações mágicas (da mesma forma que o álcool, o alimento e o fumo utilizados quando o médium está incorporado). Daí a importância de cada elemento ser escolhido com amor, qualidade, devoção e pensamento adequado.

Existem obrigações menores e maiores, variando de terreiro para terreiro, periódicas ou solicitadas de acordo com as circunstâncias, conforme o tempo de desenvolvimento mediúnico e a responsabilidade de cada um com seus Orixás, com sua coroa, como no caso da saída (quando o médium deixa o recolhimento e, após período de preparação, apresenta solenemente seu Orixá, ou é, por exemplo, apresentado como sacerdote ou Ogã) e outros. Embora cada casa siga um núcleo comum de obrigações fixadas e de elementos para cada uma delas, dependendo de seu destinatário, há uma variação grande de cores, objetos, características. Portanto, para se evitar o uso de elementos incompatíveis para os Orixás, há que se dialogar com a Espiritualidade e com os Dirigentes Espirituais, a fim de que tudo seja corretamente empregado ou, conforme as circunstâncias, algo seja substituído.

Para diversos rituais da Umbanda, inclusive as giras, pede-se, além de uma alimentação leve, a abstenção de álcool e que se mantenha o "corpo limpo" (expressão utilizada em muitos terreiros e que representa abstenção de relações sexuais). No caso da abstenção de álcool, o objetivo é manter a consciência desperta e não permitir abrir brechas para espíritos e energias com vibrações deletérias. No tocante à abstenção sexual, a expressão "corpo limpo" não significa que o sexo seja algo sujo ou pecaminoso: em toda e qualquer relação, mesmo a mais saudável, existe uma troca energética; o objetivo da abstenção, portanto, é que o médium mantenha concentrada a própria energia e não se deixe envolver, ao menos momentaneamente, pela energia de outra pessoa, em troca íntima.

O período dessas abstenções varia de casa para casa, mas geralmente é de um dia (pode ser da meia-noite do dia do trabalho até a próxima meia-noite, ou do meio-dia do dia anterior ao trabalho até o meio-dia do dia seguinte ao trabalho, etc.). Há períodos maiores de abstenções chamados de preceitos ou resguardos.

Em casos de banhos e determinados trabalhos, além de época de preceitos e resguardos, também há dieta alimentar específica, além de cores de vestuário que devem ser evitadas (salvo exceções como as de uniformes de trabalho, por

exemplo).

Toques

Os atabaques mais conhecidos são, por influência dos Cultos de Nação, o Rum (maior e som mais grave), o Rumpi (que responde ao Rum) e o Lê (que acompanha o Rumpi). Contudo, na maioria das casas de Umbanda, há um tipo padrão de atabaque, e não essas variações.

São muito importantes, constituindo um dos fundamentos do Culto aos Orixás. Formatos, confecção, materiais e modos de tocar variam de acordo com as diversas Nações de Candomblé. Entretanto, tanto no Candomblé quanto na Umbanda, a hierarquia possui características mais ou menos semelhantes, sendo o Alabê o chefe dos Ogás, isto é, músicos responsáveis pelo toque e pelo canto (curimba).

Cercados de cuidados especiais e respeito, na Umbanda os atabaques podem também ser tocados por mulheres, o que é bastante raro nos Cultos de Nação. Mesmo que na Umbanda alguns Ogás também incorporem, quando estão tocando são médiuns de firmeza, grandes responsáveis pela vibração da gira.

SÍNTESE DOS TOQUES MAIS COMUNS PARA ALGUNS ORIXÁS

Orixás

Toques

bate-folha,

Oxalá

cabula, ijexá

Ogum

barravento,

cabula, congo

de ouro, ijexá,

muxicongo

Xangô

barravento,

cabula, congo

de ouro, ijexá,

muxicongo

Oxóssi

barravento,

cabula, congo

de ouro, ijexá,

muxicongo

Omolu

barravento,

cabula, congo

de ouro, ijexá,
muxicongo
Logun-
Edé
barravento,
ijexá
Ossaim
barravento,
cabula, congo,
samba angola

Page 361

Oxumaré
cabula, congo,
ijexá
Oxum
cabula, congo,
ijexá
Iansã
agerrê,
barravento,
cabula, congo
de ouro, ijexá
Tempo
barravento,
cabula, congo
de ouro, ijexá

Page 362

Iemanjá
cabula, ijexá
Naná
cabula, congo,
ijexá

Page 363

[Pontos cantados](#)

Com diversas funções, os pontos cantados impregnam o ambiente de determinadas energias enquanto o libera de outras, representam imagens e traduzem sentimentos ligados a cada vibração, variando de Orixá para Orixá. Linha para Linha, circunstância para circunstância etc. Aliados ao toque e às palmas, o ponto cantado é um fundamento bastante importante na Umbanda e em seus rituais.

Em linhas gerais, dividem-se em pontos de raiz (trazidos pela Espiritualidade) e terrenos (elaborados por encarnados e apresentados à Espiritualidade, que os ratifica).

Há pontos cantados que migraram para a Música Popular Brasileira (MPB) e

canções de MPB que são utilizadas como pontos cantados em muitos templos.

FINALIDADE DOS PONTOS CANTADOS

Pontos de
abertura e
de
fechamento
de trabalhos
Cantados no
início e no final
das sessões.

Page 364

Pontos de
boas-vindas
Cantados em
saudação aos
dirigentes de
outras casas
presentes em uma
sessão,
convidando-os
para, caso
desejem, fiquem
junto ao corpo
mediúnico.
Pontos de
chegada e
de
despedida
Cantados para
incorporações e
desincorporações.

Page 365

Pontos de
consagração
do congá
Cantados em

homenagem aos
Orixás e aos
Guias
responsáveis pela
direção da casa.
Pontos de
cruzamento
de linhas
e/ou
falanges
Cantados para
atrair mais uma
de vibração ao
mesmo tempo, a
fim trabalharem
conjuntamente.
Pontos de
Cantados quando
o terreiro está

cruzamento
de terreiro
sendo cruzado
para o início da
sessão.
Pontos de
defumação
Cantados durante
a defumação.
Pontos
contra
demandas
Cantados quando,
em incorporação,
Guias e
Guardiões
acharem

necessário.
Pontos de
Cantados quando

Page 367

descarrego
são feitos
descarregos.
Pontos de
doutrinação
Cantados para
encaminhar um
espírito sofredor.
Pontos de
firmeza
Cantados para
fortalecer
trabalho sendo
feito.
Pontos de
fluidificação
Cantados durante
os passes ou
quando algum

Page 368

elemento está
sendo energizado.
Pontos de
homenagem
Cantados para
homenagear
Orixás, Guias e
Guardiões.
Pontos de
segurança
ou proteção
Cantados antes do
trabalho (e antes

dos pontos de
firmeza) para
proteger a
corrente contra
más influências

Page 369

Pontos de
vibração
Cantados para
atrair a vibração
de determinado
Orixá, Guia ou
Guardião.

Ponto das Sete Linhas
(Versão cantada na Tenda de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa
Senhora Aparecida, em Piracicaba, SP)
Aué, Pai Oxalá
Salve a Umbanda, salve todos os Orixás
Salve Xangô, ele é rei lá das pedreiras
Salve Osum, rainha das cachoeiras
Iemanjá, guerreira Mãe Iansã,
Salve Atotô, saravá vovó Nanã
Pai Oxalá...
Salve Ogum, guerreiro de minha fé
Cacique Pena Branca, salve a folha da guiné
Oni Ibejuda, Preto-Velho quimbandeiro
Saravá todos os Exus e as Pombogiras do terreiro

Page 370

Pontos riscados

Muito mais do que meio de identificação de Orixás, Guias e Guardiões, os pontos riscados constituem fundamento de Umbanda, sendo instrumentos de trabalhos, riscados com pomba (giz), bordados em tecidos etc. Funcionam como chaves, meios de comunicação entre os planos, proteção, tendo, ainda, diversas outras funções, tanto no plano dos encarnados quanto no da Espiritualidade. O ponto riscado de um determinado Caboclo Pena Branca, por exemplo, embora tenha elementos comuns, poderá diferir do de outro Caboclo Pena Branca. Portanto, pontos riscados que aparecem nos mais diversos materiais de estudos de Umbanda servem de base para a compreensão do tema, mas não devem ser copiados. De qualquer maneira, embora também possam variar, existem elementos comuns para os diversos Orixás (e, conseqüentemente, para as Linhas que regem), conforme a tabela abaixo:

Iansã
Raio, taça.
Ibejis
Brinquedos em
geral, bonecos,
carrinhos,
pirulitos etc.
Âncora,

Page 371

Iemanjá
estrelas, ondas
etc.
Naná
Chave, ibiri.

Obaluaê
Cruzeiro das
almas.
Ogum
Bandeira usada
pelos
cavaleiros,
espada,
instrumentos de
combate, lança.

Page 372

Oxalá
Representações
da luz.
Oxóssi
Arco e flecha.
Oxum
Coração, lua
etc.
Xangô
Machado.

O tridente é um elemento comum nos pontos riscados de Exus e Pombogiras. Quando tratamos de Orixás, símbolos não são apenas símbolos. Por exemplo, o símbolo de um Orixá num ponto riscado abre dimensões para o trabalho espiritual. O mesmo se dá com as ferramentas de Orixás: quando Xangô dança num barracão e utiliza seu machado, estão sendo cortadas energias deletérias e disseminado o Axé do Orixá.

Page 373

Ervas

Fundamentais nos rituais de Umbanda para banhos, defumações, chás e outros, as ervas devem ser utilizadas com orientação da Espiritualidade e do Dirigente Espiritual.

Não apenas os nomes das ervas variam de região para região, de casa para casa, mas também as maneiras de selecioná-las, substituí-las, manipulá-las e prepará-las. Daí a necessidade de orientação e direcionamento para seu uso ritualístico.

Page 374

Banhos

A água, enquanto elemento de terapêutica espiritual, é empregada em diversas tradições espirituais e/ou religiosas. Na Umbanda, em poucas palavras, pode-se dizer que a indicação de banhos, as suas formas de preparo, sua ritualística, os cuidados, a coleta ou a compra de folhas, dentre tantos outros aspectos, devem ser orientados pela Espiritualidade e/ou pela Direção Espiritual de uma casa. As variações são muitas, contudo, procuram atender a formas específicas de trabalhos, bem como aos fundamentos da Umbanda.

Abaixo, um quadro sintético dos tipos mais comuns de banhos empregados na Umbanda.

Banhos de
descarga/d Descarrego
Servem para
livrar a pessoa
de energias
deletérias, de

modo a
reequilibrá-la.
Pode ser de
ervas ou de sal
grosso,
podendo, ainda,
serem

Page 375

acrescidos
outros
elementos.
Banho de descarga
com ervas
Para esse
banho, são
recomendadas
ervas de acordo
com cada
necessidade.
Após o banho,
as ervas devem
ser recolhidas e
despachadas na
natureza ou em
água corrente.
Depois dele,

Page 376

aconselha-se um
banho de
energização.
Banho de sal grosso
Banho de
limpeza
energética, do
pescoço para
baixo, depois
do qual devem

ser feitos
banhos de
energização, a
fim de se
equilibrarem as
energias (visto
que, além de

Page 377

retirar as
energias
negativas,
também se
descarregam as
positivas).
Alguns o
substituem pelo
próprio banho
de mar.
Ativam as
energias dos
Orixás e Guias,
afinando-as com
as daquele que
toma os banhos.

Page 378

Banhos de
energização
Melhoram,
portanto, a
sintonia com a
Espiritualidade,
ativam e
revitalizam
funções
psíquicas,
melhoram a
incorporação,

etc.

Banho mais
comum, da
cabeça aos pés,
ou só de cabeça,
orientado por

Page 379

Amaci

Entidades ou
pelo Guiachefe
do Dirigente
Espiritual.
Existem também
amacis
periódicos para
o corpo
mediúnico, que
ritualisticamente
o toma.

Possui a mesma
função dos
banhos de mar,
porém em água
doce. O choque

Page 380

Banho natural de
cachoeira
provocado pela
queda d'água
limpa e
energiza.

Melhor ainda
quando feito em
cachoeiras
próximas das
matas e sob o
sol.

Banho natural de
chuva
Promovendo
limpeza de
grande força, é
associado ao
Orixá Nanã.

Page 381

Banho natural de
mar
Muito bom para
descarregos e
energização, em
especial sob a
vibração de
Iemanjá.

Há outras qualidades de banho, como os de pipoca (de Obaluáé).

Page 382

Be bidas

Orixás, Guias e Guardiões têm bebidas próprias, algumas delas alcoólicas. O álcool serve de verdadeiro combustível para a magia, além de limpar e descarregar, seja organismos ou pontos de pomba ou pólvora, por exemplo. Ingerido sem a influência do animismo, permanece em quantidade reduzida no organismo do médium e mesmo do consulente.

Por diversas circunstâncias, tais como disciplina, para médiuns menores de idade e/ou que não consumam álcool ou lhes tenham intolerância, seus Orixás, Guias e Guardiões não consumirão álcool. Em algumas casas, o álcool é utilizado apenas em oferendas ou deixado próximo ao médium incorporado.

Page 383

Fumo

A função primeira do fumo é defumar (por isso, exceções à parte, a maioria dos Guias e Guardiões não tragam: enchem a boca de fumaça, expelindo-a no ar, sobre o consulente, uma foto etc.). Por essa razão, se o terreiro for defumado e for mantido aceso algum defumador durante os trabalhos, há Guias e Guardiões que nem se utilizam do fumo. O mesmo vale quando o médium não é fumante ou não aprecia cigarros, charutos e outros.

Cada Orixá, Linha, Guia ou Guardião que se utiliza do fumo tem características próprias, entretanto, o cigarro parece ser um elemento comum para todos, embora muitas casas não os tenha mais permitido, em virtude das substâncias viciantes, aceitando apenas chantos, charutinhos, cachimbos e palheiros (cigarros de palha), conforme cada Entidade ou Linha. O fumo desagrega energias deletérias e é fonte de energias positivas, atuando em pessoas, ambientes e outros.

A Umbanda não foi prejudicada pela Lei Anti-fumo do Estado de São Paulo, uma vez que templos religiosos foram excluídos da proibição de fumo em locais fechados no Estado de São Paulo (Lei 577/08, Artigo 6º, Item I e Parágrafo Único, aprovada em 07 de abril de 2009).

Page 384

Uniforme

DIREITA

A roupa branca representa Oxalá, a pureza. Geralmente as casas adotam uniformes, para que seus membros não se vistam cada qual de uma forma diferente: calças e camisas brancas para homens e saias, calças e camisas brancas para mulheres.

Algumas casas apresentam outros elementos que definem a hierarquia da casa, em especial Babá, Pai-pequeno ou Mãe-pequena, Seguranças de canto e porta: torso, tecido diferenciado etc.

Existem também casas que optam por homenagear diretamente seu Orixá patrono por meio do uniforme. Dessa forma, num templo cujo Orixá chefe é Ogum têm-se médiuns com calça branca e camisa vermelha.

Os pés podem estar descalços por humildade, contato com o solo ou com folhas. Ou calçados, geralmente por proteção energética ou em razão de padrão de vestimenta da casa.

ESQ UERDA

Para os Exus, calça e camisa. Para as Pombogiras, saia e camisa. As cores utilizadas são preto e vermelho, ou apenas preto. A maioria das casas, assim como no caso da roupa da Direita, utiliza-se de uniforme, a fim de não haver exageros, personalismos, inadequações para o ambiente etc.

Page 385

Guias

Também conhecidas como fios de contas, colares de santo ou cordões de santo, as guias são preparadas pelo Dirigente Espiritual, ou por auxiliares e cruzadas. Há uma grande variedade de materiais utilizados para as guias, bem como em sua composição (números, cores etc.) conforme a casa, os Orixás e Guias a que são consagradas. Uma das guias mais comuns é a de proteção, na cor do Orixá de cabeça, ou branca, de Oxalá, podendo ser usada por dentro da roupa ou por fora, conforme orientação específica de cada casa. Também há guias de Esquerda.

Ao longo de seu desenvolvimento na Umbanda, um médium terá diversas guias, as quais devem ser bem cuidadas, limpas e lavadas periodicamente conforme orientação da Espiritualidade e do Dirigente Espiritual. Quando uma guia se quebra, deve-se tentar recuperar o maior número possível de contas para que seja remontada e novamente consagrada ou cruzada.

As guias também identificam os Orixás (em especial o Eledá) dos médiuns.

São utilizadas nas giras, em diversos trabalhos, comemorações e outros.

O brajá, outra guia comum na Umbanda, é um colar de longos fios montados de dois em dois, em pares opostos, para serem usados a tiracolo e cruzando o peito e as costas. Simboliza a inter-relação do direito com o esquerdo, do masculino com o feminino, do passado e do presente.

Dirigentes espirituais costumam usar uma espécie de brajá, com as cores de seu Orixá de Cabeça, de búzios ou com as cores de seu Guia de Cabeça (Caboclo ou Preto-Velho).

Ve-las

O fogo e a vela estão presentes em rituais de diversas tradições espirituais e/ou religiosas. O mesmo acontece com a Umbanda, para a qual a vela acesa constitui-se num ponto de convergência da atenção dos médiuns, consulentes e outros. A vela reforça a energia, a conexão, o desejo, além de fomentar a energia da vida (ígneia). Ajuda a dissipar energias deletérias e, portanto, abre espaço para que as energias positivas se instaurem e/ou permaneçam no ambiente.

O material "ideal" de uma vela é a cera de abelha, pois traz em si os quatro elementos: o fogo (chama), a terra e a água (a própria cera) e o ar (aquecido). Há diversos formatos, materiais, tamanhos, decorações adicionais e outros. Além disso, por exemplo, na ritualística de cada terreiro, é possível encontrar orientações para que as velas sejam acesas com fósforos ou com isqueiros.

Variações à parte, o uso de velas é bastante importante nos fundamentos e nas práticas umbandistas.

VELAS

Cores mais comuns na
Umbanda (A cor branca
substitui as demais)

Orixás,

Guias,

Guardiões

Cores das

velas

Oxalá

Branca

Iemanjá

Azul claro

Oxum

Azul Royal

Iansã

Amarela

Obá

Vermelha

ou magenta

Xangô

Marrom

Ogum
Vermelha
Oxóssi
Verde
Ossaim
Verde e
branca
Obaluaê
Amarela ou
preta e
branca
Pretos-
Velhos
Preta e
branca

Crianças
Rosa e/ou
azul
Caboclos
Verde
Boiadeiros
Amarela
Marinheiros
Azul claro
Baianos
Amarela
Azul claro
ou rosa

Ciganos
para Santa
Sara; para
Ciganos,
pode haver
variações.

Exus
Preta e
vermelha
Pombogiras
Preta e
vermelha

Page 391

[Saudaç õe s](#)

RELIGIÕES

Em ordem alfabética, algumas saudações e/ou pedidos de bênção. Grafias e mesmo significados possuem variações. Os usos variam ainda conforme as Nações e do Candomblé para a Umbanda. Nesse sentido, há uma célebre saudação que unifica e representa a diversidade: *A bênção pra quem é de bênção, kolofé pra quem é de kolofé, mucutú pra quem é de mucutú e motumbá pra quem é de motumbá!*

Axé

Saudação
genérica entre
o povo-de-
santo,
evocando a
força que
assegura o
dinamismo da
vida, isto é, o
Axé.

Page 392

Bênção
Saudação
genérica,
utilizada nas
diversas
Nações.
Kolofé
Saudação mais
comum na
Nação Jeje.
Como
complemento,
tem-se *Kolofé
lorum*.
Saudação mais

comum na

Page 393

Motumbá
Nação Ketu.
Do iorubá *mo túmba*, com o sentido de “eu o saúdo humildemente”.
Como complemento, temse *Motumbá Axé*.
Variante de Mocoiú.
Saudação mais comum na Nação Angola.
Do quicongo

Page 394

Mucuiú
mu-kuyu com o sentido de espírito. A saudação ritual completa-se com *Mucuiú nu Zâmbi*.
Salve
Saudação genérica, utilizada nas diversas Nações.
Saudação mais comum da

Saravá

Umbanda, como sinônimo de “salve!”. Trata-se do resultado da *bantuização* do português “salvar”, “saudar”..

TERREIRO

Abaixo, algumas saudações comuns no terreiro e seus significados:

Bater cabeça

Com o corpo estirado, ou de joelhos, conforme a situação e o ritual de cada casa, toca-se o chão com a testa. Sinal de respeito e devoção aos Orixás em geral, aos do congá e dos Dirigentes Espirituais da casa. Também se trata de forma de absorção de energias benéficas. Há outra maneira mais elaborada, usada principalmente por Dirigentes Espirituais e médiuns de coroa feita. Por influência dos Cultos de Nações, algumas casas se utilizam do Dabalé e do Iká.

Dobale ou Debalé

Saudação daquele que tem o primeiro Orixá masculino (Aboró), que consiste em prostrar-se no chão, ao comprido, diante do Orixá, de um sacerdote e

outros.

Iká

Saudação daquele que tem o primeiro Orixá feminino (Iabá), que consiste em deitar-se de bruços, diante do Orixá, de um sacerdote e outros, com a cabeça tocando o solo enquanto o corpo move-se para os lados, sobre os braços estendidos.

Há regiões e casas onde os gestos de Dabalé e Iká têm os nomes invertidos.

Em outras, o termo Dabalé é empregado para ambos os gestos.

Bater palmas

Na Umbanda, geralmente batem-se três palmas em sinal de respeito (diante da Tronqueira, após se bater cabeça diante do altar etc.).

Bater as pontas dos dedos no chão

Sinal de respeito e reverência, complementado de diversas maneiras, como:

- saudação a Exu – bate-se com os dedos da mão esquerda e depois se cruzam os dedos das mãos com as palmas voltadas para o solo;

- saudação aos Pretos-Velhos – bate-se com os dedos da mão direita, fazendo-se uma cruz e depois traçando o sinal da cruz no peito;

- saudação aos Orixás e Guias – bate-se com os dedos da mão direita, toca-se a fronte (saudação ao Eledá – 1º Orixá), o lado direito da cabeça (2º Orixá) e a nuca (Ancestrais). Batendo-se a mão três vezes ao chão e tocando-se os três pontos da cabeça descritos, tem-se uma saudação a Obaluá.

Bejar a mão do(da) Dirigente Espiritual

Pedido de bênção.

Cumprimento ombro a ombro

Sinal de amizade, fraternidade e igualdade. Cumprimento muito bonito, portanto, quando feito por um Guia, mas também com Dirigentes Espirituais, por exemplo. Feito direito, esquerdo, direito.

Além disso, bater palmas é forma de saudar, acompanhar pontos cantados e outros. Bater palmas auxilia a estar numa mesma vibração energética, com alegria, entusiasmo, devoção e amor.

ALGUMAS POSTURAS

Isolamento ou repouso vibratório

Com as mãos cruzadas à frente do corpo, serve para isolar o médium de energias deletérias de diversas origens. Algumas casas utilizam essa posição durante a defumação, até que toda a corrente mediúnica tenha sido defumada.

Vênia

Com a perna direita dobrada, em genuflexão, os antebraços formam dois ângulos retos, com as palmas das mãos voltadas para cima, enquanto a cabeça permanece inclinada ou semi-inclinada para frente. Representa humildade, devoção, respeito ao Chefe Espiritual e/ou à Entidade incorporada. Saudação também utilizada, de modo especial, para Oxalá.

Corrente vibratória

Em círculo, ou semicírculo, os médiuns dão-se as mãos, com a direita espalmada para baixo (dar, oferecer) sobre a esquerda do(a) companheiro(a), espalmada para cima (receber, acolher). Essa corrente vibratória é utilizada em diversas tradições religiosas e/ou espirituais, bem como em grupos de apoio, de teatro, etc.

Estar de joelhos

Traduz respeito, humildade, equilíbrio/reequilíbrio energético entre o que está no alto e o que está embaixo (em especial, a energia telúrica).

Orações

Algumas das orações utilizadas em diversos templos umbandistas.

Pai Nosso

Oração mais conhecida do Cristianismo, ensinada pelo próprio Jesus, segundo os Evangelhos.

Pai Nosso, que estais no céu. Santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria

Oração da tradição católica, amplamente divulgada e difundida na Umbanda.

dirigida seja a Maria (Mãe de Jesus), seja às labás (especialmente a Oxum).
Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é conosco. Bendita sois vós, entre as mulheres. Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.
Salve Rainha
Oração católica, dedicada a Nossa Senhora, também rezada por muitos umbandistas, por vezes aconselhada, por exemplo, por Pretos-Velhos.
Salve, Rainha, mãe de misericórdia; vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó, clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogai por nós, ó Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.
Glória ao Pai
Oração católica referente à Santíssima Trindade, utilizada por diversos umbandistas.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Amém.
Santo Anjo
Oração popular católica, também rezada por muitos umbandistas.

Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador; se a Ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina. Amém.
Credo
Oração católica bastante comum em templos umbandistas, não necessariamente interpretada à luz dos dogmas do Catolicismo, como quando se afirma a fé na Igreja Católica (conforme indicam Guias e a própria etimologia, leia-se "católica" como "universal", isto é, a grande família humana), na Comunhão dos Santos, na ressurreição da carne, dentre outros tópicos da fé católica.
Conhecida também popularmente como "Creio em Deus Pai", da mesma forma como orações de tantas manifestações e segmentos religiosos, cria uma egrégora protetora e facilita a concentração ao ser recitada.
Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.
Prece de Cáritas
Prece bastante utilizada nas giras e em outros rituais de Umbanda. Foi psicografada no Natal de 1873, em Bordeaux (França), pela médium Mme. W. Krell, com a qual trabalhava o espírito da suave Cáritas.
Deus, Nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai a força àquele que passa pela provação; dai a luz, àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!
Deus, dai ao viajante a estrela-guia; ao aflito a consolação; ao doente o repouso.
Pai, dai ao culpado o arrependimento; ao espírito a verdade; à criança o guia e ao órfão o pai!
Senhor, que a Vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes.
Piedade, Senhor, para aquele que Vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé.
Deus! Um raio, uma faísca do Vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos

beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.
E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.
Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh poder!, oh bondade!, oh beleza!, oh perfeição!, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa divina misericórdia.
Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem.
Assim seja.
Pai Nosso Umbandista
Pai Nosso que estás nos céus, nas matas, nos mares e em todos os mundos habitados.
Santificado seja o Teu nome, pelos Teus filhos, pela natureza, pelas águas, pela luz; e pelo ar que respiramos.
Que o Teu reino, reino do bem, do amor e da fraternidade, nos una a todos e a tudo que criaste, em torno da sagrada cruz, aos pés do divino salvador e redentor.
Que a Tua vontade nos conduza sempre para o culto do amor e da caridade.
Dá-nos hoje e sempre a vontade firme para sermos virtuosos e úteis aos nossos semelhantes.
Dá-nos hoje o pão do corpo, o fruto das matas e a água das fontes para o nosso sustento material e espiritual.
Perdoa, se merecermos, as nossas faltas e dá o sublime sentimento do perdão para os que nos ofendem.
Não nos deixes sucumbir ante a luta, dissabores, ingratidões, tentações dos maus espíritos e ilusões pecaminosas da matéria.
Envia, Pai, um raio de Tua divina complacência, luz e misericórdia para os Teus filhos pecadores que aqui habitam, pelo bem da humanidade.
Que assim seja, em nome de Olorum, Oxalá e de todos os mensageiros da luz divina.
Credo Umbandista
Creio em Deus, onipotente e supremo; creio nos Orixás e nos Espíritos Divinos que nos trouxeram para a vida por vontade de Deus. Creio nas falanges espirituais, orientando os homens à vida terrena; creio na reencarnação das almas e na Justiça divina, segundo a lei do retorno; creio na comunicação dos Guias Espirituais, encaminhando-nos para a caridade e a prática do bem; creio na invocação, na prece e na oferenda como atos de fé, e creio na Umbanda como religião redentora, capaz de nos levar pelo caminho da evolução até o nosso Pai Oxalá.

Salmos 23 na Umbanda
Oxalá é meu Pastor, nada me faltará.
Deitar-me faz nos verdes campos de Oxóssi.
Guia-me, Pai Ogum, mansamente nas águas tranquilas de Mãe Nanã Buruquê.
Refrigerar minha alma meu Pai Obaluáé.
Guia-me, Mãe Iansã, pelas veredas da Justiça de Xangô.
Ainda que andasse pelo vale das sombras e da morte de meu Pai Omolu, eu não temeria mal algum, porque Zambi está sempre comigo.
A tua vara e o teu cajado, são meus guias na direita e na esquerda.
Me consola, Mãe Oxum. Prepara uma mesa cheia de vida perante mim, minha Mãe Iemanjá.
Exu e Pombogira, vos oferendo na presença de meus inimigos.
Unge a minha coroa com o óleo consagrado a Olorum, e o meu cálice, que é meu coração, transborda. E certamente que a bondade e a misericórdia de Oxalá

estarão comigo por todos os dias.
E eu habitarei a casa dos Orixás, que é Aruanda, por longos dias!
Que assim seja!
SARAVÁ!
Oração ao Criador
Senhor Deus, criador do Céu e da Terra,
Poderoso é Vosso nome! Grande é vossa misericórdia!
Em nome de Vosso filho, Jesus Cristo, recorremos a Vós, neste momento, para
pedir bênçãos para nossa vida, se for do nosso merecimento.
Que Vossa Divina Luz incida sobre nós.
Com Vossas poderosas mãos, retirai todo o mal, todos os problemas e todos os
perigos que estejam ao nosso redor.
Que as forças negativas que nos abatem e nos enristecem se desfaçam no sopro
de Vossa bênção.
Que o Vosso poder destrua todas as barreiras que impedem o nosso progresso.
E do Céu, Vossas virtudes penetrem em nosso ser, dando-nos paz, amor,
tranquilidade, harmonia e equilíbrio.
Abri, Senhor, os nossos caminhos.
Que nossos passos sejam dirigidos por Vós, para que não tropeçemos na
caminhada da Vida.
Que nosso viver, nosso lar e nosso trabalho sejam por Vós abençoados.
Entregamo-nos em Vossas mãos poderosas, na certeza de que tudo iremos
alcançar.
Agradecemos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Amém.

[A UM BANDA E OUTRAS RELIGIÕES: DIÁLOGOS](#)

[Candomblé](#)

Candomblé é um nome genérico que agrupa o Culto aos Orixás Jeje-Nagô, bem como outras formas que dele derivam ou com eles se interpenetram, as quais se espraiam em diversas Nações.

Trata-se de uma religião constituída, com teologia e rituais próprios, que cultua um poder supremo, cujo alcance espiritual mais vistível é por meio dos Orixás. Sua base é formada por diversas tradições religiosas africanas, destacando-se as da região do Golfo da Guiné, desenvolvendo-se no Brasil a partir da Bahia.

O Candomblé não faz proselitismo e valoriza a ancestralidade, tanto por razões históricas (antepassados africanos) quanto espirituais (filiação aos Orixás, cujas características se fazem conhecer por seus mitos e por antepassados históricos ou semi-históricos divinizados).

Embora ainda discriminado pelo senso comum e atacado por diversas denominações religiosas que o associam à chamada "baixa magia", o Candomblé tem sua influência cada vez mais reconhecida em diversos setores da vida social brasileira, na música (percução, toques, base musical, etc.), na culinária (pratos da cozinha de Santo que migraram para restaurantes e para as mesas das famílias brasileiras) e na medicina popular (fitoterapia e outros).

O Candomblé não existia em África tal qual o conhecemos, uma vez que, naquele continente, o Culto aos Orixás era segmentado por regiões (cada região e, portanto, famílias/clãs cultuavam determinado Orixá ou apenas alguns). No Brasil, os Orixás tiveram seus cultos reunidos em terreiros, com variações e interpenetrações teológicas e litúrgicas das diversas Nações.

Embora haja falta bibliografia a respeito do Candomblé e muitas de suas festas sejam públicas e abertas a não-iniciados, trata-se de uma religião iniciática, com ensino-aprendizagem pautado pela oralidade, com conteúdo exotérico (de domínio público) e esotérico (segredos os mais diversos transmitidos apenas aos iniciados).

Conforme sintetiza Vivaldo da Costa Lima, "a filiação nos grupos de Candomblé é, a rigor, voluntária, mas nem por isso deixa de obedecer aos padrões mais ou menos institucionalizados das formas de apelo que determinam a decisão das pessoas de ingressarem formalmente num terreiro, através dos ritos de iniciação. Essas formas de chamamento religioso se enquadram no universo mental das classes e estratos de classes de que provém a maioria dos adeptos do Candomblé, e são, geralmente, interpretações de sinais que emergem dos sistemas simbólicos culturalmente postulados. Sendo um sistema religioso – portanto uma forma de relação expressiva e unilateral com o mundo sobrenatural – o Candomblé, como qualquer outra religião iniciática, provê a circunstância em que o crente poderá, satisfazendo suas emoções e suas outras necessidades existenciais, situar-se plenamente num grupo socialmente

reconhecido e aceito, que lhe garantirá status e segurança – que esta parece ser uma das funções principais dos grupos de Candomblé: dar a seus participantes um sentido para a vida e um sentimento de segurança e proteção contra 'os sofrimentos de um mundo incerto' ".

FORMAÇÃO

O Culto aos Orixás pelos africanos no Brasil tem uma longa história de resistência e sincretismo. Impedidos de cultuar os Orixás, valiam-se de imagens e referências católicas para manter viva a sua fé. Por sua vez, a combinação de cultos que deu origem ao Candomblé deveu-se ao fato de serem agregados numa mesma propriedade (e, portanto, na mesma senzala) escravos provenientes de diversas nações, com línguas e costumes diferentes - certamente uma estratégia dos senhores brancos para evitar revoltas, além de uma tentativa de fomentar rivalidades entre os próprios africanos. Vale lembrar que, em África, o Culto aos Orixás era segmentado por regiões: cada região cultuava determinado Orixá (ou apenas alguns).

Em 1830, algumas mulheres originárias de Ketu, na Nigéria, filiadas à irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, reuniram-se para estabelecer uma forma de culto que preservasse as tradições africanas em solo brasileiro. Reza a tradição (e documentos históricos) que a reunião aconteceu na antiga Ladeira do Berê (hoje, rua Visconde de Itaparica), nas proximidades da Igreja da Barroquinha, em Salvador (BA). Nesse grupo, e com o auxílio do africano Baba-Asiká, destacou-se Iyã Nassô Kalá ou Oká (Iya Nassô). Seu orúkó no Orixá (nome iniciático) era Iyãmágbó-Olódumare.

Para conseguirem seu intento, essas mulheres buscaram fundir aspectos diversos de mitologias e litúrgias. Uma vez distantes da África, a Iyá Ilú àiyé éñí (literalmente "Mãe Pátria Terra da Vida"), teriam de adaptar-se ao contexto local, não cultuando necessariamente apenas Orixás locais (característicos de tribos, cidades e famílias específicos) em espaços amplos, como a floresta – cenário de muitas iniciações –, mas o fazendo num espaço previamente estabelecido: a casa de Culto. Nessa "reprodução em miniatura da África", os Orixás seriam cultuados em conjunto. E nascia o Candomblé.

Ao mesmo tempo em que designava as reuniões feitas por escravos com o intuito de louvar os Orixás, a palavra Candomblé também era empregada para toda e qualquer reunião ou festa organizada pelos negros no Brasil. Por essa razão, antigos Babás e Iyás evitavam chamar o Culto aos Orixás de Candomblé. Em linhas gerais, Candomblé seria uma corruptela de "candombé" (atabaque tocado pelos negros de Angola) ou viria de "candombidê" (louvar ou pedir por alguém ou por algo).

Cada grupo tem características próprias (teológicas, linguísticas e de culto –

muito embora, não raro, as características se interpenetrem) e ficou conhecido como Nação:

- Nação Ketu;
- Nação Angola;
- Nação Jeje;
- Nação Nagô;
- Nação Congo;
- Nação Muxicongo;
- Nação Efon.

Constituída por grupos que falavam iorubá, dentre eles os de Oyô, Abeokutá, Ijexá, Ebé e Benim, a Nação Ketu também é conhecida como Alaketu. Os iorubás, guerreando com os jejes, em África, perderam e foram escravizados, vindo então para o Brasil. Maltratados, foram chamados pelos fons de "nagô" (dentre várias acepções: "piohentos, sujos"). O termo, com o tempo, modificou-se para "nagô" e foi incorporado pelos próprios iorubás como marca de origem e de forma de culto. Em sentido estrito, não há uma nação política chamada nagô.

Em linhas gerais, os Candomblés dos Estados da Bahia e do Rio de Janeiro ficaram conhecidos como de Nação Ketu, com raízes iorubanas. Entretanto, existem variações dentro de cada Nação. No caso do Ketu, por exemplo, destacam-se a Nação Efan e a Nação Ijexá. Efan é uma cidade da região de Ijexá, nas proximidades de Oxoigbô e do rio Oxum, na Nigéria. A Nação Ijexá é conhecida pela posição de destaque que nela possui o Orixá Oxum, sua rainha.

No caso do Candomblé Jeje, por exemplo, uma variação é o Jeje Mahin, sendo Mahin uma tribo que havia nas proximidades da cidade de Ketu. Quanto às Nações Angola e Congo, seus Candomblés se desenvolveram a partir dos cultos de escravos provenientes dessas regiões africanas.

De fato, a variação e o cruzamento de elementos de Nações não são estanques, como demonstram o Candomblé Nagô-Vodum (o qual sintetiza costumes iorubás e jeje) e o Alaketu (de Nação iorubá, também da região de Ketu, tendo como ancestrais da casa Otampê, Ojarô e Odé Akobí).

PRIMEIROS TERREIROS

A primeira organização de Culto aos Orixás foi a da Barroquinha (Salvador, BA), em 1830, semente do Ilê Axé Iya Nassô Oká, uma vez que foi capitaneado pela própria Iya Nassô, filha de uma escrava liberta que retornou à África. Posteriormente foi transferido para o Engenho Velho, onde ficou conhecido como Casa Branca ou Engenho Velho. Ainda no século XIX, dele originou-se o

Candomblé do Cantóis e, mais adiante, o Ilê Axé Opô Afonjá.

Entre 1797 e 1818, Nan Agotimé, rainha-mãe de Abomé, teria trazido o Culto dos Voduns jeje para a Bahia, levando-os a seguir para São Luís, MA. Traços da presença daomeana teriam permanecido no Bogum, antigo terreiro jeje de Salvador, o qual ostenta, ainda, o vocábulo "malé" (bastante curioso, uma vez que o termo refere-se ao negro do Islã). Antes mesmo do Bogum há registros de um terreiro jeje, em 1829, no bairro hoje conhecido como Acupe de Brotas. Tumbensi é considerada a casa de Angola mais antiga da Bahia, fundada por Roberto Barros Reis (dijina: Tata Kimbanda Kinunga) por volta de 1850, escravo angolano de propriedade da família Barros Reis, que lhe emprestou o nome pelo qual era conhecido. Após seu falecimento, a casa (tão) passou à liderança de Maria Genoveva do Bonfim, mais conhecida como Maria Neném (dijina: Mam'etu Tuenda UnZambi) gaticha, filha de Kavungu, considerada a mais importante sacerdotisa do Candomblé Angola. Ela assumiu a chefia da casa por volta dos anos 1909, vindo a falecer em 1945.

Já o Tumba Junçara foi fundado, em 1919 em Acupe, na Rua Campo Grande, Santo Amaro da Purificação, BA, por dois irmãos de esteira: Manoel Rodrigues do Nascimento (dijina: Kambambe) e Manoel Ciriaco de Jesus (dijina: Ludyamungongo), ambos iniciados em 13 de junho de 1910 por Mam'etu Tuenda UnZambi, Mam'etu Riá N'Kisi do Tumbensi. Kambambe e Ludyamungongo tiveram Sinhá Badá como Mãe-pequena e Tio Joaquim como Pai-pequeno. O Tumba Junçara foi transferido para Pitanga, também em Santo Amaro da Purificação, e posteriormente para o Beiru. A seguir foi novamente transferido para a Ladeira do Peptino, 70, e finalmente para Ladeira da Vila América, 2, Travessa 30, Avenida Vasco da Gama (que hoje se chama Vila Colombina), 30, em Vasco da Gama, Salvador (BA). E assim a raiz foi-se espalhando.

O histórico das primeiras casas de Candomblé e outras formas de culto marginalizadas pelo poder constituído (Estado, classes economicamente dominantes, Igreja, etc.), como a Umbanda no século XX, assemelha-se pela resistência à repressão institucionalizada e ao preconceito.

NAÇÕES

Quando se refere ao *Candomblé*, o vocábulo *Nação*, como bem observa Nei Lopes, refere-se às "unidades de culto, caracterizadas pelo conjunto de rituais peculiares aos indivíduos de cada uma das divisões étnicas que compunham, real ou idealmente, a massa dos africanos vindos para as Américas".

As três nações mais conhecidas no Brasil:

NAÇÃO KETU

A Nação Ketu, com suas características de culto aos Orixás e aos antepassados, talvez seja a mais conhecida do grande público. Muito contribuíram para diversas manifestações culturais, como a Literatura (Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, dentre outros) e a Música (Vinicius de Moraes, Baden Powell, Chico Buarque etc.).

Segundo Nei Lopes, Ketu refere-se a "antigo reino da África ocidental cujo território foi cortado em dois pela fronteira Nigéria-Benin, estabelecida pelo colonialismo europeu. Não obstante, a região de Méko, no lado nigeriano, ainda é vista como parte dele e o alákétu, governante tradicional, ainda a visita em sua cerimônia de posse. O povo Ketu é um subgrupo dos Iorubás, e seu Ancestral, segundo a tradição, é o segundo filho de Oduwa. O Reino de Ketu era um dos seis reinos que constituíam a confederação chamada pelos Hauçás de Bansa bokoi, em contraposição aos seus Hausa bokoi. A tradição relata que esses reinos foram fundados por seis irmãos, numa lenda análoga à da criação dos Estados hauçás."

NAÇÃO ANGOLA

Baseado na herança das religiões bantu, o chamado rito Angola engloba essencialmente o cerimonial Congo e cabinda. Além dos Iniquices, costumam ser cultuados também Orixás, Voduns, Vanjes (espíritos infantis) e Caboclos. Tocam-se atabaques com as mãos, sendo os ritmos predominantes cabula, Congo e barraveno ou muzenza. As cantigas possuem termos ou trechos em português. O Candomblé Angola disseminou-se em quase todo o Brasil, em virtude da afluência e da inserção dos bantos no país. Bastante receptivo a influências do Catolicismo e das religiões ameríndias, no final do século passado, em alguns estados, passou a receber nomes característicos - tais como Cabula (Espírito Santo), Macumba (Rio de Janeiro) e Candomblé de Caboclo (Bahia). Também a influência jeje-nagô fez-se presente nesses cultos.

NAÇÃO JEJE

A Nação Jeje caracteriza-se pelo culto aos Voduns do Reino do antigo Daomé (mitologia fon) trazidos para o Brasil pelos escravos de várias regiões da África Ocidental e África Central. Os diversos grupos étnicos daomeanos (como fon, ewe, fanti, ashanti, miña), em solo brasileiro, eram chamados *djeje* (do iorubá *ajeji*, significando "estrangeiro", "estranho").

Os primeiros templos da Nação Jeje foram organizados na Bahia e no Maranhão, estendendo-se, posteriormente, para outros estados brasileiros. Conforme a origem, a Nação Jeje divide-se em diversos segmentos: Jeje-

Mahi, Jeje Daomé, Jeje Savalu, Jeje Modubi, Jeje Mina (Tambor-de-mina) e Jeje-Fanti-Axanti.
No Jeje Mahi, por exemplo, são cultuados Voduns relacionados aos Orixás, com origem de culto na África, e da região Mahi. Por outro lado, Eguns e Voduns com vida terrena, como os reis do Daomé, não são cultuados. Cultuam-se os antepassados por meio do Vodum Ayizan, na região do Mahi, mulher de Legba e ligada à terra, à morte e aos ancestrais. Os Voduns Jeje-Mahi são, portanto, antepassados míticos. Representa essa Nação o Vodum Gbesen (Bessém).
No Brasil, a africana Ludovina Pessoa, de Mahi, segundo a tradição, foi escolhida pelos Voduns para fundar três terreiros: o Zògodo Bogum Malé Hundô (Terreiro do Bogum), para Heviosô; o Zògodo Bogum Malé Seja Undê (Kwe Seja Undê), para Dã; o terceiro, não se sabe onde, para Ajunsun Sakpata.
No Jeje Modubi cultuam-se os Akutatos (Eguns), reinando aí o Vodum Azonsu. Outras nações menos conhecidas no Brasil, contudo são importantes quanto as demais: Efon (Efi), Ijexá, Congo, Muxicongo, Nagô. Com elas, se interpenetram as anteriores (além de interpenetrarem entre as três) numa riqueza teológica, litúrgica e cultural.

Page 409

[Candomblé de Caboclo](#)

Modalidade de Candomblé na qual também se trabalha com Caboclos. Durante algum tempo (e ainda hoje em algumas casas), a participação dos Caboclos é velada, de modo a preservar a "pureza" ritual do Candomblé. Em determinadas casas, além dos chamados Caboclos de Pena, também trabalham os popularmente chamados Caboclos Boiadeiros, ou simplesmente Boiadeiros.

Page 410

[Macumba](#)

Nome genérico e geralmente pejorativo que se refere às religiões afro-brasileiras. Macumba foi também uma manifestação religiosa, no Rio de Janeiro, que em muito se aproximava da cabula. O chefe do culto também era conhecido como embanda, umbanda ou quimbanda, tendo como ajudantes cambones ou cambones. As iniciadas eram conhecidas ora como filhas-de-santo (influência jeje-nagô), ora como médiuns (influência do espiritismo).
Orixás, Inquices, caboclos e santos católicos eram alinhados em falanges ou linhas, como a da Costa, de Umbanda, de Quimbanda, de Mina, de Cambinda, do Congo, do Mar, de Caboclo, Cruzada e outros.
De origem banta, porém com étimo controverso, macumba poderia advir do quimbundo *macumba*, plural de *dikumba*, significando "cadeado" ou "fechadura", em referência aos rituais de fechamento de corpo. Ou ainda viria do quicongo *macumba*, plural de *kumba*, com o sentido de "prodígios", "fatos miraculosos" - em referência à cumba, feiticeiro. Com outras raízes etimológicas, no Brasil, o vocábulo também designou um tipo de reco-reco e um jogo de azar.
Para dissociar-se do sentido pejorativo, o vocábulo macumba tem sido utilizado nas artes em geral com valor positivo. O marco mais recente é o disco "Tecnomacumba", da cantora maranhense Rita Beneditto.

Page 411

[Cabula](#)

Culto religioso afro-brasileiro do século XIX, no Espírito Santo, com rituais ao ar livre e evocações aos espíritos dos antepassados e utilização de vocabulário de origem banta. A reunião, nas florestas ou em casa determinada, era conhecida como mesa, destacando-se a de Santa Bárbara e a de Santa Maria. O chefe da mesa era chamado de embanda, tendo como ajudantes os cambones. Os adeptos eram conhecidos como camanás; suas reuniões formavam engiras.

Page 412

[Catimbó](#)

Fundindo elementos da pajelança (influência indígena) e de cultos bantos (influência afro), o Catimbó é conhecido pela terapêutica notadamente marcada por passes, defumações e banhos lustrais (de purificação). O catimbó é conduzido por mestres, sendo um dos mais conhecidos o Sr. Zé Pelintra.

Page 413

[Tambor de Mina](#)

Culto afro-brasileiro, de origem Jeje, característico principalmente no Estado do Maranhão. O vocábulo "mina" refere-se à origem dos escravos, prisioneiros no forte de São Jorge da Mina, de propriedade dos portugueses, na África Ocidental, antes de serem trazidos para o Brasil como escravos.
Na Casa das Minas, em São Luís, MA, os Voduns são cultuados conforme as famílias a que pertencem. Dessa forma, a família de Davice é constituída por Voduns chamados nobres (reis e rainhas) do Daomé. A família de Savaluno é composta de Voduns da região norte do Daomé. Já a família de Dambirá comporta os Voduns da terra, das doenças e da peste. A família de Quevioso e Aladanu, considerada de origem nagô, abarca os Voduns dos raios, dos trovões, do ar e da água.
No tambor-de-mina há também a manifestação dos encantados de diversas origens: caboclos da mata, fidalgos/nobres portugueses e franceses e turcos/mouros.

Page 414

[Babaç uê](#)

Também conhecido como Bataque de Santa Bárbara ou Bataque de Mina, trata-se de culto afro-ameríndio comum no Norte e no Nordeste do Brasil, notadamente no Pará.
No Babaç uê, cultuam-se Orixás e Voduns. Já no Bataque de Santa Bárbara, Iansã é protetora das mulheres e Xangô, dos homens. O Bataque de Mina, por sua vez, cultua Orixás.
O Babaç uê lembra o Candomblé de Caboclo e o Catimbó. Mescla crenças africanas e ameríndias, com forte influência da Nação Jeje. Seus cânticos são conhecidos como Doutrina.

Page 415

[Vale do Amanhecer](#)

Religião sincretista que tem seu marco, no plano terreno, no ano de 1959, com os desdobramentos de sua fundadora camal, Tia Neiva, e aprendizados no Tibete, com o Mestre Humahã.
A primeira comunidade do Vale do Amanhecer funcionou na Serra do Ouro, nas proximidades da cidade de Alexânia (GO). Depois de se mudar para Taguatinga, em 1969, alojou-se na zona rural de Planaltina, em região hoje conhecida como Vale do Amanhecer.

Catolicismo

A força da influência do Catolicismo na Umbanda pode ser, em linhas gerais, literal ou simbólica/sincrética.

Em virtude do sincrétismo, a maioria dos templos umbandistas apresenta imagens católicas em seus altares. Contudo, há templos que se utilizam de imagens com representações ditas africanas dos Orixás, enquanto outros não usam imagem alguma, mas apenas quartinhas com pedras correspondentes (otás), por exemplo.

Interessante notar que, mesmo nos templos que se valem de imagens católicas (a maioria), a imagem de Obaluaé costuma figurar ao lado das imagens de santos católicos aos quais esse Orixá é sincrétizado (notadamente São Lázaro e São Roque). O mesmo vale para outros Orixás e os santos católicos correspondentes.

Nas palavras do célebre teólogo Leonardo Boff, em seu texto *O encanto dos Orixás*,

"Quando atinge grau elevado de complexidade, toda cultura encontra sua expressão artística, literária e espiritual. Mas ao criar uma religião a partir de uma experiência profunda do Mistério do mundo, ela alcança sua maturidade e aponta para valores universais. É o que representa a Umbanda, religião nascida em Niterói, no Rio de Janeiro, em 1908, bebendo das matrizes da mais genuína brasilidade - feita de europeus, de africanos e de indígenas. Num contexto de desamparo social, com milhares de pessoas desenraizadas, vindas da selva e dos grotescos do Brasil profundo, desempregadas, doentes pela insalubridade notória do Rio nos inícios do século 20, irrompeu uma fortíssima experiência espiritual. O interiorano Zélio Moraes atesta a comunicação da Divindade sob a figura do Caboclo das Sete Encruzilhadas da tradição indígena e do Preto-Velho dos escravos. Essa revelação tem como destinatários primordiais os humildes e destituídos de todo apoio material e espiritual. Ela quer reforçar neles a percepção da profunda igualdade entre todos, homens e mulheres; se propõe a potenciar a caridade e o amor fraterno, mitigar as injustiças, consolar os aflitos e reintegrar o ser humano na natureza sob a égide do Evangelho e da figura sagrada do Divino Mestre Jesus.

O nome Umbanda é carregado de significação. É composto de OM (o som originário do universo nas tradições orientais) e de BANDHA (movimento incessante da força divina). Sincretiza de forma criativa elementos das várias tradições religiosas de nosso país criando um sistema coerente. Privilegia as tradições do Candomblé da Bahia por serem as mais populares e próximas aos seres humanos sem suas necessidades. Mas não as considera como entidades, apenas como forças ou espíritos puros que, através dos Guiás espirituais, se acercam das pessoas para ajudá-las. Os Orixás, a Mata Virgem, o Rompe Mato, o

Sete Flechas, a Cachoeira, a Jurema e os Caboclos representam facetas arquetípicas da Divindade. Elas não multiplicam Deus num falso panteísmo - mas concretizam, sob os mais diversos nomes, o único e mesmo Deus. Este se sacramentaliza nos elementos da natureza como nas montanhas, nas cachoeiras, nas matas, no mar, no fogo e nas tempestades. Ao confrontar-se com estas realidades, o fiel entra em comunhão com Deus.

*A Umbanda é uma religião profundamente ecológica. Devolve ao ser humano o sentido da reverência face às energias cósmicas. Renuncia aos sacrifícios de animais para restringir-se somente às flores e à luz, realidades sutis e espirituais. Há um diplomata brasileiro, Flávio Perri, que serviu em embaixadas importantes como Paris, Roma, Genebra e Nova York que se deixou encantar pela religião da Umbanda. Com recursos das ciências comparadas das religiões e dos vários métodos hermenêuticos, elaborou perspicazes reflexões que levam exatamente este título, *O Encanto dos Orixás, desvendando-nos a riqueza espiritual da Umbanda. Permeia seu trabalho com poemas próprios de fina percepção espiritual. Ele se inscreve no gênero dos poetas-pensadores e místicos como Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), Murilo Mendes, T. S. Elliot e o sufi Rumi. Mesmo sob o encanto, seu estilo é contido, sem qualquer exaltação, pois é esse rigor que a natureza do espiritual exige.**

Além disso, ajuda a desmontar preconceitos que cercam a Umbanda, por causa de suas origens nos pobres da cultura popular espontaneamente sincréticos. Que eles tenham produzido significativa espiritualidade e criado uma religião cujos meios de expressão são puros e singelos revela quão profunda e rica é a cultura desses humilhados e ofendidos, nossos irmãos e irmãs. Como se dizia nos primórdios do Cristianismo que, em sua origem, também era uma religião de escravos e de marginalizados, 'os pobres são nossos mestres, os humildes, nossos doutores'. Talvez algum leitor(a) estranhe que um teólogo como eu diga tudo isso que escrevi. Apenas respondo: um teólogo que não consegue ver Deus para além dos limites de sua religião ou igreja não é um bom teólogo. É antes um erudito de doutrinas. Perde a ocasião de se encontrar com Deus que se comunica por outros caminhos e que fala por diferentes mensageiros, seus verdadeiros anjos. Deus desborda de nossas cabeças e dogmas."

Espiritismo

O Espiritismo foi codificado por Allan Kardec (pseudônimo de Hyppolite Léon Denizard Rivail), no século XIX, e ganhou o mundo, especialmente por meio de publicações (livros, jornais e revistas). No Brasil, é popularmente chamado de Kardecismo, até mesmo para diferenciá-lo de outras religiões, termo oficialmente não empregado pelos espíritas - segundo os quais seria equivocado, uma vez que a doutrina é dos espíritos, e não de Kardec.

Nas palavras do célebre médium espírita Chico Xavier, em entrevista em 1976:

"Eu sempre compreendi a Umbanda como uma comunidade de corações profundamente veiculados à caridade com a benção de Jesus Cristo e nesta base eu sempre devotei ao movimento umbandista no Brasil o máximo de respeito e a maior admiração.

(...)

A meu ver, o movimento de Umbanda no Brasil está igualmente ligado ao Espírito de amor do Cristianismo. Sem conhecimento de alicerces umbandísticos para formar uma opinião específica, eu prefiro acreditar que todos os umbandistas são também grandes cristãos construindo a grandeza da solidariedade cristã no Brasil para a felicidade do mundo.

(...)

Acredito que o mediunismo no movimento de Umbanda é tão respeitável quanto a mediunidade das instituições kardecistas, com uma única diferença que eu faria se tivesse um estudo mais completo de Umbanda; é que seria extremamente importante se a mediunidade recebesse a doutrinação do espírito do evangelho com as explicações de Allan Kardec fosse onde até mesmo noutras faixas religiosas que não fosse a Umbanda. Porque a mediunidade esclarecida pela responsabilidade decorrente dos princípios cristãos é sempre um caminho de interpretação com Jesus de qualquer fenômeno mediúnico."

Univ e ralismo e crístico

Movimento de universalização da Espiritualidade, focado em valores comuns a todos os seres humanos. No Brasil, tem-se destacado o chamado Universalismo

Crístico, liderado pelo médium e escritor Roger Bottini Paranhos.

A respeito da Umbanda, ditou o espírito Hermes a Paranhos:

"Meu jovem, eu creio que você está fazendo um julgamento sobre algo que desconhece. O poder dos trabalhos de Umbanda vem dos rituais que despertam as forças espirituais dos orixás. Não raro vejo espíritos como você em casas de Umbanda pedindo socorro aos Pretos-Velhos porque na Umbanda se trabalha com energias mais densas e difíceis de dissipar. Não acho justo que você despreze os trabalhos que realizamos com tanto amor pelos nossos semelhantes.

Rafael aguardou em silêncio e voltou a falar:

"Antes de tudo, eu gostaria de lembrar a todos que não estou aqui na condição de espírito. Essa foi a minha religião de formação, mas não estou aqui para defendê-la; pelo contrário, ainda nessa noite exporemos aqui os pontos em que ela também deve ser chamada a uma reflexão, da mesma forma como devemos fazer com todas as religiões, inclusive as orientais como o Budismo, o Hinduísmo, o Islâmismo, que devem também ser avaliadas conforme o crivo da razão no que concerne aos rituais.

Quanto aos ritos de Umbanda, posso afirmar que eles não deixarão de ser utilizados e muito menos serão recriminados. Estou aqui para preparar a visão espiritual do futuro, ou seja, para atender as novas gerações. E elas terão algo claro em mente: a certeza de que podemos realizar curas ou promover doenças, atrair espíritos de luz ou obsessores terríveis, encontrar felicidade ou depressão, tudo apenas com o poder de nossa mente, independentemente dos rituais."

Reglas

O culto aos Orixás, Inquices, Voduns e outros espalhou-se e criou formatos próprios em países onde o elemento africano se fixou, notadamente, pela escravidão. Além do Brasil, o exemplo mais visível (mas não único) é o de Cuba, onde os cultos de origem afro são conhecidos genericamente como santería - vocábulo impreciso e "subversivo", como o brasileiro "macumba". Por sua vez, a palavra "regla" é popularmente utilizada com o sentido de culto ou religião. Dessa forma, em Cuba, encontram-se:

Regla de Ocha

(origem

iorubana/lucumí)

Cultos de

Orixás

iorubanos,

comandada

por um obá,

com cânticos

ao som de

tambores

batá.

Compreende,

à parte, a

Regla de Ifá.

Regla de

Mayombe, Regla

de Palo Monte

ou Regla de Palo

(origem

banta/conga)

A Regla de

Mayombe é

dividida em

duas

vertentes:

mayombe
judío,
voltado para
o mal, e
mayombe
cristiano
[16](#)
Compreende
subdivisões,
como
Brillumba ou
Vryumba,

Page 422

Kimbisa e outras.

Ao lado dessas duas regras principais, destaca-se também, em especial na província de Matanzas, a Regla Arara ou Arara Daomey. Em especial, a partir do século XX, diversos países passaram a ter terreiros de Candomblé e Umbanda - cujas raízes, direta ou indiretamente, estão em casas brasileiras.

Note-se que os termos "judío" e "cristiano" possuem aqui valoração de "negativo" e "positivo", o que precisa ser compreendido no contexto em que os termos foram atribuídos a cada mayombe. Certamente tal distinção, preconceituosa contra os judeus, é hoje revista. Grosso modo, o mesmo ocorre com o vocábulo português "pagão" - o qual, em sua origem, não tem a acepção negativa de "não-cristão", mas "aquele que vem do campo" (nesse contexto, a Wicca se denomina orgulhosamente religião pagã).

Page 423

Culto aos Orixás

Chamada genericamente de culto aos Orixás, trata-se de tendência e prática que visa a se aproximar ainda mais das raízes africanas no que tange ao formato e à organização do culto em si, à liturgia, ao uso de línguas dos antepassados, dentre outros elementos.

Page 424

Culto a Ifá

O culto a Ifá, cujo patrono é Orunmilá (e o símbolo, o camaleão), tem crescido no Brasil, havendo diversas casas a ele dedicadas. O sacerdote de Ifá é o Babalá ("pai do segredo"; não confundir com o babalá de Umbanda, sinônimo de dirigente espiritual ou babá). O Alabá (*alabá* é também o sacerdote-chefe da sociedade secreta Egungum, bem como título de honra de algumas autoridades do Candomblé) é o chefe dos Oluós (o oluó é um grau entre os sacerdotes de Ifá). O iniciante é chamado de Kekereá-Ifá, tornando-se Omo-Ifá (filho de Ifá) após o chamado pacto. O sistema divinatório de Ifá, aliás, não se restringe apenas aos búzios, mas abarca outras técnicas - dentre elas os iquines (16 caroços de dendê) e o opelê (corrente fina, aberta em duas, contendo cada parte 04 caroços de dendê).

Page 425

Culto aos Egunguns

Trata-se do culto aos ancestrais, os quais têm o merecimento de apresentar-se invocados em forma corporal. Apenas os espíritos devidamente preparados podem ser invocados e materializados. Nos terreiros devotados aos Egunguns, a invocação dos ancestrais converte-se na essência do culto, e não a invocação dos Orixás, como nos terreiros de Candomblé. O culto aos ancestrais é também o culto ao respeito hierárquico, aos "mais velhos". Os Egunguns abençoam, aconselham, mas não são tocados e permanecem isolados dos encarnados, controlados pelos sacerdotes (ojés). Apresentam-se com vestimentas coloridas, ricas e com símbolos que permitem ao observador identificar sua hierarquia. Os Egunguns mais antigos são conhecidos como Agbás, e manifestam-se envolvidos por muitas tiras coloridas (*abalás*), espelhos e por um tipo de avental (*bontê*). Os mais jovens são os Aparakás, sem vestimenta e forma definidas. Nesse culto, manifestam-se apenas os ancestrais masculinos, sendo também cuidados apenas por homens (embora haja mulheres com funções específicas no culto). Por outro lado, Oyá Igbalé, também conhecida como Iansã Balé, é considerada e respeitada como rainha e mãe dos Egunguns - cultuada, portanto, em assentamento próprio e especial. O foco do culto aos Egunguns em solo brasileiro seria a Ilha de Itaparica, a partir dos terreiros de Vera Cruz (cuja fundação data de cerca de 1820); da fazenda Mocambo, em local conhecido como Tuntun; e da Encarnação. Todos esses terreiros são ancestrais do Ilê Agbolá, no Alto da Vela Vista. Já no continente, em Salvador, destacou-se o terreiro do Corta-Braço, na estrada das Boiadas, hoje o bairro da Liberdade. Em contrapartida, as mulheres organizaram-se em sociedades como Geledé, Geledés ou Gueledés. Segundo Nei Lopes, Gueledés são "máscaras outrora usadas no candomblé do Engenho Velho, por ocasião da Festa dos Gueledés, em 8 de dezembro. O nome deriva do iorubá *Gèlédè*, sociedade secreta feminina que promove cerimônias e rituais semelhantes ao da sociedade

Egungum, mas não ligados a ritos funerários, como os daquela. Por extensão, passou a designar as cerimônias e as máscaras antropomorfas esculpidas em madeira. No Brasil, a sociedade funciona nos mesmos moldes torabanos e sua última sacerdotisa foi Omonké, de nome cristão Maria Júlia Figueiredo. Com sua morte, encerram-se as festas anuais, bem como a procissão que se realizava no bairro da Boa Viagem".
A própria Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, fundamental para a organização do Candomblé tal qual o conhecemos hoje, reflete a força do feminino no culto aos Orixás.

Page 426

A UM BANDA E O MEIO AMBIENTE

Por ser uma reunião ecológica em que o corpo, a mente e o espírito se conectam com o meio ambiente, a Umbanda está atenta às questões do meio ambiente. Por esse motivo, cada vez mais os umbandistas têm consciência de como utilizar materiais que não agridam a natureza. Exemplo disso são os pentes feitos com materiais não-poluente entregues em oferendas a Iemanjá, no mar, onde também a alface é vertida (no mar, em barquinhos, etc.) de modo a não se deixar ali os vidros.
Abaixo estão duas propostas/ações que alguns terreiros têm adotado, em especial em Santa Catarina.

Page 427

Compostagem orgânica

Processo biológico de reaproveitamento de materiais que vem sendo adotado em diversos terreiros. Nas palavras do dirigente espiritual, professor de Geografia, escritor e divulgador do processo Giovanni Martins,
"(...) com relação às oferendas, após o tempo mínimo de permanência no altar ou em outros locais sagrados dos terreiros, são tratadas em sistema de geração de adubos denominado compostagem orgânica. A compostagem é um processo biológico em que os microorganismos transformam a matéria orgânica, como folhas, papel e restos de comida num material semelhante ao solo, a que se chama composto, e que pode ser utilizado como adubo. Os adubos produzidos a partir desse sistema são utilizados nos herbários que ficam localizados nos próprios terreiros, em que são plantadas todas as ervas destinadas ao culto aos Orixás e demais atividades ritualísticas. No sistema de compostagem são aproveitadas as frutas, as comidas de santo e outras oferendas que possibilitem o tratamento e reutilização (as carnes vermelhas e/ou brancas não entram no sistema de compostagem). Com a compostagem, dá-se uma finalidade sustentável para as oferendas e, ao mesmo tempo em que melhora a estrutura e aduba o solo, gera redução de herbicidas e pesticidas devido à presença de fungicidas naturais e microorganismos, aumentando a retenção de água no solo."

Page 428

Sistema de incineração

Processo de tratamento de lixo que vem sendo adotado em diversos terreiros. Nas palavras do dirigente espiritual, professor de Geografia, escritor e divulgador do sistema Giovanni Martins,
"(...) os resíduos e despachos provenientes dos ebós, que até então eram jogados em locais públicos, passam agora pela incineração para depois serem devidamente enterrados em áreas de plantio e reflorestamento. A incineração de resíduos, principalmente do lixo, é uma prática muito antiga, ainda hoje comum nas zonas rurais. Apesar da queima em céu aberto colaborar para a poluição atmosférica com os gases de combustão, a queima ainda é uma alternativa viável para a eliminação dos resíduos. Com a incineração existe uma redução de aproximadamente 80% no volume do material. Os incineradores hoje utilizados nos terreiros em sua maioria são domésticos, ou seja, construídos de forma artesanal com tijolo e cimento. Nos ebós não são utilizados plásticos, metais e outros materiais que acarretariam problemas ambientais mesmo incinerados. A combustão de plásticos clorados (PVC), por exemplo, resulta no ácido clorídrico altamente poluente, devendo de fato ser evitado."
Como há entregas em que se usam, por exemplo, moedas e outros objetos, estes não podem passar por esse processo, tendo outro encaminhamento.

Page 429

A UM BANDA E A ESPIRITUALIDADE NO TERCEIRO MILÊNIO

Page 430

Holismo

Por ser uma religião ecológica, a Umbanda visa ao equilíbrio do trinômio corpo, mente e espírito - a saúde física, o padrão de pensamento e o desenvolvimento espiritual de cada indivíduo.

Page 431

Ecume nismo e Diálogo Inter-religioso

Além de ter suas portas abertas a todo e qualquer espírito (encarnado ou desencarnado) que deseje vivenciar a Espiritualidade de acordo com suas diretrizes, a Umbanda mantém fortes laços dialógicos com as mais diversas tradições religiosas e/ou espirituais, algumas das quais a influenciaram bastante em vários aspectos, dentre eles, a ritualística. A Umbanda não é proselitista.

Page 432

Valorização da vida e não latência da morte

Embora tenha uma teologia própria e, em virtude do forte sincrismo, por vezes ainda vivencie pontos doutrinários de outras tradições religiosas e/ou espiritualistas, a Umbanda valoriza a experiência pessoal (concepções, opiniões, formas de vivenciar a espiritualidade, etc.), respeitando o livre pensamento e irmanando a todos em seus rituais e nas mais diversas atividades caritativas, de modo a respeitar as diferenças, sem tratá-las ostensivamente como divergências.

Page 433

Fé e cotidiano: a conexão da fé

Fortemente marcada pela ecologia, a Umbanda convida a todos a vivenciar sua fé no cotidiano – cuidando do próprio corpo, do meio ambiente, vivenciando relações saudáveis, etc. Exemplo: cultivar o Orixá Oxum é, ao mesmo tempo, um convite para se viver amorosamente o cotidiano, de forma compassiva, e utilizar os recursos hídricos de maneira consciente (escovar os dentes com a torneira fechada, não jogar lixo nas águas, etc.). A gira literalmente prossegue no

cotidiano.

Page 434

[Fé e Ciência: uma pare e ria inte lige nte](#)

Allan Kardec, Dalai Lama e outros líderes fazem coro: se a Ciência desbancar algum ponto de fé, sem dúvida, a opção é ficar com a Ciência. A Umbanda possui fundamentos próprios, de trabalhos religiosos, energéticos, mágicos; contudo, não devem confundir-se com superstição e obscurantismo. Por outro lado, sua alta Espiritualidade, muitas vezes ensinada de maneira analógica/simbólica, é cotidianamente explicada pela Ciência, na linguagem lógica/racional. A medicina dos Pretos-Velhos, por exemplo, é complementar à do médico com formação universitária e vice-versa: ambas dialogam, não se excluem.

Page 435

[Simplicidade](#)

A construção de templos, a realização de festas e outros devem visar a gratidão, entrelaçamento de ideais, conforto e bem-estar; e não a ostentação pseudo-religiosa e a vaidade dos médiuns e dos Dirigentes Espirituais. Mestre Jesus, na vibração de Oxalá, simbolicamente nasceu numa gruta e, posto numa manjedoura, fez do ambiente um local de grande celebração, envolvendo pastores e reis magos.

Page 436

[Letura e compreensão do simbólico](#)

Para vivenciar a espiritualidade umbandista de maneira plena, é preciso distinguir a letra e o espírito - no tocante, por exemplo, aos mitos e às lendas dos Orixás, aos pontos cantados e riscados, etc. Quando se desconsidera esse aspecto, existe a tendência de se desvalorizar o diálogo ecumênico e inter-religioso, assim como a vivência pessoal da fé. O simbólico é um grande instrumento para a reforma íntima, o auto-aperfeiçoamento, a evolução.

Page 437

[Cooperativismo](#)

Numa comunidade, cada individualidade faz a diferença. Por essa razão, o cooperativismo não é vivenciado apenas em trabalhos que envolvam atividade física, mas também, por exemplo, na manutenção de padrão vibratório adequado ao ambiente e aos cuidados com a língua e a palavra, de modo a não prejudicar ninguém.

Page 438

[Liderança: autoridade não rima com autoritarismo](#)

Num terreiro, todos são líderes, cada qual em sua área de atuação - do irmão mais novo na casa ao Dirigente Espiritual. Essa liderança deve ser exercida amorosamente, a exemplo do Mestre Jesus - o qual, simbolicamente, lavou os pés dos Apóstolos.

Page 439

[O que se rege do livre-arbítrio](#)

A Umbanda não ensina a entrega do poder pessoal, da consciência e do livre-arbítrio nas mãos dos Orixás, dos Guias e Guardiões ou dos Dirigentes Espirituais. A caminhada espiritual-evolutiva é única, pessoal e intransferível.

Page 440

[VOCABULÁRIO COMPLETO](#)

Abará

Bolinho que tem a mesma massa do acarajé (feita com feijão fradinho), contudo é assado, não frito. A massa de feijão acrescenta-se camarão seco, azeite de dendê, cebola ralada e pó de camarão. Para prepará-lo, a massa é envolvida em pedaços de folha de bananeira e cozida em vapor, em banho-maria. O vocábulo *abará* vem do iorubá *àbá*, cujo significado original é "bolo de arroz".

Abô

Também conhecido como "Abô dos Axés", trata-se do banho preparado com ervas maceradas nas águas das quarinhas dos Orixás, ao qual acrescenta-se o sangue de animais sacrificados. É, portanto, comum em casas de Umbanda que se utilizam do corte ritualístico e/ou nas ditas "casas cruzadas" (que tocam Umbanda e Candomblé).

Em algumas casas, o vocábulo "abo" é utilizado como sinônimo de "amaci", embora, em origem e concepção, sejam banhos diferentes.

Acaçá

Bolinho feito com milho branco (e, às vezes, vermelho), de sabor adocicado e servido em folha de bananeira. O vocábulo deriva do fongbé *akansan* (pasta de farinha de mandioca) e se relaciona ao haussá *akaza* (creme).

iorubá: substantivo de dois gêneros, podendo nomear indivíduo dos *iorubás* (do povo *iorubá*), a língua nigero-congolesa do grupo *Kwa*, falada por esse povo (no Brasil também chamada de "língua do santo") e, ainda, o próprio povo africano do sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados também pela República do Benim e pelo norte da República do Togo. Foi trazido em grandes levas para o Brasil, onde recebeu a denominação de *naçô*. Esse povo exerceu na Bahia forte domínio social e religioso sobre outros grupos também escravizados, exceto sobre os grupos islamizados.

A palavra pode, ainda, funcionar como adjetivo de dois gêneros, caracterizando indivíduos ou objetos próprios desse povo e sua cultura.

fongbé = variação de fon, língua nigero-congolesa que faz parte do grupo gbe, falada majoritariamente no Benim.

Page 441

Acarajé

Bolinho preparado a partir da massa de feijão fradinho ralado. Geralmente é servido com vatapá e molho à base de camarão seco após ser frito no azeite de dendê. É comida ritualística de Iansã. Deriva do iorubá *àkàrà* (pão) + *onje* (alimento), ou ainda de *àkará* (o bolinho) + *je* (cozer).

Adefuntô

Forma comum (algumas vezes, pejorativa) como são conhecidos os homossexuais masculinos nos terreiros.

Adjá

Sineta de metal, com cabo e duas ou mais campânulas, usada para diversos

fins, dentre eles, chamar Orixás, Guias e Guardiões. O vocábulo vem do iorubá *àjà*, que designa uma espécie de chovalho ritualístico.

Alundar

Termo popular para a desincorporação dos Exus, em oposição a subir, utilizado para Orixás e Guias.

Vale destacar que, embora hierárquica e evolutivamente os Exus se encontrem abaixo dos Orixás e sejam frequentemente associados ao Diabo cristão, essas entidades não são consideradas malignas nas tradições afro-brasileiras. A associação em geral é feita porque os Exus habitariam as profundezas da terra. No entanto, segundo a cultura, a mitologia e a teologia iorubás, em muitos itãs, quando algum Ancestral mítico se torna Orixá, o chão se abre e o Ancestral af mergulha. Daí a importância e força do chão nos terreiros.

Agô

Agô é palavra de origem iorubana que significa tanto pedido de perdão como pedido de licença. Corresponde mais ou menos ao nosso "desculpe" (pedido de perdão: "Desculpe-me por algo", pedido de licença: "Desculpe, posso lhe falar um pouquinho?").

Aguidavi

Baquetas com que se tocam os atabaques, por influência do Candomblé Ketu. Provavelmente, o termo deriva de *agida* ou *ogidan*, nome pelo qual era conhecido um tipo de tambor no antigo Daomé ^[2], ao qual se acrescentou a partícula "vi", com o sentido de "filho" ou "criança". Dessa forma, a baqueta, enquanto complemento de toque, seria como "filha" do tambor.

Alguidar

Page 442

Vasilha de barro utilizada para vários fins em terreiros de Umbanda, notadamente para oferendas para determinados Orixás, aparador para Pretos-Velhos e abafador de velas (dois vasilhames).

Alabê

Por influência dos Cultos de Nação, algumas casas de Umbanda chamam de *alabê* o responsável pelos Ogãs, pela *curimba*. O vocábulo, inicialmente indicou, especialmente na Mina maranhense, o tocador de *agbê*, significando "o dono da cabeça".

Aluá

Bebida refrescante à base de milho torrado, farinha de arroz ou casca de abacaxi. Para fermentar, acrescenta-se água e açúcar mascavo ao milho de pipoca torrado e moído. Depois de sete dias fermentando, são acrescentados gengibre e açúcar a gosto.

Amalá

Comida ritualística de Xangô, cuja base é o quiabo. Por extensão, em algumas regiões, designa toda e qualquer comida de Santo, o que reforça a popularidade do Orixá Xangô, o qual, ainda, chega a ser sinônimo de determinado Culto de matriz africana em Pernambuco e Alagoas.

Daomé: referente ao antigo Reino do Daomé, atual Benim, país situado na costa oeste do continente africano, de onde vieram muitos dos negros trazidos como escravos ao Brasil.

O vocábulo designaria pirão ou papa de farinha de arroz, mandioca ou inhame, presentes no caruru (prato à base de quiabo) de Xangô, passando, por extensão, a designar o próprio caruru, o *amalá ilá* (*ilá* significa "quiabo"). Do iorubá, *ámala* (pirão de inhame).

Aruanda

Plano espiritual, onde se encontram Orixás e Guias. Etimologicamente, o termo parece derivar do topônimo angolense "Luanda".

Aunló

O vocábulo deriva do iorubá *ayán* (ida, partida) + *lo* (partir, deixar). Dizer que um Orixá, por exemplo, vai "aunló" significa que vai desincorporar e, para isso, serão cantados pontos específicos. Já dizer que alguém foi "aunló" significa que a pessoa desencarnou.

Azeite de dendê

Também conhecido como "azeite de cheiro" ou "epô pupa" (por vezes, apenas

Page 443

"epô"), é ingrediente comum na ritualística e na cozinha de Santo, extraído do fruto do dendazeiro.

Azeite doce

Óleo de oliva. Ingrediente utilizado na ritualística e na cozinha de Santo. Também é conhecido como "epô".

Baixar

Incorporar, descer.

Barco

Turma de um mesmo recolhimento, obrigação, iniciação.

Borí

Cerimônia do Candomblé também presente em algumas casas de Umbanda.

Borí é o ritual de alimentar a cabeça, o Ori, para a iniciação religiosa, para

equilíbrio, tomada de decisões, harmonização com os Orixás, etc.

Em tradução livre do iorubá, borí pode ser entendido como "cultuar a cabeça de alguém".

Calunga grande

Mar.

Calunga pequena

Cemitério.

Cavalo

Médium.

Chacras

Por serem ecológicas, as religiões de matriz africana visam à saúde física, ao

padrão de pensamento e ao desenvolvimento espiritual de cada indivíduo.

O corpo humano traz em si os quatro elementos básicos da natureza, aos quais se ligam os Orixás. É o envoltório, a casa do espírito; sente dor e prazer. É, ainda,

o meio (médium) pelo qual a Espiritualidade literalmente se corporifica, seja por

meio da chamada incorporação ou da intuição, psicografia, etc. Portanto, deve

ser tratado com equilíbrio, respeito e alegria.

Assim como na tradição hebraico-cristã, segundo a qual Deus e os seres

humanos viviam juntos no Éden, a tradição iorubá relata que havia livre acesso

aos seres humanos entre o *Aiê* (em tradução livre, o plano terreno) e o *Orum* (em

tradução livre, o plano espiritual). Com a interrupção desse acesso, foi necessário

estabelecer uma nova ponte, por meio do Culto aos Orixás (em África) - o que se

amalgamou e resultou, no Brasil, no Candomblé e, em linha histórica diacrônica

(para a Espiritualidade, o *timing* é sincrônico e em espiral), nas demais religiões

de matriz africana.

Em termos gerais, *chacras* (rodas) são centros de energia físicoespirituais

(espalhados por diversos pontos dos corpos físico e espiritual), que revestem o

corpo físico. Os chacras mais conhecidos são 7. Além destes, os que estão nas

mãos e pés são também muito importantes para o exercício da meditação.

Embora haja variações de conceitos na relação entre chacras e Orixás, de

modo geral, tem-se a seguinte correspondência:

1°. Chacra

Nome em sânscrito: *Muladhara* (Base e *fundamento*; suporte).

Nomes mais conhecidos em português: Base ou Básico; Raiz; Sacro.

Regentes: Exu, Obaluaé, Pretos-Velhos

Localizado na base da coluna, na cintura pélvica, quando ativo tem a cor

vermelho-fogo. Seu elemento correspondente no mundo físico é a terra. Seu som

correspondente (*hija*), segundo segmentos religiosos tradicionais indianos, é

Page 444

LAM. O centro físico do chacra Base corresponde às glândulas supra-renais, as quais produzem adrenalina e são responsáveis por prover a circulação, equilibrar a temperatura do corpo, de modo a prepará-lo para a reação imediata. Trata-se do centro psicológico para a evolução da identidade, da sobrevivência, da autonomia, da auto-estima, da realização e do conhecimento. Além disso, acumula impressões, memórias, conflitos e atitudes geradas pelos esforços para conseguir individualidade. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, anemia, leucemia, deficiência de ferro, problemas de circulação, pressão baixa, pouca tonicidade muscular, fadiga, insuficiência renal e excesso de peso.

2°. Chacra

Nome em sânscrito: *Swadhistana* (Morada do prazer).

Nomes mais conhecidos em português: Gênto-urinário; Esplênico.

Regente: Oxóssi.

Localizado na região de mesmo nome, quando ativo tem a cor laranja. Seu elemento correspondente no mundo físico é a água. Seu som é VAM. O centro físico desse chacra corresponde às glândulas sexuais (ovários, próstata e testículos), responsáveis pelo desenvolvimento das características sexuais masculinas e femininas e pela regulação do ciclo feminino. Trata-se do centro psicológico para a evolução do desejo pessoal e da força emotiva, da vontade de

ter, amar, pertencer, vivenciar a estabilidade (material e emocional) e da necessidade de afeto e segurança. Além disso, acumula padrões negativos decorrentes dos esforços para estabelecer um sistema de apoio para viver e amar. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, TPM, artrite e disfunções ligadas aos órgãos reprodutivos, tais quais mioma e pólipos.

3°. Chacra

Nome em sânscrito: *Manipura* (Cidade das jóias).

Nomes mais conhecidos em português: Plexo Solar; Umbilical.

Regentes: Ogum/Oxum.

Localizado na região do diafragma, pouco acima do estômago, quando ativo tem a cor amarela. Seu elemento correspondente no mundo físico é o fogo. Seu som é RAM. O centro físico do plexo solar corresponde ao pâncreas, responsável pela transformação e digestão dos alimentos. O pâncreas produz o hormônio insulina, o qual equilibra o açúcar no sangue e transforma o hidrato de carbono. Além disso, as enzimas isoladas pelo pâncreas são fundamentais para a assimilação de gorduras e proteínas. O plexo solar é o centro psicológico para a evolução da mente pessoal e da vontade de saber, aprender, comunicar e participar. Acumula padrões negativos decorrentes dos esforços para desenvolver a inteligência, a expressão de idéias, pensamentos e sonhos. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, desordens no trato digestivo, diabetes, alergias, sinusite, insônia.

4°. Chacra

Nome em sânscrito: *Anahata* (O invicto; o inviolado).

Nome mais conhecido em português: Cardíaco.

Regentes: Xangô, Iansã.

Localizado na porção superior do peito, quando ativo apresenta a cor verde. Seu elemento correspondente no mundo físico é o ar, enquanto seu som é YAM. O centro físico do chacra Cardíaco é o timo, responsável pela regulação do crescimento, pelo sistema linfático e por estimular e fortalecer o sistema imunológico. Trata-se do centro psicológico para a evolução do idealismo, da capacidade de amar e doar, da visão real do mundo, do auto-conceito, além de constituir um ponto de transferência das energias dos chacras inferiores e superiores. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, palpitação, arritmia cardíaca, rubor, ataque de pânico, pressão alta, intoxicação, problemas no nível de colesterol e acidose.

O Cardíaco é o chacra das emoções, que não devem ser reprimidas, precisam ser buriladas para que não se tornem destrutivas, nem para o "eu", nem para o

próximo. O chacra Cardíaco, o quarto dos sete ditos principais, seria o fiel da balança (outra correlação para ser regido por *Xangô*) entre os outros chacras, interligando-os, de modo a demonstrar que o equilíbrio está na correlação entre o inferior e o superior, sem qualquer juízo depreciativo do que está abaixo em relação ao que está acima.

5°. Chacra

Nome em sânscrito: *Vishuddha* (O purificador).

Nomes mais conhecidos em português: Laringeo; Cervical.

Regentes: Xangô, Iansã.

Localizado no centro da garganta, próximo ao pomo-de-ado, quando ativo tem a cor azul-claro. Seu elemento correspondente no mundo físico é o éter, enquanto seu som é HAM. Por sua vez, o centro físico do chacra Laringeo corresponde à tireóide, importante para o crescimento do esqueleto e dos órgãos internos, além de regular o metabolismo, o iodo e o cálcio no sangue e nos tecidos (em outras palavras, a tireóide desempenha papel fundamental no crescimento físico e mental). O chacra Laringeo é o centro psicológico da evolução da criatividade, da autodisciplina, da iniciativa, da responsabilidade, da ação transpessoal. Além disso, apresenta a força vibratória responsável pela formação da matéria, de modo a interligar pensamento e forma, mente e matéria. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, resfriados, herpes, dores musculares ou de cabeça, congestão linfática, endurecimento do maxilar, problemas dentários, além de aumentar a suscetibilidade a infecções virais ou bacterianas.

6°. Chacra

Nome em sânscrito: *Ajna* (Centro do comando).

Nome mais conhecido em português: Frontal.

Regentes: Iemanjá, Naná, Iansã.

Localizado no meio da testa, quando ativo apresenta a cor azul escuro (índigo).

Não tem um elemento correspondente no mundo físico. Seu som é OM. Seu centro físico corresponde à hipófise/pituitária, responsável pela função das demais glândulas. O chacra Frontal é o centro psicológico para a evolução do desejo de liderança, integração ao grupo, poder e controle. Liga o corpo inconsciente e o físico (mental). Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, vícios de drogas, álcool, compulsões, problemas nos olhos (cegueira, catarata etc.) e surdez.

7°. Chacra

Nome em sânscrito: *Sarashara* (Lótus das mil pétalas).

Nomes mais conhecidos em português: Coronário; Sublime.

Regente: Oxalá.

Localizado no topo da cabeça, quando ativo tem a cor violeta, com matizes brancas. Não possui som correspondente no mundo físico, já que possui a mesma condição do Universo, de Deus. Seu centro físico corresponde à glândula pineal, que atua no organismo todo (quando falha, dá-se a puberdade tardia). O chacra Coronário é o centro psicológico para a evolução da capacidade intuitiva, da experiência espiritual e do sentido de unificação; do divino. Por ser uma ponte entre o inconsciente coletivo e o inconsciente individual, possibilita o acesso ao registro coletivo (*akáshico*) e a libertação da necessidade de controle. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, desordens no sistema nervoso, insônia, neurite, enxaqueca, histeria, disfunções sensoriais, possessão, obsessão e neuroses.

Congá Vivo

Consiste na montagem de um altar (congá) em que atores interpretam os

Orixás tais quais são representados e/ou sintetizados na Umbanda.

O Congá Vivo surgiu por iniciativa de Pai Ronaldo Linares, no início da década

de 1970, como uma minipeça contando o nascimento da Umbanda. A partir daí, passou a ser apresentado em diversas ocasiões.

Corpos

Conceitos com que se trabalha na medicina holística, os quais se popularizaram com conhecimentos vindos do Oriente, da Teosofia e de outras fontes. A esse respeito, observem-se, em especial, os trabalhos dos Mentores de Cura.

Corpo físico (Soma) – Estrutura de carne, músculos, nervos, ossos, vasos e pele, a partir da qual se estabelece uma sequência de estruturas sutis que permitem ao espírito manifestar-se no invólucro físico.

Corpo duplo Etérico – Fonte geradora de energias, é responsável pelos chamados automatismos vitais. Constitui-se na sede dos chacras.

Corpo Astral (Modelo Organizador Biológico – Serve de molde para a constituição do corpo físico) – Sede das emoções, recebe e executa programações estabelecidas em memórias anteriores, a fim de que o encarnado possa evoluir de acordo com o reajuste de propósitos e ações.

Corpo Mental Inferior – Compreende os atributos dos cinco sentidos e da

intelectualidade.

Corpo Mental Superior – Rege a vontade e a imaginação.

Corpo Búdico – Banco de dados da consciência, responsável pelo armazenamento das experiências do espírito. Nele se traçam as diretrizes do projeto de vida a ser empreendido pelo espírito quando encarnado.

Corpo Átmico (Mônada ou Centelha Divina) – Princípio e motor da vida.

Outra forma de entender os diversos corpos:

Etérico - contém a energia dos órgãos, expandindo-se ou retraindo-se conforme o seu funcionamento. Filtro sutil das emoções e dos pensamentos em harmonia, quando saturado, exporta as desarmonias para o corpo físico, que funciona como filtro mais denso. O corpo etérico constitui-se de linhas de força responsáveis por modular e firmar a matéria física dos tecidos do corpo.

Emocional – de estrutura mais fluida que a do corpo etérico, associa-se aos sentimentos e apresenta contornos semelhantes aos do corpo físico. Nele arquivam-se as sensações, emoções, sentimentos relacionados a esta encarnação, desde o momento da concepção. Por outro lado, não arquivam processos de ideias e/ou pensamentos, função do mental. Constitui-se de nuvens coloridas em contínuo movimento.

Mental – contém a estrutura das ideias e, por essa razão, associa-se a pensamentos e processos mentais. Funciona como uma verdadeira biblioteca, uma vez que arquivam toda sorte de pensamentos, padrões individuais, familiares, sociais, assim como a habilidade do raciocínio lógico. Em equilíbrio, apresenta-se translúcido, como emanações douradas semelhantes a bolhas.

Extra-sensorial – abarca as percepções oriundas de formas não-materiais, como a intuição, a visão de outros planos, a sensibilidade ao meio ambiente ou a outros seres, a projeção da consciência (a outros lugares ou épocas) e a leitura do campo eletromagnético planetário ou astral. É formado por nuvens multicoloridas.

Etérico Superior – neste campo de energia desenvolve-se o corpo físico. Apresenta, portanto, as formas padronizadas e definidas para a reencarnação. Formado de linhas transparentes sobre um fundo azul escuro (espaço sólido), nele o som cria a matéria.

Emocional Superior – nível responsável pelo êxtase espiritual, este plano de identificação com o divino é formado por pontas de luz. Contém os arquivos das emoções de toda a existência do ser, assim como a clara percepção do porquê da vida presente do encarnado.

Mental/causal – armazena as impressões de vidas anteriores e contém os corpos áuricos relacionados à encarnação atual do indivíduo, de modo a protegê-los e mantê-los unidos. Nível mais forte e elástico do campo áurico, contém, ainda, a corrente principal de força que se desloca ao longo da espinha, que liga o encarnado à energia primordial.

Curiar

Beber. Palavra interessante que vem do quimbundo, *ku-dia*, que corresponde a *kubya*, em umbundo.

Datas comemorativas

Trata-se das principais festas, que se destacam entre trabalhos, obrigações e outros. O calendário varia bastante: por região, por influência dos Cultos de Nação e pelo cronograma específico de cada casa. Contudo, geralmente é guiado pelo calendário católico.

PRINCIPAIS DATAS COMEMORATIVAS (Homenagens e festas)

Oxóssi

20 de março

São Sebastião

Ogum

21 de abril

São Jorge

Pretos

Velhos

13 de maio

Abolição da

Escravatura
Ogum
13 de junho
Santo Antônio
Exu
13 de junho
Santo Antônio

Page 451

Santa
Sara e
Povo
Cigano
24 de maio
Santa Sara
Naná
26 de julho
São Joaquim e
Sant'Ana
Xangô
30 de
setembro
São Jerônimo
Obaluaê
15 de agosto
São Roque

Page 452

Ibejada
27 de
setembro
São Cosme e
São Damião
Xangô
30 de
setembro
São Jerônimo
Oxum
12 de outubro

Nossa
Senhora
Aparecida

Page 453

Ibejada
25 de outubro
São Crispim e
São
Crispiniano
Dia da
Umbanda
15 de
novembro
Dia da
Umbanda
Iansã
04 de
dezembro
Santa Bárbara

Page 454

Iemanjá
08 de
dezembro
Nossa
Senhora da
Imaculada
Conceição
Obaluaê
17 de
dezembro
São Lázaro
Oxalá
25 de
dezembro
Natal

Page 455

No Candomblé, e também em alguns terreiros de Umbanda, "receber o decá" significa ser investido na função de Pai ou Mãe-de-Santo. Nessa cerimônia, o(a) novota) sacerdote(a) recebe uma cuia contendo navalha, faca e tesoura, símbolos do poder de raspar filhos-de-santo. Na Umbanda, muitas vezes, "receber o decá" significa tornar-se sacerdote, sem necessariamente os elementos associados ao corte ritualístico.

O termo "decá" teria origem numa cerimônia semelhante realizada no Benim e conhecida como *dô non dé ka me*, sendo as palavras *dê* e *ka* traduzidas respectivamente por "fruto, noz de dendezeiro" e "cabaça" ou "cuia".

Demanda

Confusões, desentendimentos, dificuldades, mal estar, etc. provocados pela ação de outrem. A demanda pode ocorrer contra alguém, uma instituição, uma casa religiosa. O equilíbrio energético (pensamento, palavras, atos) e trabalhos específicos de defesa e proteção auxiliam a evitar os efeitos indesejáveis de demandas.

Desenfitejar

Anular a ação de um feitiço. Pela Lei de Ação e Reação, um trabalho de quebra de demanda ou feitiço, na Umbanda, jamais enviará de volta a seu autor a energia deletéria projetada contra outrem. Ou ela se desagrega, ou retorna a seu autor conforme a afinidade, o carma ou determinação de aprendizado espiritual permitido pela própria Espiritualidade.

Desobsessão

Processo no qual a Espiritualidade e os médiuns buscam desalojar Entidades espirituais que vibram em energia deletéria que ajam sobre pessoas, animais, ambientes, etc. Além de ajudar os obsedados, a desobsessão busca também auxiliar os obsessores, doutrinando-os e encaminhando-os para tratamento espiritual ou, quando reitentes, para locais específicos no plano espiritual onde possam meditar sobre seus atos a fim de que, quando estiverem prontos, recebam o devido auxílio. O exorcismo, por outro lado, é o ritual por meio do qual algumas religiões expulsam o que consideram o "demônio" do corpo de pessoas, animais, ambientes, reencaminhando-o para o inferno, onde, segundo a doutrina dessas religiões, viveriam em eterno afastamento de Deus.

Dias

Segunda-
feira
Exu, Obaluaê,
Pretos-Velhos.
Terça-
feira
Ogum.
Quarta-
feira
Xangô e Iansã
Quinta-
feira
Oxóssi,
Ossaim,
Logun-Edé e
Caboclos.

Sexta-
feira
Oxalá
(influência
dos Cultos de
Nação),
Pretos-Velhos
e Almas
(influência do

Catolicismo).
Sábado
Iabás, Santa
Sara e Povo
Cigano.
Oxalá
(influência do

Page 458

Domingo
Catolicismo)
e Ibejada.

Diabo

Por influência do Catolicismo, muitas vezes o Diabo, como anjo caído e fonte do mal, conforme interpretação literal do texto bíblico, é crença comum em alguns segmentos umbandistas. Por outro lado, também é forte, por influência do Espiritismo (Kardecismo), a leitura simbólica do Diabo como representação e síntese de espíritos que ainda vibram predominantemente de forma negativa, buscando causar o mal a outros, mas que, ao longo do tempo e das experiências, também evoluíram.

O Diabo é, muitas vezes, associado preconceitosamente a Exu, até mesmo por alguns umbandistas, em especial os que ainda temem desenvolver e trabalhar a Esquerda.

Ebó

Oferenda, entrega, em especial à Esquerda. Vem do iorubá *ebo*, que significa sacrifício.

O termo, por vezes, é utilizado de forma pejorativa em relação às religiões de matriz africana.

Ectoplasma

Fluido fornecido pelos médiuns para a Espiritualidade agir em diversos sentidos. Talvez o mais conhecido e popular seja a materialização, contudo há outros tantos procedimentos realizados com a ajuda do ectoplasma. Segundo Ramatís, o ectoplasma é o "fluido animalizado produzido no duplo etérico e decorrente do metabolismo biológico do equipo físico".

Egunitá

Qualidade de Iansã. Para alguns segmentos umbandistas, Orixá independente, associado ao fogo.

Page 459

Encruzilhada

Cruzamento de ruas ou estradas, um dos principais pontos de força da Esquerda, onde são realizadas entregas e cerimônias litúrgicas. Há encruzilhadas masculinas (em forma de +) e femininas (em forma de T). As segundas são específicas para Pombogiras.

Energias masculina e feminina

Por uma questão de equilíbrio energético que não tem nada a ver com homossexualidade ou bissexualidade, há casas em que médium masculino não incorpora Orixá/Guia/Guardião com energia feminina. Segundo orientações espirituais, a mulher suporta com precisão a energia dita feminina de Orixás, Guias e Guardiões. Já o homem tem um choque energético muito grande, que pode abalar sua emotividade. Contudo, tal abordagem em nada invalida a seriedade de casas onde médiuns masculinos incorporam Iabás ou Guias e Guardiões com energia feminina.

Ao contrário do que comumente se pensa, a homossexualidade é uma orientação sexual do médium, não estando atrelada ao Orixá. Quem tem um Orixá dito "metá metá" (energia masculina e feminina), por exemplo, não será necessariamente homossexual ou bissexual.

Por sua vez, a forte presença de homossexuais, tanto masculinos quanto femininos, na Umbanda, no Candomblé (e, claro, em outras religiões) deve-se à acolhida, à compreensão e ao fato de não serem segregados, discriminados ou apontados, o que, além de falta de caridade, denota infração a diversos direitos civis.

Enredo

Relação energética e/ou mitológica entre Orixás. Exemplo: *Xangô Airá* tem enredo com Oxalá; *Iansã Igbale* tem enredo com Obaluaê etc.

Entidade

Guia e Guardião. O termo também pode se referir a Orixá.

Equede

Em casas de Umbanda com forte influência dos Cultos de Nação ou ditas cruzadas, muitas vezes encontram-se "Equedes", correspondentes femininas aos Ogãs do Candomblé, responsáveis por cuidar das vestes dos Orixás, por enxugar o rosto de iaós em festas públicas etc. O vocábulo vem do iorubá "èkèjì", com o sentido de "acompanhante".

Espírito

Substância não-corpórea individual e inteligente que, encarnada num corpo

Page 460

físico, recebe o nome de alma.

Falange

Em linhas gerais, uma falange é a subdivisão de uma linha. No cotidiano, porém, o vocábulo também pode ser empregado como sinônimo de Linha.

Federação

A Umbanda não possui uma estrutura como as de religiões que apresentam uma autoridade central. Cada templo é autônomo e, mesmo quando não registrado ou federado, não é menos legítimo em suas práticas espirituais, desde que sejam voltadas para o bem e a evolução.

Por outro lado, são muitas as federações e outras agremiações de Umbanda, muitas delas compreendendo casas de Candomblé e/ou de outras religiões de matriz africana. Geralmente as federações se unem em torno de um órgão que as congregue, mas mesmo essa agremiação não é única, por exemplo, num mesmo Estado da federação.

Filho(a)-de-Fé

Umbandista.

Filho(a)-de-Santo

Umbandista que já passou por alguns processos de desenvolvimento, incluindo obrigação maior para seu Orixá de Cabeça.

Folclorização

Assim como as demais religiões de matriz africana, a Umbanda passa pelo processo de folclorização, que nada mais é do que a intolerância mascarada ou explícita. Conceitos, rituais, valores, expressões linguísticas são constantemente evocados pelo senso comum e pela mídia como supostamente umbandistas. Nesse contexto, pessoas que, por exemplo, jamais estiveram numa casa de Umbanda, apresentam-se como especialistas. Estudiosos das Ciências Humanas muitas vezes também descrevem a Umbanda de modo folclorizado. Infelizmente, contribuem para esse olhar estereotipado volantes, propagandas e outros de supostos "dirigentes espirituais" que prestam "atendimentos religiosos" que ferem o livre-arbítrio, a ética e o bom senso.

Fundamento

Força mágico-espiritual-ritualística e o próprio conhecimento a respeito dela, que fundamentam a tradição, a prática, a liturgia e outros tantos elementos das religiões de matriz africana.

Inicialmente, fundamento significava o recipiente ou o local onde se

colocavam os elementos e objetos do Orixá.

O vocábulo também é empregado como sinônimo de "enredo". Exemplo:

Oxum Apará tem fundamento com Iansã.

Guia

Espírito condutor, inspirador, responsável pela orientação espiritual, tais como Caboclo, Preto-Velho e outros. Por vezes, no cotidiano dos terreiros, os Orixás também são chamados de Guias, bem como os Guardiões (Exus), uma vez que, por extensão, todos eles são responsáveis por orientações, apoios, inspirações na caminhada espiritual.

Homem das encruzilhadas

Exu (Guardião).

Horas

Com variação de concepções entre segmentos e casas umbandistas, os horários para determinados rituais, trabalhos, oferendas, são divididos em horas abertas e horas fechadas.

Horas abertas

Seis horas da manhã, meio-dia, seis horas da tarde e meia-noite.

Horas fechadas

Todas as que não são horas abertas.

Hora grande

Meia-noite.

Iaô

Por influência do Candomblé Ketu, nome dado em algumas casas de Umbanda ao médium iniciante. O vocábulo deriva do iorubá "iyáwó", com o sentido de "recém-casada" ou "esposa mais jovem"; o que reforça a ideia de que, independente de gênero, o desenvolvimento e/ou a iniciação espiritual demanda receptividade (aspecto da energia do feminino).

Imagens

Principalmente em virtude do sincretismo, são utilizadas imagens católicas nos templos de Umbanda. Contudo, há templos que se utilizam de imagens com representações ditas africanas dos Orixás, enquanto outros não usam imagem alguma, mas apenas quartinhas com pedras correspondentes (otás), por exemplo.

Interessante notar que mesmo nos templos que se valem de imagens católicas (a maioria), a imagem de Obaluaé costuma figurar ao lado das imagens de santos católicos aos quais esse Orixá é sincretizado, notadamente São Lázaro e São Roque.

Também é comum se encontrarem bustos de Allan Kardec, codificador do Espiritismo, e de Dr. Bezerra de Menezes, médico espírita brasileiro que, no plano espiritual, trabalha na Linha da Cura.

Incorporar

Forma popular com que se refere ao fenômeno mediúnic em que um ser do plano espiritual (superior ou inferior) coordena os movimentos do corpo do médium (postura, gestos, palavras, etc.). Para tanto, em linhas gerais, o espírito do médium se afasta (mas não se desprende totalmente, ou haveria óbito) para que o ser espiritual possa plasmar-se e comandar os movimentos.

Conforme o estado de acompanhamento do médium em relação ao fenômeno, a incorporação pode ser consciente, inconsciente ou semiconsciente, havendo, portanto, médiums que se mantêm conscientes, inconscientes ou semiconscientes durante a incorporação. O desenvolvimento mediúnic deve ser orientado e seguro para que não haja dívidas ou mistificações.

Inquices

Os Inquices são divindades dos cultos de origem banta. Correspondem aos Orixás iorubanos e da Nação Ketu. Dessa forma, por paralelismo, os Inquices, em conversas do povo-de-santo, aparecem como sinônimos de Orixás.

Também entre o povo-de-santo, quando se usa o termo Inquice, geralmente se refere aos Inquices masculinos, ao passo que Inquice Amê refere-se aos Inquices femininos.

O vocábulo Inquice vem do quimbundo *Mkisi* (plural: Mikisi), significando

"Energia Divina". Mais conhecidos no Brasil:

ALUVALÁ, BOMBO NILA OU PAMBU NILLA

Intermediário entre os seres humanos e o outros Inquices. Na sua

manifestação feminina, é chamado Vangira ou Panjira. Paralelismo com o Exu nagô. De seu nome originou-se o vocábulo "Pombogira".

NKOSI, ROXI MUKUMBE OU ROXIMUCUMBI

Inquice da guerra e senhor das estradas de terra. Paralelismo com o Orixá

Ogum. Mukumbe, Biolê, Buré são qualidades de Roximucumbi.

NGUNZU

Inquice dos caçadores de animais, pastores, criadores de gado e dos que vivem

embrenhados nas profundezas das matas, dominando as partes onde o sol não penetra.

KABLA

O caçador e pastor. Aquele que cuida dos rebanhos da floresta. Paralelismo com o Orixá Oxóssi.

MUTALAMBÓ, LAMBARANGUANGE OU KIBUCO MUTOLOMBO

Caçador, vive em florestas e montanhas. Inquice da fartura, da comida

abundante. Paralelismo com o Orixá Oxóssi.

MUTAKALAMBÓ

Senhor das partes mais profundas e densas das florestas, onde o Sol não

alcança o solo por não penetrar pela copa das árvores. Paralelismo com o Orixá

Oxóssi.

GONGOBIRA OU GONGOBILA

Jovem caçador e pescador. Paralelismo com o Orixá Logun-Edé.

KATENDÊ

Senhor das Jinsaba (folhas). Conhece os segredos das ervas medicinais.

Paralelismo com o Orixá Ossaim.

NZAZI, ZAZE OU LOANGO

Inquice do raio e da justiça. Paralelismo com o Orixá Xangô.

KAVIUNGO OU KAVUNGO, KAFUNGÊ, KAFUNJÊ OU KINGONGO

Inquice da varíola, das doenças de pele, da saúde e da morte. Paralelismo com

o Orixá Obaluaé.

NSUMBU

Senhor da terra, também chamado de Ntoto pelo povo de Congo.
HONGOLO OU ANGORÔ (MASCULINO) OU ANGOROMÉA (FEMININO)
Auxíliar na comunicação entre os seres humanos e as divindades, sendo representado por uma cobra. Paralelismo com o Orixá Oxumaré.
KINDEMBU OU TEMPO
Rei de Angola. Senhor do tempo e estações. É representado, nas casas Angola e Congo, por um mastro com uma bandeira branca. Paralelismo com o Orixá

Iroco. Tempo é patrono da Nação Angola.
KAIANGU OU KAIONGO
Tem o domínio sobre o fogo. Paralelismo com o Orixá Iansã.
Nomes/qualidades: Matamba, Bamburussenda, Nunvurucemavula
Guerreira, tem domínio sobre os mortos (Nvumbe).
KSIMBI OU SAMBA
A grande mãe. Inícuo de lagos e rios. Paralelismo com o Orixá Oxum.
NDANDA LUNDA OU DANDALUNDA
Senhora da fertilidade, da Lua, confunde-se, por vezes, com Hongolo e Kisimbi. Paralelismo com os Orixás Iemanjá ou Oxum.
KAITUMBA, MIKALA OU KOKUETO
Inícuo do Oceano, do mar (Calunga Grande). Paralelismo com o Orixá Iemanjá.
NZUMBARANDÁ, NZUMBA, ZUMBARANDÁ, GANZUMBA OU RODIALONGA
A mais velha dos Inícuos femininos, relacionada à morte. Paralelismo com o Orixá Nanã.
NVUNJI
A mais jovem dos Inícuos, senhora da justiça. Representa a felicidade da juventude e toma conta dos filhos recolhidos. Paralelismo com os Ibejis nagô.
LEMBÁ DILÊ, LEMBARENGANGA, JAKATAMBA, NKASUTÊ LEMBÁ OU GANGAIOBANDA
Ligado à criação do mundo. Paralelismo com o Orixá Oxalá.
Intolerância religiosa
Como as demais religiões de matriz africana, a Umbanda sofre com a intolerância religiosa. Uma das maneiras mais eficazes de diálogo é a promoção de atividades culturais que evidenciem a cultura (toques, cores, culinária, etc.) características da Umbanda, seja no Teatro, na Dança, na Literatura, na participação de eventos como o Mês da Consciência Negra, atos ecumênicos e inter-religiosos e as celebrações de Treze de Maio, além, é claro, das festas públicas de cada casa, sendo as mais populares as de Cosme, Damião e Doum. Por ser uma religião sincrética, a Umbanda valoriza o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Por isso é cada vez mais comum encontrarmos, por exemplo,

templos umbandistas participando de missas promovidas pelas Pastorais Afros, e irmãos dessas Pastorais em cortejos e festas promovidos por tendas de Umbanda.
Irmão(irmã)-de-Santo
Membros de uma mesma família de Santo, sob responsabilidade de um(a) mesmo(a) dirigente espiritual.
Irradiação
Forte influência energética de Orixá, Guia, Guardião e de espíritos em geral, mas não em estado de incorporação, por vezes precedendo-a ou sucedendo-a.
Jira
Embora a etimologia evoque o vocábulo quimbundo *njira* (caminho) e ambas as formas, "gira" e "jira", sejam dicionarizadas, o uso mais corrente é a grafia "gira", inclusive pela semelhança e aproximação com o verbo "girar".
Jurema
Nome de Cabocla. Planta da família das leguminosas, utilizada no preparo de bebida indutora do transe em cultos afro-brasileiros. Religião também conhecida como *Jurema Sagrada*, *Jurema Nordestina* e *Catimbó*.
Legbara
Forma como também são conhecidas e chamadas as Pombogiras.
Lei de Pemba
Conjunto de pontos riscados com pemba, os quais identificam características específicas de Orixás, Guias e Guardiões.
Livre-arbítrio
Princípio amplamente respeitado na Umbanda, seja nas escolhas pessoais de cada um, seja nas intenções de preces, trabalhos, oferendas e outros, isto é, respeita-se o próprio livre-arbítrio e o dos demais.
Macaia
Mata. Floresta. Folhas. Tabaco. Do quimbundo *makaya*, plural de *ekaya* (folha ou folha de fumo).
Madrinha
Dirigente Espiritual feminina. O vocábulo também é empregado em sua

acepção mais conhecida, como no caso de Batismo.
Magia
Emprego das forças naturais ou ocultas, para o bem ou para o mal.
Maioral
Forma comum com que se refere ao Exu mais poderoso (para alguns, Satanás ou Diabo).
Maleme
Pedido de perdão, misericórdia. Do quicongo *ma-lembe* (voto de saúde, paz, etc.), relacionado ao quimbundo *ma-lembe* (suave).
Mandinga
O vocábulo é tanto empregado para ação mágica positiva ("Os Pretos-Velhos usam mandingas."), quanto negativa ("Fulano usou mandinga para derrubar Sicrano na empresa."). Qualidade de jogo de capoeira. Do quicongo *ndinga* (praça).
Marafa
Aguardente. Do quimbundo *malufa* (vinho).
Marmotagem
Em linhas gerais, trata-se de atitudes extravagantes que fogem aos fundamentos das religiões de matriz africana. A marmotagem não deve ser confundida com a diversidade de elaboração e expressão de fundamentos religiosos.
Exemplos de marmotagem: simulação de incorporação; Pombogira fazendo compras em shopping center; Baianos e Boiaideiros bebendo em barracas de praia durante festa de Iemanjá; Caboclo ensinando filho-de-santo a usar máquina fotográfica durante uma gira; Preto-Velho passando número de celular de médium para consulente, etc.
Médium
Todo ser humano é médium, ou seja, instrumento de conexão com a Espiritualidade, captando energias afins. Existem diversas qualidades de médiuns, posto que muitos são os dons mediúnicos.
Médium de firmeza
Médium que não incorpora (ou pode incorporar, mas também trabalhar não

incorporado em determinadas ocasiões como médium de firmeza), que tem diversas tarefas, como os cambones e Ogãs.

Médium de transporte

Médium preparado para receber espíritos obsessores, que, com o choque energético, podem se comunicar, ser doutrinados e/ou encaminhados.

Mediunidade

Contato com o mundo espiritual por diversas maneiras e métodos, conforme os dons de cada um e as afinidades energéticas e vibratórias.

Metá metá/metametá

São assim denominados os Orixás de natureza dupla, que carregam a energia masculina e feminina, certamente também pela semelhança com o vocábulo português "metade". Contudo, em iorubá, "méta-méta" significa "três ao mesmo tempo". No caso de Logun-Edé, por exemplo, seria metá metá porque traz em si a sua natureza, a do pai (Oxóssi) e a da mãe (Oxum).

Mironga

Mistério, segredo, feitiço. Do quimbundo "milonga", plural de "mulonga" ("mistério").

Mistificação

Ver **Marmotagem**. Há formas de mistificação menos elaboradas, como falsos ensinamentos e informações para engrandecer o ego de médiuns e Dirigentes Espirituais, encenação de incorporações, atitudes sem fundamentos espirituais etc.

Monokó

Forma comum (algumas vezes, pejorativa) como são conhecidos os homossexuais femininos nos terreiros.

Muzenza

Termo do Candomblé Angola correspondente ao "iaô" do Candomblé Ketu. Termo pouco utilizado na Umbanda.

Obi

Coleira ou noz-de-cola, utilizada em alguns rituais por influência dos Cultos de Nação.

Ori

Cabeça, elemento muito importante no culto aos Orixás ("Senhores da Cabeça"), que pede cuidados e responsabilidades em todas as religiões de matriz africana, o que não seria diferente na Umbanda.

A cabeça humana, na tradição iorubá, receptáculo do conhecimento e do espírito, é tão importante que, naquela cultura (e também segundo os Cultos de Nação), cada Orixá tem seu Ori, sendo alimentado, como no caso do Bori, a fim de manter-se equilibrado.

Trata-se, ainda, da consciência presente em toda a natureza e seus elementos, guiada pelo Orixá (força específica). Sede do chacra coronário.

Ori

Banha/sebo de carneiro ou manteiga de carité. Por vezes, esta substitui aquele(a).

Origem

Identidade de Orixá, Guia ou Guardiã.

Orobó

Tipó de noz utilizada em alguns rituais por influência dos Cultos de Nação.

Padé

Oferenda a Exu, variando de água e farofa a carne, pimenta, bebidas e outros elementos, conforme o contexto. O "padé", em algumas casas de Umbanda, é oferecido antes da abertura da gira (geralmente água e farofa), quando se firma a tronqueira (velas, cigarros e bebidas), por exemplo, ou pouco depois, não para afastar (despachar) Exu, como pensa o senso comum, mas para ativar seu trabalho de proteção.

Já no Candomblé, "ipadé" é o ritual que antecede todos os demais, no qual o Orixá Exu é firmado como guardião do Axé, a fim de proteger a casa e as pessoas. Para tanto, são utilizadas comidas típicas de Exu, como o padé (farofa especialmente preparada), vela e água. Após cantos e danças, a quartinha com água, a vela e o padé são levados para fora do barracão. Os demais rituais têm prosseguimento. Em iorubá, "pádé" significa reunião. A distinção entre "ipadé" e "padé" não é consenso em todas as casas de Candomblé.

Padrinho

Dirigente Espiritual masculino. O vocábulo também é empregado em sua acepção mais conhecida, como no caso de Batismo.

Peji

Altar ou pequeno santuário de cada Orixá, geralmente localizado dentro da casa de cada Orixá. O vocábulo também significa a própria casa de cada Orixá, ou simplesmente o altar do tempo.

Pemba

Espécie de giz com que se desenhavam pontos riscados, são feitos cruzamentos e outros procedimentos. Para diversos fins, é utilizada também a pemba em pó. Do quicongo *mpemba* (giz), com correspondente quimbundo *pemba* (cal).

Perispírito

Elemento de ligação entre o corpo e o espírito. O conceito foi difundido pela Doutrina Espírita e acolhido por diversos segmentos espiritualistas e religiosos.

Pólvora

A principal função da pólvora é desagregar energias deletérias, que se apresentam de diversas formas. Por isso é empregada em descarrego, estouros e outros rituais de limpeza, defesa e proteção.

Pontos da natureza

Pontos de forças naturais, tais como pedreiras, matas, cachoeiras etc.

Pontos de força

Locais que funcionam como verdadeiros portais para a Espiritualidade. Cada centro de força corresponde a determinado Orixá, Guia ou Guardiã, por afinidades de elementos. Além dos pontos da natureza, há outros como cemitérios e estradas, por exemplo.

Porteira

Tronqueira. Entrada de um terreiro. Também se chama "porteira" ou "porta" o espaço entre a assistência e o espaço dedicado aos médiuns de uma casa.

Prova de fogo

Prática hoje em desuso de que algumas casas se valiam para provar que o médium realmente estava incorporado: deveria colocar a mão em recipiente com azeite de dendê fervendo, ou beber cachaça com fogo, por exemplo, sem se machucar.

Psicografia

Escrita ditada ou intuitiva pelo plano espiritual. Muitas vezes a mecânica da mão, como na incorporação, fica à disposição do espírito responsável pelo texto.

e mesmo a caligrafia difere da do médium.

Psicometria

Faculdade segundo a qual um médium, em contato com determinado objeto, é capaz de relatar o histórico desse objeto e de seus donos.

Q uartilhão

Espécie de vaso utilizado para assentamentos e outros fundamentos. Os chamados quartilhões fêmea têm duas asas, enquanto os quartilhões machos, nenhuma.

Q uartinha

Vaso de louça onde se coloca água para diversas finalidades ritualísticas, de firmeza e fundamento. As chamadas quartinhas fêmeas têm duas asas, enquanto

as quartinhas macho, nenhuma.

Q uiumba

Espírito obsessor, zombeteiro, com baixa vibração energética, que busca provocar confusão, arriaça, vingança etc., necessitando de encaminhamento e/ou doutrinação. Do quicongo *kiumba* (espírito).

Q uiumbanda

Prática maléfica, associada a quiumbas. No cotidiano, o termo é utilizado como sinônimo de Quimbanda/Esquerda, gerando confusão.

Reencarnação

Retorno do espírito ao mundo material, em nova existência, por meio do nascimento num corpo físico, para novos aprendizados e missões.

Religião

Conjunto de crenças religiosas e procedimentos com vistas a promover a (re)ligação individual e coletiva com o Divino.

Rezar

Além de sinônimo de “orar” ou “dizer preces”, rezar também significa “benzer”.

Roncô

Quarto de recolhimento para iniciação e outros rituais. O termo resulta do aporportuguesamento do vocábulo “houkô”, que entre os Fons do antigo Daomé

significa “quarto de reclusão”. Também conhecido como “camarinha”.

Roupage m fluidica

Forma de apresentação de seres espirituais. Quando se trata de espíritos que encarnaram, geralmente se utilizam de roupage m fluidica de uma de suas encarnações. A esse respeito, veja-se o caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, em sua primeira comunicação pública, foi visto como um sacerdote por um dos médiuns, de fato também uma de suas encarnações.

O senso comum afirma que Caboclos e Pretos-Velhos não incorporam em centros espíritas. Na verdade, “baixam” com roupage ms fluidicas diversas. Vale lembrar que a Umbanda nasceu “oficialmente” a partir da rejeição de Caboclos e Pretos-Velhos em mesas mediúnicas espíritas. De qualquer forma, com a ampliação do diálogo ecumênico e inter-religioso e, portanto, da fraternidade entre encarnados, têm ocorrido mais manifestações mediúnicas de Caboclos e Pretos-Velhos em casas espíritas.

Segurança

Médium coroadado destinado a trabalhar com segurança de canto, porta, frente e outros.

Seita

Vocábulo que geralmente se refere de forma pejorativa a grupos de pessoas com práticas espirituais que destoem das consideradas ortodoxas.

Muitas vezes, no cotidiano dos terreiros, a Umbanda é chamada de seita, contudo sem a acepção negativa, mas como sinônimo de religião.

Senhora da Luz Velada

Forma como a Umbanda é chamada na Umbanda Esotérica. A esse respeito, há uma célebre oração:

Oração da Senhora da Luz Velada

Oh Senhora da Luz Velada!

UMBANDA DE TODOS NÓS!

Que acolhes em teu seio as lágrimas e os gemidos dos desesperados e aflitos de todos os planos.

Oh, tu que revelas em tua própria luz a dor nascente das causas e efeitos!

Em súplica vibramos nossos pensamentos através de tua grande lei e pedimos a tua

Orixás, Guias e Protetores, Irmãos que não mais resgatem na penumbra da forma, interceder por nós aos pés da cruz do meio Oxalá, imploramos ainda, por intermédio deles, aos Sete Espíritos de Deus, derramarem sobre as dores, o conforto de suas vibrações originais.

E dê-nos sempre esta luz-força que pedimos e sentimos.

Quando na simplicidade de nossos congás, um humilde Pai Preto nos fala de Zâmbi, Estrela Guia, amor e perdão.

Recebe portanto, oh Senhora da Banda, a soma das nossas ações que pesam na balança de nossos renascimentos desde as noites da eternidade.

Sessão

Gira.

Subir

Desincorporar.

Surra de Santo

A chamada popularmente “surra de Santo” ou “couno” é um choque energético causado pela incompatibilidade entre a energia do Orixá, Guia ou Guardião e seu médium, o que pode ocasionar mal estar e, por exemplo, queda de médium já experiente e coroadado (com determinadas obrigações feitas) no momento da desincorporação. Por vezes, ocorre o afastamento temporário (principalmente na incorporação) por parte de Orixás, Guias e Guardiões em virtude da incompatibilidade vibratória ocasionada por determinadas posturas do médium. A isso se dá o nome popular de “dar as costas”.

Tapete

Prática hoje em desuso de que algumas casas se valiam para provar que o médium realmente estava incorporado: colocavam-se cacos de vidro no chão, à maneira de um tapete, onde o médium andava ou rolava o corpo sem se machucar.

Trindade

Em linhas gerais, a Trindade representa nascimento, vida (e/ou morte) e renascimento, estando presente nas mais diversas culturas. A Trindade Católica é a mais comum na Umbanda (Pai, Filho, Espírito Santo), embora algumas casas se valham de Olorum, Oxalá e Ifá. Por sua vez, a *Umbanda Almas e Angola* concebe a Trindade Divina dessa maneira: Zâmbi (Deus, criador do universo), Orixás (divindades) e Guias ou Entidades Espirituais (espíritos de luz).

Trabalho

Ação mágica com objetivo definido, tanto para o bem quanto para o mal. A Umbanda realiza trabalhos apenas para o bem individual e comum, portanto sempre respeitando o livre-arbítrio: harmonia, saúde, abertura de caminhos, equilíbrio energético etc.

Tupã

De modo genérico, Deus, na concepção tupi. Vocábulo utilizado por muitos Caboclos com a mesma acepção de Zâmbi ou Olorum.

Umbral

Região do astral onde se agrupam espíritos com vibrações deletérias, por vezes, na prática do mal. Outros, pouco a pouco, começam a meditar sobre seus atos a fim de que, quando estiverem prontos, recebam o devido auxílio.

Voduns

Voduns são as divindades do povo Fon (do antigo Daomé). O nome refere-se tanto aos ancestrais míticos, quanto aos ancestrais históricos. No cotidiano dos terreiros, por paralelismo, o vocábulo é empregado também como sinônimo de Orixá (é bastante evidente a semelhança de características entre os mais conhecidos Orixás, Inquices e Voduns). “Vodum” é a forma aporportuguesada de “vòdoun”.

Ji-

vodun
(Voduns do alto),
chefiados por Sô
(Hevioossô).
Ayi-
vodun
(Voduns da terra),
chefiados por
Sakpatá.

Page 474

Tô-
vodun
Voduns próprios
de determinada
localidade.
Diversos.
Henu-
vodun
Voduns cultuados
por certos clãs
que se
consideram seus
descendentes.
Diversos.

Mawu (gênero feminino) é o Ser Supremo dos povos Ewe e Fon, que criou a terra, os seres vivos e os Voduns. Mawu associa-se a Lissá (gênero masculino), também responsável pela criação, e os Voduns são filhos e descendentes de ambos. A divindade dupla Mawu-Lissá é chamada de Dadi Segbô (Grande Pai Espírito Vital).
Mais conhecidos no Brasil:

Page 475

LOKO
É o Vodum primogênito, representado pela árvore sagrada *Ficus idolátrica* ou *Ficus dafaria* (gameleira branca).
Paralelismo com o Orixá Iroco.
GU
Vodum dos metais, da guerra, do fogo e da tecnologia.
Paralelismo com o Orixá Ogum.
HEVIOSSÓ
Vodum dos raios e relâmpagos.
Paralelismo com o Orixá Xangô.
SAKPATÁ
Vodum da varíola.
Paralelismo com o Orixá Obaluaê.
DÁ
Vodum da riqueza, representado pela serpente e pelo arco-fris.
Paralelismo com o Orixá Oxumaré.
AGUÉ
Vodum da caça e protetor das florestas.
Paralelismo com o Orixá Oxóssi ou com o Orixá Ossaim.
AGBÉ
Vodum dono dos mares.
AYIZAN
Vodum feminino dona da crosta terrestre e dos mercados.
AGASSU
Vodum que representa a linhagem real do Reino do Daomé.
AGUÉ
Vodum que representa a terra firme.
LEGBA
Caçula de Mawu e Lissá, representa as entradas e saídas e a sexualidade.
Paralelismo com o Orixá Exu.

FÁ

Vodum da adivinhação e do destino.
Paralelismo com o Orixá Orumilá.

Vodunce

O mesmo que ião (Ketu) e muzena (Angola). Termo pouco utilizado na Umbanda.

Xoxô

Azeite de dendê.

ANEXOS**Como nasc e m os de use s**

O panteão das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósmicos universais: o masculino, representado pelo Pai Céu, e o feminino, personificado pela Mãe Terra. O casamento sagrado desses pólos gerou formas energéticas secundárias, polarizadas pela influência das forças telúricas, cósmicas, planetárias e dos fenômenos da Natureza. Quando modeladas pela egrégora mental de um conjunto racial, tribal ou grupal, essas energias se manifestam como arquétipos divinos, imbuídos de características e atributos específicos, e com apresentações e nomes que variam conforme o lugar de origem.

A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determinado panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto. Sem essa conexão e nutrição recíproca, as matrizes etéreas se enfraquecem e acabam desaparecendo com o passar do tempo.

Apesar de as divindades dependerem da egrégora humana, elas não são mero fruto de nossa imaginação: são expressões reais de poderosos campos energéticos e vórtices de energia cósmica. Elas existem em uma realidade diferente do mundo tridimensional, chamada pelos xamãs de nagual ou "realidade incomum" (ou extrafísica), e têm o poder de existir e agir independentemente da vontade humana.

Esses centros de energia cósmica, sutis e inteligentes, denominados divindades (sejam elas deuses, vibrações originais, devas²⁰ ou Orixás), supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões tomadas pelos indivíduos, dentro dos limites, valores e regras do ambiente ao qual pertencem. Isso significa que elas não interferem no livre-arbítrio, nem agem contra os interesses do agrupamento humano que as "criou" e que continua "alimentando-as" por meio de invocações, oferendas, cultos e rituais. Existe uma necessidade de intercâmbio energético permanente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura.

no vedismo (período inicial da religião indiana), espírito benigno pertencente ao grupo dos devas, uma das subdivisões do panteão hindu, menos importante que os deuses.

Uma divindade deixará de existir apenas quando não tiver mais nenhum ser humano que invoque sua presença ou acredite em sua existência. Quando isso ocorrer, o campo energético por ela representado não se extingue no espaço.

mas se desloca ou volta à sua origem, podendo servir como substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tempo diferente.

Os deuses e as deusas não são arquétipos estáticos; eles evoluem e se modificam de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a trajetória espiritual humana. As mudanças na percepção e interpretação de suas manifestações e a compreensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos mitos e a sua adequação às novas necessidades mentais, psicológicas e sociais da comunidade a que pertencem. São as projeções e as formas mentais humanas que determinam a "metamorfose" das divindades, que acompanham, de maneira simbiótica, o desenvolvimento de seu povo e o surgimento de novos valores e hábitos comportamentais, morais e sociais.

Compreende-se, assim, o porquê das diferenças nos mitos de um mesmo deus ou deusa e os variados nomes a eles atribuídos.

Mirella Faur

Sobre a expressão "Religiões de Matriz Africana"

Embora o mais comum seja referir-se hoje ao Candomblé, à Umbanda e a outras religiões similares como "Religiões Tradicionais de Terreiro", ainda é bastante empregada a expressão "Religiões de Matriz Africana", embora esta matriz não seja a única a constituir tais religiões.

Nesse sentido, é bastante esclarecedor o questionamento do professor Ildário Tavares transcrito abaixo, no qual procura denominar as religiões de terreiro como *jeje-nagô-brasileiras*, o que, pelo último termo, a meu ver, incluiria também a Umbanda e a Nação Angola:

OS NOMES QUE NÃO NOMEIAM

"Fala-se com muita segurança, empáfia (e até injúria) em religião negra, religião africana, religião afro-brasileira, ou culto, mais pejorativamente. Essa terminologia é faccioso, discriminatória, preconceituosa, reducionista e falsa. Auerbach dizia que os maus termos, em ciência, são mais danosos que as nuvens à navegação. Negro é um termo que toma por parâmetro uma cor de pele que nem sequer é negra. Que seria religião negra? Aquela praticada por negros, apenas, ou aquela criada por negros e praticada por brancos, negros mulatos ou alguém com algum dos 514 tipos de cor achados no Brasil por Herskovits?"

"Religião negra" é um termo evidentemente racista, quer usado pelos brancos para discriminar e inferiorizar o negro, quer usado pelo negro para se autodiscriminar defensivamente com uma reserva de domínio rácico e cultural.

"Africano" é absurdamente generalizante, na medida em que subsume uma extraordinária pluralidade e diversidade cultural em um rótulo simplista e unívoco. Nelson Mandela é frequentemente mencionado como um líder africano. Jamais alguém chamaria Adolf Hitler de um líder europeu ou de um líder branco, apesar de ele ser um defensor da superioridade dos arianos, que não são necessariamente brancos, uma vez que a maioria dos judeus é de brancos, assim como os poloneses; e Hitler os tinha como inferiores, perniciosos e queria eliminá-los da face da Terra. Este rótulo reducionista lembra-me o episódio de nosso grotesco e absurdo presidente Jânio Quadros chamando o intelectual sergipano Raimundo de Souza Dantas para ser embaixador do Brasil na África por ele ser de pele escura. Quando o perplexo Raimundo replicou: "Excelência, a África é um continente! Como posso ser embaixador do Brasil em um continente?" O burlesco presidente respondeu: "Não importa, o senhor vai ser embaixador do Brasil na África." E foi. Sediado em Gana. Este é o típico exemplo de absurdo brasileiro, de seu surrealismo de hospício que muitos adotam como postura científica, para empulhar os tolos, os ingênuos e os incautos, armadilha perpetrada por canalhas para capturar os obtusos, diria Rudyard Kipling ao deixar o colonialismo para definir o Super Homem.

O rótulo "afro-brasileiro" também é falacioso. Aprendi no curso primário que o povo brasileiro está composto basicamente de três etnias: a dos índios, vermelha; a dos europeus, branca, e a dos africanos, preta. Por definição, portanto, brasileiro é a combinação de índio, africano e europeu; branco, vermelho e preto, em proporções variáveis, é claro. Já se disse, jocosamente, que as árvores genealógicas no Brasil (em sua maioria genealógicas matrilineares) ou dão no mato ou na cozinha, ou dão em índio ou em negro, para satirizar a falsa, a ansiada branquidão de nosso povo, que nem a importação de italianos e alemães conseguiu satisfazer - muito pelo contrário, eles é que escureceram, ao menos culturalmente, assim como os amarelos, haja vista a presença de Babalorixás na Liberdade, São Paulo, no Paraná e em Santa

Catarina, para não falar de Escolas de Samba de olhos obíquos.

Ora, se brasileiro já quer dizer parte africano, afro-brasileiro é redundante.

Resolvendo a equação, temos: $B = A + I + E$, ou seja, brasileiro é igual a africano + índio + europeu. Logo AB (afro-brasileiro) será igual a A + AIB (Africano + Índio + Brasileiro). Tem africano demais nessa equação. Eliminando o termo igual, discriminaremos o afro-brasileiro. A única solução é especificar a origem cultural (ou etnográfica, se quiserem) da religião. Para mim seria adequado dizer religiões brasileiras de origem africana, índia ou judaico-europeias, todas nossas. Mas como seria longo demais e detesto siglas, prefiro falar religiões *jeje-nagô-brasileira*. É mais adequado. Pode não ser preciso. Mas a precisão é um desiderato dos reléigios suíços, dos misseis, dos navios que não afundam e dos filósofos positivistas. Não tenho simpatia por nenhum dos quatro."

Qualidade s

Tipos de determinado Orixá. São diversas qualidades, com variações (fundamentos, Nações, casas, etc.). Há, inclusive, variação muito grande do Candomblé para a Umbanda e na maneira de se trabalhar as qualidades, inclusive na forma de nomeá-las.

Enquanto, por exemplo, Iansã Topé caminha com Exu, Iansã Igbale caminha com Obaluá. Xangô Airá, por sua vez, caminha com Oxalá.

A fim de não deixar o assunto passar ileso e a título de exemplo, estão abaixo qualidades de Oxum no Candomblé, algumas delas bastante presentes nos templos umbandistas.

ALGUMAS QUALIDADES DO ORIXÁ OXUM

Oxum

Jimun

Qualidade que
pode ter filhos,
mas não
incorpora neles.

Assentada

separadamente

de outros

Orixás, ligada a

Ia Mi

Oxorongá.

Oxum

Ajagira

Caminha com

Exu.

Oxum

Pandá

Qualidade

guerreira,

manca de uma

perna.

Oxum

Também
qualidade

Page 483

Karê
guerreira de
Oxum.
Oxum
Apará
Guerreira,
caminha com
Iansã e Ogum.
Apresenta
quizila com
Iemanjá Ogunté,
o que
representa o
encontro das
águas (rio e
mar).
Oxum
Qualidade de

Page 484

Abotô
Oxum que gosta
de leque.
Oxum
Abalô
Ligada aos
Ibejis, gosta de
crianças. Tanto
seus
assentamentos
quanto suas
obrigações
podem ser
acompanhadas
de brinquedos.

Embora seu
assentamento
não contenha
areia, gosta

Page 485

desse elemento,
recebendo
oferendas na
areia do rio ou
da praia.

Propicia filhos
e favorece bons
partos.

Oxum

Toquén

Qualidade

calma de Oxum.

Caminha com

Oxalá e se veste

de branco. Suas

comidas não

Page 486

Oxum

Ianlá

são temperadas

com dendê, mas

com azeite

doce.

Ieiê

Okê

Esposa de Odé,

mãe de Logun-

Edé.

Ieiê

Ogá

Qualidade

velha de Oxum,

brigona,
resmungona.

Page 487

Oxum
Merim
Jovem, vaidosa,
rainha.
Oxum
Oloxá
Caminha com
Naná. Seu ponto
da
natureza/ponto
de força é o
fundo do lago.
Cultuada em
separado das
outras
qualidades de
Oxum.

Page 488

Ieiê
Olokó
Ligada ao Orixá
Ossaim.
Ieiê
Sissi
Caminha com
Obaluaê, sendo
também ligada a
Xangô.
Ieiê
Odô
Ligada a
Iemanjá, pode
ser cultuada em
águas salgadas.

No caso de Oxum, com variações, costumam aparecer 16 qualidades. Por essa razão (e a título de curiosidade), apresenta-se a lista acima, mais completa, sistematizada por Carlos Alexandre de Camillis, o Cacau, Ogã e escritor.

O corte

"Corte" é como é conhecido o sacrifício ritual.

Na Umbanda, em cuja fundamentação não existe o corte, embora diversas casas dele se utilizem, por influência dos Cultos de Nação, os elementos animais, quando utilizados (há casas que não os utilizam nem mesmo nas chamadas entregas aos Orixás), crus ou preparados na cozinha, provêm diretamente dos açougues. No primeiro caso, utilizam-se, por exemplo, língua de vaca, sebo de carneiro (por vezes confundido com e/ou substituído por manteiga de carité), miúdos, etc. No segundo, nas palavras de Rubens Saraceni,

"(...) Mas só se dá o que se come em casa e no dia a dia. Portanto, não há nada de errado, porque a razão de ter de colocar um prato com alguma comida 'caseira' se justifica na cura de doenças intratáveis pela medicina tradicional, causadas por eguns e por algumas forças negativas da natureza. (...) Observem que mesmo os Exus da Umbanda só pedem em suas oferendas partes de aves e de animais adquiridos do comércio regular, porque já foram resfriados e tiveram decantadas suas energias vitais (vivas), só lhes restando proteínas, lipídios, etc., que são matéria."

Os animais criados em terreiros de Candomblé para o corte são muito mais bem cuidados e respeitados do que aqueles criados enjaulados, com alimentação inadequada para engordar, etc. O animal, para o corte, não pode sofrer. Algumas partes são utilizadas para rituais; as demais são consumidas como alimento pela comunidade e pelo entorno.

Há casas de Candomblé que não cortam, cortam pouco ou se utilizam, como na Umbanda, de elementos animais comprados no comércio (algumas casas de Ketu com esse procedimento são chamadas de Ketu frio em contraposição às de Ketu quente, ou seja, as que cortam). Todas as casas sérias precisam ser respeitadas, pois seus fundamentos são estabelecidos com a Espiritualidade, adaptados ou não. Fundamento é fundamento, diferente de modismos. Por outro lado, há casas que cortam demais, que se vangloriam do número de animais cortados. Contudo, não é a quantidade que faz uma ceia sagrada e comunal saborosa, mas a qualidade do alimento, o preparo com amor, etc.

Nesse contexto, despontou o chamado Candomblé Vegetariano, modalidade com fundamentos adaptados para o vegetarianismo, capitaneada por Iya Senzaruban (Ile Iya Tunde). Difere do chamado Ketu frio (onde se utilizam elementos animais, mas sem o corte). Embora diversas casas, ao longo de sua história, tenham extinguido o corte de seus fundamentos, a casa de Iya Senzaruban e as de seus filhos ganharam notoriedade, inclusive pelo número de críticas feitas pela parcela do Povo de Santo que se posiciona totalmente contrária à abolição do corte no Candomblé.

Com relação ao corte, diálogo, respeito e compreensão são fundamentais para que todos se sintam irmanados, cada qual com sua individualidade e seus fundamentos. Diferenças não precisam ser necessariamente divergências. Além do sangue propriamente dito (ejé, menga, axorô), importante no Candomblé para a movimentação do Axé, há outros elementos também conhecidos como sangue (vermelho, branco e preto), associados aos reinos animal, vegetal e mineral. Todos são importantíssimos condensadores energéticos, o que não significa que todos sejam usados no dia a dia dos terreiros. É importante perceber que estão em toda parte, nos chamados três reinos, movimentando o Axé.

SANGUE VERMELHO

Reino

animal

Sangue

propriamente

dito.

Epô (óleo de

dendê),

determinados

vegetais,

Reino

vegetal

legumes e

grãos, osun (pó

vermelho), mel

(sangue das

flores), etc.

Reino
mineral
Cobre, bronze,
otás (pedras),
etc.

SANGUE BRANCO

Sêmen, saliva,
hálito, plasma

Page 492

Reino
animal
(em especial do
ibi, tipo de
caracol), etc.

Reino
vegetal
Seiva, sumo,
yierosun (pó
claro),
determinados
vegetais,
legumes e
grãos, etc.

Reino
mineral
Sais, giz, prata,
chumbo, otás,
etc.

Page 493

SANGUE

PRETO

Reino
animal
Cinzas de
animais.

Reino
vegetal

Sumo escuro
de
determinadas
plantas, waji
(pó azul),
carvão
vegetal,
determinados
vegetais,

Page 494

legumes,
grãos, frutos,
raízes, etc.
Reino
mineral
Carvão,
ferro, otás,
areia, barro,
terra, etc.

Para legitimar a não-utilização do corte na Umbanda, Miriam de Oxalá se vale dos estudos e de citação de Fernandez Portugal. Para a autora,
"(...) vale a pena citar de Fernandez Portugal, renomado escritor africanista, em seu livro *Rezas-Folhas-Chás e Rituais dos Orixás*, publicado pela Ediouro, o item 'Ossaiyn. O Senhor das Folhas': 'Segundo a tradição yorubá, sem ejé e sem folhas não há culto ao Orixá, mas pode-se iniciar um Orixá apenas utilizando-se folhas, pois existem folhas que substituem o Ejé.' O grifo é nosso e tais conceitos são, para nós umbandistas, bem conhecidos."
Observe-se, noutro contexto, como ecoam tanto as palavras de Portugal quanto as de Miriam de Oxalá. Para Orlando J. Santos,
"Para se fazer um EBÓ ('tudo que a boca come'), é preciso ter esgotado todas as possibilidades de resolver o caso a partir das ervas; akasá, obi, orobô etc. Sabemos que obi, orobô e certas folhas, quando oferecidos aos Orixás dentro do ritual, valem por um frango, cabrito, carneiro. Portanto, em muitos casos, substitui

Page 495

o EJE (sangue animal)."
No Candomblé, por sua vez, e ao contrário do que sustenta o senso comum, o qual associa a religião à "baixa magia", prefere-se a criação própria, mais integrada e ecológica. A respeito do aproveitamento do elemento animal em rituais e no cotidiano do Ilé, Iya Omindarewa afirma:
"Uma parte é oferecida ao Orixá, fica aos seus pés até o dia seguinte e depois é dividida entre as pessoas da comunidade. Essa carne é cozida e preparada num ritual muito absoluto, e é totalmente aproveitada. O restante é para alimentar o povo da festa, gente da casa e os vizinhos. Tem um sentido, nada é feito à toa. É oferecida ao animal uma folha; se ele não comer, não será sacrificado, pois não foi aceito pelo Orixá."
Mãe Stella de Oxóssi, quando perguntada se o século XXI corresponderia ao fim do uso de animais em rituais do Candomblé, responde:
"Mas neste século XXI o que mais tem é churrascaria! Mata-se o boi, a galinha e o carneiro para comermos. Só porque usamos animais em nossos rituais, ficam falando que deve acabar. O animal mais bem aproveitado é aquele que é morto nos rituais de Candomblé, porque se aproveita tudo: a carne, que alimenta muita gente, o couro..."
Em síntese, o corte no Candomblé está associado à ceia comunal: come o Orixá e comem fiéis e convidados do mesmo prato. A base desse fundamento é a utilização do sangue (ejé, menga, axorô) para a movimentação do Axé, o que, aliás, não ocorre apenas em situações de ceia comunal, mas também em ebós, quando apenas os Orixás ou Entidades comem.
Nas palavras de Iya Omindarewa,
"Está na cabeça da gente que não se pode fazer o sacrifício, pegar energia de uma coisa viva e passar para outra. Admite-se comer um bom bife, uma galinha ou porco para alimentar o corpo. Mas não se admite captar a energia dos animais, das folhas, da Natureza toda para fortalecer sua cabeça. Isso não faz sentido; vamos andar descalços porque não se pode usar o couro? Não vamos comer folhas, milho, carne porque são da Natureza? E como o ser humano vai viver? A vida não é uma luta? Pega-se uma coisa pela outra e depois não retorna tudo para a terra? Isso tudo é uma grande bobagem. O sacrifício significa dar ao Orixá uma certa energia que ele devolve em troca. Tudo depende das ocasiões; não é durante toda a vida que vamos matar bichos, mas em grandes momentos, como nas Feituras, quando é necessário."

Page 496

Umbanda e Candomblé: re ligiões irmãs

É fato que as Religiões de Matriz Africana são alvo de preconceito, discriminação e intolerância, em vários níveis, por grande parte da sociedade. Contudo, o que mais fere e enfraquece é a desunião entre irmãos. Enquanto umbandistas pensarem e declararem "Eu não gosto do Candomblé!" ou "Se o pessoal do Candomblé for, eu não vou..."; enquanto candomblecistas acreditarem e afirmarem "A Umbanda é fraquinha..." ou "Essas umbandinhas que estão por aí...", dificilmente caminharemos juntos sob o manto branco de Oxalá.

Dias desses ouvi alguém dizendo a um irmão de outra casa: "Embora não seja a forma de sincretismo como o Orixá é tratado em nossa casa, gostaria de parabenizar etc...". Ora, como posso ir ao encontro de um irmão iniciando meu gesto com um "embora" ou um "apesar de"? Onde está o respeito à diversidade? Essa inconsciência me lembrou a fala de um amigo reverendo anglicano, que comentava o quanto é triste ver irmãos católicos romanos presentes em ordenações de reverendas anglicanas negando-se a participar da mesa da comunhão.

Aceitar e respeitar a diversidade não significa perder a identidade. Umbandistas e candomblecistas, se vivenciarmos o respeito entre nós, o amor e o diálogo cidadão e legal (em todos os sentidos) certamente se propagarão em outras esferas.

Juntos, somos mais fortes.
Axé!
Ademir Barbosa Júnior
(Dermes)

Por que te me r a Umbanda?

Uma das bases do preconceito (talvez a mais visível) é a ignorância. Literal e etimologicamente, ignorar significa "não saber". O que não conhecemos nos provoca medo. Nos campos da Espiritualidade e da Religião não deveria haver espaço para o medo, mas, sim, para o respeito e o diálogo, seja interna ou externamente. No âmbito interno, cada vez mais se repensam responsabilidades e atitudes, a fim de se vivenciar a fraternidade, e não o autoritarismo e o "bullying espiritual". No âmbito externo, o diálogo inter-religioso se pauta tanto pela compreensão e pela caridade quanto pela consciência dos direitos individuais e civis.

Recebi de Mãe Nara de Oxum Ypondá um link muito interessante (<http://terumtemplaria-antiumbanda.blogspot.com>). Se o reproduzo, é para suscitar o diálogo, e não para provocar polêmica ou arrivismos, o que seria contraditório com tudo o que Espiritualidade e Religião representam para mim. Trata-se de uma associação para o que se chama de "sagrado extermínio de Umbandas", algo extremamente agressivo e pautado pela ignorância (não-saber) em relação aos Orixás, à Umbanda, ao Candomblé, à África, dentre outros. Ler esse manifesto fundamentalista num dia em que, em meio ao trabalho, pude ler parte de um texto tão amoroso de um Dirigente Espiritual de Umbanda do Sul do país, me fez pensar em por que temer a Umbanda, se até os espíritos mais empedernidos (encarnados ou não) são aí recebidos com o coração aberto, ainda que com o senso de vigilância da Espiritualidade e dos médiuns bastante apurado.

Resposta: ignorância (não-saber).
Mas do que nunca, vamos deixar a gira girar!
Ademir Barbosa Júnior
(Dermes)

Sinc retismo

Em célebre entrevista concedida ao jornal "A Tarde", em 24 de junho de 2001, o zelador de Santo Agenor Miranda trata de diversos temas que apareceram em entrevistas anteriores. Duas perguntas tratam de sincretismo e devoção a santos católicos. As mesmas declarações a respeito do sincretismo no Candomblé poderiam, certamente, ser aplicadas ao sincretismo na Umbanda.

P – Na Bahia do Senhor do Bonfim, o sincretismo religioso está muito presente. Qual a sua opinião sobre o sincretismo, considerando que o senhor é um zelador de Santo, filho de pais católicos?

R – "Não há crime nenhum no sincretismo, porque, se não fosse o sincretismo, não haveria Candomblé hoje. Essa é que é a verdade. As Mães-de-Santo e os Pais-de-Santo não querem o sincretismo. Mas tem que haver. Se não fosse o sincretismo, como é que o Candomblé iria sobreviver até hoje? Teria morrido. Agora, eles não gostam quando eu falo isso. Mas eu falo o que sinto. Não falo pelos outros, falo por mim."

P – O senhor é devoto de Santo Antônio e de São Francisco de Assis e vai sempre à cidade de Assis, na Itália, venerar São Francisco. Como é que o senhor lida com isso dentro do Candomblé? Existe preconceito?

R – "Se há preconceitos, é com eles. Eu sou eu. Nunca tive conflito. E, agora, tem mais uma coisa: eu sou do Santo, católico e espírita. Assim como na família: nem todos são iguais, mas convivem bem. Não é isso? É uma questão de fé".

Não apenas o sincretismo, mas também a convivência (nem sempre pacífica, é verdade) entre religiões em solo e corações brasileiros, a partir da entrevista de Agenor Miranda, evocam, ainda, os seguintes versos de Zeca Pagodinho ("Ogum"):

*Sim, vou à igreja festejar meu protetor
E agradecer por eu ser mais um vencedor
Nas lutas nas batalhas
Sim, vou ao terreiro pra bater o meu tambor
Bato cabeça, firmo ponto sim senhor
Eu canto pra Ogum*

A espiritualidade do povo brasileiro é bastante dialógica, sinérgica e dinâmica.

Cargo e função

Todos somos especiais, porém, por vezes, muitos de nós nos achamos mais especiais que os outros. Lutamos para sermos os melhores, ou, ainda, melhores do que os outros, mas a tarefa evolutiva necessita que sejamos hoje melhores do que fomos ontem. Numa casa religiosa, existem funções, e não cargos. Mas, se usarmos a palavra "cargo", comum às religiões de matriz africana em geral, embora pouco comum na Umbanda, devemos nos lembrar de que "cargo" é aquilo que se carrega, mas não como peso, e sim como presente, responsabilidade, talento a ser desenvolvido, multiplicado e compartilhado.

Ademir Barbosa Júnior
(Dermes)

Natal na Umbanda

Natal: o despertar do Cristo interior
Para Roger Bottini Paranhos
O Natal é uma data simbólica, fixada, que celebra o nascimento de Jesus, sua encarnação. Grosso modo, há os que o veem como o Unigênito, o Salvador.

enquanto outros o concebem como um espírito evoluído, o qual, assim como nós, palmilhou as trilhas da evolução até chegar à mestria interior. Para os umbandistas, o Divino Mestre conduz a Linha de Oxalá e, por vezes, confunde-se com esse Orixá.

Independentemente de religião ou tradição espiritual, o grande convite do Mestre, a cada celebração natalina, é para realmente deixarmos nascer em nós o Cristo interior, criança tão cheia de luz, capaz de transformar uma manjedoura em ponto de força espiritual. O alimento dessa criança? O amor.

Buscando uma vida plena (e não perfeita, já que a perfeição não é desse mundo), o amor é a medida. Perdoar a quem nos ofende, por exemplo, na medida e no tempo de cada um e, é amar a si mesmo, não apenas ao outro.

Afinal, guardar rancor ou mágoa de alguém, nada mais é do que dar poder para que outros governem nossas vidas. Desapego (e não indiferença) libera, torna a vida mais leve. Se alguém não entende um gesto de amor e carinho, desapegue-se, deixe o outro ir, transforme a si mesmo, pelo desapego, em vez de tentar transformar o outro, forçando-o a entender você. O Cristo interior vai se fortalecer, sua manjedoura interna certamente vai ficar mais confortável para ele.

(...) *ninguém é o centro do universo/assim é maior o prazer* (Guilherme Arantes). Amar o Cristo-menino interior não é mimá-lo, mas deixar que se desenvolva e seja, além de crítico, crítico. Crítico significa consciente, e não julgador, implacável, chato, redutor (alguém que tente separar o mundo, por meio do dedo-filico-em-riste, em dois: aquele que está "certo", isto é, que se pauta por "meus" valores, e o errado, o que se conduz pelos valores "dos outros"). Rígido é coisa de cadáver: o menino Jesus está aí, flexível e brincalhão. Ele sabe brincar de viver, como sugere o título da canção de Guilherme Arantes. E, quando adulto, dirá: "Deixe que os mortos entrem seus mortos". Desapego sempre.

O Natal, portanto, é um momento muito especial para auto-aperfeiçoamento, por meio da alegria, partilha, comunhão, retrospectiva (agradecer pelo que foi bom e perdoar/perdoar-se/pedir perdão pelo que não foi). No verdadeiro Natal não há espaço para o sentimentalismo barato de quem explora e oprime o irmão nos outros dias (em nível social, afetivo etc.) e uma vez ao ano derrama lágrimas e olha o próximo como se "realmente" fosse seu irmão.

Page 502

Podemos celebrar o Natal todos os dias, em qualquer lugar, em qualquer época da História, em qualquer planeta, qualquer cultura, uma vez que pode haver Natal sem Jesus, mas não pode haver Natal sem Cristo.

O Cristo que habita em mim sáda o Cristo que habita em você!
Que o Menino Jesus nos ensine a brincar de viver!

Desejo um Feliz Natal aos que me amam e me desamam: todos são excelentes mestres em minha caminhada evolutiva! Beijis para todos e muito Axé!

Ademir Barbosa Júnior
(Dermes)

Page 503

Me diga ões da Gale ra Umbandista

Médium não é X-Men, não tem poderes, e sim dons, que precisam ser desenvolvidos, trabalhados e colocados à disposição da comunidade.

Orixá não é personagem de card, com super-poderes que vão detonar os inimigos, ou seja, aqueles que nos fazem mal ou discordam de nós. Orixás são divindades, procedem da Fonte Divina, agem em nome dessa Fonte para o equilíbrio.

Guia no pescoço não é correntinha, bijuteria ou piercing. É proteção, tem função litúrgica, é símbolo de ligação com os Orixás, Guias, Guardiões. Roupas de Santo não é *fashion week* de Orixá, é uniforme de trabalho, de serviço, forma de se apresentar aos Orixás, aos Guias, aos Guardiões para serviço de autoconhecimento, equilíbrio e caridade para com o próximo.

Ponto cantado não é samba, não é funk, não é pagode, nem forma de seduzir alguém do templo ou da assistência: é firmeza do Orixá, para a casa e o próprio médium.

Dançar para o Santo não é fazer baillão, coreografia de programa de auditório ou dança de salão: é manifestar a alegria e comungar do Axé de cada Orixá, de cada Linha.

Sejam realmente filhos de Orixá, irmãos de todos e, ao mesmo tempo, aprendizes e mestres, pois todos temos experiências para trocar e crescer juntos, na fé e na fraternidade.

Ademir Barbosa Júnior
(Dermes)

Page 504

BIBLIOGRAFIA

Livros

AFLALO, Fred. *Candomblé: uma visão do mundo*. São Paulo: Mandarim, 1996.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *A Bandeira de Oxalá – pelos caminhos da Umbanda*. São Paulo: Nova Senda, 2013.

_____. *Baralho Cigano*. Material fotocopiado e ainda inédito como livro, utilizado em cursos e palestras.

_____. *Curso essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

_____. *O essencial do Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

_____. *Guia prático de plantas medicinais*. São Paulo: Universo dos Livros, 2005.

_____. *Iemanjá*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Manual Prático de Tarô*. São Paulo: Nova Senda, 2014.

_____. *Mitologia dos Orixás: lições e aprendizados*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Nanã*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Obaluáê*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Osamaré*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Para conhecer a Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

_____. *Para conhecer o Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

_____. *Reiki: a Energia do Amor*. São Paulo: Nova Senda, 2014.

_____. *Transforme sua vida com a Numerologia*. São Paulo: Universo dos Livros, 2006.

_____. *Umbanda – um caminho para a Espiritualidade*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2014.

_____. *Xangô*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

_____. *Xiré: orikais – canto de amor aos Orixás*. Piracicaba: Editora Sotaque Limão Doce, 2010.

BARCELLOS, Mario Cesar. *Os Orixás e a personalidade humana*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

BORDA, Inívio da Silva et al. (org.). *Apostila de Umbanda*. São Vicente:

Page 505

Cantinho dos Orixás, s/d.

CABOCLOGUM DA LUZ (Espírito). *Ilê Axé Umbanda*. São Bernardo do Campo: Anúbis, 2011 (psicografado por Evandro Mendonça).

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMARGO, Adriano. *Rituais com ervas: banhos, defumações e benzimentos*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

CAMPOS JR., João de. *As religiões afro-brasileiras: diálogo possível com o cristianismo*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998.

CARYBÉ. *Iconografia dos deuses africanos no Candomblé da Bahia*. São Paulo: Editora Raízes, 1980 (com textos de Jorge Amado, Pierre Verger e Valdeleir Rego).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (orgs.). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008 (tradução: Vera da Costa e Silva et al.).

CIPRIANO DO CRUZEIRO DAS ALMAS (Espírito). *O Preto-Velho Mago: conduzindo uma jornada evolutiva*. São Paulo: Madras, 2014 (psicografado por André Cozza).

CONGO, Pai Thomé do (Espírito). *Relatos umbandistas*. São Paulo: Madras, 2013 (anotado por André Cozza).

CORRAL, Janáfa Azevedo. *As Sete Linhas da Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. *Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda* (volumes 1, 2 e 3). São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

FAUR, Mirella. *Mistérios nórdicos: deuses, runas, magias, rituais*. São Paulo: Pensamento, 2007.

FERAUDY, Roger (obra mediúica orientada por Babajiananda/Pai Tomé). *Umbanda, essa desconhecida*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2006.

D'AVANÁ, Eulíma. *Reza forte*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GASPARE, Eneida Duarte. *Tarô dos Orixás – Senhores do Destino*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LEONEL (Espírito) e Mônica de Castro (médiun). *Jurema das Matas*. São Paulo: Vida & Consciência, 2011.

LIMAS, Luís Filipe de. *Oxum: a mãe da água doce*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

LINARES, Ronaldo (org.). *Iniciação à Umbanda*. São Paulo: Madras, 2008.

_____. *Jogo de Búzios*. São Paulo: Madras, 2007.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Seló Negro, 2004.

LOURENÇO, Eduardo Augusto. *Pineal, a glândula da vida espiritual – as novas descobertas científicas*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MALLOSSINI, Andrea. *Dicionario dei Santi Patroni*. Milano: Garzanti, 1995.

MARTÍ, Agenor. *Meus oráculos divinos: revelações de uma sibila afrochubana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994 (tradução de Rosemary Moraes).

MARTINS, Cléo. *Eudá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____. *Naná*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

MARTINS, Giovanni. *Umbanda de Almas e Angola*. São Paulo: Ícone, 2011.

_____. *Umbanda e Meio Ambiente*. São Paulo: Ícone, 2014.

MARSICANO, Alberto e VIEIRA, Lurdes de Campos. *A Linha do Oriente na Umbanda*. São Paulo: Madras, 2009.

MOURA, Carlos Eugênio M. de (org.). *Candomblé: religião do corpo e da alma*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

_____. *Culto aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

NAPOLEÃO, Eduardo. *Yoribá – para entender a linguagem dos Orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

NASCIMENTO, Elídio Mendes do. *Os poderes infinitos da Umbanda*. São Paulo: Rumo, 1993.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a cruz e a encreijhada*. São Paulo: Edusp, 1996.

OMELUBA, Maria *Molambo na sombra e na luz*. São Paulo: Crístális, 2002.

ORPHANAKE, J. Edson. *Os Pretos-Velhos*. São Paulo: Pindorama, 1994.

OXALÁ, Miriam de. *Umbanda: crença, saber e prática*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PARANHOS, Roger Bottini (ditado pelo espírito Hermes). *Universalismo cristico*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2007.

PIACENTE, Joice (médiun). *Dama da Noite*. São Paulo: Madras, 2013.

_____. *Sou Exu! Eu sou a Luz*. São Paulo: Madras, 2013.

PINTO, Altair. *Dicionário de Umbanda*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Eco, 1971.

PIRES, Edir. *A Missionária*. Capivari: Editora EME, 2006.

PORTUGAL FILHO, Fernandez. *Magias e oferendas afro-brasileiras*. São Paulo: Madras, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAMATÍS (Espírito) e PEIXOTO, Norberto (médiun). *Chama crística*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2004.

_____. *Diário mediúico*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2009.

_____. *Evolução no Planeta Azul*. Limeira: Editora do Conhecimento,

2005.

_____. *Mediunidade e sacerdócio*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

_____. *A Missão da Umbanda*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2006.

_____. *Umbanda de A a Z*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2011 (org.: Sidnei Carvalho).

_____. *Umbanda pé no chão*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2005.

_____. *Vozes de Aruanda*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RISÉRIO, Antonio. *Orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUDANA, Sibylla. *Os mistérios de Sara: o retorno da Deusa pelas mãos dos Ciganos*. São Paulo: Crístális, 2004.

SAMS, Jamie. *As cartas do caminho sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003 (tradução de Fábio Fernandes).

SALES, Nívio Ramos. *Búzios: a fala dos Orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTANA, Ernesto (org.). *Orações umbandistas de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SANTOS, Orlando J. *Oxumilá e Exu*. Curitiba, Editora Independente, 1991.

SARACENI, Rubens. *Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos*. São Paulo: Madras, 2007.

SELJAN, Zora A. O. *Jemanjá: mãe dos Orixás*. São Paulo: Editora Afro-brasileira, 1973.

SGARBOSSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 2011 (tradução: Onofre José Ribeiro).

SILVA, Carmen Oliveira da. *Memorial Mãe Menininha do Gantois*. Salvador: Ed. Omar G., 2010.

SILVA, Wagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.

SOUZA, Leal de. *O Espiritismo, a Magia e As Sete Linhas de Umbanda*. 2 ed., Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

_____. *Umbanda Sagrada*. São Paulo: Madras, 2006.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil Africano*. São Paulo: Ática, 2008.

SOUZA, Ortiz Belo de. *Umbanda na Umbanda*. São Paulo: Editora Portais de Libertação, 2012.

TAQUES, Ivoni Aguiar (Taques de *Xangô*). *Ilê-Ijê: de onde viemos*. Porto Alegre: Artha, 2008.
TAVARES, Ildísio. *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
VVAA. *Educação ambiental e a prática das religiões de matriz africana*.

Page 508

Piracicaba, 2011.
VVAA. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006.
VVAA. *Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e comunidades tradicionais de matriz africana 2013 – 2015*. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.
VERGER, Pierre. *Orixás – deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002 (tradução de Maria Aparecida da Nóbrega).
WADDELL, Helen (tradução). *Beasts and Saints*. London: Constable and Company Ltd., 1942.

Jornais e revistas

A sabedoria dos Orixás – volume 1, s/d.
Folha de São Paulo, 15 de julho de 2011, p. E8.
Jornal de Piracicaba, 23 de janeiro de 2011, p. 03.
Revista Espiritual de Umbanda – número 02, s/d.
Revista Espiritual de Umbanda – Especial 03, s/d.
Revista Espiritual de Umbanda – número 11, s/d.

Sites na Internet

<http://alaketu.com.br>
<http://aldeiadepredapreta.blogspot.com>
<http://answers.yahoo.com>
<http://apeumbanda.blogspot.com>
<http://umbanda.webnode.com/pontos-de-oxumar/>
<http://babamindede.blogspot.com>
<http://www.casadesoxumar.com.br>
<http://catholicliberal.com.br>
<http://centropaiouodeangola.net>
<http://colegioudumbanda.com.br>
<http://comunidadeponteparaaliberdade.blogspot.com.br>
<http://espaconovohorizonte.blogspot.com.br/p/aumbanda-umbanda-esoterica.html>
<http://eutratovocecura.blogspot.com.br>
<http://fozoprateado-matilda.blogspot.com.br>
<http://umbandadesus.blogspot.com.br>
<http://foctow.terra.com.br/axelokitierfa>
<http://genitinaumbanda.com.br>
<http://juntosnocandomble.blogspot.com>

Page 509

<http://letras.com.br>
<http://luzdivinaespiritual.blogspot.com.br>
<http://mundoaruanda.com>
<http://ocandomble.wordpress.com>
<http://ogumexubaraxoroque.no.comunidades.net>
<http://okeaparamentos.no.comunidades.net>
<http://opurgatorio.com>
<http://orixasol.blogspot.com>
<http://ovalopeogumja.blogspot.com>
<http://povodearuanda.blogspot.com>
<http://povodearuanda.com.br>
<http://pt.fantasia.wikia.com>
<http://pt.wikipedia.org>
<http://religiosasfrentevistas.wordpress.com>
<http://templodumbandaogum.no.comunidades.net>
<http://tuex.forumeiros.com>
<http://xango.sites.uol.com.br>
<http://www1.folha.uol.com.br>
<http://www.brasilecola.com>
<http://www.dicio.com.br>
<http://www.guar.doseldaluz.com.br>
<http://www.igrejadesojorge.com.br>
<http://www.ilecode.com.br>
<http://www.kakongo.kit.net>
<http://www.maemartadeoba.com.br>
<http://www.oldreligion.com.br>
<http://www.pescanordeste.com.br>
<http://www.priberam.pt>
<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br>
<http://www.terreirodavobenedita.com>
<http://www.tucaboclobetramar.com.br>

Page 510

O AUTOR

Ademir Barbosa Júnior (Dermes) é autor de diversos livros e revistas especializadas, idealizador e um dos coordenadores do *Fórum Municipal das Religiões Afro-brasileiras de Piracicaba*. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, onde também se graduou em Letras. Mestre em Reiki, tarólogo e numerólogo. Umbandista, filho do *Templo de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida*, em Piracicaba, SP. Terapeuta holístico, ex-seminarista salesiano, com vivência em casas espíritas, participa amorosamente do diálogo ecumênico e inter-religioso e mantém uma coluna sobre Espiritualidade no site Mundo Aruanda. Coordenador Cultural do "Projeto Tambores no Engenho", desenvolvido pela *Federação de Umbanda e Candomblé Mãe Senhora Aparecida* e pelo *Templo de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida*, acredita que a postura mais

Page 511

interessante na vida é a de aprendiz. É membro da 1ª. gestão do *Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Piracicaba*, tendo participado da comissão responsável por sua implementação. Produziu os curtas-metragens *Águas da Oum* (Adjá Produções/fora de catálogo); *Mãe dos Nove Céus* (Bom Olhado Produções), *Mãe dos Peixes*, *Rainha do Mar* (Bom Olhado Produções) e *Xangô* (Bom Olhado Produções). Coordena o curso virtual "Mídia e Religiosidade Afro-brasileira" (EAD Cobra Verde – Florianópolis – SC). Em 2012, recebeu o Troféu Abolição (Instituto Educacional Ginga – Limeira, SP). Em 2013, o Diploma Cultura de Paz – Categoria Diálogo Inter-religioso (Fundação Graça Muniz – Salvador, BA). É presidente da Associação Brasileira de Escritores Afroreligiosos – Abeafro.

Page 512

Leia também:
CURSO ESSENCIAL DE UMBANDA
História, tradições e cantos:

Linhas da Umbanda:

Oxalá – Iemanjá – Oxóssi – Ossaim – Nanã Buruquê – Omolu –
Oxum – Ibejis – Iemanjá – Iansã – Xangô – Ogum – Exu –
Pombagira – Preto Velho – Cigano – Caboclo.

A Umbanda é uma religião formada dentro da cultura religiosa brasileira, que une diversos elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo e o espiritismo. Mesmo assim, é um mistério para quem não a conhece e seus seguidores ainda são vítimas de preconceito.

Page 513

Mas afinal, o que é a Umbanda? Esta agradável leitura ensina que a doutrina umbandista pode ser facilmente aprendida e vivenciada. Aqui você encontrará as explicações para todas as entidades e elementos: Orixás, Ogum, Exu, Iemanjá, Pombagira, Preto-Velho e muito mais. Além de ensinar a história da Umbanda, suas tradições e personagens; este livro trata também de questões controversas, como o uso de bebidas e a realização ou não de sacrifício de animais nos cultos. O livro mostra que a Umbanda é muito mais do que uma religião: é uma miscigenação da cultura e da fé do povo brasileiro.

Page 514

Leia também:

PARA CONHECER O CANDOMBLÉ

O candomblé é uma religião com teologias e rituais próprios, sempre valorizando os aspectos ligados à ancestralidade. Sua prática tem sido cada vez mais reconhecida e influencia diversos setores da cultura brasileira, como a música, a culinária e a medicina popular.

Para conhecer o Candomblé apresenta um panorama geral sobre os orixás, seus mitos, as principais cerimônias e elementos do culto, entre outras curiosidades sobre o assunto.

Page 515

Sendo você um praticante do candomblé ou não, este guia irá mostrar de forma bastante didática e esclarecedora suas origens e quais são os seus principais valores e práticas.

Page 516

Leia também:

PARA CONHECER A UMBANDA

A Umbanda é um espaço de convivência de fontes religiosas tão diversas que só poderia mesmo ter nascido no Brasil: associa práticas do cristianismo, africanismo, indianismo, kardecismo e de outras fontes, num conjunto muito singular de crenças e rituais.

Embora a maioria das pessoas comente a respeito desse culto, poucas conhecem as suas origens, o que de fato ocorre nos rituais, o que são as suas entidades espirituais e o que estas representam.

Page 517

Sendo você um praticante da Umbanda ou não, este guia irá mostrar de forma bastante didática e esclarecedora como surgiu esse culto e quais são os seus principais valores e prática